

organizadores

ATAUAN SOARES DE QUEIROZ

KÁTIA LUZIA SOARES OLIVEIRA

DELÂNIA SANTOS AZEVEDO

GERSON DO CARMO ARGOLO



Práticas discursivas para o bem viver

**DECOLONIZANDO
SABERES**

organizadores

ATAUAN SOARES DE QUEIROZ

KÁTIA LUZIA SOARES OLIVEIRA

DELÂNIA SANTOS AZEVEDO

GERSON DO CARMO ARGOLO



Práticas discursivas para o bem viver

**DECOLONIZANDO
SABERES**

| SÃO PAULO | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P912

Práticas discursivas para o bem viver: decolonizando saberes
/ Organização Atauan Soares de Queiroz, Kátia Luzia
Soares Oliveira, Delânia Santos Azevedo, Gerson do
Carmo Argolo – Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-934-5

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99345

1. Educação. 2. Decolonialidade. 3. Práticas discursivas.
4. Bem viver. I. Queiroz, Atauan Soares de. II. Oliveira, Kátia
Luzia Soares. III. Azevedo, Delânia Santos. IV. Argolo, Gerson
do Carmo. V. Título.

CDD: 370.11

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Práticas discursivas
Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Bieging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	ipopba - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Hustle Bright, Sofia Pro
Revisão	Os organizadores
Organizadores	Atauan Soares de Queiroz Kátia Luzia Soares Oliveira Delânia Santos Azevedo Gerson do Carmo Argolo

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



2 0 2 4

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil



Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willering
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil



Marcos Pereira dos Santos
Universidade Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiane Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



APRESENTAÇÃO

Esta obra¹ é resultado da pesquisa-ação/pesquisa-formação *Práticas discursivas para o bem viver*², realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras, durante o ano de 2022. O objetivo da pesquisa foi investigar discursos e práticas de decolonização de saberes no campo da Arquitetura e do Urbanismo, da Engenharia de Alimentos e da Literatura, pondo em relevo questões relacionadas a diferentes problemas socioculturais, como sexismo, racismo e desigualdades sociais. Orientada por uma abordagem interdisciplinar e intepistêmica engajada entre áreas de forte compromisso social e potencial político, a pesquisa-ação/pesquisa-formação em tela teve como base teórica e conceitual os estudos decoloniais, estudos feministas e estudos de gênero.

Ao longo do ano de 2022, propomos e executamos, de forma interdisciplinar atividades de ensino, pesquisa e extensão, construindo práticas discursivas para o bem viver, a partir da decolonização de saberes no contexto universitário e no contexto escolar. As práticas discursivas para o bem viver, isto é, as práticas de produção, circulação e consumo de textos, ancoradas na filosofia da educação para o bem viver, impregnam de sentido o trabalho pedagógico e o fazer científico, conferindo-lhe preocupações mais ampliadas.

Em resumo, o bem viver se concretiza na esfera institucional, social e cultural, quando problematizamos e contestamos as

- 1 Esta obra foi financiada com recurso da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Chamada n. 07/2021/PRPGI/IFBA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras (Edital n. 24/2023/CPPGI/IFBA/Barreiras).
- 2 Projeto de pesquisa cadastrado e homologado na PRPGI/IFBA, no módulo Pesquisa da Plataforma SUAP, em conformidade com Edital nº 16/2021/PRPGI, de 14 de outubro de 2021 (Edital de Pesquisa/Inovação Contínuo).



três dimensões da colonialidade, quais sejam: o saber, o poder e o ser. Essas três dimensões estabelecem hierarquias geopolíticas, culturais e epistêmicas entre Norte global e Sul global, que podem ser problematizadas/repensadas/contestadas a partir da produção, circulação e consumo de textos de caráter decolonial, intercultural, feminista e antirracista. Nesta coletânea, focalizamos, sobretudo, as práticas e os discursos de decolonização do saber.

Descolonizar saberes tem a ver com contar, construir, multiplicar e pluralizar narrativas, histórias, crenças, experiências, valores e cosmovisões. Trata-se de visibilizar vozes do Sul global, de corpos condenados, subalternizados e oprimidos, que resistem e reexistem à lógica desumanizada e desumanizante do capital, apontando caminhos para o bem viver e para o bem comum (Huanacuni, 2010; Freire 2012 [1968], Walsh, 2013; Acosta, 2016).

Como produto final do trabalho desenvolvido, apresentamos esta coletânea composta por textos que retratam diferentes problemas socioculturais, identificados, debatidos e analisados por grupos de estudantes do IFBA, Campus Barreiras, sob nossa orientação.

A organização das produções escritas nesta obra se fez em três eixos temáticos: (i) *Práticas discursivas para o bem viver no Ensino superior*; (ii) *Práticas discursivas para o bem viver no Ensino médio*; e (iii) *Práticas discursivas para o bem viver: a resistência dos povos originários*. No primeiro eixo, reunimos as produções escritas de docentes e estudantes do primeiro semestre dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e da Engenharia de Alimentos. Em perspectiva crítica, todos os textos problematizam relações de poder, com diferentes linhas temáticas, focalizando questões de gênero, raça, classe e outros marcadores sociais da diferença, dentro do seu próprio campo de formação.

Nesse primeiro eixo, agrupam-se os oito primeiros capítulos da obra, quais sejam: Por uma atuação antirracista na Arquitetura e Urbanismo, de Delânia Santos Azevedo; Ressignificação urbanís-





tica a partir dos movimentos afrodiaspóricos: o tombamento dos terreiros como política de resistência, de Gustavo Escobar Freire, Ivan Medrado Faria, Michelle Petronilia de Oliveira Carvalho, Vinicius Cruz dos Reis, Delânia Santos Azevedo e Atauan Soares de Queiroz; A representatividade da mulher negra na Arquitetura e no Urbanismo, de Bruna Queiroz da Silva e Delânia Santos Azevedo; Mulheres na arquitetura: a desconstrução de um espaço sexista, de Ana Beatriz Bonfim, Bruna Ribeiro Cordeiro, Larissa Nogueira dos Santos, Marina Ramos de Almeida, Rebeca Alves Pereira e Atauan Soares de Queiroz; Práticas patriarcais e sexistas na construção das cidades: a colonialidade do saber, de Bianca Fonseca Damasceno, Danielly Nascimento Passos, Jaine da Silva Santos, Matheus dos Reis Barboza e Willian Théo Rocha da Silva; Mobilidade urbana: limites de ir e vir, de João Victor Muxfeldt, José Helder de Brito Cardoso, Kamilly Hury Rêgo Soares, Rudá Ataíde Siqueira Marques e Ryan Gilbert Oliveira dos Santos Gomes; Descolonizando saberes alimentares: a implementação das práticas do bem viver na sociedade, de Ana Flávia Messias Dias, Caroline Souza Rodrigues, Fernanda Silva Ferreira, Maria Eduarda Marques Fernandes de Souza e Milena de Oliveira Ramos; por fim, Uma discussão sobre as Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCS) como elemento cultural e seu papel na decolonialidade gastronômica, de Lohrane Myres Magalhães de Souza, Maiana Deise dos Reis Matos, Ricardo Aires dos Santos e Tamires dos Santos Costa.

Além dos ensaios teóricos, as/os estudantes também escreveram sobre si, por meio da produção de memoriais reflexivos de leitura. Após cada ensaio, as pessoas autoras se apresentam em seus respectivos memoriais de leitura. Com base na leitura do livro *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire (1981), os/as estudantes foram provocados/as a escrever uma espécie de autobiografia, trazendo leituras de mundo, experiências significativas com a leitura da palavra, desenvolvimento da leitura crítica e a identificação de sua palavravmundo.

No segundo eixo, os/as estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, dos cursos técnicos integrados em Edificações e Alimentos, produziram uma homenagem à escritora brasileira Cristiane Sobral. Desenvolvendo práticas de letramento crítico, de letramento racial crítico e de gênero e de letramento acadêmico, os/as estudantes analisaram, em perspectiva discursiva crítica, os poemas insurgentes que compõem a obra *Não vou mais lavar os pratos* (Sobral, 2016), por meio da produção de ensaios.

Nesse segundo eixo, agrupam-se sete capítulos da obra, quais sejam: Problematizando as relações de gênero: uma análise das metáforas presentes nos poemas *Opção* e *Revolução*, de Cristiane Sobral, da autoria de Ana Angélica José Torres, Guilherme da Cruz Melo, Kaírla Neris Silva, Mariana Rocha de Araújo Silva, Thailanny Alves de Souza, Atauan Soares de Queiroz e Gerson do Carmo Argolo; Enfrentando o racismo estrutural: literatura como forma de resistência, de Elys Rejane Ribeiro dos Santos, Jheniffer Nicoly de Araújo Costa, Milena Xavier dos Santos, Sara Beatriz da Silva Santos, Atauan Soares de Queiroz e Kátia Luzia Soares Oliveira; Representações das pessoas negras no mundo contemporâneo: reflexões sobre os poemas *Visão* e *Escurecimento da vitória*, de Cristiane Sobral, da autoria de Clara Lacerda Chaves, Eduarda Calado da Silva, Pedro Alano Vieira da Silva Portela, Marcos Henrique da Silva; *Black power*, resistência dos povos pretos representados no livro *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral, de Maria Karoline R. da Rocha, Luan Henrique da S. do Rego, Maria Beatriz Brentano Nascimento e Maria Luiza C. V. Wanderley; Literatura e decolonialidade: metáforas de reexistência na poética de Cristiane Sobral, de Kamilla Araújo Hermenegildo e Atauan Soares de Queiroz; Vozes de resistência: uma análise dos poemas *Kafkaneando*, *Nó na garganta* e *Escurecimento necessário*, de Cristiane Sobral, da autoria de Marcos Felipe Matias, Mayane Kelly Souza Nunes, Mirely Oliveira dos Santos e Paloma Nascimento de Jesus; por fim, Mulheres e reconhecimento social: uma análise dos poemas *Opção* e *Fé Raciocinada*, de Cristiane Sobral, da autoria de Arthur Fernandes Eggea Souza, Bruna Borja de Oliveira Santos, Kamila de Souza Anjos e Lavínia Beatriz Trindade Arruda.



A vertical photograph on the left side of the page shows a single, bright yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in full bloom, and its stem is dark green with several leaves. The background is a soft, out-of-focus orange and yellow gradient.

Para a construção dos ensaios nas turmas do terceiro ano do Ensino Médio em Edificações e Alimentos, organizamos nosso trabalho em um projeto de ensino, pesquisa e extensão, com quatro grandes etapas. Primeiramente, construímos rodas de leitura e de conversa sobre a obra *Não vou mais lavar os pratos*. No segundo momento, a turma se dividiu em grupos para definir poesias e temas a serem analisados. Nessa etapa, ainda durante a primeira unidade letiva, realizou-se, também, levantamento bibliográfico sobre os temas abordados. Os grupos leram livros, capítulos de livro, artigos e ensaios, para melhor compreensão dos temas e para a produção da fundamentação teórica do trabalho. No terceiro momento, procederem à organização, sistematização e análise das poesias, durante a segunda unidade letiva.

Por fim, na quarta etapa, durante a terceira unidade letiva, tivemos dois grandes momentos de celebração. Primeiramente, no dia 5 de outubro de 2022, realizamos a ação de extensão *Café Literário do Geline*, via *Google Meet*, intitulado Literatura e Resistência: decolonizando saberes - Diálogo com a escritora Cristiane Sobral. Nesse diálogo, os/as estudantes puderam conversar com a poeta homenageada e contar sobre as experiências de leitura e escrita. O segundo grande momento ocorreu no período de 19 a 21 de outubro de 2022. Marcando nosso compromisso com a difusão social do conhecimento produzido, os/as estudantes apresentaram os ensaios na XIV Jornada Científica e Tecnológica do Oeste Baiano (JCTOB), realizada pelo IFBA, Campus Barreiras.

Além da produção dos ensaios, assim como ocorreu com as turmas do Ensino superior, os/as estudantes também utilizaram a escrita para refletir sobre si. Com base na noção de escrita-reexistência (Queiroz, 2020), após cada capítulo, as pessoas autoras foram convocadas a produzir autobiografias criativas, em prosa ou verso, trazendo dúvidas, inquietações, percepções, desejos, projetos.

Por fim, no terceiro eixo, os/as estudantes do Ensino Médio, dos cursos técnicos integrados em Edificações e Informática, buscaram



recontar o violento processo de colonização das Américas, problematizando discursos estereotipados sobre os povos originários. Nesse eixo, agrupam-se os quatro últimos capítulos da obra, quais sejam: Pandemia e práticas discursivas para o bem viver: possibilidades para adiar o fim do mundo, de Kátia Luzia Soares Oliveira; Novas perspectivas de interpretação sobre a atuação histórica indígena na fase inicial da “conquista” dos Astecas, de Anna Luyze de Melo Oliveira, Emanuela de Matos Rodrigues, Evilly Bezerra dos Santos, Giovanna Santos Rocha, Isabelle Cristyne Ramos Novaes, Kátia Luzia Soares Oliveira e Tatielly Pereira de Araújo; Representações dos povos indígenas nas Américas: do “bom selvagem” ao “mau selvagem” e suas implicações, de Artur Montalvão Oliveira, Felipe Gabriel Oliveira Rocha, Hércules Sebastião Rodrigues de Souza, Jamille Macedo Oliveira Santos, Kátia Luzia Soares Oliveira, Matheus Santos França, Miguel Qaddish de Oliveira Trindade e Stephani Serqueira da Cruz; Historicizando estereótipos dos conceitos “bom selvagem” e “mau selvagem”, equivocadamente atribuídos aos indígenas, de Andrey Mário Reis dos Santos Oliveira, Anne Heloísa de Souza Reis, Heliel Fonseca Mariani, Jamille Macedo Oliveira Santos, Júlia Santos Coité, Kátia Luzia Soares Oliveira, Kethely Thaylane Souza Tavares, Lívia Faeli Rodrigues dos Santos e Lucas Gabriel Alcântara Silva.

Para nós, essa publicação é motivo de alegria e gratidão. Somos gratos/as por estarmos vivos/as podendo refletir sobre temáticas que nos são ainda mais caras depois de um momento tão complexo e dramático, quando mais de dois anos atrás a pandemia da Covid-19 se espalhou drasticamente sobre o mundo. Nessa perspectiva, em primeiro lugar, não podemos esquecer que a possibilidade de estarmos aqui e agora é, antes de tudo, um ato de resistência e reexistência, um tributo à vida ou às pessoas que não sobreviveram.

Nosso tributo começa a partir do chão da sala de aula. De modo mais específico, esta obra mostra que é possível realizar ações de formação profissional e acadêmica associadas a uma formação crítica e política, da Educação básica ao Ensino superior.

Os textos que seguem não apenas debatem temas urgentes e necessários do nosso tempo, mas também trazem saberes, pensamentos e mundividências que podem adiar o fim do mundo. Eis que apresentamos a você, leitor e leitora, algumas fabulações que apontam para a possibilidade de vivermos a experiência de suspender o céu³.

Prof. Dr. Atauan Soares de Queiroz

Prof. Dra. Kátia Luzia Soares Oliveira

Profa. Ma. Delânia Santos Azevedo

Prof. Me. Gerson do Carmo Argolo

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1968].

HUANACUNI, F. **Buen vivir, Vivir bien**: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas (CAOI), 2010.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

QUEIROZ, A. **Educação crítica decolonial e agenciamentos**: um estudo etnográfico-discursivo sobre o Programa Mulheres Inspiradoras. 293 f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3. ed. Brasília: Editora Garcia, 2016.

WALSH, C (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Atauan Soares de Queiroz

O que é decolonialidade?

Por que e para que decolonizar?

O giro decolonial na educação.....22

PARTE 1

PRÁTICAS DISCURSIVAS PARA O BEM VIVER:

DECOLONIZANDO SABERES NO ENSINO SUPERIOR..... 33

CAPÍTULO 2

Delânia Santos Azevedo

Por uma atuação antirracista

na Arquitetura e Urbanismo.....34

CAPÍTULO 3

Gustavo Escobar Freire

Ivan Medrado Faria

Michelle Petronilia de Oliveira Carvalho

Vinicius Cruz dos Reis

Delânia Santos Azevedo

Atauan Soares de Queiroz

Ressignificação urbanística a partir dos movimentos afrodiaspóricos:

o tombamento dos terreiros como política de resistência43

CAPÍTULO 4

Bruna Queiroz da Silva

Delânia Santos Azevedo

A representatividade da mulher negra

na Arquitetura e Urbanismo.....66



CAPÍTULO 5

Ana Beatriz Bonfim
Bruna Ribeiro Cordeiro
Larissa Nogueira dos Santos
Marina Ramos de Almeida
Rebeca Alves Pereira
Atauan Soares de Queiroz

Mulheres na Arquitetura:

a desconstrução de um espaço sexista..... 74

CAPÍTULO 6

Bianca Fonseca Damasceno
Danielly Nascimento Passos
Jaine da Silva Santos
Matheus dos Reis Barboza
Willian Théo Rocha da Silva

**Práticas sexistas
na construção das cidades:**

a colonialidade do saber 97

CAPÍTULO 7

João Victor Muxfeldt
José Helder de Brito Cardoso
Kamilly Hury Rêgo Soares
Rudá Ataíde Siqueira Marques
Ryan Gilbert Oliveira dos Santos Gomes

Mobilidade urbana:

limites de ir e vir 120

CAPÍTULO 8

Ana Flávia Messias Dias
Caroline Souza Rodrigues
Fernanda Silva Ferreira
Maria Eduarda Marques Fernandes de Souza
Milena de Oliveira Ramos

Descolonizando saberes alimentares:

a implementação das práticas do bem viver na sociedade..... 141



CAPÍTULO 9

Lohrane Myres Magalhães de Souza

Maiana Deise dos Reis Matos

Ricardo Aires dos Santos

Tamires Dos Santos Costa

**Uma discussão sobre as Plantas
Alimentícias Não Convencionais (PANCS)
como elemento cultural e seu papel
na decolonialidade gastronômica 162**

PARTE 2

**PRÁTICAS DISCURSIVAS PARA O BEM VIVER:
DECOLONIZANDO SABERES NO ENSINO MÉDIO -
UMA HOMENAGEM À ESCRITORA
CRISTIANE SOBRAL176**

CAPÍTULO 10

Ana Angélica José Torres

Guilherme da Cruz Melo

Kairlla Neris Silva

Mariana Rocha de Araújo Silva

Thailanny Alves de Souza

Atauan Soares de Queiroz

Gerson do Carmo Argolo

**Problematizando as relações de gênero:
uma análise das metáforas presentes nos poemas
Opção e Revolução, de Cristiane Sobral 177**

CAPÍTULO 11

Elys Rejane Ribeiro dos Santos

Jheniffer Nicolay de Araújo Costa

Milena Xavier dos Santos

Sara Beatriz da Silva Santos

Atauan Soares de Queiroz

Kátia Luzia Soares Oliveira

**Enfrentando o racismo estrutural:
literatura como forma de resistência 195**



CAPÍTULO 12

Clara Lacerda Chaves

Eduarda Calado da Silva

Pedro Alano Vieira da Silva Portela

Marcos Henrique da Silva

**Representações das pessoas negras
no mundo contemporâneo:**

reflexões sobre os poemas *Visão* e *Escuridão da vitória*,

de Cristiane Sobral 225

CAPÍTULO 13

Maria Karoline R. da Rocha

Luan Henrique da S. do Rego

Maria Beatriz Brentano Nascimento

Maria Luiza C. V. Wanderley

Black power:

resistência dos povos preto representados na obra

Não vou mais lavar os pratos, de Cristiane Sobral 244

CAPÍTULO 14

Kamilla Araújo Hermenegildo

Atauan Soares de Queiroz

Literatura e decolonialidade:

metáforas de reexistência na poética de Cristiane Sobral 261

CAPÍTULO 15

Marcos Felipe Matias

Mayane Kelly Souza Nunes

Mirely Oliveira dos Santos

Paloma Nascimento de Jesus

Vozes de resistência:

uma análise dos poemas *Kafkaneando*, *Nó na garganta*

e *Escurecimento necessário*, de Cristiane Sobral 274



CAPÍTULO 16

Arthur Fernandes Eggea Souza

Bruna Borja de Oliveira Santos

Kamila de Souza Anjos

Lavinia Beatriz Trindade Arruda

Mulheres e reconhecimento social:

uma análise dos poemas *Opção* e *Fé raciocinada*,

de Cristiane Sobral 289

PARTE 3

PRÁTICAS DISCURSIVAS PARA O BEM VIVER:

A RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS 311

CAPÍTULO 17

Kátia Luzia Soares Oliveira

Pandemia e práticas discursivas

para o bem viver:

possibilidades para adiar o fim do mundo 312

CAPÍTULO 18

Anna Luyze de Melo Oliveira

Emanuela de Matos Rodrigues

Evilly Bezerra dos Santos

Giovanna Santos Rocha

Isabelle Cristyne Ramos Novaes

Kátia Luzia Soares Oliveira

Tatielly Pereira de Araújo

Novas perspectivas de interpretação sobre

a atuação histórica indígena na fase inicial

da "conquista" dos astecas 321



CAPÍTULO 19

Artur Montalvão Oliveira
Felipe Gabriel Oliveira Rocha
Hércules Sebastião Rodrigues de Souza
Jamille Macedo Oliveira Santos
Kátia Luzia Soares Oliveira
Matheus Santos França
Miguel Qaddish de Oliveira Trindade
Stephani Serqueira da Cruz

Representações

dos povos indígenas nas Américas:

do "bom selvagem" ao "mau selvagem" e suas implicações 332

CAPÍTULO 20

Andrey Mário Reis dos Santos Oliveira
Anne Heloísa de Souza Reis
Heliel Fonseca Mariani
Jamille Macedo Oliveira Santos
Júlia Santos Coité
Kátia Luzia Soares Oliveira
Kethely Thaylane Souza Tavares
Lívia Faeli Rodrigues dos Santos
Lucas Gabriel Alcântara Silva

Historicizando estereótipos dos conceitos

"bom selvagem" e "mau selvagem",

equivocadamente atribuídos

aos povos indígenas..... 340

Sobre os/as organizadores/as 350

Índice remissivo 351



1

Atauan Soares de Queiroz

O QUE É DECOLONIALIDADE? POR QUE E PARA QUE DECOLONIZAR?

O GIRO DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO⁴

4

Este texto, reelaborado algumas vezes, integra um trabalho mais amplo, intitulado *Educação crítica decolonial e agenciamentos: um estudo etnográfico-discursivo sobre o Programa Mulheres Inspiradoras* (Queiroz, 2020).

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99345.1

Embora estudiosos diversos situem historicamente a emergência da modernidade capitalista na revolução industrial, o período colonial é central para que se compreenda o seu desenvolvimento (Sousa Santos, 2018, 2017; Grosfoguel, 2016; Connell, 2016; Quijano, 2000), que é resultado das contínuas e profundas transformações sociais e geopolíticas ancoradas na dominação de povos, culturas e territórios e nos quatro genocídios/epistemicídios ocorridos contra mulheres, povos originários, povos africanos e muçulmanos e judeus (Grosfoguel, 2016).

Para Sousa Santos (2017, p. 27), o capitalismo origina-se da modernidade ocidental e reconfigura os diferentes sistemas de opressão, sobretudo o patriarcado e o colonialismo, os quais atuam em conjunto:

A dominação capitalista assenta na exploração do trabalho assalariado por via de relações entre seres humanos formalmente iguais. A dominação colonial assenta na relação hierárquica entre grupos humanos por uma razão supostamente natural, seja ela a raça, a casta, a religião ou a etnia. A dominação patriarcal implica outro tipo de relação de poder mas igualmente assente na inferioridade natural de um sexo ou de uma orientação sexual. As relações entre os três modos de dominação têm variado ao longo do tempo e do espaço, mas o facto de a dominação moderna assentar nos três é uma constante.

Nesse sentido, a independência política dos países colonizados não significou o fim do colonialismo, mas a mudança de um tipo de colonialismo orientado pela ocupação de territórios por outro, neocolonial, xenófobo, sexista, racista, etc.: “o fim do colonialismo político não significou o fim do colonialismo nas mentalidades e subjetividades, na cultura e na epistemologia. Ao contrário, continuou reproduzindo-se de modo endógeno” (Sousa Santos, 2010, p. 8). A colonialidade encarna o *modus vivendi* da sociedade contemporânea e não se trata apenas de resquícios das relações coloniais (Maldonado-Torres, 2007), uma vez que permanecem nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva (Ballestrin, 2013).



A photograph of a bright yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in the foreground on the left side of the page. The background is a soft, out-of-focus orange and red gradient.

Colonialidade e colonialismo são termos que representam processos e momentos históricos distintos, e que estabelecem uma espécie de *continuum* entre si. Enquanto o colonialismo representa uma relação política e econômica centrada na soberania de um povo ou nação sobre outro/a, a colonialidade tem a ver com padrões de poder que surgiram como resultado do colonialismo moderno, sem se limitarem a uma relação de poder entre povos ou nações, referindo-se à “forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial da ideia de raça” (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

A colonialidade se manifesta e se reproduz em três dimensões, quais sejam: o poder, o saber e o ser. A colonialidade do poder constitui o lado obscuro da modernidade, operando por meio de uma estrutura complexa de exploração e dominação que combina o controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (Ballestrin, 2013; Mignolo, 2003). A colonialidade do saber refere-se à geopolítica do conhecimento e aos regimes de pensamento coloniais, baseados no eurocentrismo teórico, no nacionalismo metodológico, no positivismo epistemológico e no neoliberalismo científico (Ballestrin, 2013). A colonialidade do ser, por sua vez, diz respeito à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem e nos níveis genéticos, existenciais e históricos do sujeito (Maldonado-Torres, 2007).

Com base nessas premissas, intelectuais pós-coloniais/decoloniais como Sousa Santos (2017, 2010), Grosfoguel (2016), Connell (2016), Quijano (2010) e Walsh (2013) propõem uma divisão geopolítica do mundo em dois grandes grupos: países do Norte Global e países do Sul Global. Esta não é uma questão de território, mas, sobretudo, “do papel desempenhado no e herdado do período colonial por cada país, assim como suas relações econômicas e políticas no contexto do ‘novo império’ da globalização neoliberal” (Connell, 2016, p. 10).

As relações coloniais entre Norte (colonizadores) e Sul (colonizados) se estendem até o período contemporâneo, por meio da colonialidade do saber, do poder e do ser, uma vez que prevalecem “relações econômicas e políticas no contexto do novo império da globalização neoliberal” (Connell, 2016, p. 10).

Nenhuma cultura fica ileso aos avanços do imperialismo global. As relações de poder intrínsecas a essa dinâmica geopolítica se materializam nas interações sociais, nas práticas de produção de conhecimento (Sousa Santos; Meneses, 2010) e nos processos de subjetivação. As hierarquias sociais e os sistemas culturais próprios ao imperialismo global encarnam o *modus operandi* da produção de conhecimento nas universidades ocidentalizadas e nas dinâmicas do contexto escolar. As epistemologias hegemônicas fundam-se no capitalismo, no patriarcado, no racismo e na colonialidade, e afetam a livre circulação dos saberes e estruturam o *habitus* institucional e as práticas curriculares das escolas e universidades ocidentalizadas. Sua forma de atuação se dá exatamente pelo apagamento de outros saberes e de epistemologias alternativas.

As epistemologias hegemônicas normalmente eliminam “da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento” (Sousa Santos; Meneses, 2010, p. 16-17). As relações desiguais entre saberes, por sua vez, sustentadas pelas epistemologias hegemônicas, geram profundas ressonâncias na organização do currículo escolar e universitário, invisibilizando epistemologias alternativas ou relegando-as a um espaço de subalternidade. Por isso, as práticas de resistência criativa e transgressiva contra os sistemas de opressão, em espaços sociais como a escola e a universidade, devem assentar em lutas simultaneamente anticapitalistas, anticoloniais, antirracistas e antipatriarcais, por meio do reconhecimento da diversidade epistemológica como “enriquecimento das capacidades humanas para conferir inteligibilidade e intencionalidade às experiências sociais” (Sousa Santos; Meneses, 2017, p. 19).



A diversidade epistemológica do mundo, concebida por Sousa Santos e Meneses (2010, p. 19) como epistemologias do Sul, representam metaforicamente “um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo”. Tais epistemologias se voltam para a possibilidade de diálogo horizontal entre os diversos tipos de conhecimento, questionando e desconstruindo tanto a colonialidade do saber e do poder quanto a colonialidade do ser: os afetos, os arquivos, os imaginários, as memórias (Maldonado-Torres, 2007).

Por isso, para se opor a colonialidade, é preciso decolonizar(se)⁵. A decolonialidade é, assim, uma estratégia político-discursiva de problematização/contestação da colonialidade, sobretudo do racismo e sexismo epistêmicos que encarnam mentes, afetos, agências, subjetividades, sexualidades e identidades. Não se trata de desconstruir a colonialidade para chegar a uma espécie de estado nulo, como sugeriria o prefixo *-des*, mas de manter a postura de vigilância frente às suas formas de atuação (Walsh, 2013). De acordo com Mignolo (2008, p. 313), decolonialidade

[...] significa ao mesmo tempo: a) desvelar a lógica da colonialidade e da reprodução da matriz colonial do poder (que, é claro, significa uma economia capitalista); e b) desconectar-se dos efeitos totalitários das subjetividades e categorias de pensamento ocidentais.

Nesse sentido, a decolonialidade questiona as relações de poder da vida contemporânea e possibilita a visibilização de vozes, discursos e epistemes que enriquecem as experiências sociais e os processos civilizatórios. Compreender as nuances e imbricações da

5 Utilizo a forma decolonial, sem a letra “s”, conforme reflexão de Catherine Walsh (2013, p. 25): “coloco em evidência que não existe um estado nulo da colonialidade, mas posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua na qual se pode identificar, visibilizar e encorajar “lugares” e construções alter-(n)ativas” (tradução livre).



colonialidade do saber, do poder e do ser é importante para a problematização do sexismo, do racismo, do classismo, da LGBTfobia, do capacitismo e de outras formas de opressão e exclusão que se apresentam ou geram ressonâncias nas escolas e nas universidades, com vistas ao desenvolvimento do pensamento crítico, da desalienação e das práticas cidadãs e à preservação da democracia.

Nessa mesma perspectiva, Crenshaw (2002), Lugones (2014) e Akotirene (2019), dentre outros/as estudiosos/as, destacadamente da vertente do feminismo negro, defendem a necessidade de se empreender a abordagem interseccional para tratar dos sistemas de opressão baseados em hierarquias sociais, pois a perspectiva interseccional nos permite desenvolver a criticidade política para compreendermos “a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (Akotirene, 2019, p. 37-38).

O conceito de interseccionalidade busca capturar os efeitos estruturais e dinâmicos da interação entre dois ou mais sistemas de opressão, abordando especificamente a “forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Concordando com Maldonado-Torres (2007), o ato de pensar criticamente não é possível se apenas realizamos variações criativas ou inovações dentro da episteme europeia moderna. É preciso deslocar os eixos do pensamento crítico, introduzindo outras coordenadas e questionando tanto as epistemologias hegemônicas quanto a compreensão ontológica que funda os sistemas de conhecimento, crenças e valores, as relações sociais e a produção de subjetividades, de modo que se possibilite a ecologia dos saberes, a diversidade epistêmica e a interseccionalidade.



Como atividade crítica e agenciadora, é preciso questionar as verdades e certezas que imperam nas sociedades ocidentalizadas e que são sustentadas por mecanismos hierarquizantes, binários e excludentes. Capitalismo, racismo e patriarcado se imbricam com as sedimentações coloniais e impõem modos de pensar, agir e ser. Por isso, considerar a colonialidade como mecanismo de produção de certezas e verdades pode tornar as funções sociais das escolas e universidades mais críticas e agenciadoras. Walsh (2013, p. 31) aponta a necessidade de insurgências radicalmente distintas, para que se rompa com ordenamentos sociais sustentados pela colonialidade:

[...] no atual ambiente sul-americano e abya-yaleano, é oportuno retomar a pedagogia em seu aspecto praxístico, meditando sobre seu uso estratégico-acional como radical condutor de e até compreensões, posturas e pensamentos não só críticos, mas de caráter imperativo e projeto decoloniais. [...] Pedagogias que traçam caminhos para criticamente ler o mundo e intervir na reinvenção da sociedade, como assinalou Freire, mas pedagogias que alimentam a desordem absoluta da descolonização aportando uma nova humanidade, como destacou Frantz Fanon. As pedagogias pensadas assim não são externas às realidades, subjetividades e histórias vividas dos povos e das pessoas, mas parte integral de seus combates e perseveranças ou persistências, de suas lutas de conscientização, afirmação e desalienação, e de suas lutas — ante a negação de sua humanidade - de ser e fazer-se humano.

Nesse sentido, a construção de elos/diálogos/encontros decoloniais que inspirem novas reflexões e novas releituras em torno dos processos de humanização e descolonização, no âmbito de uma pedagogia antidiscriminatória, intercultural crítica, inclusiva e plural, pode tensionar e fraturar o sexismo, o racismo, o elitismo, a LGBTfobia, o capacitismo, profundamente arraigados em nossos sistemas culturais e estruturas sociais.



O giro decolonial pode e deve acontecer no campo da Educação, nas diferentes áreas, afetando currículo, processos avaliativos e formativos, práticas pedagógicas, da Educação Básica ao Ensino Superior. Segundo Ocaña, López e Conedo (2018) o giro decolonial tem-se dedicado sobremaneira para a reflexão acerca de questões ideológicas, políticas, epistêmicas e epistemológicas enquanto a problemática disciplinar (pedagógica, curricular e didática) é quase nula. Walsh (2013), por exemplo, aborda a questão das pedagogias decoloniais voltando-se muito mais para os movimentos sociais e para as manifestações coletivas nas ruas do que para o contexto escolar. As práticas de decolonização do discurso e das ações pedagógicas ainda carecem de maior atenção.

Ocaña, López e Conedo (2018) enfatizam a necessidade de decolonizar a pedagogia, o currículo e a didática, por meio de biopráticas pedagógicas decolonizantes e de uma leitura decolonial da genealogia das ciências educativas, o que permitiria desvelar o caráter norte-americano e eurocêntrico das teorias da educação e do ensino. Essas biopráticas pedagógicas decolonizantes dizem respeito às transformações na “visão sobre o universo, sobre o cosmo, o mundo em que vivemos, nossa própria prática sociocultural e nossas experiências, vivências, compreensões e significações [...], não é uma visão fragmentadora, mas holística, integradora e relacional” (Ocaña; López; Conedo, 2018, p. 207-208).

Decolonizar a Educação é possível, de fato, se pensarmos um currículo constituído pela diversidade epistêmica (Grosfoguel, 2016), pela ecologia de saberes e das temporalidades (Sousa Santos, 2010), pela interseccionalidade (Akotirene, 2019) e pela interculturalidade crítica (Candau, 2013); Em suma, por práticas teóricas de decolonização dos sistemas de conhecimento (estruturas epistêmicas, ciência, filosofia), das relações de poder (modo de produção, instituições e relações sociais) e formas de ser (subjetividade, identidade, gênero, sexualidade), que questionem o funcionamento dos diferentes



sistemas de opressão, por meio de variadas ações educativas inter/trans/multidisciplinares, sobretudo das práticas de leitura e de escrita escolarizadas em perspectiva crítica, decolonial e intercultural.

No âmbito do ensino da linguagem, Fabrício (2017, p. 36) tece reflexões pertinentes sobre uma educação linguística decolonial, que, dentre outras ações, faz circular “textos e discursos marginalizados que rompem com a reiteração e a repetição da lógica heteronormativa, branca e monocultural”; e visibiliza vozes de grupos subalternos desprestigiados socialmente. Sem dúvida, ações inter/trans/multidisciplinares, por meio do desenvolvimento de projetos críticos, decoloniais e interculturais, podem ressignificar *habitus* institucional, desestabilizando discursos coloniais que seguem a lógica da segregação e do silenciamento de vozes não hegemônicas e que se presentificam no cotidiano da escola e da universidade.

Práticas de decolonização não devem ser confundidas com a rejeição da criação humana do Norte global e associadas com aquilo que seria genuinamente criado no Sul (Ballestrin, 2013), mas práticas de democratização da geopolítica do conhecimento, visibilizando vozes contra-hegemônicas e saberes alternativos e promovendo diálogos interepistêmicos. Nesse sentido, é importante reafirmar o papel fundamental e indiscutível das práticas de leitura e de escrita para desenhar os contornos de uma Educação Decolonial, movida por bio-práxis pedagógicas decolonizantes (Ocaña; López; Conedo, 2018) e fundada na valorização da diversidade epistêmica (Grosfoguel, 2016) e da ecologia de saberes e temporalidades (Sousa Santos, 2010) e no reconhecimento das identidades interseccionais (Akotirene, 2019) e na construção de práticas interculturais críticas (Candau, 2013).

Por isso, educar para a emancipação social e para o bem viver (Huanacuni, 2010; Freire, 2012[1968]; Hooks, 2013; Walsh, 2013), e ensinar a leitura e a escrita como práticas sociais e como práticas de resistência crítica e decolonial, mobilizando, por exemplo, a produção literária e teórica de autoria de mulheres negras, de pessoas indígenas



e LGBTQIAPN+, pode possibilitar a decolonização de saberes, poderes e formas de subjetivação, e contribuir para o desenvolvimento da agência crítica e política das pessoas. Sem dúvida, o giro decolonial na educação é vital para a construção da Pluriversidade que desejamos, para a humanização da existência e para a transformação social.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BALLESTRIN, L. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11. Brasília, mai./ago. 2013, p. 89-117.

CANAU, V. M. **Educação Intercultural Crítica**: construindo caminhos. In: WALSH, C (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. Tradução de M. Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**. v. 7, n. 12, 2002, p. 171-88.

FABRÍCIO, B. F. Processos de ensino-aprendizagem, educação linguística e descolonialidade. In: ZOLIN-VESZ, F. (org.). **Linguagens e descolonialidades**: práticas linguageiras e produção de (des)colonialidade no mundo contemporâneo. Campinas. SP: Pontes Editores, 2017, v. 2. p. 15-38.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1968].

GROSFUGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução de Fernanda Miguens. vol. 31, n.1, 2016, p. 25-49.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de M. Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HUANACUNI, F. **Buen vivir, Vivir bien**: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas (CAOI), 2010.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 22 v. 3, set./dez. 2014.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (org.). **El Giro Decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 127-167.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, 2008, p. 287-324.

MIGNOLO, W. **Historias locales, diseños globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

OCAÑA, A.; LÓPEZ, M. I.; CONEDO, Z. (2018). Pedagogía decolonial: hacia la configuración de biopraxis pedagógicas decolonizantes. **Revista Ensayos Pedagógicos**, vol. XIII, N° 2, jul./dic. 2018, p. 201-233.

QUEIROZ, A. **Educação crítica decolonial e agenciamentos**: um estudo etnográfico-discursivo sobre o Programa Mulheres Inspiradoras. 293 f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386.

SOUSA SANTOS, B. O colonialismo insidioso, 2018. *In*: **Público**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/03/30/sociedade/opiniao/o-colonialismo-insidioso-1808254>. Acesso em: 12 jan. 2018.

SOUSA SANTOS, B. A esquerda sem imaginação, 2017. *In*: **Sul21**. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2017/08/esquerda-sem-imaginacao-por-boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em: 12 jan. 2018.

SOUSA SANTOS, B; MENESES, M. Introdução. *In*: SOUSA SANTOS, B; MENESES, M. (Org.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2010.

WALSH, C (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Parte

1

**PRÁTICAS DISCURSIVAS
PARA O BEM VIVER:**

DECOLONIZANDO SABERES
NO ENSINO SUPERIOR

2

Delânia Santos Azevedo

**POR UMA ATUAÇÃO
ANTIRRACISTA
NA ARQUITETURA
E URBANISMO**

DOI: [10.31560/pimentacultural/2024.99345.2](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2024.99345.2)

O Brasil vivenciou durante os séculos XVI a XIX uma relação social de produção baseada no escravismo de homens e mulheres, ameríndios e negros, sendo estes últimos trazidos forçadamente do continente Africano. Essa estrutura social propiciou a organização das pessoas negras em espaços marginalizados, áreas distantes dos centros urbanos e/ou de difícil acesso.

A distribuição espacial precária das pessoas negras em território brasileiro se consolidou durante todo o período colonial e imperial, reverberando ainda nos dias atuais. O pensamento colonial racista impõe aos afro-brasileiros a discriminação racial, baixa escolaridade, pouca renda, precariedade nas condições de moradia e violências, como pode ser visto em estatísticas diversas.

Entretanto, a busca por melhores condições de vida em terras brasileiras sempre foi uma bandeira de luta das pessoas negras. Especialmente a partir da década de 80 do século XX, os movimentos sociais e organizações internacionais (Organização Internacional do Trabalho - OIT; Organização das Nações Unidas - ONU; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO) têm-se esforçado e conseguido, paulatinamente, a condução desses grupos sociais à condição de sujeitos legalmente detentores de direitos e, finalmente, colocados na pauta das discussões do Estado brasileiro.

A redemocratização do país, que ocorreu na década de 80 do século passado, fortaleceu os movimentos sociais e possibilitou que estes expressassem e reivindicassem políticas e soluções para os problemas sociais brasileiros. Fortalecidos pelas mudanças políticas do período, os movimentos sociais conseguiram colocar em pauta questões pertinentes para a construção de um Estado de direitos que se expressou em várias frentes, dentre as quais se tem o Movimento pela Reforma Urbana, o Movimento pela Reforma Agrária, o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Movimento Quilombola, cada um à sua maneira contribuiu para a inserção de espaços de maioria afrodescendente na Carta Magna Constitucional.



Desde então, órgãos dos governos federal, estadual e municipal, além de concessionárias de serviços públicos, iniciaram a implementação de políticas urbanas voltadas para a melhoria das condições de moradia das comunidades de menor renda, cuja população em sua maioria é negra, inserindo-as na pauta das políticas públicas nacionais e visibilizando-as nos planos diretores municipais.

Nas primeiras décadas do século XXI, tem-se visto a criação de um aparato legal e institucional (leis, decretos, sistemas de cotas, ministérios, secretarias) capaz de reconhecer e fomentar os direitos de cidadania das coletividades negras. Isso configura uma atuação e uma vontade política, sem precedentes na história brasileira.

Ocorre que as práticas coloniais e racistas adotadas por séculos pelo Estado brasileiro criou um enorme fosso entre o poder público e as comunidades negras. O desconhecimento dos órgãos públicos, e dos profissionais executores, acerca destas coletividades e de suas especificidades tem levado a abordagens ineficazes, padronizadas e pouco participativas, como pode ser observado em pesquisas acadêmicas, tal como a dissertação de Batista (2015).

A fim de aproveitar melhor esse momento político, em que recursos públicos serão direcionados para as necessidades das populações negras, torna-se fundamental a convocação de profissionais diversos, dentre estes os arquitetos urbanistas, para atuar em espaços historicamente marginalizadas. Então surge a inquietação, os/as arquitetos/as e urbanistas estão preparados/as para contribuir com os espaços de maioria afrodescendente?

O ESPAÇO E O SER, TERRITÓRIOS NEGROS

Na contemporaneidade, as ciências sociais reconhecem o espaço como elemento importante na construção de conceitos



acerca de uma dada realidade humana. Alguns pensadores influenciaram decisivamente nas atualizações do conceito de espaço/espacialidade dentre eles, Henri Lefebvre (2006). A contribuição desse intelectual tem permitido releituras sobre os conceitos de espaço nos mais variados campos disciplinares.

Para Lefebvre (2006) o espaço e o ser estão intimamente relacionados, pois o ser humano ao nascer ocupa no espaço, físico e metafórico, um lugar. Ou seja, todo organismo vivo é um espaço antes mesmo de se tornar um ser social ou um indivíduo, e tem um espaço, a partir do qual ele produz e reproduz. O Espaço é o desdobramento da vida em condições materiais determinadas, não pode ser considerado, portanto, um produto físico acabado. Ele (o espaço) se constitui como uma produção constante que serve, ao mesmo tempo, de instrumento e de meio para a existência humana.

Na realidade, o espaço social incorpora: a) a estrutura física (geográfica e territorial); b) as ações sociais e culturais; c) as ações dos sujeitos (individuais ou coletivos) interagindo consigo, com os demais seres vivos e com o meio (Lefebvre, 2001). A interação entre o espaço e o homem social possibilita a percepção das interações entre o corpo físico, psíquico, cultural, social, econômico e o seu meio ambiente. O homem, a depender do grupo e do tempo a que está submetido, teria tendências específicas a perceber, representar e conceber as formas espaciais e organizar seus espaços existenciais (Elhajji, 2002).

Sendo ordenado para e pelas pessoas, o espaço pode ser concebido como produto e produtor das relações sociais. Segundo Lefebvre (2006), existe uma racionalidade na produção do espaço que impõe uma ordem temporal e espacial, envolvendo elementos materiais e imateriais. A produção do espaço social combina a realidade com o ideal, trata-se de um espaço prático, simbólico e imaginário que simultaneamente provoca ordem e desordem.



Nesse sentido Lefebvre (2006) esclarece que

O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira produtivo e produtor, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais. (Lefebvre, 2006, p. 05)

Lefebvre (2006) chama atenção ainda para três momentos na produção social do espaço: a) espaço vivido, a prática social que é o cotidiano; b) espaço concebido, as representações do espaço que envolve o trabalho dos cientistas, a exemplo dos planejadores, urbanistas, tecnocratas, os sistemas de engenharia; e c) espaço percebido, os espaços representacionais que se constitui dos símbolos e das imagens. Esta tríade compõe uma só totalidade inseparável e evidencia que o estudo de um espaço deve tratar da sobreposição de aspectos específicos da rotina cotidiana, da história e das percepções obtidas pelos intelectuais e pelas instituições.

Portanto, entende-se aqui espaço e espacialidade como conceitos que se referem a produtos das inter-relações sociais. O homem usa o espaço para viver de acordo com as condições naturais e históricas específicas e ao mesmo tempo esse espaço o compõe e o identifica. Uma simbiose constante que embasa a identidade homem-meio. Nesse processo de produção ou reprodução do espaço social e suas espacialidades o tempo é um aspecto preponderante, pois a prática social que produz o espaço é antes vivida do que conceituada. “O passado deixa suas marcas no espaço, mas o espaço é presente com sua totalidade atual” (Lefebvre, 2006, p. 94).



Este entendimento de espaço está associado à noção de território. De acordo com Ramos (2007), à medida que os espaços são processados ao longo do tempo no seio de uma comunidade, transforma-se em um território, impregnado de elementos culturais, definidos por identidades e simbolismos, gerando um conjunto dinâmico de práticas que se processam continuamente.

Observa-se que, pela contínua acumulação de experiências, o território tanto demarca uma relação interativa com as pessoas, como também projeta essas relações como informações e significações nos espaços de domínio, passando assim para as gerações futuras.

As características que configuram um determinado território constituem as suas territorialidades. Para Ramos (2007), nos territórios de maioria afrodescendente, a especificidade da comunidade é demarcada pela sucessão de significações resultantes da construção de singularidades socioculturais de matriz africana. Pode-se observar nesses territórios atitudes e ordenamentos que remetem a uma herança africana, por isso tem sido denominados por alguns teóricos como 'territórios negros.'

Tanto no Brasil urbano quanto no rural é possível identificar os territórios negros. Conforme conceitua Cunha Jr (2001; 2007), os territórios negros são aqueles ocupados majoritariamente por população negra ou que são norteados pela dinâmica sociocultural dos negros, revelando-se no espaço geográfico com base nos processos de construção das identidades e das relações históricas e sociais das populações negras. Os territórios negros caracterizam pela resistência (consciente ou não) à colonialidade, definidos a partir de relações de poder focada na perspectiva racial, onde a identidade negra se faz presente, seja pela autodeclaração daqueles que usufruem do espaço (ainda que de forma não exclusiva), seja pela presença de marcadores culturais e simbólicos.



Estes marcadores, podem ser exemplificados como organizações culturais, tais como escolas de samba, blocos afro carnavalescos, grupos de capoeira, clubes negros, bailes de música negra, rodas de samba; organizações sociais e políticas tais como ONGs do Movimento Negro, quilombos, partidos políticos; organizações religiosas, como irmandades negras e terreiros de religiões de matriz africana (Nogueira, 2018).

POR UMA ATUAÇÃO ANTIRRACISTA NA ARQUITETURA E URBANISMO

Ora, compreendendo a íntima relação entre o espaço e o ser, e reconhecendo que no Brasil há territórios com características espaciais afrodescendentes, voltamos à questão supramencionada. Como os arquitetos urbanistas, profissionais que se dedicam à arte do espaço construído, podem atuar junto aos territórios negros?

Responder a esta indagação é introduzir o campo da Arquitetura e Urbanismo nos chamados 'Estudos Afro-brasileiros', que se desenvolveram no Brasil desde o final do século XIX, mas que não tem rebatimento igual em todas as profissões. O campo disciplinar da arquitetura e urbanismo é um dos que tem resistido, mas as mudanças sócio-políticas do século XXI indicam a necessidade de se envolver com a agenda decolonial.

Saber mais sobre a relação do negro na elaboração de arquiteturas, territórios e cidades no Brasil, contemplando as *Arquiteturas Afro-brasileiras*, poderá contribuir na ampliação do acervo mental de arquitetos/as urbanistas sobre os modos de habitar brasileiros, adicionando conhecimento sobre os espaços afrodescendentes em suas múltiplas dimensões e significados. Aprender a nomear os elementos espaciais, compreender e localizar os espaços arquitetônicos e urbanísticos com base no conhecimento afro-brasileiro possibilita



registrar no imaginário cultural do país outras abordagens que não apenas a euro-cristã. A adoção dessa pauta desde a graduação poderá elucidar melhores soluções projetuais para as moradias nacionais, e reelaborar a relação entre edifícios e natureza.

Um exemplo claro de que arquitetura e urbanismo precisam aderir a esta discussão com urgência são os espaços religiosos. Observem que, para a maioria dos profissionais, ao citar os elementos que compõe uma catedral, com grande rapidez, estes vêm à mente através de palavras e formas, por exemplo, batistério, altar, púlpito, torre sineira, cúpula... Entretanto, a mesma facilidade da memória formal não ocorrerá ao mencionar expressões dos terreiros de candomblé, por exemplo, bandeira de tempo, Ilê, Igbá, ronkô, quarto de jogo... Se o Brasil é multiétnico e possui diversas matrizes religiosas, porque só são conhecidas as expressões da matriz euro-cristã? Como projetar para outras religiões?

Para além dos espaços religiosos, é possível observar essa discrepância de conhecimentos sobre outros espaços físicos dos territórios negros. Na prática, tal incompreensão impede a preservação patrimonial dos bens arquitetônicos afro-brasileiros, os desenhos de arruamentos adequados, a implantação de conjuntos habitacionais eficazes, etc.

Pelo exposto, somente a partir do reconhecimento da identidade brasileira⁶ os/as arquitetos/as urbanistas poderão ser mais úteis à população. O reconhecimento e valorização das especificidades dos territórios afro-brasileiros pelos/as profissionais da arquitetura e urbanismo, atrelado a políticas urbanas consistentes, seria um mecanismo exitoso para qualificar os espaços de viver das coletividades negras, elevando sua autoestima e colocando a população afrodescendente como parte constituinte do que somos enquanto brasileiros/as.

6 Vale ressaltar que esta mesma lacuna mencionada aqui sobre territórios negros ocorre sobre os territórios indígenas, e sendo os povos originários parte integrante da identidade brasileira, estes aprendizados também precisam ser considerados na formação profissional do/a arquiteto/a urbanista.



REFERÊNCIAS

BATISTA, D. S. A. **Políticas urbanas e seus impactos na territorialidade do quilombo Laranjeira-BA**. 2015. 268f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CUNHA JR., H. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, ano 23, v. 2, n. 42, Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.

CUNHA JR., H. Afrodescendência e Espaço Urbano. In: CUNHA Jr., H.; ELHAJJI, M. Memória coletiva e espacialidade étnica. **Revista Galáxia**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. PUC São Paulo. v. 2, n. 4, 2002. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1283/784>. Acesso em: 06 dez. 23.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf. Acesso em: 05 ago. 2014.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 2001.

NOGUEIRA, A. M. R. **Territórios negros em Florianópolis**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2018. p. 137. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193680>. Acesso em: 06 dez. 23.

RAMOS, M. E. R. (org.). **Espaço Urbano e Afrodescendência**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

3

Gustavo Escobar Freire

Ivan Medrado Faria

Michelle Petronília de Oliveira Carvalho

Vinicius Cruz dos Reis

Delânia Santos Azevedo

Atauan Soares de Queiroz

RESSIGNIFICAÇÃO URBANÍSTICA A PARTIR DOS MOVIMENTOS AFRODIASPÓRICOS:

**O TOMBAMENTO DOS TERREIROS
COMO POLÍTICA DE RESISTÊNCIA**

1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio acadêmico, elaborado a partir de estudo exploratório, trata-se de uma análise sobre a influência que os movimentos afrodiaspóricos tiveram na formação das cidades, tendo o terreiro (local onde se realizam os cultos cerimoniais das religiões de matriz africana) como a principal representação de reterritorialização dos povos africanos no Brasil. Mostraremos a relação entre as estruturas sociais hegemônicas e a dificuldade de integração e expansão da cultura africana na sociedade, problematizando a segregação dessa população.

Defendemos a criação de políticas afirmativas como estratégia necessária para o enfrentamento ao abismo social causado pela modernidade/colonialidade na sua relação com o capitalismo neoliberal, o patriarcado e o racismo estrutural. Será abordado como alternativa epistêmica o diálogo com saberes ancestrais da população negra na ressignificação de espaços públicos, trazendo os terreiros de candomblé como exemplo de resistência cultural e caminho para a criação de políticas públicas voltadas para a decolonialidade do saber e do poder na sociedade brasileira.

Segundo Muniz (2002, p. 75), “para o negro no Brasil, com suas organizações sociais desfeitas pelo sistema escravagista, reconstituir as linhagens era um ato político de repatrimonialização [...]. Por meio do sagrado, os negros refaziam em terra brasileira uma realidade fragmentada. O terreiro implicava a autofundação de um grupo em diáspora”. Porém esse processo de reterritorialização, em paralelo ao processo de urbanização das cidades, marcado pela segregação espacial da população negra, deu-se principalmente nas zonas periféricas. “Com o início da ocupação do território da cidade pelos negros, o espaço urbano começa a assimilar novos elementos identitários, sobretudo, os terreiros de candomblé” (Oliveira, 2001, p. 40).



Assim a população negra foi se adaptando à nova realidade em que vivia, trazendo consigo cultura, religião e costumes, reconstruindo suas formas de ser, pensar e agir. De tal modo, “o *terreiro* (de *candomblé*) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência porque, além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais” (Muniz, 2002, p. 20). Nesse sentido, os terreiros são a própria representação da decolonialidade e da ancestralidade nos espaços urbanos, configurando-se como local para reuniões, expressão, resistência e reexistência, na preservação cultural africana. Além disso, os terreiros tornam-se referência brasileira de decolonialidade na Arquitetura e Urbanismo, uma vez que podem ser analisados pela capacidade histórica de resistência e ressignificação de lugares, ambientes e espaços, resultando na manutenção de matrizes culturais afrocentradas.

Em termos de plano composicional, além desta introdução, o ensaio apresenta mais quatro seções. Inicialmente, trazemos breve histórico sobre as relações entre os movimentos afrodiaspóricos, a ocupação das cidades pelo povo negro e o surgimento dos terreiros das religiões de matriz africana no Brasil, colocando em relevo o modo como estes continuam a desempenhar papel fundamental na preservação da cultura deste povo. Em seguida, explanamos sobre o processo de urbanização das cidades brasileiras e a segregação da população afro-brasileira, demonstrando a necessidade de um “olhar” decolonial para os espaços urbanos a fim de incorporar os territórios negros às políticas urbanas. Além disso, reforçamos a importância da preservação dos terreiros nos ambientes urbanos, que pode ser garantida através do tombamento destes locais sagrados. Por fim, arrolamos as considerações finais, enfatizando a necessidade de construirmos a justiça espacial nacional.



2. BREVE HISTÓRICO DOS TERREIROS NO BRASIL

A formação das cidades brasileiras ocorreu em paralelo a diáspora forçada do povo negro. Vindas da África após serem dominadas e sequestradas pelos colonizadores portugueses, as populações africanas chegavam ao território brasileiro em condições subumanas, para serem exploradas e expropriadas na condição de escravizadas (Grosfoguel, 2016).

Desde o início deste processo violento, as pessoas negras se rebelavam contra a colonização e construíam estratégias de autoafirmação. Com o início da ocupação do território das cidades pelas populações negras, o espaço urbano começa assimilar novos elementos identitários, sobretudo os Terreiros de Candomblé (Oliveira, 2001). Esses espaços foram uma das formas que estes povos encontraram para preservar suas religiões e culturas. Como prática religiosa mais recorrente nos terreiros, o Candomblé como uma religião imbuída de rituais trazidos diretamente de partes do continente africano, e mais tarde a Umbanda, religião afro-brasileira com origem ritualística no Brasil.

A existência dos terreiros nunca foi simples, pois a perseguição e intolerância contra as religiões de matriz africana e seus espaços físicos persistem desde a época do Brasil colônia. De acordo com Muniz Sodré (2002, p. 39):

Ora, como o afastamento de escravos e ex-escravos afigurava-se fundamental a uma sociedade que, no final do século XIX, sonhava em romper social, econômica e ideologicamente com as formas e organizações herdadas da Colônia – e que já excluía o negro dos privilégios da cidadania –, intensificaram-se as regras de segregação territorial, tradicionais na organização dos espaços brasileiros.

Diante dessa situação, os povos de origem africana se rebelaram contra a colonização imposta pelos portugueses, e consolidam a formação de territórios próprios como os quilombos, espaços de resistência, apoio mútuo e preservação cultural. Muitos terreiros chegaram aos dias atuais e estão espalhados por todo o Brasil. Como diz Vagner Silva (1993, p. 70), “[...]a cidade sempre foi vista como o espaço propício para reunião de negros[...]”. De certa forma, esta afirmativa nos leva a pensar o quanto os territórios negros em geral, e os terreiros das religiões de matriz africana em particular, tiveram participação na formação das cidades brasileiras.

O patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) afirmou-se como território político-mítico-religioso, para a sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro dos povos africanos, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se “reterritorializar” na diáspora, através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto dos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais. (Muniz, 2002, p. 53).

Assim, o terreiro aparece na primeira metade do século XIX, como base física-cultural dessa patrimonialização, sendo a primeira concretização histórica dessa matriz o candomblé do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho (Imagem 1), *Ilê Axé Iyá Nassô Oká*, localizado no município de Salvador (BA) e fundado por volta de 1830, sendo um dos mais antigos terreiros afro-brasileiros no Brasil.

Figura 1 - Terreiro Casa Branca do Engenho Velho em Salvador (BA)



Fonte: Acervo IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Segundo Vagner (1993, p. 1-2),

É provável que hoje em dia sejam raras as cidades que não haja pelo menos um terreiro. O terreiro, como é chamado o local de prática dos cultos afro-brasileiros como o candomblé e a umbanda, proliferam por toda a parte e participam como instituição popularmente reconhecida e perfeitamente incorporada no cotidiano da vida urbana das cidades.

Diante do exposto, percebe-se que parte da população reconhece a verdadeira importância dos terreiros, frequentando-os e/ou co-habitando com estes. Porém, deve-se compreender que nem sempre foi assim, e a luta para esta convivência respeitosa foi, e continua sendo, árdua e constante. Desde o surgimento dos terreiros, houve proibições aos cultos afro-brasileiros, por meio de diferentes práticas discursivas. Dentre elas, destacamos o código criminal de 1830. Segundo o art. 276, era proibido “Celebrar em casa, ou edifício, que tenha alguma forma exterior de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra Religião, que não seja a do Estado”;

em relação ao art. 280, "Praticar qualquer ação, que na opinião pública seja considerada como evidentemente ofensiva da moral, e bons costumes; sendo em lugar público", resultaria em punições, demolição da casa, multas e, geralmente, prisão.

Essa criminalização das práticas religiosas de matriz africana fez com que os terreiros, de maneira furtiva, se estabelecessem aos arredores das cidades. A intensa repressão da sociedade da época ditava que, se não houvesse como removê-los, estivessem ao menos distantes das áreas públicas (Campus, 1946). Desse modo, os terreiros foram se assentando nas periferias das cidades, para se defender da perseguição policial, bem como dos cidadãos comuns, já que dependendo da localização era necessário mais tempo e recurso para se chegar a ele.

Mesmo com todas essas opressões, os terreiros, segundo Oliveira (2001), tiveram seu protagonismo no processo de territorialização negra das cidades, reafirmando identidades culturais diferentes, aglutinando populações excluídas e assumindo o papel do poder público na educação, saúde, alimentação e até mesmo moradia a essas populações. Os terreiros passaram a desempenhar papel fundamental na preservação da cultura afro-brasileira e a forma como seu espaço é disposto remete aos traços de diversos povos e culturas, derrubando o estereótipo de que todos os povos africanos são culturalmente homogêneos.

2.1 RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS

A colonização do Brasil, através dos séculos, teve seus espaços centrais baseados majoritariamente em arquiteturas e urbanização inspirados na cultura europeia. Entretanto, as populações negras (escravizados, libertos e livres) criaram espaços para preservar costumes, técnicas construtivas e filosofias ancestrais. Ainda assim, ressalta-se um desequilíbrio entre a influência das técnicas europeias,



muito mais valorizadas socioculturalmente, e a influência das técnicas africanas. Neste sentido, o país contrai uma dívida com aqueles/as que realmente construíram e constroem com seu trabalho os edifícios e as cidades.

Conforme Sales (2014), os processos de urbanização [...] não se conciliam com a organização dos “espaços negros”, que se estruturam tanto pela forma como pela condição subalternizada a que a população negra foi submetida ao longo de séculos. Ademais, tradicionalmente, as teorias urbanísticas e as metodologias de estudo sobre o espaço urbano não levam em conta as características étnico-raciais das populações afrodescendentes e as especificidades geradas pelo seu histórico e por sua cultura, criadores de espaço urbano, desconsiderando a questão da integração dos territórios negros nas cidades.

Diante destes fatos, é notório que precisamos de um olhar decolonial para os espaços, a fim de podermos construir justiça social e epistêmica para com a população negra (pretos e pardos), que hoje em dia é a maioria da população. Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019), 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas.

Em 2017, o Seminário Salvador e Suas Cores, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, deu ênfase ao debate sobre o legado dos povos africanos na construção da identidade de diversas cidades e espaços urbanos no Brasil. A relação da Arquitetura e o Urbanismo com as questões étnico-raciais foi pautada durante o evento, no qual o professor Henrique Cunha da Universidade Federal do Ceará e membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, destacou o significado das arquiteturas afro-brasileiras como os terreiros, quilombos, associações e outras, sinalizando a importância de se pensar as formas de ocupação dos territórios negros nas cidades.



Nesse sentido, um passo fundamental para difundir a diversidade e importância desses espaços religiosos é a aproximação da população por meio da conscientização crítica e política, para a desconstrução de preconceitos e para o reconhecimento. Precisamos incorporar em nosso cotidiano e na formação de arquitetos/as e urbanistas um olhar decolonial para os espaços urbanos; e lutar pela implementação de ações afirmativas para revitalização de espaços públicos com uma visão afro-brasileira, integrando a diversidade nas cidades através de um olhar intercultural crítico (Candau, 2013).

Nas últimas décadas, após o período de abertura política e democratização do Estado, têm sido significativas as conquistas dos movimentos sociais negros na busca por reparação histórica. No campo da Educação, por exemplo, as Leis 10.639/03 e a Lei 11.645/08 são exemplos significativos dessas conquistas. A luta continua para que tais leis sejam postas em prática. Essas conquistas convergiram para as propostas e ações no plano das políticas públicas de ações afirmativas que se têm tornado importante elemento de visibilidade e enfrentamento do racismo (SALES, 2014). No entanto, uma agenda de políticas afirmativas que verse, também, sobre a justiça espacial se faz necessária.

2.2 TOMBAMENTO DOS TERREIROS

Visando preservar a existência dos terreiros e das práticas religiosas de matriz africana, a política de tombamento é um recurso essencial para o combate ao descaso e ao preconceito racial, e incentiva não somente o reconhecimento da cultura africana, mas também a formação da nossa identidade nacional.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável pela preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial do país, tem buscado fortalecer a sensação de pertencimento dos terreiros ao ambiente urbano, delimitando sua área a fim de protegê-los da constante expansão urbana.



Segundo a presidenta do IPHAN, Jurema Machado, “o terreiro tem uma particularidade: apresenta com clareza a distribuição das funções rituais no terreno natural, coisa que os terreiros urbanos perderam muito”, e complementa: “Os terreiros em geral têm imenso valor, mas foram sendo apertados pelas construções e perderam espaço”. Esse processo se torna bastante complexo, tendo em vista que em Salvador, por exemplo, apenas 8 terreiros receberam esse benefício, no entanto a capital baiana abriga mais de mil sedes em funcionamento (Viana, 2014).

Dentre esses oito terreiros, vale destacar o terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, tombado pelo Iphan em 2000 e inscrito nos livros do Tombo Histórico e do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Sua fundação ocorreu em 1910 pela Yalorixá Mãe Aninha, Eugênia Anna dos Santos, que teve papel fundamental na liberação do exercício do candomblé no Brasil.

Em homenagem à Mãe Aninha, foi erguida em 1978 uma escola em seu nome para que os que contemplassem sua fé pudessem se formar. O modelo de educação em que a população negra é valorizada é o foco dessa escola da rede municipal de Salvador, que busca elevar a autoestima de estudantes, corroborando o sentimento de pertencimento identitário e o entendimento de suas origens. Municipalizada em 1998, a escola virou realidade na gestão de Mãe Stella, orientadora do Ilê Axé, que utilizou de sua sabedoria para instruir filhos e filhas de santo e ensinar o iorubá (dialeto africano). Este espaço educacional tem como foco salientar a importância de respeitar as origens do próximo e ensinar através da cultura afro-brasileira.

Nota-se que é a partir do tombamento que espaços permanecem em funcionamento e encampam a luta antirracista. Com o tombamento, além de garantir a integridade física do imóvel, garante-se o terreno, o chão, evitando que seja alvo de disputas com vizinhos, que seja invadido pelo mercado imobiliário ou ocupado por agentes externos à comunidade do terreiro, dentre outros ataques que os territórios negros do Brasil costumam sofrer.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, defende-se que ações públicas como políticas afirmativas são necessárias para o combate à desigualdade que afeta povos negros no Brasil. A difusão de conhecimentos afrocêntricos contribui para construirmos a justiça epistêmica. As políticas afirmativas, por sua vez, são fundamentais para enfrentar problemas socioculturais associados à modernidade/colonialidade e ao capitalismo neoliberal, como o preconceito e a discriminação aos espaços dos terreiros.

No entanto, tais ações afirmativas exigem a redefinição de valores, de políticas culturais e da cultura política. Nesse sentido, dando continuidade à luta dos movimentos sociais pela conquista de espaços nas esferas políticas e jurídicas da sociedade brasileira nos processos de modernização e democratização do Estado e da própria sociedade,

Noções como direito, igualdade, democracia, cidadania, liberdade, consagradas pelo projeto filosófico da modernidade, não são negadas, mas ressignificadas em um pensamento político que visa ampliar e radicalizar aquele projeto de modernidade, contra universalismos excludentes, mas, também, contra particularismos fundamentalistas, contra racionalismos totalitários ou irracionalismos relativistas (SALES, 2014, p. 33).

Na esteira de Sales (2014), constata-se que a luta social é uma micropolítica imprescindível para que conquistas sejam alcançadas, principalmente para os povos segregados pelo racismo estrutural. Fratura-se, assim, a supremacia branca gerenciada pelo Norte Global ao longo da história moderna/colonial.

Os terreiros assemelham-se a livros com inúmeras páginas recheadas de ancestralidades, que se tornam resistentes por todo seu valor cultural e histórico, fruto dos saberes ancestrais



afro-brasileiros que são transmitidos entre as gerações de pessoas oprimidas, que se apoiam nesses espaços como ambiente de aprendizado e acolhimento.

Nessa conjuntura, e diante do que já está sendo proposto como ação afirmativa aos desafios relacionados às religiões de matriz africana e comunidades de terreiro, tem-se as propostas de proteção e regularização fundiária desses espaços sagrados, as quais potencializam a participação das comunidades de terreiros no cenário político e social do país, combatem a intolerância religiosa e favorecem o desenvolvimento de políticas públicas que ampliem a sua permanência e sustentabilidade territorial.

REFERÊNCIAS

BACELAR, J. Mãe Stella e a educação. **Política Livre**. Disponível em: <https://politicalivre.com.br/artigos/mae-stella-educacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 11 ago. 2022.

CANDAU, V. Educação intercultural crítica: construindo caminhos. *In*: WALSH, C (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

COR OU RAÇA, Conheça o Brasil: População. IBGE Educa, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 30 jul. 2022.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução de Fernanda Miguens. vol. 31, n.1, 2016, p. 25-49.

MUNIZ, S. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Imago Ed.: Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

OLIVEIRA, A. L. A. A cidade e o terreiro: Proteção urbanística aos terreiros de candomblé na Bahia pós-estatuto da cidade. **Anais do Seminário Urbanismo na Bahia**. Salvador: FAUFBA, 2001.

SALES, R. L. **O terreiro e a cidade**: ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa. Est. Soc. 2014, vol. 2, n. 20.

SANTANA, G. **O legado africano na construção das cidades brasileiras**. EDGAR DIGITAL. Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/?p=5736>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SILVA, V. G. da. O terreiro e a cidade nas etnografias afro-brasileiras. **Revista de Antropologia**, 1993, 36, 33-79. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1993.111383>. Acesso em: 30 jul. 2022.

VIANA, R. Tombamento de terreiros protege práticas religiosas. **IPEA: Desafios do Desenvolvimento**, 2014. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/?p=5736>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ADOLESCÊNCIA PROGRAMADA

Gustavo Escobar Freire

A nostalgia é um sentimento destrutivo que distorce algumas memórias, tornando o nosso presente melancólico. A nostalgia se resume em melancolia. Quando me vejo na necessidade de buscar visualizar um passado não tão distante como aparenta ser, mas o suficiente para ficar vago em minhas memórias, ainda me lembro dos dias quentes e secos, os quais me dedicava a observar o mundo a partir de documentários e, assim, entender um pouco mais sobre como o universo funciona.

Sempre tive um fascínio pelo desconhecido, essa imensidão. E o que seriam minhas memórias comparadas às memórias do universo? Esse é o ponto chave, o quão carregado de memórias pode ser a nossa infância mesmo sendo tão curta. É na nostalgia que a prolongamos. Lembro-me dos dias úmidos, perfeitos para pedalar com os amigos, peladas no campinho molhado e muita sujeira,

o terror de toda roupa branca. A essência de todo garoto travesso é chegar em casa carregado de marcas de pura diversão. Lembro-me das festanças em família, da alegria que pairava por todo o lar. Enfim, lembro-me dos melhores momentos que vivi.

Como poderia considerar ter vivido meus melhores momentos quando me pego escutando músicas de 10, 20 ou até 30 anos atrás, antes de ter nascido e de me sentir representado? Esse sentimento surge quase sempre na transição entre a infância e a vida adulta, a armadilha da adolescência, quando não somos adultos e nem somos crianças, não temos a vivacidade de uma criança e muito menos a liberdade de um adulto. Buscamos apenas alcançar a idade para sermos considerados independentes. Somos um mix de sentimentos, uma confusão ambulante no pior momento para tomarmos as decisões mais importantes das nossas vidas.

Assim como um equipamento eletrônico vem programado para interromper seu funcionamento (obsolescência programada), a nossa vida tem um prazo. Diante disso, me dediquei a aprender o máximo possível. Aproveitei minha aptidão para a área de informática e fiz cursos na área de design digital. Um pouco confuso sobre o que seguir, utilizei a área como um gancho para me redescobrir e escolher o caminho a trilhar. A partir disso, surgiu a arquitetura na minha vida, a criatividade e todo o jogo de formas e materiais que transmitem os sentimentos do seu criador. Resumo minha escolha com a frase de Sol LeWitt *“Você não deve ser um prisioneiro das suas próprias ideias”*.

Durante a construção de um dos meus projetos, conheci uma empresa que misturava a arquitetura com o design, a verdadeira maneira de como construir as minhas ideias, uma nova leitura de mundo, uma nova forma de apreciar o ambiente ao meu redor, como disse Oscar Niemeyer (1993, p. 9): *“De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte [...]”*.



Afinal, o design se relaciona diretamente com a arte, não em sua pura essência, mas como parte desse todo que pode ser compreendido como arte. Por meio da arquitetura, imagino um quadro tridimensional onde posso expor as minhas ideias.

REFERÊNCIAS

LAGE, E. 13 frases inspiradoras sobre o minimalismo. **INSPI**, 2017. Disponível em: <https://inspi.com.br/2017/04/13-citacoes-inspiradoras-sobre-o-minimalismo/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

NIEMEYER, O. **Conversa de Arquiteto**. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

MEMORIAL DE LEITURA: TRAVESSURAS ENCARNADAS NA MINHA FORMAÇÃO DA “PALAVRAMUNDO”

Ivan Medrado Faria

“Oh! Que saudades que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores, naquelas tardes fagueiras à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais!”. Esse trecho do poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, remete-me às mais distantes recordações na minha formação como ser humano que sou hoje.

Ao fechar meus olhos neste momento, tudo vem a minha mente, doces travessuras de uma infância bem vivida, nem santo nem “capeta” demais, mas um menino muito levado, com um coração grande e aberto para tudo e para todos.





Ao desbravar estas recordações, trago a mais remota delas, onde ainda me vejo com meu cachorro “Tupã”, correndo pelo quintal de minha casa, com paredes somente no reboco e sem pintura, no bairro de Jaraguá-SP. Fazíamos altas estripulias e, de vez em quando, ouvia minha mãe gritar: “se quebrar mais alguma coisa, vai levar uma surra, seu menino atentado”. Já minha avó de estimação “Dona Helena”, uma preta forte e de coração enorme, morava na casa ao lado e me guardava quando via que eu tinha aprontado algo e ia apanhar. Que o Senhor a tenha num bom lugar lá no céu. Ah! Uma outra memória que me vem da infância é o pé de jabuticaba, que ficava no quintal com seus caules repletos delas, as mais doces jabuticabas de todo o mundo, ainda tenho o gosto delas em minha boca. Começavam assim as primeiras sensações e movimentos na minha formação da “palavramundo”, com o universo a minha disposição.

Aos 4 anos de idade viemos para Bahia. A viagem de São Paulo para Barreiras foi uma grande aventura. Eu, meu pai, minha mãe e minha irmã recém-nascida, dentro de um fusquinha cor de vinho que meu pai tinha comprado há pouco tempo, além de um monte de utensílios domésticos que vieram juntos... Que loucura! A estrada de Brasília para Barreiras ainda era toda de chão. Em certa parte dessa viagem, lembro-me perfeitamente ao cairmos em um grande buraco e um monte de panelas e outros utensílios caíram em cima de mim, o fusquinha virou uma bagunça por dentro e só saímos do buraco muito tempo depois, ao passar um caminhão “pau de arara”, com um monte de gente na carroceria. Todos desceram para ajudar a tirar o fusca daquela situação.

Agora me encontrava diante de um novo mundo: Barreiras, cidade ainda desconhecida para a maioria dos brasileiros, tornava-se agora para mim um paraíso, casa nova (nova no modo de dizer, era daquelas antigas onde, quando chovia, caíam mais gotas dentro do que fora). Para mim, tudo era uma nova realidade, uma visão de mundo sendo encarnada através de histórias e impressões.

Me adaptei rápido aos novos costumes e principalmente à liberdade que uma cidade de interior e com pouquíssimos carros proporciona a uma criança. Agora sim, tudo era uma aventura! Só doía a saudade imensa do Tupã, que ficou em São Paulo com minha avó Helena, mas compensada com o nascimento de mais uma irmãzinha, exatamente um ano depois do nascimento da primeira.

As aventuras começaram logo. Tudo girava em torno do Rio Grande, que ainda tinha suas águas transparentes e limpas, usadas para beber, lavar roupas, tomar banho etc. Aprendi a nadar logo. Com seis anos, já estava atravessando aquele rio majestoso e isso me fazia a criança mais feliz do mundo. Todos os dias eu estava ali na beira do rio, ora pescando, ora brincando, ora “roubando” goiaba no quintal de algumas casas que o margeavam. De vez em quando, não escapava de meu pai que ia me procurar e levar-me para casa à base de chineladas e puxões de orelha. E quem disse que isso dava jeito?... No dia seguinte, eu estava lá novamente aprontando todas na beira do rio.

Chegou o tempo de ir à escola, algo que me trouxe para mais uma nova visão de mundo, as letras e palavras logo entraram em meus sonhos e pensamentos. Mesmo sendo um menino muito levado, aprendi a ler com muita facilidade, de forma que estava sempre entre os primeiros da classe. Talvez isso me mantivesse longe de levar muitas outras surras. Ah! E como eu apanhava do tão temido “cinto preto” do meu pai, marcas que nunca me fizeram deixar de amá-lo e sim a ter saudades de sempre fugir daquelas chibatadas tão merecidas.

Como coisas tão pequenas ficaram marcadas para sempre no meu inconsciente? Vejo cada detalhe como se fosse hoje. Sinto o cheiro, o vento, o calor e, principalmente, a chuva através dos banhos nas bicas das casas e da loja do meu pai. Todas essas emoções, sentidos e sensações estavam trilhando meus caminhos na construção de minha personalidade.





Família maravilhosa é a minha, não que as outras sejam diferentes, mas ter 24 tios por parte de pai e mãe é um privilégio. Estar sempre na casa de um deles e aprontar junto com os primos e as primas eram os melhores momentos. Brincar de roda (atirei o pau no gato, ciranda cirandinha, teresinha de Jesus...), brincar de pega ladrão, de bandeirinha, garrafão, pique esconde, salada mista, etc. (Ah! Que delícia!), nunca faltavam primos e primas para tudo isso. Minha avó “Dona Dida”, a melhor avó do mundo, agradava sempre a todos, pensava primeiro nos outros e depois nela, estava sempre a ajudar alguém. Até há pouco tempo estava entre nós – te amo para todo sempre minha avó querida. Minha mãe, não tenho palavras para dizer, é tudo no superlativo, a mais guerreiras de todas as mulheres que já conheci.

Diante de tudo isso, às vezes imagino como todos poderiam colaborar para a construção de um mundo melhor através de uma leitura mais profunda de suas experiências, aplicando essas vivências de forma positiva na sua reconstrução pessoal e restabelecendo assim uma melhoria para as suas relações interpessoais. Todos esses movimentos práticos e relações sociais desencadearam na minha decisão pelo ingresso no curso de Arquitetura e Urbanismo, que me dará, sem dúvida, a oportunidade de transformar o meio a minha volta. Para finalizar, exteriorizo um pensamento de Paulo Freire (1983, p. 30): “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e as suas circunstâncias”.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. (1859). **Meus oito anos**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/textos-escolhidos>. Acesso em: 29 abr. 2022.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

UM OLHAR SOBRE OS MOMENTOS QUE NOS FORMAM

Michelle Petronilia de Oliveira Carvalho

A caminhada ao longo da vida me proporcionou a busca pela completude além da razão familiar e escolar, apesar de reconhecer o quão inacabados somos. No princípio, a consciência se desligava da figura materna e o meu processo de aprendizagem conseguia, no primeiro momento, explicar o mundo o qual me cercava à minha maneira, mesmo com fatos vivenciais em desacordo com as minhas expectativas.

O desejo pela arquitetura, acredito, já crescia em mim desde a infância. Os trajetos à escola consistiam em momentos de contemplação das construções existentes ali. A miscigenação de culturas ocupava nossa cidade e atraía-me a curiosidade para além das portas abertas e fechadas, para os detalhes de ornamentação, as fachadas e um pouco para a vida das pessoas que ali viviam. Esse relativismo cultural, na forma como cada um se expressava, me acompanhava nas caminhadas e me enchia de alternativas arquitetônicas distintas.

Em um desses trajetos em particular, recordo-me bem de duas edificações chamarem mais minha atenção. Eram duas casas inacabadas, sem cores, incompletas, de certa forma abandonadas, mas possuíam uma beleza singular, como telas em branco. Talvez as mesmas chamavam mais a atenção por eu mesma viver em uma casa inacabada, também uma tela em branco. Naquelas casas, eu conseguia visualizar possibilidades. Ao colocar minha imaginação sobre aquelas edificações, era possível experimentar um sentimento maravilhoso.

Muitos anos depois, uma delas foi reformada, habitada e totalmente alterada. Com o mesmo sentimento ao ver uma adaptação cinematográfica – não digo ruim, mas diferente - de um livro muito



querido, minha decepção com o resultado final foi grande, pois em nada aquela casa se conectou aos meus vislumbres iniciais.

Lembro-me, também, dos encontros familiares, quando tinha por volta dos 16-17 anos. Meus primos e eu gostávamos de falar sobre nossas pretensões profissionais. Ao citar a arquitetura como uma opção, os comentários que surgiam ficavam bem marcados em minha mente: "o arquiteto é um engenheiro civil frustrado". Havia comentários que se voltavam apenas para o lado financeiro da escolha profissional, em razão da forma como os mais velhos mensuravam o sucesso. Eram outros tempos e assim fomos nos formando, seja direta ou indiretamente. Meus pais, felizmente, não colocavam essa cobrança sobre mim, no entanto ressaltavam a importância do curso superior para "ser alguém na vida".

Com todas as dúvidas do futuro, me vi sem muitas escolhas, entretanto certa de que as áreas mais comuns à época (relacionadas ao campo do direito e da saúde) não eram ideais para mim. Assim, a Engenharia Agrônômica pareceu o caminho mais lógico, porém em nada "penoso", mesmo sendo uma escolha levada pela razão.

Quando "desempenhei" as atribuições como Engenheira Agrônoma, o caminho seguido não foi o idealizado. Por um lado, tive sucesso no ambiente de trabalho ao qual estava inserida, contudo os pontos positivos não anulavam a frustração de me deparar com um mercado de trabalho sexista, numa área de pouca atuação prática feminina, em que não é dada à mulher as mesmas oportunidades e credibilidade dadas aos homens; em que ser mulher – especialmente mãe e esposa – era fator limitador para o crescimento profissional.

Seria possível continuar nessa mesma posição profissional, sem perspectivas de crescimento, certa quanto às limitações do caminho a ser trilhado, percebendo que realização profissional seria algo cada vez mais distante (quase inalcançável). Contudo, como Paulo Freire (1987) disse, "É por meio da nossa capacidade de nos percebermos como seres incompletos que nos lançamos ao processo contínuo de busca".



Em 2020, em meio à pandemia da COVID-19 e toda a incerteza infligida por ela, percebi cada vez mais como o tempo é breve, passa rápido e por isso não devemos nos prender à insatisfação, apenas por falta de coragem. Coragem! Esta foi a palavra que mais escutei após tomar a decisão de sair da “zona de conforto” e ir atrás de algo, com o objetivo de me realizar profissionalmente. “Quanta coragem você tem!”

Então, hoje aqui estou, começando a trilhar o caminho num anseio antigo, por perceber a brevidade do tempo, por me atentar ao lugar do dinheiro em nossa vida (fator necessário, mas não principal), por entender o sucesso profissional como sendo algo pessoal e relacionado a diversos fatores, em especial – para mim – à satisfação no trabalho realizado e que devemos “ouvir” nosso interior, não podendo ignorar nossa vontade (ou ficar com medo de enfrentá-la).

Talvez se tivesse seguido outro rumo, em outra área de atuação da agronomia, essa busca pela satisfação profissional e esse resgate pela arquitetura não teria acontecido. Todas as experiências vividas, boas e ruins, são essenciais para formamos a “pessoa” que somos. Este ser é inacabado e vive constantemente em construção e transformação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 20.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



REFLEXÕES DE UM GAROTO TÍMIDO

Vinicius Cruz dos Reis

Tentar me lembrar das minhas primeiras memórias em relação a minha leitura de mundo é tarefa árdua, já que não possuo uma memória muito boa. Aparecem em minha mente os relatos que minha mãe fazia quando tinha pouca idade. Eu me interessava mais por livros do que por alguns brinquedos. Por ter problemas respiratórios, não podia brincar da maioria dos jogos de rua, por isso fui incentivado por minha mãe a continuar com meu apreço por livros. Nas falas dela, um ditado popular sempre era mencionado: “mente vazia é oficina do diabo”, tanto que levo esse aviso até hoje, seja para vida acadêmica seja para o campo profissional.

Recordo-me das histórias em quadrinhos antigas de faroeste que um primo me emprestava. No começo, não estava habituado com quadrinhos em preto e branco. Junto com minha pouca experiência vinha uma ansiedade para terminar um volume para começar o próximo. Lembro-me, também, que uma de minhas leituras preferidas era da revista *Aventuras da História*. Nela havia várias temáticas desde a vida de Galileu até como funcionava a sociedade asteca. Isso foi despertando em mim o desejo de saber como o mundo funcionava. Gostava de assistir programas como *Espaçonave Terra*, que falava sobre a movimentação da Terra durante o ano. Era incrível a sensação de estar aprendendo algo novo e de mostrar o que tinha aprendido também.

Com o passar dos anos, minha empolgação foi dando lugar a minha timidez. Mais recluso no meu mundo, pude entender que cada um tem suas vivências e sua forma de interpretar o mundo, como diz Paulo Freire (1989). Busquei e busco até hoje não me amarrar a um único tipo de raciocínio, principalmente agora que ingressei no curso de Arquitetura e Urbanismo.



Mesmo tendo escolhido seguir essa profissão, este caminho só me apareceu apenas quando fiz o curso técnico em edificações. Durante o curso, sempre fui me sentindo mais à vontade com a área de projetos. Nessa época, minha velha curiosidade retornava a partir do que sempre me perguntava: como eu teria projetado a maioria das construções ao meu redor, mesmo que a habilidade de desenhar de maneira mais criativa nunca fosse meu forte?

Estando agora a vivenciar esse campo de conhecimento, a construção do pensamento crítico é necessária, já que por meio dele pode haver um melhor discernimento das questões socio-culturais na elaboração de meus próprios projetos como futuro Arquiteto e Urbanista.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23.ed. São Paulo, Cortez 1989.

ESPAÇONAVE TERRA (*Tous Sur Orbite*). Direção de Nicolas Gessner. 1996. **P&B**. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/espaconave-terra-52-programas/>. Acesso em: 01 mai. 2022.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. [S.l.]. **Editora Caras**, 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>. Acesso em: 01 mai. 2022.

4

*Bruna Queiroz da Silva
Delânia Santos Azevedo*

A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA ARQUITETURA E URBANISMO

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99345.4

A photograph of a single yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in sharp focus, while the background is blurred. The stem is thin and green, with a few leaves. The overall scene is lit with warm, golden light, suggesting a sunrise or sunset.

Atualmente, existem pautas relacionadas à equidade de gênero e raça dentro dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil, poucas, mas de grande importância. O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), no ano de 2020, realizou uma pesquisa online considerando o gênero e a etnia na profissão. O resultado mostrou que mulheres brancas, seguidas de homens brancos, são o grupo majoritário. O diagnóstico do CAU/BR mostra que a maior diferença salarial se encontra entre homens brancos e mulheres negras. O rendimento de mulheres negras é baixo, associado a dificuldade de acesso à área de trabalho, a qual ainda é muito ligada a esquemas de indicações. Segundo Rodrigues (2021), a pesquisa do CAU/BR revela que 4,33% dos/as arquitetos/as e urbanistas se autodeclararam negros/as, enquanto 78,14% são brancos/as. O levantamento também aponta que são as arquitetas negras que sofrem 16 vezes mais assédio sexual, no ambiente de trabalho.

Esses dados alarmantes mostram que as arquitetas negras enfrentam condições menos satisfatórias na atuação profissional. Para além disso, existe a invisibilidade no ramo, suprimida nos dados de atuação profissional e silenciada na historiografia. De acordo com Matos (2021), é preciso colocar que as desigualdades no campo de atuação da arquitetura e urbanismo, vivenciadas por mulheres negras, não definem a potencialidade do seu profissionalismo. Diante disso, numa sociedade sexista e racista, é essencial fazer uma análise crítica das situações históricas e valorizar o legado das mulheres negras, pois, parafraseando Lélia Gonzalez, são elas que carregam os sinais da exploração econômica e da subordinação racial e sexual, portanto, trazem a marca da libertação de todos e todas.

Conforme Pinheiro (2022), o modo como o saber é construído e valorizado tem impacto na formação e no campo de atuação de arquitetas e urbanistas, e afeta na maneira como são reconhecidas, capacitadas e inseridas no mercado de trabalho. Seguindo a ideia de Collins (2016), a criação de estereótipos é um agente controlador que, através dos meios de comunicação, dissemina um discurso a fim de

manter o status de 'sujeição', fazendo com que a mulher negra não se enxergue em outras posições sociais que não sejam as de subinclusão.

Por isso, muitas vezes, sente-se desestimulada a estudar e a competir por vagas em posições de destaque, porque internaliza esses estereótipos acerca de seu desempenho. No entanto, "onde há opressão, também há resistência" (Kilomba, 2008). Inúmeros projetos têm surgido com o intuito dar visibilidade às mulheres negras dentro desse campo profissional.

O projeto *Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo*, que faz parte do grupo de pesquisa Lugar Comum do PPGAU-FAUFBA⁷, é um site que serve para dar visibilidade para arquitetas e suas diversas produções, uma vez que essas criações não são necessariamente de epistemologias negras, no entanto, tem a finalidade de ser uma referência de pesquisa para estudantes da área. Além disso, é um espaço para divulgação e acesso público aos mapeamentos e ações produzidos pelo grupo. O objetivo é construir um banco de dados com profissionais de diferentes locais de formação e atuação.

Outro projeto que vale a pena citar é a iniciativa *Arquitetas negras* que, a partir de financiamento, construiu uma plataforma de pesquisa e contratação de serviços de arquitetura no Brasil, sob a coordenação da arquiteta Gabriela de Matos, com primeira edição da revista publicada em 2019. O intuito é que seja uma ferramenta para traçar ações que venham minimizar a discriminação racial e de gênero na arquitetura. O coletivo destaca a diversidade, para combater estereótipos – não são todas iguais. A arquiteta responsável – figura de representatividade negra, Gabriela de Matos, foi premiada juntamente com Paulo Tavares, com o Leão de Ouro de Melhor Participação Nacional, na 18ª Bienal de Arquitetura de Veneza/2023, pois criaram uma exposição de pesquisa e intervenção arquitetônica que foca na população indígena e negra na procura de modos de construir diversos que podem ser mais sustentáveis.

7

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia



Embora grande parte das arquitetas negras tenha entendimento das realidades da periferia de diversas cidades do Brasil, a área de atuação predominante está voltada para o atendimento das elites. De fato, a arquitetura é uma prática que envolve quantidade significativa de recursos público ou privado, que não traz muitas alternativas de estabelecimento que não seja através do atendimento ao público com maior condição financeira. Por isso, analisando a estrutura social, nota-se que uma pequena parcela de pessoas negras tem condições de se firmar no mercado da construção civil e da arquitetura e urbanismo como proprietários ou sócios majoritários, visto que a cartela de clientes iniciais (em geral formada por familiares e amigos) provavelmente não terá alto poder aquisitivo, dada a realidade sócio-racial brasileira.

Além desse cenário, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apontam que, na graduação, em quatro estados do país, o curso de arquitetura e urbanismo possui o menor índice de inclusão racial, se comparado aos cursos de direito, medicina e psicologia. No debate sobre *Os desafios das arquitetas e arquitetos negros* apresentado pelo CAU/SP⁸ em janeiro de 2023, Lucas Chiconi Balteiro - o diretor de ação regional do IAB/SP⁹, disse que a arquitetura é branca e a ausência de negros na sala de aula e nos escritórios é um drama comum, uma vez que os esforços de grandes empresas para implementarem políticas de diversidade são baixíssimos.

Portanto, as entidades profissionais da arquitetura e urbanismo como, por exemplo, CAU, IAB, ABAP¹⁰, ASBEA¹¹, ABEA¹², junto com o poder público, precisam prever ações afirmativas que contribuam com a jornada das mulheres negras, para ingressar nos cursos, permanecer nos estudos e se consolidar como arquitetas e

- 8 Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo
- 9 Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo
- 10 Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas
- 11 Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo
- 12 Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura

urbanistas, seja através de subsídios, redução de impostos, bolsas de estudos, ou vagas de destaque através de sistemas de cotas. É de extrema importância ter profissionais sensíveis à questão racial brasileira, que questionem a formação e a educação na arquitetura e no urbanismo, que abram suas empresas e priorizem a contratação de pessoas negras periféricas, que sejam resistência e busquem a diversidade étnica também neste campo profissional.

Para as mulheres negras que já estão trilhando os caminhos da arquitetura e urbanismo, e porventura estejam se deparando com os percalços do racismo e machismo, lembrem que já existem alguns olhares atentos à realidade enfrentada, mas a representatividade é baixa. Portanto, é preciso estar no lugar que quiser, abrir portas para as outras e ser mais uma referência, acreditando num futuro onde a igualdade de oportunidades seja realidade nesta profissão.

REFERÊNCIAS

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: Significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n.1. jan/abr, 2016, p. 99-127.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de J. Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATOS, G. Uma reflexão sobre as arquitetas negras brasileiras. **Archtrends Portobello**. Mai. 2021. Disponível em: <https://blog.archtrends.com/projeto-arquitetas-negras/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PINHEIRO, I. Rostos negros na arquitetura e urbanismo no Brasil. **Revista da ABPN**, v. 14, n. 39, Mai. 2022, p. 576-587.

RODRIGUES, J. Apenas 4,33% dos arquitetos e urbanistas são negros, aponta Conselho. **Notícia Preta**. Mai. 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/apenas-433-dos-arquitetos-e-urbanistas-sao-negros-aponta-conselho/>. Acesso em 01 jul. 2023.

MEMORIAL DE LEITURA: ARQUITETURA E REPRESENTATIVIDADE

Bruna Queiroz da Silva

Me chamo Bruna Queiroz da Silva, sou uma jovem mulher negra, imersa no universo desafiador da Arquitetura e do Urbanismo. Em cada linha desenhada, procuro representatividade, sendo essa a firmeza que acredito ser necessária para me impor em meio a uma sociedade que silencia vozes como a minha e de muitas outras mulheres. Entendo que meu percurso é mais do que projetar construções, é erguer pilares de mudanças em um campo ainda marcado pela ausência de diversidade. A minha presença não é apenas um ato de ocupação, mas uma declaração audaz de que os espaços devem ser partilhados por todos.

Para exemplificar essa falta de representatividade, trago um relato da minha trajetória que exemplifica isso. Estive em um evento formal, com grande requinte, em que todas as pessoas arquitetas e urbanistas eram pessoas brancas, para além disso, no meio dos/as convidados/as, contando comigo, eram apenas quatro pessoas negras dentro do recinto. Essa situação também é escancarada dentro da história da arquitetura.

Durante meus estudos na graduação em Arquitetura e Urbanismo, percebi que os nomes que permeiam grandes obras refletem uma única face: a branca. Esses ícones da arquitetura, reverenciados nos livros, recebem uma notoriedade que deixa escondida as contribuições significativas de profissionais negros que juntamente moldaram os espaços, onde suas narrativas são muitas vezes relegadas ao anonimato ou esquecidas nas margens da história. Somente recentemente, eu soube que o primeiro arquiteto que se tem registro de projeto e obra é africano, o renomado egípcio Imhotep. Falamos muito pouco sobre esse legado.



Diante desses fatos apresentados, tenho dificuldade em encontrar reflexo de minha identidade e raízes negras nas áreas do conhecimento que guiam a minha atuação profissional, e isso é mais do que uma ausência de referências, é a sensação de solidão e de não pertencimento em um ambiente que deveria ser de inspiração e crescimento.

Nessa interseção da vida acadêmica com a pessoal, me questionei muitas vezes, sem perceber, sobre minha capacidade, mas compreendi que isso é apenas reflexo da falta de representatividade, dos olhares desconfiados, dos comentários atravessados e de outras situações, onde minha competência foi questionada pelo simples fato de ser uma mulher negra. Além disso, ter uma realidade marcada com noticiários, em diversos veículos midiáticos, sobre atos de racismo e de violência contra mulher, gera um lembrete constante de que o meu gênero e a cor da minha pele são uma sentença nessa sociedade sexista e racista. São vítimas, que poderiam ser eu, com vidas interrompidas pelo peso do racismo e do patriarcado.

Quanto mais estudamos o racismo e o sexismo, mais observamos que são frutos da prática colonial, da necessidade de prosperar subjugando, excluindo vozes e corpos não hegemônicos. A colonialidade no Brasil tem seus artifícios para moldar as mentes, determinando quem pode e quem não pode estar nos lugares.

Dessa forma, escrever, divulgar e dar ênfase à importância da representatividade da mulher negra, é uma maneira de persistir na luta pela abertura de espaços para promover oportunidade, desfazer os padrões estabelecidos, que limitam a visibilidade e o alcance de nós mulheres negras no campo da arquitetura. É um agir decolonial possível para mim como graduanda. Compreendo, através das leituras freireanas, que a palavra pode ser uma expressão da linguagem que nos constitui como pessoas ativas na sociedade. Eu busco articular conhecimentos e saberes cotidianos com a aprendizagem da leitura de textos e da interpretação de projetos arquitetônicos urbanos que a formação acadêmica tem me proporcionado.



Os conteúdos das disciplinas, a atuação das/dos docentes, e as pesquisas por referências arquitetônicas/urbanísticas negras têm contribuído para que eu possa me perceber neste mundo atual. Sigo na busca. Quero encontrar meu lugar profissional e estar em uma das estatísticas de reconhecimento. Minha jornada é mais do que galgar um diploma, é um movimento para abrir portas para outras mulheres negras, buscando ocupar e protagonizar, para que encontrem espaço e voz onde havia marginalização e silêncio.

5

*Ana Beatriz Bonfim
Bruna Ribeiro Cordeiro
Larissa Nogueira dos Santos
Marina Ramos de Almeida
Rebeca Alves Pereira
Atauan Soares de Queiroz*

MULHERES NA ARQUITETURA:

A DESCONSTRUÇÃO
DE UM ESPAÇO SEXISTA

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade permeada por relações de poder e dominação masculina, quais/como são os espaços ocupados pelas mulheres no âmbito profissional e na construção do conhecimento arquitetônico e urbanístico? Como ocupar espaços num contexto em que discursos, documentos, leis e fontes teóricas, por exemplo, foram escritos por e para homens?

Platão, filósofo grego, afirmou em seu livro *A República* que a relação de homem para mulher é, por natureza, uma relação hierárquica de superioridade e inferioridade, respectivamente. Essa lógica binária e hierarquizante foi e continua sendo a base dos conhecimentos prestigiados pelas sociedades ocidentalizadas, profundamente patriarcais. Além disso, muitos desses conhecimentos partem de pressupostos biologizantes que desqualificam o sexo feminino e sustentam a ideia de que as funções reprodutivas e o trabalho do cuidado cabem exclusivamente à mulher.

Beauvoir (2008, p. 203) já dizia que “a representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta”. Isso se evidencia quando, nos livros de história, nas grandes premiações, na construção da ciência, obras e cargos importantes são ocupados por homens, sendo as mulheres, em sua maioria, excluídas e invisibilizadas em favor da masculinidade hegemônica.

Mesmo com alguns avanços já conquistados, sobretudo pelas lutas feministas, as marcas dessa ideologia sexista e patriarcal ainda persistem e se refletem principalmente no que tange à inserção feminina no mundo do trabalho. Com base nessa realidade, o objetivo deste ensaio é refletir criticamente sobre as relações desiguais de gênero na contemporaneidade, considerando o campo



da Arquitetura. Tais relações desiguais dificultam a ocupação das mulheres no âmbito profissional e fazem das práticas arquitetônicas, em específico, um espaço de reprodução da divisão sexual do trabalho do mundo moderno.

A partir de pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, baseada em referenciais teóricos feministas e decoloniais, tecemos algumas reflexões críticas acerca dessa formação social baseada na colonialidade, nas relações de poder, raça/etnia e classe e no sexismo, que criam barreiras sociais e institucionais e invisibilizam as mulheres.

Para isso, o presente trabalho, além desta introdução, apresenta duas seções e as considerações finais. A primeira seção faz um resgate histórico do processo de inserção das mulheres no mundo do trabalho, evidenciando os impasses que perduram e dificultam essa jornada. A segunda aborda a contraditória presença feminina no campo da Arquitetura e do Urbanismo, visto que as mulheres são a maioria, mas não têm o devido reconhecimento. Destacamos, ainda, as distintas formas de assédio enfrentadas por elas. Por fim, trazemos as considerações finais e a importância do ato de resistir para a desconstrução dos espaços hegemonicamente masculinos.

1. SEXISMO NAS PROFISSÕES

Após o advento do período industrial, surge a necessidade de dar à mulher algum nível de instrução, sem abandonar, porém, as atividades do cuidado. Nessa realidade, ainda não há o desejo de instruir, de maneira igualitária, mulheres e homens, nem de promover uma simetria dos papéis sociais de ambos os sexos (Saffiotti, 1979. p. 190).



Mesmo diante dessa revolução, época na qual houve diversas mudanças positivas em termos de desenvolvimento urbano, a sociedade patriarcal continuou sendo uma realidade. Com o passar dos anos, observou-se a acentuada divisão social das atividades trabalhistas e domésticas. Incorporou-se o trabalho da mulher nas fábricas e se separou o trabalho doméstico do remunerado, fora do lar. Nessas condições, deu-se a inserção desigual das mulheres no mercado trabalho.

A mulher passou a ter dupla jornada de trabalho, cabendo a ela cuidar da prole e das tarefas domésticas, sem remuneração, e ocupar postos no mercado de trabalho com salários, se comparado ao dos homens (Biroli, 2018). Com as lutas feministas pela democratização das relações de gênero e com o advento da Constituição Federal de 1988, no Brasil, houve uma relativa igualdade jurídica entre os sexos.

As relações desiguais de gênero persistiram e persistem até os dias atuais. Pensamentos preconceituosos e discriminações que se baseiam no sexismo perduram na contemporaneidade dentro do âmbito do trabalho, por exemplo. A igualdade jurídica fica quase sempre restrita ao papel. Tais acontecimentos corroboram com o surgimento de injustiças e abusos, como diferenças salariais para trabalhadores da mesma área, obstáculos para a ascensão profissional e assédio moral e sexual. Esses fatos arraigados no inconsciente coletivo e na cultura heteropatriarcal são manifestações do sexismo no ambiente do trabalho.

No que se refere à inserção e atuação feminina na profissão da arquitetura e do urbanismo, essa se deu de maneira ainda atrelada à vida doméstica, por ser vista como apropriada para o gênero. A escrita no ambiente domiciliar era viável por ser um espaço que dificultava a disputa entre arquitetos, que dominavam a área da construção, e arquitetas. No entanto, por serem responsáveis pelo lar e pelas atividades do cuidado, as mulheres sempre tiveram conhecimentos específicos acerca do ambiente, sendo capazes de contribuir na elaboração de residências funcionais (LIMA *apud* FONTES, 2016).



2. O PARADOXO DA PRESENÇA FEMININA NO MEIO ARQUITETÔNICO

Para a arquiteta Beatriz Colomina (2010), as mulheres são os fantasmas da arquitetura moderna, sempre presentes e cruciais, mas estranhamente invisíveis. Ao longo da história, a figura feminina sofreu exclusão ou ocupou papéis secundários no reconhecimento de trabalhos propostos no universo da construção civil. Nesse sentido, a arquitetura sustentou a hegemonia masculina, seu reconhecimento e prestígio social e profissional.

Um levantamento realizado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), em 2019, sobre a presença da mulher na arquitetura e no urbanismo, comprova esse paradoxo. Conforme os dados, entre os profissionais ativos e registrados dentro do conselho, cerca de 63% são arquitetas, o mesmo ocorre dentro das universidades, com 67% sendo alunas. No entanto, esses números se invertem quando se trata das premiações e representatividade, já que somente 15% dos prêmios nacionais de projeto foram concedidos a equipes lideradas por mulheres, assim como apenas 17% dos membros do conselho diretor federal não são homens.

A famosa escola de design e artes, a Bauhaus, fundada em 1919, propôs um sistema pedagógico idealizado como algo inovador e um lugar aberto a “qualquer pessoa de boa reputação, independentemente da idade ou do sexo” (Espegel, 2007, p. 82). Sendo assim, as alunas poderiam escolher livremente qualquer oficina ofertada dentro dos estatutos da Bauhaus. No entanto, a realidade era diferente. Carmen Espegel (2007) esclarece que a política interna da Bauhaus a respeito das relações tanto de professoras quanto de alunas, era bastante tradicional e convencional. Apesar de terem que pagar taxas mais altas, após o curso introdutório, eram encaminhadas para aulas de encadernação e poesia, tendo o acesso negado às aulas de arquitetura.



Em 2016, o Coletivo Feminista Zaha, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, colocou inúmeros cartazes pelo prédio de arquitetura para denunciar o machismo do corpo docente. Os cartazes continham frases que as alunas costumavam ouvir de seus professores e a hashtag #EsseÉMeuProfessor, evidenciando que, mesmo de maneiras diferentes, ainda há muitos obstáculos a serem enfrentados pelas discentes.

Realidade essa que não se finda no meio acadêmico, pelo contrário, se expande e se naturaliza em outras etapas da vida, tornando-se uma das principais barreiras no ingresso da atividade profissional, que, por muitas vezes, quando conquistada, está às sombras das figuras masculinas. Para a pesquisadora e arquiteta urbanista Marina Lima de Fontes, “é impressionante descobrir que praticamente todos os “grandes arquitetos” da história da arquitetura e do urbanismo tiveram esposas, sócias ou coautoras trabalhando ao seu lado e não tiveram a mesma aclamação”. O caso é notável quando nos referimos a uma das maiores premiações de arquitetura, o prêmio *Pritzker*, que excluiu os créditos de Denise Scott Brown, condecorando apenas seu marido, Robert Venturi, mesmo tendo em vista sua parceria firmada em 20 anos. O episódio se repetiu com Lu Wenyu e seu marido, Wang Shu, que expressou indignação com o ocorrido: “Sem mim, não há design. Sem ela, não é possível tornar-se realidade” (Lifson, 2012).

Somente após 24 anos de laureações associadas a arquitetos, Zaha Hadid foi a primeira arquiteta a levar o prêmio individualmente. Uma carreira de sucesso, porém regada por práticas de resistência, num âmbito em que afirmava ser o “clube dos rapazes”. Ela conta que, além das questões arquitetônicas, se sentia isolada nas formações de relacionamento do ramo. Apesar de todos os obstáculos, Zaha Hadid, Kazuyo Sejima e outros grandes nomes não retrocederam na sua jornada e se tornaram fonte de inspiração para aquelas que os enfrentam diariamente, com a aspiração de alcançar sua devida notoriedade, a fim de mostrar que as diferenças entre os gêneros são apenas biológicas e que cada individualidade é capaz de produzir e ser reconhecida por seus méritos.



Segundo Berth e Moassab (2020), em pleno século XXI, as práticas e os discursos da arquitetura continuam operando em acordo com a colonialidade do saber e se baseiam em critérios hegemônicos de saber e de desenvolvimento. Além das relações desiguais de gênero, as autoras pontuam que é preciso refletir de forma crítica, a partir das teorias interseccionais, sobre as ausências de referências arquitetônicas e urbanísticas de mulheres negras e povos indígenas e africanos, tanto no ensino como na prática profissional em arquitetura e urbanismo no Brasil (Berth; Moassab, 2020).

É preciso também “enegrecer o conhecimento e o debate” e exigir dos conselhos profissionais políticas públicas, políticas de ensino e, primordialmente, produção científica na área, para dar mais visibilidade e oportunidade para todas as mulheres, sobretudo para as mulheres negras, as mais vulneráveis (Berth; Moassab, 2020, p. 178).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESISTIR E DESCONSTRUIR

Ao longo dos séculos, a imagem da mulher na sociedade foi se transformando através de muita resistência e luta, práticas determinantes para o início do reconhecimento da sua capacidade e do seu protagonismo. A batalha continua recorrente nos dias atuais, uma vez que esse reconhecimento vem camuflando as raízes patriarcais em virtude da colonialidade do saber, que nega o espaço para esse desenvolvimento por efeito das perspectivas hegemônicas. Sendo assim, é necessário haver uma desconstrução desse pensamento moderno/colonial, para que tais práticas sejam desconstruídas/contestadas através da conscientização crítica e dos agenciamentos políticos. A arquiteta Lina Bo Bardi, por exemplo, foi uma presença significativa no contexto brasileiro, pois, com seu legado que unia a



vanguarda estética com a tradição popular, abriu fronteiras para a participação política, intelectual e de oportunidades das mulheres na arquitetura brasileira.

A trajetória da mulher no campo da Arquitetura foi, e ainda é, um tema permeado por problemas de exclusão e invisibilidade. O resgate histórico apresentado neste trabalho teve como objetivo visibilizar as vozes das mulheres silenciadas pelos mecanismos modernos/coloniais que causam a invisibilidade da produção profissional feminina. Tais abordagens são instrumentos que ajudam a contestar/desconstruir discursos patriarcais opressores, e reconhecem o lugar de fala para as mulheres se tornarem protagonistas dos seus próprios projetos.

Sendo assim, é necessário incentivar a agência crítica e política das mulheres arquitetas, sobretudo mulheres negras, desde a formação inicial nas universidades, inserindo referências do Sul Global para encorajá-las a seguir o nicho que quiserem, da maneira que preferirem, e para haver justiça social e epistêmica. Dessa forma, dentro das universidades e na atuação profissional no campo da arquitetura, a mulher terá mais espaço para discutir e combater as relações desiguais de gênero e de raça, fraturando os efeitos socio-culturais da colonialidade do saber e do poder.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. C. O lado feminino do Brasil colonial: a vida das mulheres no século XVI. **Superinteressante**, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-século-xvi/>. Acesso em: 28 jul. de 2022

BERTH, J; MOASSAB, A. O ensino de arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). **Por um ensino insurgente em Arquitetura e Urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020. p. 162-179.



BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASTRO, P. **Mulheres e o Prêmio Pritzker**: Estudos de Caso. São Paulo, 2014.

CAU/BR. Visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo, **Conselho de Arquitetura e Urbanismo**, 2019. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2008.

DE OLIVEIRA, A. C. M. A evolução da mulher no Brasil do período da colônia à República. **Anais de VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. Florianópolis, 2017.

ESPEGEL, C. **Heroínas del espacio**: Mujeres arquitectos en el Movimiento Moderno. 2.ed. Buenos Aires, 2007.

FONTES, M. L. de. **Mulheres invisíveis**: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista. 2016. 73 f.. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GELEDÉS: Alunas denunciam machismo de professores em ação no Mackenzie. **Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alunas-denunciam-machismo-de-professores-em-acao-no-mackenzie/>. Acesso em: 29 jul. 2022

JUS BRASIL. Sexismo no trabalho: profissionais ainda enfrentam discriminação de gênero. **Jus Brasil**, 2017. Disponível em: <https://trt-3.jusbrasil.com.br/noticias/436070671/nj-especial-sexismo-no-trabalho-profissionais-ainda-enfrentam-discriminacao-de-genero>. Acesso em: 28 jul. 2022

MATOS, D. C. V. da Silva; SOUSA, C. M (Org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

PLATÃO. **A República**. Editora Independente. 380 a.C.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes INL, 1969.

MEMORIAL REFLEXIVO SOBRE LEITURA DE MUNDO E LEITURA CRÍTICA

Ana Beatriz Bonfim

Recentemente, fiz uma leitura do livro *A importância do ato de ler*, do grandioso Paulo Freire (1981). Nele, o autor nos faz refletir sobre o nosso passado, tendo em mente uma “palavramundo”. Uma ou mais palavras que, ao (re)lmos nossa história, nos faz lembrar de várias experiências vividas em diversas fases da nossa vida. Podem imaginar qual a primeira “palavramundo” que me vem à mente quando reflito sobre minha trajetória? Carol, minha irmã.

Desde o outono de 2001, divido minha vida com alguém extremamente importante para mim. Não, não estou falando da minha mãe (mesmo compartilhando um amor indescritível com ela), a pessoa a quem me refiro é minha irmã. Carol, pelos olhos dos estranhos, a garota que é meu “espelho”, mesmo não sendo gêmeas idênticas. Aos meus olhos, a melhor companheira que eu poderia ter. É difícil olhar para os vinte anos que vivi e não trazer à memória o nome dela. É impossível escrever um memorial sem citar o nome dela. Sim, está parecendo uma homenagem a alguém (e o começo é quase isso mesmo), é que minha infância, minha adolescência e meu começo dessa difícil fase adulta, é marcado pelo nome Carol.

Lembrar do nome da minha irmã me faz lembrar de tudo que já vivi. Me faz lembrar do cheiro de amoras, de quando as tirávamos diretamente da árvore, e comíamos brincando com várias bonequinhas. Era bom ir à amoreira com um pote vazio e voltar lotado de amoras maduras e cheirosas. Ficava feliz porque iria saborear minha fruta preferida e admirar como aquela pequena frutinha poderia soltar tanta “cor” e deixar minha mão inteira roxa. Carol estava sempre comigo, minha fiel parceira de escola, de brincadeiras, dos momentos tristes e alegres. Lembro-me dos dias em que brigávamos por

motivos sem sentidos (e às vezes essas discussões acontecem até hoje, normal entre irmãos). O primeiro sentimento que me vinha a mente era raiva, porém, depois de minutos em que eu refletia sobre o que havia acontecido, me vinha uma tristeza e um sentimento de arrependimento. Arrependimento por, naquele momento, ter permitido me distanciar da minha melhor amiga.

Sou uma mulher que cresci com uma relação familiar incrível. Uma irmã maravilhosa (como já foi percebido), um irmão que sempre foi minha maior inspiração para tudo, minha mãe, o maior sinônimo de guerreira e força que eu poderia ter, e meu pai, o homem mais fantástico que eu poderia conhecer e ter em minha vida. Pensar em família é lembrar de um lugar (que em meu dicionário de “palavravramundo” também apareceria), o Paraná. Para ser mais exata, uma cidade do interior do Estado, chamada de Pinhão. Não nasci lá, mas era uma tradição familiar sempre passar o natal e ano novo nas casas dos parentes. Sabe por que eu esperava o ano todo pelo momento que partiríamos para o Paraná? Quiçá para meu momento preferido no ano todo? Porque tudo era mágico. Para uma criança, observar a mudança de clima, de cultura, de paisagem, após 22 horas de viagem dentro de um carro, era bom demais. Além de diversão e muitas gargalhadas com a família, eu também me reencontrava comigo mesma. Era literalmente como mágica, ver a grotesca diferença de onde eu morava, para onde eu visitava todo ano.

Há três anos não visito esse cantinho do Brasil tão encantador, mas, na minha memória de mundo, sempre haverá os meus dias inesquecíveis em Pinhão. Todavia, o tempo vai passando, não é? Meus primos, maiores companheiros durante a viagem, foram crescendo e amadurecendo. A fase da adolescência foi chegando e a visão de mundo de uma criança começou a se tornar a visão de mundo de uma adolescente (aquela fase chata e careta que todo mundo já passou ou vai passar). Então, as brincadeiras se tornam um eterno tédio. Tudo fica sem graça. E ficar deitada na cama assistindo a filmes ou dormindo é a melhor escolha. Foi exatamente nessa fase



que entrei em um mundo que posso dizer que transformou minha vida, a fase de amar desenhar e carregar um caderninho de desenhos por onde eu andava.

Arte, mais especificamente, desenhos. Uma palavra que me causa um impacto grandioso. Foi com ela que comecei a ter várias oportunidades em minha vida. Foi com ela que tomei decisões que não me arrependo. Iniciei a minha trajetória como artista no dia 5 de Junho de 2020. Está aí uma data que mudou minha vida. Bia, a artista que fez (e ainda sigo fazendo) diversas artes em parede pelo oeste da Bahia, mostrando meu trabalho para várias pessoas, valorizando a arte na minha cidade (que infelizmente é muito desvalorizada e “enfraquecida”) de pouco em pouco. Foi com essa conexão no mundo artístico que iniciei minha jornada como estudante de arquitetura. Um curso onde eu posso jogar com um universo de ideias e com a criatividade. Que escolha perfeita! Por que, no futuro, não conciliar os dois? Jamais desistirei da arte. Concluí que adaptar meu trabalho com minha futura formação é construir uma experiência indescritível. Aquela sensação de quem trabalha com muito amor e ama o que faz. Bia, arquiteta e artista, é assim que quero que se lembrem de mim.

FUNDAÇÃO DA MINHA GRANDE OBRA

Bruna Ribeiro Cordeiro

Fiquei muito tempo refletindo sobre qual marco iniciaria o meu memorial. Será que começo pelos primeiros anos da minha vida, sobre as experiências na escola ou das brincadeiras de correr e jogar bola? Tantas vivências, histórias, pessoas, aprendizados... como iria escolher somente um? E sobre o que falaria o memorial de uma jovem de dezenove anos que ainda busca compreender o mundo



e todas as loucuras que fazem parte dele? Talvez começasse pelo princípio, ou o que me lembro dele, afinal, mesmo jovem, a memória da infância não é lá essas coisas.

O verbo começar me traz algumas reflexões, dentre as quais posso destacar: quando dei os primeiros passos em relação às minhas próprias observações e interpretações do mundo? Quando comecei a ler e entender as expressões faciais dentro de uma conversa? Quando me entendi como gente? Quem sou eu? Reflexões sobre a existência... acho melhor deixar para os estudiosos... para mim, tudo começou com a influência que tive dos meus familiares, professores e amigos. Eles foram os pilares para a construção do meu mundo e de como o observava.

Logo cedo tive a infeliz ou feliz sensação do desconhecido, algo novo, a descoberta e uma tentativa falha de imaginar um mundo diferente do que conhecia. Saindo de Portugal com destino ao Brasil, mais especificamente em Jussari (BA). Terra do meu pai, onde cresci, aprendi, sorri e evolui. Não foi fácil criar laços logo de início, porém, hoje não vejo lugar melhor para uma infância simples e leve. Uma criança "caindo de paraquedas" em um novo país, sem amizades, em uma escola nova, com palavras diferentes das que estava acostumada a ouvir.

Palavras. "Palavramundo". Paulo Freire (1989) trouxe esse termo em seus estudos. No primeiro capítulo da obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, Freire faz uma viagem ao seu passado e sobre sua leitura de mundo. A cada parágrafo é possível "viver" a sua infância e trajetória. Justamente nesse relato que compreendemos o que ele queria dizer com a junção de palavra e mundo, que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Concordo com Freire, as minhas "palavramundo" são as mais diversas possíveis, tapete, Chaves, cacau, chicha... todas elas estão relacionadas a períodos marcantes da minha vida, não exatamente a ler ou compreender um texto, mas de entender o mundo ao meu redor e da minha visão sobre ele.





Jornal, pintura e recortes, simples palavras para alguns, mas para mim foram o *start*. Minha mãe sempre fez arte. Utilizava o jornal como matéria-prima na confecção de cestas e jarros. Lembro-me de um boné que ela fez com a mesma técnica. Eu achava o máximo ser a modelo das artes. Quando ela começou a pintar panos de pratos e blusas, admirava como ela fazia belas flores e frutas. Foi assim que tive o primeiro contato com a tinta. Estava sempre querendo ajudar, ou atrapalhar, quem sabe. A partir disso, a todo momento estava “inventando arte”. Era viciada no *Art Attack* e tentava reproduzir da minha maneira porque nunca tinha o tal do limpador de cachimbo colorido. A gatinha roxa de garrafa pet está até hoje segurando a minha porta. Passei pelos *D.I.Y* (*do it yourself* / faça você mesmo), desenhos de moda, dança, modelo, estilista, veterinária, artista... influenciada pela Barbie e seu bordão: “você pode ser o que quiser”, e eu queria ser tudo.

Meu pai entrou com a parte mais teórica, apoiador das minhas loucuras. Documentários e programas sobre a história da arte estão presentes em nossos momentos de reflexões sobre as diversas culturas e suas histórias, de artistas como Michelangelo, da Vinci e todas suas invenções. No mundo das artes, com o passar do tempo, fui adentrando ainda mais, pinturas das mais diversas, desenhos, técnicas com materiais distintos, recortes, colagens, e assim conheci uma das minhas maiores inspirações na arte, o holandês Vincent van Gogh. Não sei se você leitor ou leitora conhece a história dele, se não, vai por mim, é incrível. Outro universo que esteve presente nos debates com meu pai são as vistas sobre cidades históricas, paisagens, e dos mais diversos assuntos, entre eles a arquitetura.

A arquitetura também esteve presente na minha vida desde cedo, porém, diferente da arte, descobri mais tardiamente. Durante os processos de criação de obras e projetos de meu pai, eu sempre estava ali, ao redor opinando e dando ideias sobre como ficaria melhor, mesmo sem conhecimento especializado algum, por enquanto... ele aceitava e fazíamos juntos.

Após muito tempo, ingressei no ensino médio. Lá me deparei com muitas novidades e com a desafiadora e famosa frase “vai querer fazer faculdade de quê?”. Foi aí que me vi pesquisando e pensando sobre arquitetura e urbanismo, algo que sempre esteve ali andando comigo desde os *D.I.Y* às obras com meu pai, só estava à espera para ser despertado.

A minha leitura de mundo foi e está sendo influenciada por diversos meios, porém, hoje consigo absorver e analisar quais leituras estarão dentro da minha visão crítica. Sem isso, não seria capaz de analisar e descobrir que o campo da arquitetura e urbanismo era para mim. Dentro do ensino superior, a minha trajetória me ajudará a crescer ainda mais, sempre incentivada a questionar e apresentar ideias, ideais e pontos de vistas. A formação tende a continuar esse trabalho de senso crítico para o futuro profissional da área.

MÃE: AS QUATRO MULHERES QUE FORMARAM A MINHA LEITURA DE MUNDO

Larissa Nogueira dos Santos

Ninguém lê um livro da mesma maneira, nem pela segunda vez. Para Paulo Freire, a leitura de mundo é muito mais abrangente do que o grandioso ato de ler, na verdade esse mundo que nos cerca é capaz de formar únicas e subjetivas percepções de vê-lo.

Quando penso em minha leitura de mundo, resgato palavras que marcam minha história, palavras que, apesar de simples ou peculiares, trazem um significado além do literal. Palavras que fulguram até mesmo antes do contato e do conhecimento da prática de ler. Com o olhar voltado para minha infância e história, observo



que a palavra “mãe” tem grande peso. A primeira palavra falada e fortemente instaurada pela casa.

Para tecer as considerações reflexivas deste memorial, farei uma homenagem a quatro mulheres inspiradoras muito presentes em minha vida, quatro mães com as quais pude dialogar e aprender. Ter quatro mães me fazia acreditar que toda família teria a mesma configuração que a minha. Cada uma de um jeito, de um lugar diferente, com seus jeitos distintos de ler o mundo, mas todas tinham em comum o “amor”, que era capaz de extinguir todas as palavras que traziam dor e sofrimento, palavras que não existiram no meu mundo, como a palavra “pai”, que só pude conhecer através das leituras de outras pessoas.

Quatro mulheres, mães, que foram capazes de me instruir e me transformar por inteiro. Hoje a minha concepção de mundo e meu pensamento crítico são frutos da convivência que tive com elas e tenho orgulho da leitora que me tornei.

Socorro é a minha mãe biológica, veio de uma infância precária e, por isso, sempre se esforçou para me dar o melhor. Em função disso, estranhamente ela não estava comigo de segunda a sexta, das 8h às 19h. Apesar de ser a mais “brava”, quando sorria, me trazia a sensação mais reconfortante. Era como se todo aquele dia tivesse valido só por vê-la sorrir à noite. Gostava de escutar suas experiências diárias enquanto eu descansava de um dia de brincadeiras.

Nina, minha segunda mãe. Mãe que me teve por coração. Era quem ficava comigo o dia inteiro. Com ela, minhas lembranças são de assisti-la “cozinhar” e de sentir o cheiro do tempero que dominava todos os cômodos da casa. A batida das panelas que soavam como “música” para os meus ouvidos e me preparavam para uma alta expectativa. A melhor parte era o ato final do espetáculo, a hora do almoço. Esse era o nosso momento, onde todas se reuniam em volta da mesa para se deliciar com o menu do dia.



Dividíamos as tardes com muito companheirismo. Tenho muitas memórias de fazermos bolos, tortas, brigadeiros e um dos meu preferidos: “geladinho”. O preparo era simples, mas tinha aquele quê de delicado. Bater a “massa” no liquidificador, separar os saquinhos, soprar, encher os saquinhos, amarrar e levar ao freezer até o dia seguinte. No outro dia, bastava aproveitá-lo na tarde quente que era rotina na minha região.

Celinha, também mãe de coração. Minha madrinha. Sempre estava presente para resolver as burocracias da vida de todo mundo da casa. Minha tia-Céu, céu esse que me lembra das vezes que deitávamos na grama e olhávamos as nuvens formar figuras que acreditávamos ver, ou contar estrelas e duvidar se eram planetas ou óvnis piscando. Esse “céu” também me faz recordar das vezes em que eu ganhava abraços cheios de afago e como nossos “narizinhos” se encostavam para dar um beijinho de esquimó.

E por falar em esquimó, agora vem a minha avó, minha mãe por duas vezes, e que amava um friozinho. O quarto dela era o único com ar-condicionado. Quando entrava lá, nos sentíamos no verdadeiro Polo Norte. Minha avó era médica, nossa Dra. Maria de Moura, e vivia na correria, em meio a atendimentos em clínicas e plantões. Isso queria dizer que seu sono era sagrado e que eu não poderia atrapalhar, mas mesmo assim ela amava passar o tempo comigo. Muitas das vezes me contava sobre seus atendimentos e juntas “garimpávamos” as grandes caixas cheias de remédios e amostras que tínhamos. ‘Meritor’, ‘Ibuprofeno’, ‘Koid D’ e até a abençoada Benzetacil, a mais temida.

Nem só de remédios vivem minhas memórias com a minha avó, outras particularidades faziam sua leitura de mundo singular. Ela encarava a vida com muita alegria e prazer nas pequenas coisas. Estar presente para ela era o mais importante e fazer as outras pessoas felizes também. Por isso não media esforços para nos dar



os melhores mimos, viagens e momentos. Me ensinou que o comer bem vai muito além de apenas satisfazer o estômago, é satisfazer a experiência, é experimentar o novo e se apaixonar. Me ensinou que não devo me limitar ao que tenho, que devo buscar conhecer lugares e pessoas novas, abrir meus horizontes e que o mundo tem muitas faces para me mostrar. Me ensinou, também, que, apesar de tudo, o amor vale mais do que qualquer coisa e sempre prevalecerá.

Minha Maria foi a primeira que me ensinou que algumas palavras não têm volta e que de um jeito ou de outro vamos encarar a morte. Morte, a mais temida das palavras, só a sente de verdade quem passa a conhecê-la pela experiência. "Dor", "angústia" e "sofrimento" marcam essa fase, momento que perdurou por muito tempo entre lágrimas e mais lágrimas. Foi aí que minha percepção de dor mudou, pois essa teria sido a maior dor que eu havia sentido, a dor de perder quem se ama, e parece que, depois disso, nenhuma mais que me atingisse seria relevante. Mesmo não presente, ela foi capaz de nos mostrar que todo esse momento se converteria em "saudades", "lembranças" e "gratidão" pela vida que ela teve e que nos ofereceu.

Sua maior herança deixada foram as nossas memórias na casa em que moramos pela vida inteira. Ao andar pela casa, percebemos como cada canto, cada cômodo tem sua personalidade e como nos sentimos abraçadas pelos ambientes. O que me permite abrir o olhar para a formação das edificações e a produção das subjetividades, em como os ambientes e objetos carregam história e podem nos trazer múltiplas sensações. É a questão que se divide entre casa e lar, e o quão importante é viver ou estar em um lugar onde se sinta representado, confortável e com vontade de viver. Histórias contadas por portas, paredes, janelas, rachaduras, rebocos e manchas. Histórias que fazem parte de quem sou. Histórias que fazem parte do meu mundo.



LEITURA, ARTE E ARQUITETURA: PERCEPÇÕES DO MEU MUNDO COM VARETAS COLORIDAS

Marina Ramos de Almeida

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece (Jorge Larrosa, 2002).

Ao retomar as memórias das minhas leituras de mundo, me veio à mente um momento da infância, uma época cheia de diversão, amor, leveza e curiosidade que foi crucial para o meu crescimento pessoal, cognitivo e social.

Lembro-me, então, de uma tarde quente na casa modesta em que nasci, no interior da Bahia, em Irecê, onde eu, uma criança de 4 anos, sentada no chão da cozinha com a minha mãe, brincava de “pega vareta”. Brincadeira que, assim como todas as outras, minha figura materna nunca me deixou ganhar pelo simples fato de eu ser sua filha. Sempre que quisesse vencer, precisava dar o meu melhor até conseguir aquilo por mérito próprio, me preparando, dessa forma, para os percalços do meu caminho.

Sem dúvida, foi nesse exercício despretenhoso de tentar pegar todas as varetas, sem mexer nas demais, que aprendi a importância de lutar para conquistar todos os sonhos. A partir de tal ensinamento, diretamente influenciado por minha mãe, pude começar a desenvolver o meu modo de ser, pensar, agir e querer.

O saber dessa experiência formou e transformou a minha vida de maneira singular (Larrosa, 2002), já que foi com aquela primeira leitura de mundo, aquela que precede a leitura da palavra



(Freire, 1989), que, na minha trajetória educacional, da educação básica até o ingresso no curso superior, apesar de árdua e cheia de indecisões, o esforço e a determinação nunca foram escassos.

Durante o ensino médio, no entanto, toda aquela entrega para ser uma “boa aluna” começou a não fazer tanto sentido para mim, uma vez que não sabia o motivo da minha luta, referente a escolha da profissão a ser seguida. Então, foi no colégio, ao passar tal etapa da minha vida, que passei a analisar de forma crítica as experiências escolares, permitindo, assim, a descoberta da minha afinidade no campo dos cursos de graduação.

Nesse processo de (auto)análise, percebi o encanto pelas disciplinas de exatas, o que me fez ficar indecisa entre o curso de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo, mas o Festival de Arte e Cultura, projeto escolar em que precisávamos representar o significado de arte para nós, me fez perceber a minha admiração também pelo campo social e das artes.

Hoje eu vejo o quão importante foi esse projeto para minha vida, por meio do estímulo a um compromisso social e do incentivo ao espírito criativo crítico dos estudantes. Recordo-me que, para a preparação daquela apresentação, dialogamos com o pensador Paulo Freire. Esse autor defende uma compreensão ampliada de texto devendo possibilitar a leitura crítica. Para isso é preciso a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Todos aqueles preparativos para a apresentação, desde a organização de ideias, foram elaborados a partir da compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (Freire, 1989). Os ensaios de falas e danças, escolha de figurino, determinação da responsabilidade de cada estudante, me permitiram ter outro olhar para esse campo das artes e de certo modo me encontrasse ao sentir uma imensa alegria por estar executando tudo aquilo.



Sem dúvida, esse período no contexto escolar e familiar auxiliou a construção da minha capacidade crítica, e me permitiu analisar experiências individuais e coletivas de maneira reflexiva. Isso influenciará toda minha trajetória acadêmica e profissional, possibilitando, dessa maneira, uma análise sobre o mundo de maneira abrangente e multidisciplinar.

Foi assim que veio a escolha pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, derivada do gosto pela disciplina de matemática e da admiração pelo campo das artes, mesmo não me considerando uma boa desenhista. No entanto, acredito que, apesar das minhas dificuldades, a minha persistência, herdada das minhas experiências de mundo, prevalecerá em tudo aquilo que eu me propuser a fazer com dedicação. Desse modo, estarei sempre envolvida em um processo de possibilidades de êxito na minha trajetória profissional.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n.19. jan./abr.2002

DO ACONCHEGO DA INFÂNCIA AO MEU CONTATO COM A ARQUITETURA

Rebeca Alves Pereira

Tantos banhos de rio e de açude,
tanta coisa carrego aqui comigo.
Cada canto, cada dia, cada amigo,
cada história da minha juventude.
Quer saber quem é rico em plenitude?
Observe o extrato retirado.
Se no cofre da alma está guardado
pelo menos um pedaço dessa herança.
Tem pedaços do meu tempo de criança
no lugar em que nasci e fui criado.
(Bráulio Bessa)

Início meu memorial com esse poema que me leva à infância. Lê-lo é o mesmo que receber um “carinho na alma”, nome do livro do qual eu o retirei. Lembrar da minha infância é, sem dúvidas, lembrar da minha essência e de um sonho bom, quando tudo era possível.

Sou do interior da Bahia. Cresci em um pequeno povoado na região do Piemonte do Paraguaçu. Não tem como falar de mim, das minhas experiências, das minhas relações socioafetivas sem falar do meu lugar. Foi nele que iniciei a minha leitura de mundo e também da palavra, e é nele que mora a melhor parte de mim, minha família. Comecei a ser alfabetizada no meu seio familiar, principalmente por minha mãe, e concluí os ensinamentos fundamentais na única escola do povoado. Foi também onde principiei meu contato direto com a natureza, com a angústia dos tempos de seca da caatinga, mas também com a felicidade quando as chuvas de novembro se aproximavam, pois tempo bonito para um nordestino do interior é o tempo de chuva. Ver o enverdecer da vegetação me alegra de uma maneira tão singela que percebo a minha relação afetiva com as coisas simples da vida: admirar o pôr do sol, ficar na calçada conversando com meus amigos, tomar banho de chuva, passar o dia inteiro na roça... não tenho dúvidas de que a minha “palavramundo” seja SIMPLICIDADE.

A photograph of a single, bright yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in sharp focus, while the background is blurred. The stem is dark green and has a few leaves. The overall scene is lit with warm, golden light, suggesting a sunrise or sunset.

Quando estava no ensino médio, surgiram muitas dúvidas sobre qual graduação seguir. Eu nunca tive um sonho sobre o que eu queria ser no sentido profissional, porém tinha algumas opções e a arquitetura era uma delas. Agora, lembrando a minha infância, percebo que sempre tive contato, mesmo que indireto, com a arte de arquitetar. Nos períodos de chuva eu, juntamente com minha melhor amiga, brincávamos de construir casas com o barro que se formava quando a terra estava úmida. Fazíamos os muros para delimitar o espaço, as paredes, os móveis e colocávamos as flores da estação para decorá-la. Construía também casas de bonecas com as sobras de madeira da pequena loja de móveis dos meus pais, e gostava de acompanhar a montagem dos móveis quando possível.

Hoje, iniciando minha trajetória no curso de arquitetura, percebo o quão importante é ter uma visão crítica sobre os espaços à nossa volta. Sair de um lugar pequeno, com pouca estrutura educacional e com uma cultura voltada para o campo e para os costumes de uma população mais fechada no que tange às questões de gênero e de raça, por exemplo, me fez refletir sobre os perigos que é viver em uma bolha social, já que temos pouco contato com as multiplicidades humana. Assim, consoante com Paulo Freire (1987), quando ele diz que é por meio da reflexão de sua própria história que o ser humano pode dar-se conta do seu inacabamento, vejo a necessidade, enquanto arquiteta em formação e inserida em uma sociedade plural, de estourar minha bolha, de ser mais inclusiva e humana, em um processo contínuo de desconstruir, (re)construir e ressignificar minhas vivências.

REFERÊNCIAS

BESSA, B. **Um carinho na alma**. Bráulio Bessa. Rio de Janeiro: Sextante, 2019

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 20.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022

6

Bianca Fonseca Damasceno

Danielly Nascimento Passos

Jaine da Silva Santos

Matheus dos Reis Barboza

Willian Théo Rocha da Silva

PRÁTICAS SEXISTAS NA CONSTRUÇÃO DAS CIDADES:

A COLONIALIDADE DO SABER

INTRODUÇÃO

Durante a transição do feudalismo para o capitalismo, as mulheres foram uma peça fundamental para a hegemonia do novo modelo econômico. Todavia, essa mudança não ocorreu de forma natural e pacífica, como muitos acreditam, mas sim através de processos violentos que evidenciam um aspecto fundacional do sistema capitalista, criando e sustentando formas de opressão a fim de estruturar relações desiguais de poder. No livro *Calibã e a Bruxa*, a historiadora Silvia Federici (2004) passeia por todos esses discursos ao longo da história e nos mostra que, para o capitalismo surgir nas cinzas do feudalismo, as relações de poder e distinção de sexo precisaram acontecer.

Assim, com base na análise da produção de conhecimento feita por mulheres, Federici (2004) vai questionar grandes pensadores como Karl Marx e Michael Foucault, deixando transparecer a importância da visão feminina em todas as esferas. A autora reconstrói a história do capitalismo sob a ótica feminista e aponta pistas para pensarmos posturas anticapitalistas, antissexistas e anticoloniais.

Com o advento da modernidade e a ascensão da burguesia na Europa, o mundo ocidental testemunhou a passagem das sociedades feudais para as novas e incipientes sociedades capitalistas. Esses acontecimentos que se deram na Europa se espalharam por todo o continente, criando mitos, valores morais, éticos e segregações. Entretanto, esse arranjo de costumes vai além do diálogo e acaba por se materializar nos espaços. Nas palavras de Peccini (2016), a produção desse espaço não se dá de forma imparcial, ou seja, se dá pelos olhos e mãos do patriarcado e do capital e pode funcionar, portanto, como agente de manutenção das desigualdades frutos destes sistemas.



Hodiernamente, todos esses pensamentos perpetuam discursos normalizados pela sociedade ligados ao gênero. De acordo com o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (2019) do Brasil, a porcentagem de mulheres na área atualmente é de 63%. No entanto, mesmo sendo maioria, a representatividade na profissão ainda é um problema quando se trata de altos cargos. Considerando esse contexto de desigualdades, torna-se imprescindível, a partir do espaço acadêmico, refletir sobre quem são os responsáveis pela construção das cidades e como relações assimétricas de poder atravessam as práticas da arquitetura e do urbanismo.

Em termos de plano composicional, além desta introdução, o ensaio apresenta mais uma seção e as considerações finais. A princípio, expomos sobre como as relações sexistas impactam nas relações urbanas, na construção das cidades, na segurança e na mobilidade urbana. Em seguida, fazemos algumas reflexões sobre a luta feminista e as questões de gênero e de poder. Por fim, trazemos as considerações finais.

1. OS IMPACTOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES URBANAS: CONSTRUIR, MOVER E PROTEGER

Para Pierre Bourdieu (2002), existe uma dominação masculina que se perpetua através dos tempos e garante que a ordem social permaneça a mesma, imutável, fazendo com que a sociedade se sustente da maneira como sempre foi, muitas das vezes não pela coerção, mas pelo consentimento velado. Desse modo, privilegiam-se sempre os mesmos grupos, o que resulta na diminuição das oportunidades daquelas pessoas que normalmente são subalternizadas e invisibilizadas. Assim, apesar da inserção da mulher no mercado de



trabalho, bem como da emancipação feminina, o homem ainda é visto pela sociedade como soberano perante às mulheres, as quais ainda são, em grande parte, responsáveis pelas atividades do cuidado, o que acaba por reforçar a hierarquia patriarcal aliada ao capitalismo.

Aliado a isso, se pensarmos como o eurocentrismo está intimamente atrelado à histórias das sociedades ocidentalizadas e da modernidade capitalista, é possível concluir que essa dominação masculina vai muito além, principalmente no que diz respeito à garantia de oportunidades. Angela Davis (2016) questiona o conceito de fragilidade feminina e de rainha do lar, uma vez que este só se encaixa às experiências e realidade atribuídas às mulheres brancas, em razão de que a história das mulheres negras se caracterizou pelo trabalho bruto, pesado, antes e após a abolição.

Nesse sentido, fica clara a relação desigual de raça e gênero no que diz respeito à construção e manutenção de privilégios sociais:

Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: "Exige-se boa aparência" (Carneiro, 2011, p. 2).

As dificuldades e privilégios de homens e mulheres no mundo do trabalho são diferentes. Diferentes também são seus salários (Cisne, 2015). É a partir desses pensamentos que se cria uma disparidade gritante entre classes sociais e relações de gênero pela forma pragmática imposta, gerando um modelo capitalista que explora as mulheres trabalhadoras, além de lhe imputar outras consequências negativas, como as condições de trabalho, a submissão e a dependência.

Assim, ao longo da história, a relação entre patriarcado, capitalismo e construção das cidades sustentou o discurso colonial da submissão da mulher ao homem, evidenciando, de diferentes formas,



como hierarquias sociais agem contra as mulheres. Além disso, os termos “bela, recatada e do lar” seriam outro exemplo imposto da cultura patriarcal, o qual delimita supostamente o lugar de fala e de ação das mulheres, isoladas dos poderes de decisão dentro e fora de casa, bem como o desprezo na ocupação de cargos importantes na sociedade.

Isso faz com que ainda exista o estigma da modernidade capitalista de que a mulher é uma má fonte de lucros, pois pagá-las de forma justa, concedendo os direitos básicos, como a licença maternidade, e ter carga horária de trabalho igual e muitas vezes superior a dos homens, vai totalmente contra o modelo econômico.

Assim sendo, nessa luta pela inserção social das mulheres, existe uma falsa ilusão de que a classe feminina está de fato ocupando esses lugares importantes, o que, na prática, se mostra totalmente diferente, já que um grande contingente de mulheres ocupa profissões marginalizadas ao invés dos cargos de grande importância e de grandes decisões, como cargos na área da construção civil, que impactam diretamente nas projeções e construções das cidades.

Dessa maneira, as cidades reproduzem as dinâmicas da vida social e o seu momento histórico e traz influências das gerações antecedentes. A cultura moderna capitalista se recrudescer à medida que os costumes das relações sociais são enraizados na sociedade patriarcal, com incentivo à reprodução de estilos de vida submissos e rejeição de formas livres de ser e de manifestar as raças, as sexualidades e os gêneros.

Nesse viés, nota-se que a mulher sempre teve seu papel determinado por uma sociedade machista e sexista. Sob essa ótica, tem-se que “a história das mulheres na sociedade capitalista, desde a sua origem, é marcada por um cenário de exclusão, desigualdade e violência” (Bello; Beleza, 2019, p. 741). Posto isto, foram-lhes atribuídas, no perpassar histórico, o papel de cuidar da casa, da família e



servir como um corpo reprodutor para benefício das configurações desse sistema, que privilegia de maneira totalmente explícita a figura masculina, especialmente branca, eurocêntrica e cristã, designando-a como superior e com maior capacidade física e intelectual.

Sendo assim, ao revisitar a história da construção das cidades, fica evidente que a esfera urbanística é fortemente dominada pelo homem, já que a colonialidade do poder é refletida nos processos de urbanização a partir da imposição da forma eurocêntrica de pensar a cidade. Para Lugones (2014), na esteira de Quijano (2005), a colonialidade de gênero/poder se estrutura como uma ferramenta normativa de condenação imposta por europeus brancos, que presuppõe as diferenças sexuais como indicativos de ordem supostamente natural, para justificar o processo de exclusão e subalternização das mulheres. Essa organização, de acordo com a autora, provocou e provoca, até a contemporaneidade, um processo de sujeição das mulheres devido à hierarquização social postulada.

Nessa perspectiva, o orquestrado distanciamento da figura feminina do pensar e fazer urbano produz espaços masculinizados e binários, rigorosamente fragmentados entre o âmbito público e privado, materializando a segregação de gênero.

O planejamento urbano, que torna a sociedade heterogênea, não se atém às necessidades das minorias. Em outras palavras, entende-se que a arquitetura da urbe não foi pensada para abarcar as necessidades básicas das mulheres, sobretudo se analisarmos que, comumente, as mulheres são segregadas em vagões de metrô exclusivos para evitarem violações. Muitas vezes se deparam com ambientes que cerceiam o ato da amamentação, bem como a dificuldade de encontrar um espaço apropriado dentro dos banheiros para trocar a fralda do/a filho/a.

Conforme dados da figura acima, não é difícil também nos depararmos com a precária qualidade no que tange às questões



de mobilidade e segurança como, por exemplo, o assédio nas ruas e os transportes públicos, os pontos de parada distantes das residências, ruas com péssima iluminação, terrenos baldios não murados e, até mesmo, falta de segurança em praças e parques.

Abordar os desafios sobre direito à cidade a partir da perspectiva das mulheres é descolonizar as experiências políticas e socioculturais do urbano, promovendo a resistência no que diz respeito às diferenças sexuais. Portanto, repensar os padrões patriarcais hegemônicos viabiliza a construção de novos marcos da política urbana nas cidades.

CONCLUSÕES

Observando os papéis sociais construídos cultural e historicamente para homens e mulheres na produção das cidades, é possível verificar a constante e naturalizada dominação masculina. Respeitar as lutas feministas e compreender como somos todos reféns de um sistema moderno capitalista e patriarcal, é primordial para que possamos pensar sobre nosso papel na garantia da autonomia das mulheres, especialmente no que diz respeito aos seus direitos e suas necessidades.

Exigir, portanto, o direito e a participação das mulheres na construção das cidades é uma medida necessária para garantir justiça social e epistêmica. O espaço, repensado mediante a perspectiva de gênero, pode reconhecer e dar visibilidade a outras experiências sociais, mais inclusivas e plurais, como a experiência das mulheres, ampliando a plurissignificação das formas de produzir o urbano.



REFERÊNCIAS

BELLO, E.; BELEZA, L. As mulheres no espaço urbano brasileiro: o direito à cidade como alternativa a um cenário de violações de direitos humanos. **Revista de Direito da Cidade**, 2019, v. 11, n. 2, p. 741-764.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani, São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERRIN, R. B.; VELHO, Lea Maria Leme Strini. Mulheres em construção: o papel das mulheres mutirantes na construção de casas populares. **Revista Estudos Feministas**, 2010.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade de poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires. **Clacso**, Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, 2005.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117- 134, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12612/11775>. Acesso em 13 ago. 2022.

SILVA, K. A. C. **Mulheres e o direito à moradia**: uma análise a partir do programa Minha Casa, Minha Vida. 85 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal.

PASKO, P. **A Mulher no espaço urbano**: E se a rua também fosse dela? Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/por_uma_linha_que_caiba/2015/08/a-mulher-no-espaco-urbano-e-se-a-rua-tambem-fosse-delas.html. Acesso em: 13 ago. 2022.

PECCINI, I. R. **Cidade, substantivo feminino**: as desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher. 2016. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

EFÊMERAS ÂNSIAS, ETERNAS RECORDAÇÕES

Bianca Fonseca Damasceno

Tempo, minha palavramundo. A forte conexão com ele começa desde muito cedo e está atrelado às duas importantes áreas da minha vida: familiar e educacional. Talvez aprender a esperá-lo seja uma das mais árduas tarefas para quem enfrenta os desafios do transtorno de ansiedade.

Desde o jardim de infância, ano após ano, até meados do Ensino Fundamental I, os inícios dos anos letivos eram carregados de choro no momento de despedida da minha mãe. Ela precisava ficar ali por horas, me acalmando e me convencendo a assistir à aula, já que o motivo do meu desespero era ficar aquele tempo todo na escola longe dela. Com o decorrer das semanas, paulatinamente, entendia que aquilo era só um momento e que logo, logo, iria reencontrá-la.

Assim como ela me aguardou nessas ocasiões, o destino me fez esperá-la se recuperar em momentos específicos. Após o término do Ensino Médio, minha mãe teve uma série de problemas de saúde. Ficou internada algumas vezes e passou meses em recuperação domiciliar. Eu, como filha única, à época, tive que abdicar dos estudos pré-vestibulares que fazia em outro município e voltar à minha cidade de origem para me dedicar quase que exclusivamente a ela.

No perpassar desse processo, o qual durou em média uns quatro anos, foi surgindo o transtorno de ansiedade. As muitas responsabilidades, os estudos praticamente parados para conseguir a aprovação em Medicina (que era a minha primeira opção de curso) e a não obtenção de êxito nas provas foram os principais fatores para desencadear processos de ansiedade.



Lembro-me nitidamente da frase que uma tia me dizia em momentos de angústia: “O fruto só dá na hora certa”. Esse ditado popular exemplifica muito a minha palavramundo. Eu, com a percepção de vida que tinha, bagunçada do jeito que estava, precisava ter calma que tudo se encaixaria no momento em que deveria acontecer. Daí, após esse ciclo infinito de cursinho, Enem e de muitos cuidados que surgiu a ideia de tentar outro curso, mas ainda assim incerta da escolha que faria.

Na época busquei identificar em outras áreas do conhecimento o que me agradava. Gostava das Ciências Humanas e aprendi a lidar com as Ciências Exatas nesses processos seletivos que prestei. Foi a junção delas que contornou a escolha: Arquitetura e Urbanismo.

A “não esperada” vaga veio no IFBA Barreiras e trouxe um misto de emoções. Esse acontecimento me desafiou em dois quesitos: afinidade com o curso e distância da cidade natal. O primeiro, porque nunca havia imaginado esse campo de formação, já que a opção inicial era voltada para área da saúde. E o segundo, pela instituição ser localizada na região Oeste, quase 1000 quilômetros de distância de onde nasci. Abdicaria do conforto familiar que tinha para trilhar sozinha esse novo caminho.

Lembro que todos os dias, antes do começo das aulas, questionava se era mesmo essa a decisão que deveria tomar. Fazia muitas reflexões sobre isso e em muitos momentos gostava de fazê-las sentada em frente a uma janela na cozinha de casa. Coincidentemente, tinha uma residência com a construção parada há anos de frente para ela. Após a escolha do curso, quase que magicamente a obra voltou a ser executada. Foi através dela que comecei a criar afeição pelo campo da Arquitetura. A cada manhã eu averiguava quais mudanças tinham ocorrido e estava contente com a descoberta desse novo sentimento. Concomitantemente, comecei a consumir conteúdos sobre esse novo universo em plataformas e redes sociais, como o *YouTube* e o *Instagram*.



Transcorrido um ano de espera, finalmente iniciou-se o primeiro semestre letivo. Apesar das dúvidas e incertezas, sensações e pensamentos positivos começaram a se manifestar em mim em relação ao curso. Sempre ecoa em minha mente a máxima: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca [...]” (Freire, 2004). Ainda insegura, embarquei nessa jornada de descobrimento e autodescobrimento.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MEMORIAL DE LEITURA: O 'TAPINHA' PARA A CONSTRUÇÃO DA MINHA 'PALAVRAMUNDO'

Danielly Nascimento Passos

A sua leitura do real [...] não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real. Se assim fosse, estaríamos caindo no mesmo autoritarismo tão constantemente criticado neste texto. (FREIRE, 1989, p. 18).

A palavra “equilíbrio” é, sem dúvida, uma das minhas favoritas. Contudo, chega a ser engraçada a forma como vou ao extremo muito rapidamente. Que loucura querer ser livre e, simultaneamente,

estar presa ao passado após perceber que as experiências já vividas influenciam de forma intrínseca nossas decisões. Uma das lembranças mais marcantes que tenho da minha infância, por exemplo, é a do meu pai dando um leve tapinha no meu bumbum após eu mentir para ele sobre algo, do qual não me recordo mais. Agora, vê se pode, eu, aos três ou quatro anos de idade, já estava corrompida! Aquele tapa - lembro-me bem, doloridinho - foi a chave inicial para que eu aprendesse os princípios da honestidade.

Desde criança, tive de lidar com alguns conflitos: a separação dos meus pais; as crises de ansiedade da minha irmã, logo no início de sua infância; a luta da minha mãe para criar duas filhas com o máximo de conforto possível, sem o apoio paternal; a minha luta pelo amor do meu pai e, de certa forma, o meu fracasso no que diz respeito aos relacionamentos afetivos. Eu diria que a minha infância acabou justamente nessa época, aos sete anos de idade, em que muitas mudanças aconteceram.

Durante quase toda a minha infância, morávamos na fazenda. Nossa casa era praticamente colada com a dos meus avós paternos. Eu, mesmo sempre sendo mimada por eles de todas as maneiras possíveis, de algum modo sentia que, ali, não poderia ser eu por inteira. Faltava algo. Eu sabia que a vida tinha mais a me oferecer, que ainda havia muito a se descobrir. Eu só queria ter o meu pai mais perto, com todo aquele denego, aqueles cheirinhos à noite, ele me chamando de “minha boneca” (mas, olhem, felizmente eu ainda carrego esse título até hoje, mesmo tendo outras duas irmãs caçulas), colocando-me no colo enquanto assistia ao Jornal Nacional.

Parece besteira, porém ter meu pai distante influenciou em inúmeras decisões de minha vida. Eu passei a ser uma pessoa extremamente desconfiada e com uma crença de que sou indigna de amor, o que talvez explique esta minha forma descontraída e sem noção de ser: não saber demonstrar carinho, mas também não conseguir ser indelicada, nem desonesta com ninguém. *Honestidade* é a minha



'palavramundo', aos olhos de Paulo Freire (1989). Veja bem, caro/a leitor/a, como o tapinha no bumbum lá da minha infância se fez imprescindível para a minha leitura de mundo, mesmo dezesseis anos depois!

Minha mãe, dona de casa, bem como revendedora de cosméticos, construiu um imóvel na cidade após o divórcio. Eu estava no último ano do Ensino Fundamental II quando me contaram sobre um tal Instituto Federal, o qual ofertava cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, e sobre como eu poderia me dar bem se conseguisse uma vaga. Não deu outra: com certeza eu tentei, consegui e foi a experiência mais gratificante da minha vida. Desde o ingresso até a emissão do diploma, um leque de possibilidades passaram sob meus olhos. Ahh! Quantas leituras distintas transcorreram-se nesse período de novas descobertas...

Aos quinze anos, já a morar sozinha, a lidar com os trabalhos domésticos e com os estudos, mesmo longe dos meus pais, vi-me o mais próximo da liberdade que sempre quis, com o mínimo de identidade própria possível. Foi nesse momento que muitos estereótipos foram desconstruídos e novas visões de mundo foram vindo à tona, moldando-me da forma como sou hoje. Recordo-me, inclusive, de questionar sobre a minha própria orientação sexual e sobre como os meus julgamentos em relação às pessoas eram irrelevantes e superfúos. "Será que essas realmente são as minhas concepções em relação a isso ou eu fui, de maneira implícita, completamente moldada pelos constrangimentos e conjecturas da sociedade onde eu estava inserida anteriormente?"; contestava-me, bem lá no fundo do meu ser.

Como dito, reafirmo que esta foi a mais satisfatória experiência que já tive até aqui. Pois bem, não só isso, foi também a mais adequada, visto que, como diz a própria compreensão de Freire (1989), de que o sujeito aprende para se humanizar, estas novas formas de leitura lapidaram esta versão atual de mim. Antes pré-moldada por uma sociedade machista, preconceituosa e cheia de julgamentos, hoje grata por tudo o que vivi, reconhecendo todas as minhas falhas, fraquezas, assim como minha força, potência e autenticidade.



A vertical photograph on the left side of the page shows a single, bright yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in full bloom, and its stem is dark green with several leaves. The background is a soft, out-of-focus orange and yellow gradient.

Ter essa noção de aprendizado enquanto seres humanos faz com que inúmeras portas se abram, assim como na ampla área da Arquitetura e Urbanismo, a qual traz grande riqueza em conhecimentos e novas experiências. A soma da maturidade junto à empatia construídas no perpassar da vida faz com que saibamos lidar e entender as necessidades de nosso futuro e, dessa forma, possamos entregar o melhor de tudo o que construímos, em termos de conhecimento, durante todo esse processo. A melhor maneira de fazermos isso, certamente, é através das infinitas leituras de mundo que sempre teremos no decorrer desta jornada.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MEMÓRIAS, ÁRVORE E QUEDA: REFLEXOS NA MINHA LEITURA DE MUNDO

Jaine da Silva Santos

Como diz aquele dito popular bem clichê “Recordar é viver”. Essa frase nos refere à revivescência daquilo de bom que aconteceu. Portanto, reviver e visitar momentos marcantes em nossa trajetória é como se voltássemos ao passado.

Em meio às minhas recordações, guardo alguns momentos marcantes que contribuíram para a minha maneira de ver o mundo, de me relacionar com as pessoas e com os espaços, enfim, com a minha leitura de mundo. E como uma das recordações

mais marcantes trago as minhas vivências da infância. Os momentos com toda a família reunida na casa dos meus avós maternos são as lembranças mais singelas que guardo. Estes momentos despertavam em mim o sentimento de muita alegria, euforia, felicidade, diversão e muita emoção.

Nessa época, meus avós moravam em uma casinha bem singela e aconchegante, rodeada de árvores e flores belíssimas, cultivadas com todo o amor da minha vozinha, localizada na fazenda Junco, zona rural da cidade de Candiba, na encosta da rodovia que fazia de encontro a minha cidade com a cidade vizinha, Guanambi. Lembro-me de, aos finais de semana, toda a família se reunir. Juntamente com minhas primas, sempre gostávamos de sentar embaixo de uma imensa Árvore Nim, que ficava logo na entrada, observando as cores, os modelos e a beleza dos carros que passavam na via, e a cada carro que passava brincávamos de escolher um deles para ser o “nosso”.

Além desses momentos de observação e escolhas dos carros que passavam pela via, tínhamos nossos momentos de traquinagem. Certa vez, saímos às escondidas de nossas mães e decidimos subir em uma pedra gigantesca que tinha ao lado dessa árvore para poder observar melhor. Minha mãe sempre me dizia para não subir ali, pois era perigoso me machucar, porém, teimosa que era, fui subir e acabei caindo e machucando meus braços e um dos meus joelhos. Essa traquinagem me fez refletir sobre minhas atitudes, minha rebeldia e me ensinou a ler que a desobediência pode trazer consequências dolorosas.

Ao longo do tempo, fui vivenciando outras leituras de mundo. Sendo assim, como diz o educador Paulo Freire em sua obra *A importância do ato de ler*, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Nesse sentido, resgatando ainda minhas memórias da infância, meu primeiro contato com a leitura, inicialmente a leitura da palavra, me remete aproximadamente aos quatro anos. Minha mãe, dona de casa



e lavradora, com três filhos para cuidar, com Ensino Fundamental I incompleto, sempre estava preocupada com a educação dos filhos e procurava passar todo o conhecimento que tinha. Minha casa foi minha primeira escola e minha mãe, a minha primeira professora. Com sua didática simples e cotidiana (utilizava os grãos de milho/ feijão para a contagem, por exemplo), mas completamente eficiente, me ensinou a escrever, a contar e, principalmente, a ler a palavra.

A partir desse conhecimento da leitura palavra, pude construir diferentes conhecimentos e saberes sobre diversas temáticas da vida. Ao longo dos meus 19 anos com todas as minhas vivências, fui desenvolvendo minha forma única de ler o mundo, mesmo estando vinculada em uma bolha. Residir na zona rural do interior da Bahia, numa cidade com pouco mais de 14 mil habitantes, de origem humilde e restrita a diversas manifestações culturais e sociais, proporcionou-me uma leitura de mundo acanhada.

Por fim, é por meio das variadas leituras realizadas ao longo da vida, tanto a leitura de mundo quanto da palavra, que podemos desenvolver a leitura crítica. Sendo assim, relacionando esses tipos de leitura com minha atual vivência acadêmica no curso de Arquitetura e Urbanismo, consigo enxergar uma jornada longa e desafiadora e, ao mesmo tempo, o primeiro passo para a realização do sonho de me tornar arquiteta e urbanista. Esse sonho idealizado ainda criança, quando um dos meus hobbies favoritos era apenas construir casinhas de terra molhada, enfeitadas com tudo que tinha a minha volta (flores, folhas, galhos, frutas, etc.). Além disso, aos domingos ficava encantada, os olhos brilhavam, ao assistir o trabalho da arquiteta no quadro de reformas e construção que passava em um programa da TV aberta.

Esse meu desejo de pensar nos espaços, adequá-los de acordo com as demandas da sociedade, ter uma preocupação especial com o meio ambiente, enfim, de atuar como arquiteta, só aumentava com o tempo. E mesmo depois de diversas vezes, sendo desmotivada



e desencorajada, continuei persistindo e sonhando, pois, como diz o renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer “a gente tem que sonhar, senão as coisas não acontecem”.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

NIEMEYER, O. **Teoria e debate**: revista trimestral do Partido dos Trabalhadores, Volume 19, 2005, p. 64-68, Partido dos Trabalhadores (Brasil).

RAÍZES

Matheus dos Reis Barboza

TERRA. Palavramundo de uma linhagem que vem muito antes de mim, a terra que foi passada de mãos em mãos junto com saberes, sustento e cuidado. Graças a essa terra, fui criado tendo o sustento necessário para crescer. Mesmo passado tanto tempo, vejo o trabalho tão presente na minha vó Irene, quase que na pele, com marcas de trabalho e linhas de expressão. Irene Ferreira dos Reis, uma mulher da roça que, embora não tivesse aprendido a ler e escrever, sabia sobre estiagem, a época certa de plantio e colheita, como resolver as pragas da lavoura e os remédios que as plantas podem nos oferecer. Ela me criou sem saber ler uma página, sabia o que a terra falava, o que o sol e o céu sussurravam, o que as plantas diziam de volta após serem cuidadas. Com o tempo, as palavras foram sendo perdidas e outras encontradas, então a terra foi se transformando em cansaço e velhice, já não era mais tempo de colheita.



Antes de esse tempo chegar, me lembro de ir para o mato e me embrenhar lá dentro. Era uma imensidão, sentia as árvores me segurarem pelos galhos distorcidos passando sobre a minha pele com força, quase como se quisessem guardar um segredo e não deixar ninguém entrar. No final, o segredo quase sempre era maravilhoso, um bicho estranho, uma árvore grande, um mistério e até mesmo uma “livuzia” (que me faziam tremer de medo e de curiosidade). Depois, voltávamos para uma casinha sombreada por dois pés enormes de juazeiros, que davam espinhos e castigavam a criançada sem chinelo. Se descesse dava para ver o rio, o plantio de mandioca e o canteiro que era muito bem cuidado por minha vó.

No final do dia, ela me mandava correr atrás da galinha que teria seus últimos suspiros e iria para a panela. Então eu corria e corria e corria. Foram muitas galinhas para a panela e muitas corridas. À medida que o tempo passava, fui crescendo e aprendendo muitas coisas. Uma delas foi a ter vergonha da terra. Me sentia sujo, retrógrado, deslocado, como se o dom que minha vó tivesse me ensinado desde que vim para esse mundo fosse uma praga, passada de geração em geração.

Eu não tinha doutores na família, não tinha estudiosos, nem os personagens que via na televisão. Então todos aqueles saberes que ouvia de minha vó passaram a ser insignificantes para mim. Tapei meus olhos e ouvidos, cortei minhas raízes, já não sabia o que as plantas diziam, os galhos não me seguravam mais com força e sim cortavam, machucavam e os mistérios da mata já não me interessavam mais. Quando entrei realmente para a vida acadêmica, eu estava no ensino médio. O processo seletivo era uma prova. Lembro-me de marcar, em uma folha, milimetricamente, as questões, fazer um conjunto de códigos que formavam um significado e sair algumas horas depois. Aqueles movimentos que fiz com a caneta naquele dia, uma dança sobre o papel indo para baixo, às vezes para o meio, ou para cima, e um ponto gordinho pintado no destino escolhido mudaram minha vida para sempre.



Durante os anos de estudo, eu me sentia metamorfoseado em um inseto monstruoso de Kafka ou a barata que Clarisse Lispector havia encontrado. No final, eu era só mais um animal da fazenda de George Orwell, buscando por um lugar melhor, embora ouvisse que todos eram iguais. Fui percebendo que alguns eram mais iguais que outros, e isso lhes dava vantagens, corredores secretos, mapas que os levavam facilmente para a linha de chegada. Durante essa trajetória, fiz o curso técnico em alimentos junto com o ensino médio, durante três anos.

Antes de me formar, durante muito tempo desconectado daquilo que havia me criado e me dado sustento, passei a ter uma leitura sobre mim que não tinha antes. Não importava onde eu poderia chegar, mas de onde eu tinha saído, quem eu era e qual era a minha história. Não havia mais uma balança que pesava o conhecimento e o distinguia em mais ou menos importante. Sabia que eu podia ser terra, mas também tecnologia, conhecimento, doutor.

Logo após terminar o ensino médio, eu já não suportava mais uma sala de aula. Aquele quadrado me sufocava, então fui para o único caminho que eu poderia seguir, o do trabalho. Aprendi a lidar com um mundo que era desconhecido para mim, o do patrão, e como o meu corpo era lido, quase que desumanizado ao ponto de não ser percebido, tendo somente o meu valor atrelado a minha força de trabalho, a minha capacidade de servir o meu senhor. Foram meses, e eu já não me reconhecia, a rotina me mastigava com força. Ao invés de engolir, ela regurgitava e lá estava eu novamente prestes a ser mastigado. Os livros viraram páginas em branco e eu já não entendia mais o que via nos jornais. Lá estava eu virando uma marionete que reproduzia todos os dias os mesmos movimentos a fim, somente, de servir, mas, antes de colocarem as últimas cordas, passei para o curso que queria, então uma faca atravessou as cordas e a marionete agora andava com seus próprios pés.



Com 21 anos, ingressei no curso de arquitetura e urbanismo no Instituto Federal da Bahia. Era como voltar em casa após passar meses viajando. A viagem tinha sido boa, mas já era hora de retornar para casa. Todo esse processo me ajudou imensamente a ter a leitura que tenho hoje das pessoas, das formas múltiplas de conhecimento, das variadas técnicas que um professor ou um pescador precisam aprender e de onde eu vim e o que isso significa.

A METAMORFOSE PREMEDITADA DO ARTISTA

Willian Théo Rocha da Silva

No entorno de um lar, crescia uma criança que, por muitas vezes, teve parte da sua personalidade moldada por harmonia, amor e carinho. E situações semelhantes continuariam a acontecer por um tempo, até que adversidades dessem início para a construção da metamorfose do Willian ainda em contínua mudança.

Muitas memórias povoam a minha mente. Lembro-me vagamente de uma festa de aniversário minha por volta dos 6 anos de idade, quando muitos olhares tinham uma só direção. Diretamente para mim, pessoas cantavam e batiam palmas, e meu olhar fixo na vela do bolo esperando o momento certo para poder apagá-la. O que eu não tinha noção era que um simples apagar de uma vela poderia assimilar tanto as maneiras como eu agiria em certas situações futuras.

Meus pensamentos na adolescência giravam em torno de inúmeras coisas, desde a aceitação sobre a minha integração na socialização de pessoas que me rodeavam em ambientes escolares, e ambientes onde existiam amigos muito próximos. Esse foi o pontapé inicial onde tudo começou a mudar. O mundo nos pressiona,

padrões nos moldam, “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte”. Por imaturidade, somos forçados a entrar em lugares que nem mesmo nos cabem. Dessa forma, fui orientado a normalização de comparações tanto em atitudes quanto a gostos: onde deveria existir apenas minha singularidade foi se infiltrando uma pluralidade nociva.

Sempre me vi um pouco no mundo das nuvens, porque somente lá me sentia livre de uma forma segura. Meus gostos sempre indicavam um lado artístico, mas, por inúmeras vezes, era sempre orientado a seguir por linhas retas e sem parar para analisar o porquê das coisas. Assim foi meu ensino médio, período em que aprendi a construir uma versão que adaptava de forma forçada, ao lidar com as diferentes situações. Já não sabia o que queria do meu futuro, por sempre ser forçado a trilhar por um caminho que todos julgavam ser o certo, o caminho da “felicidade”.

O contato com relações entre jovens da minha idade sempre me fazia sentir uma carência de sonhos genuínos e que eu pudesse me apegar e assim traçar um norte para eu me sentir realizado profissionalmente. Como achar um norte se nem mesmo eu sabia onde estava naquele momento? Meus pais sempre me perguntavam qual curso da faculdade iria fazer, se era rentável, se era viável e se eu faria até o fim. Na verdade, só faltou perguntar se eu estava feliz com as escolhas que eles limitaram para eu escolher. Sempre tive presente em mim um sentimento de que, independentemente do curso, um lado artístico meu iria expulsar tudo o que não tivesse a mesma profundidade que o pudesse satisfazer.

Imerso em uma bolha de poucas opções, criei em minha mente uma falsa possibilidade de esperança no curso de agronomia, mesmo sabendo que tal faculdade estava situada bem distante da minha cidade natal. As mudanças bruscas e sem planejamento caíam sobre mim rapidamente. Alguns meses após sair do Ensino Médio, estava de frente para uma realidade longe de



peças importantes, com responsabilidades que certamente ainda não estava preparado para lidar. Foi nesse período que eu encontrei uma versão da minha tristeza e do meu desespero que eu mesmo desconhecia. Era como se sentir apertado, mesmo estando em um campo largo e espaçoso. Agora me recordo do meu aniversário de 6 anos de idade, que agora fora interpretado por mim nessa situação. Todos os que antes me acalmaram hoje me pressionam. Dessa vez eu só queria poder apagar a vela e me esconder de tudo e de todos.

Para meu lamento, a mesma rapidez que ingressei na faculdade não foi a mesma da minha saída. Foram seis meses tentando me adaptar a coisas que nunca tinha presenciado, acordando sempre assustado todo santo dia. De uma coisa eu tinha certeza, o fim já foi premeditado desde o primeiro dia, voltando agora para casa, sem motivos concretos para o olhar da minha mãe. Em um mês o filho dela dizia que estava tudo bem e no mês seguinte uma frase em minha cabeça se fazia gritante: “mãe, me tira daqui”. Então para todas as pessoas que achavam ter me visto sair do “casulo”, na verdade eu não estava nem perto de sair dele. Afinal: “Ninguém nasce borboleta, a borboleta é um presente do tempo”.

Nesse estado de inércia, dentro do mesmo lar onde era amado por todos, me vi sendo julgado pela saída repentina da faculdade, sendo o primeiro da família a entrar em uma faculdade. Como se tratava de uma instituição federal, se antes havia uma pressão pela minha entrada na faculdade, agora existia uma cobrança ainda mais conflitante, a da minha saída. Mais uma vez, me vejo tentando agir rapidamente para sair de um casulo que estava sendo agora a minha prisão. Dentre inúmeros pensamentos, o que me restava era entrar no serviço militar obrigatório, por já estar no auge dos meus 18 anos. Lá passei 9 meses aprendendo a seguir ordens, a ter responsabilidades que antes eu desconhecia e a dar valor ao companheirismo com todos os que me rodeavam dentro do quartel.





O mundo já não era mais visto da mesma maneira, minhas perspectivas mudaram depois do convívio dentro do ambiente militar. Mesmo não tendo muito tempo para estudar, a vontade de achar um curso ideal ainda era viva dentro de mim. Ainda assim, mesmo sendo bombardeado de julgamentos, consegui passar uma certa confiança mínima para uma última tentativa de ingresso no curso superior. “A tarefa mais importante de uma pessoa que vem ao mundo é criar algo.” Nesse momento, gostos e desejos por construções, fotografia e ângulos me fizeram interligar tudo em um só curso. Como uma luz no fim do túnel, a arquitetura estava sendo para mim como uma perfeita esperança que alimentava meus desejos artísticos que um dia foram reprimidos.

Vi no fundo dos olhos da minha mãe a confiança de que eu precisava para dar rumo a minha vida. Filho de uma artista, ela no fundo sabia que eu seguiria seus mesmos passos, mas de uma forma mais coerente. Se antes havia dúvida nesse momento, depois veio a certeza. Ali comecei a ter minha nova visão e leitura de mundo. Dessa vez, estava preparado para o tudo ou nada. Um ano após a minha aprovação, ingressei na faculdade que hoje me encontro, saciado pela sede de liberdade que meu lado artístico suplicava e motivado pela chance de um novo sentido para minha caminhada.

REFERÊNCIAS

MARTINS, G. **O sol na cabeça**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREIRE, P. **Política e Educação**: ensaios. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

7

*João Victor Muxfeldt
José Helder de Brito Cardoso
Kamily Hury Rêgo Soares
Rudá Ataíde Siqueira Marques
Ryan Gilbert Oliveira dos Santos Gomes*

MOBILIDADE URBANA: LIMITES DE IR E VIR

1. COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Este ensaio busca refletir sobre como vimos adotando, no Brasil, um modelo de urbanismo que não apenas prioriza o transporte rodoviário e individual como também segrega e violenta pedestres, ciclistas, pessoas com deficiência (PcD), à medida que reproduz e sustenta o sistema capitalista. A colonialidade enraizada nessa forma de pensar e construir cidade se expressa nas ruas onde não se fiscalizam as calçadas irregulares, as avenidas sem ciclovia, os centros sem pisos táteis ou sem rampas. É evidente o desinteresse de muitos governos municipais em investir em transporte público de qualidade.

O padrão de mobilidade da população brasileira passou por bruscas mudanças desde o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), momento marcado por intensa urbanização, crescimento orgânico e desordenado das cidades, incentivo à compra e ao uso cada vez mais ampliado de transportes individuais motorizados (Ipea, 2010a). Esse crescimento urbano trouxe transtornos consideráveis para as cidades, como a violência, falta de saneamento básico e de água tratada e problemas de mobilidade. O surgimento da indústria automobilística moldou o planejamento das cidades e hoje se tornou patológico e insustentável, do ponto de vista urbanístico, uma cidade em que as pessoas demoram horas no transporte público para chegar ao trabalho ou para desfrutar de áreas de lazer.

A necessidade de repensar e de redesenhar a cidade vai muito além de amenizar os problemas do trânsito e envolve uma teia de benefícios que permeiam a saúde física, emocional e psicológica das pessoas que se locomovem e vivem em zonas urbanas.

Por fim, com relação à estrutura deste ensaio, trabalhamos com três seções distintas que perpassam por pontos essenciais no debate sobre as atuais condições da mobilidade urbana no Brasil. Num primeiro momento, abordamos a questão da colonialidade do poder e



sua relação com o sistema capitalista, considerando o planejamento das cidades a partir da popularização do automóvel e como o mercado influencia nesse planejamento. Em seguida, dissertamos sobre as questões de mobilidade entre cidades e dentro delas, as dificuldades que a população marginalizada enfrenta diariamente com transporte e as precárias condições de transição peatonal na maioria das cidades. Finalmente, trazemos os impactos da pandemia de Covid-19, em 2020, sobre a vida das pessoas e sua visão de lugar, espaço e locomoção.

2. COLONIALIDADE DO PODER: QUEM PODE E QUEM NÃO PODE SE LOCOMOVER

O projeto de urbanização no Brasil teve início no começo do século XX, na era Vargas, mas foi somente nos anos 50, com Juscelino Kubitschek, que se intensificou pelo interior do país. De forma desordenada, dando primazia aos automóveis, esse projeto se tornou prejudicial para muitas cidades, uma vez que dificultou a locomoção e a vivência de pedestres, ciclistas e PcD nos espaços urbanos. Como resultado desse período de acelerado desenvolvimento, muitas cidades se tornaram perigosas e hostis para as pessoas.

Com avenidas lotadas de automóveis particulares que contribuem ainda mais para a poluição ambiental, sonora e visual, altas taxas de mortes a cada ano por acidentes de trânsito e negligência governamental para com o transporte público (Bacchieri; Barros, 2011), as cidades brasileiras não são apenas planejadas para automóveis, como também para o enriquecimento da indústria automobilística. Por trás da carência de meios de transporte alternativos ao carro e a moto, existe a venda excessiva de automóveis particulares para pessoas que não suportam os transportes públicos lotados e ineficientes, ou mesmo para aquelas que buscam o *status* trazido pela ideia do carro próprio.



Entende-se que, de fato, quem controla todas estas mudanças nas cidades é o mercado, como enfatiza Aníbal Quijano (1989), ao abordar o conceito de colonialidade do poder. Desde que nos entendemos por gente, é inculcada discursivamente, por meio de diferentes práticas sociais, a ideia de que precisamos de um veículo próprio para ser feliz e viver. Somente um carro nos possibilitaria o pleno exercício da liberdade de ir e vir, principalmente se residimos distantes das zonas centrais.

Mignolo (2010, p. 12) destaca que a matriz colonial do poder “é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados”. Países e grupos que controlam a economia também controlam formas de exercício do poder, como a utilização dos recursos naturais e a produção das cidades. Dessa forma, percebe-se como as relações de poder instauradas pelas elites econômicas estão entranhadas nos mais diversos setores da sociedade.

3. PROBLEMAS DA MIGRAÇÃO PENDULAR

A mobilidade pendular, ou também chamada migração diária, é, em síntese, o processo cotidiano em que há o deslocamento de uma pessoa ou grupo da sua cidade residencial para uma cidade adjacente onde exerce atividades profissionais e/ou estudantis. Tendo em vista que esta dinâmica faz parte do cotidiano de variadas comunidades rurais, devido à falta da diversificação de oportunidade em suas respectivas moradas, as adversidades na locomoção de um espaço ao outro exterioriza a precariedade do transporte e o descaso de entidades governamentais em relação a povos periféricos, ainda que por lei constitucional estes possuem o direito de ir e vir e ao bem-estar social.

Segundo o art. 196 e 194 da Constituição Federal de 1988, é garantido o direito à saúde e à seguridade social. Sendo esta uma iniciativa de dever, principalmente, dos Poderes Públicos, a displicência das instituições intermunicipais e/ou regionais no que tange às con-

dições do meio de deslocamento traz perigos à sanidade física e mental aos que fazem seu uso. Portanto, essas pessoas, geralmente parte de minorias marginalizadas, têm seus direitos olvidados, por termos um sistema que, por muito tempo, priorizou o bem-estar dos mais influentes em detrimento daqueles/as que estão subalternizados/as.

Como exemplo, observa-se o problema da migração pendular na região oeste da Bahia, considerando as cidades de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e São Desidério, em que a primeira é posta como centro, visto que, na perspectiva de Nascimento (*et al.*, 2018, p. 14), “em relação à rede urbana nacional, a cidade de Barreiras hoje se apresenta como principal centro do terciário e de gestão do território, enquanto que a cidade de Luís Eduardo Magalhães exerce o papel de cidade do agronegócio”, ou seja, local de maior círculo comercial na região oeste e, portanto, com maior concentração de possibilidades para o desenvolvimento pessoal nessa sociedade capitalista. Como resultado, a escassez de transporte de qualidade entre tais cidades impacta na qualidade de vida população e a falta de estradas duplicadas gera graves e recorrentes acidentes no trânsito.

4. MOBILIDADE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E DEPOIS DELA

A locomoção é algo essencial na vida dos seres humanos, porém até ela foi afetada pela pandemia da Covid-19. O *lockdown* foi responsável pela mudança drástica na locomoção da população mundial. Atividades básicas como ir ao trabalho, escola, faculdade, restaurantes, etc. foram substituídas pelos ambientes virtuais, porém não são todos os serviços que permitem a sua execução a distância, ou seja, o transporte público não deixou de ser usado durante a pandemia.



Evidenciaram-se, assim, os problemas do transporte público no Brasil, pois, mesmo com as várias mortes em decorrência da Covid-19, os transportes públicos continuaram cheios. No entanto, outras formas de locomoção acabaram ganhando interesse da população como forma de se locomover sem colocar a própria vida em risco. Segundo pesquisa realizada pela Aliança Bike, a Associação Brasileira do Setor de Bicicletas, as vendas de bicicleta tiveram uma alta de 34,17% no primeiro semestre de 2021 em relação ao ano de 2020, ou seja, outras formas de locomoção vêm ganhando força, entretanto se torna necessária uma mudança no *designer* das cidades para a consolidação dessas novas formas de locomoção.

Segundo Raquel Rolnik, “estamos vendo já alguns impactos da quarentena, mas o caminho somos nós quem vamos escolher. Em países como China e Itália, a ausência de carros nas ruas reduziu a concentração de dióxido de nitrogênio, resultante da combustão”. Dessa forma, podemos ressaltar os aspectos positivo das outras formas de locomoção sem ser o uso do carro. Estamos vivendo em um mundo pós-pandemia onde nossos hábitos foram modificados, entretanto não aconteceu nos centros urbanos, contribuindo assim para a permanência do transporte sobre rodas.

Mesmo com a Lei nº 13.724, de 4 de outubro de 2018, que institui o programa Bicicleta Brasil, com o objetivo incentivar o uso da bicicleta, ou a Lei Municipal nº 1.347/1971 (Código de Obras), que define passeio como a parte do logradouro destinado ao trânsito de pedestre (art. 390) e determina que toda edificação deverá ser dotada de calçada no logradouro público na forma prevista por este Código (art. 130, VII), a locomoção ainda é um problema atual que carece de atenção. Sem dúvida, a intensificação do uso desses outros meios de locomoção ajudaria a diminuir a quantidade de automóveis nos centros urbanos e traria mais qualidade de vida para a população.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas, conclui-se que os problemas herdados pela construção desordenada das cidades e os interesses capitalistas na valorização de automotores dificultam, impactam na locomoção democrática de pedestres, ciclistas e PCD. As largas avenidas nos centros urbanos e as estreitas (às vezes inexistentes) calçadas e ciclovias servem para comprovar a segregação existente nesses espaços e explicita o discurso hegemônico da cidade carrocêntrica, ainda que, por lei, o pedestre seja posto como prioridade em relação aos automóveis.

Ademais, a escolha pela valorização do transporte rodoviário, datado desde a era Vargas e Kubitschek, trouxe impactos ligados não somente ao meio social mas também ao meio ambiente, visto que os carros são os principais emissores de gases poluentes, nocivos tanto para as pessoas quanto para a natureza. Por ora, o incentivo a novos modais de transporte limpo (a bicicleta, por exemplo) é uma alternativa para diminuir as consequências da ação humana causada por esses. A construção de um discurso contra-hegemônico faz-se necessária ao passo que os problemas trazidos por automotores afetam o âmbito socioespacial e impugnam às demandas daqueles que utilizam as calçadas e ciclovias para se locomoverem.

Entretanto, mesmo com todos entraves cotidianos vivenciados, percebe-se que o Estado permanece implantando políticas urbanas voltadas pelo e para o uso do automóvel, sem priorizar e qualificar o transporte público de massa, com raras iniciativas em gestões políticas para reverter essa crise de mobilidade. Embora haja, de modo casual, investimentos e ações acabam centralizados e antidistributivos, contribuindo com a desigualdade socioespacial da cidade.

Sendo assim, urge a necessidade de proporcionar uma infraestrutura que ampare, de forma equivalente, os pavimentos para



pessoas e veículos. Calçadas com acessibilidade, pisos táteis, faixas livres, ciclovias e transporte público de qualidade são pontos essenciais do bem estar social que deveriam ser fiscalizados e assegurados pelos órgãos administradores. O planejamento urbano, de antemão, deve visar o conforto, a segurança e o respeito para com aqueles que habitam a cidade. Desse modo, a ação de adequar as cidades passa por questões históricas e culturais, mas pode acontecer por meio de projetos e ações que estabeleçam formas mais democráticas de bem estar social.

REFERÊNCIAS

BACCHIERI, G.; BARROS, A. Acidentes de trânsito no Brasil de 1998 a 2010: muitas mudanças e poucos resultados. **Revista Saúde Pública** 45 (5), out. 2011.

NASCIMENTO, P. S.; BRANDÃO, P. R. B.; FERREIRA, R. J. A produção do espaço urbano de Barreiras (BA): reflexões sobre as implicações ambientais em áreas de expansão urbana. v. 6, n. 10, **Brazilian Journal of Development**, 2020.

RIBEIRO, L. C. Q.; RODRIGUES, J.M., CORRÊA, F. S. Segregação residencial nos grandes espaços urbanos brasileiros. **Cadernos Metrôpole**. v.12, n, 23, p. 15-41. São Paulo: 2010

VASCONCELLOS, E. **As políticas de transporte no Brasil**: a construção da mobilidade excludente. São Paulo: Editora Manole, 2013.

LEITURA DE MUNDO: SOBRE JOGOS, MODAS E ARQUITETURA

João Victor Muxfeldt

Normalmente, quando as pessoas pensam na própria infância, elas se lembram das brincadeiras com amigos jogando futebol,



vôlei ou natação, porém nunca fui do tipo que gostava de atividade física. Meu maior passatempo era ficar jogando vídeos games e teclando no computador. Me lembro até hoje de passar várias horas jogando *Mario*, *Mortal Kombat* e *The Sims*. Quando não estava no vídeo game, ficava no computador jogando MU, PW.

Conforme o tempo foi passando, os estilos de jogos foram mudando, até que conheci um que mudaria completamente a minha vida. Ele se chamava *Stardoll*. Para as pessoas a minha volta, era apenas um jogo de vestir boneca. Para mim, era o começo da minha paixão por moda. Embora não chegasse a nem 1% do que seria trabalhar com moda, aquilo era o máximo que eu conseguiria ter naquele momento.

A minha vontade de fazer uma faculdade de moda aumentava com o passar do tempo. Entretanto, a realidade é muito diferente do mundo virtual, já que a região onde moro não tem faculdade de moda e me mudar para uma capital era praticamente impossível devido a minha condição financeira. Fui atrás do máximo de oportunidades que tinham relação com moda, por exemplo curso técnico em designer de moda EAD e curso de corte e costura no SENAI. Sem muitas opções, procurei uma faculdade que pudesse ter algo a ver comigo. No curso técnico que fiz, descobri que minha vontade não era de ser estilista, mas um designer de moda. Esse trabalho de criar algo pensando no público era algo muito interessante.

Criar algo em cima das necessidades de cada indivíduo me fez perceber que a faculdade de Arquitetura poderia ser uma opção entre os demais cursos que existem na região. Entretanto, mesmo gostando de desenhar, eu não estava muito seguro se realmente iria gostar de Arquitetura, pois a grade do curso é muito ampla. Entretanto, ao pesquisar mais sobre as áreas nas quais poderia atuar, descobri os programas 3D como, por exemplo, o *V-ray*, *Autodesk* e até o *Unreal Engine*.



Ao me aprofundar nesse universo do 3D, conheci um programa chamado *Marvelous Designer*, que me fez lembrar da minha época jogando *Stardoll*, o jogo que apresentava ferramentas para criar roupas para a sua *doll*. Embora a Arquitetura, no primeiro momento, não me atraísse tanto, hoje percebo que é um campo de conhecimento e atuação profissional muito interessante.

Mcqueen afirma que o fim de um ciclo é triste, mas a vida é cheia de ciclos, ou seja, o conhecimento que eu estou adquirindo com o curso pode ser algo essencial e muito útil em outros momentos da minha trajetória profissional e acadêmica, tanto para a área criativa como a teórica. Com certeza, também acrescenta muito para meu futuro na área de moda e para a ampliação do meu senso crítico.

MEMORIAL DE LEITURA: RABISCANDO O PASSADO, DESENHANDO O PRESENTE, RASCUNHANDO O FUTURO

José Helder de Brito Cardoso

Em algum lugar cinzento de um passado dificilmente recordável, uma criança inibida se expressava por meio de tinta e lápis de cor. Quando criança, não sabemos muito como exteriorizar nossas ideias e nossos sentimentos por meio de palavras, sejam elas escritas ou faladas. Mas, quando desenhamos, tudo fica mais simples, mais assimilável. Desenho é minha palavamundo.

Talvez seja mais fácil relembrar partindo de um ponto específico na minha linha do tempo: a alfabetização. Não fazia amigos com muita facilidade e costumava ser mais recluso e quieto. Eu não me importava em ser um gênio precoce ou uma criança sapeca, mas me orgulhava quando diziam que minha letra era “bem redondinha”.





Certo dia, minha eterna educadora, Tia Luceni, percebeu uma nítida empolgação da minha parte nas aulas de educação artística. Guache, giz de cera, lápis de cor, eram as minhas ferramentas para criar algo totalmente original (copiado não, reinterpretado de algum desenho da *Disney*, da *Cartoon Network* ou da TV Cultura) e eu amava esse processo. Ciente desse interesse, Tia Luceni barganhava minha atenção nas outras aulas e negociava comigo o tempo nelas: se eu terminasse minhas atividades de sala antes do final, eu teria papel e minhas ferramentas para desenhar. Assim, passei a focar nas aulas o máximo possível para terminar minhas atividades o quanto antes e, enfim, me deleitar na minha imaginação e nos meus rabiscos.

Pouco a pouco, com o decorrer da infância e adolescência, as minhas agendas ganhavam outra finalidade. Não eram mais para anotar minhas obrigações, meus deveres, e sim para registrar a mais diversa gama de rascunhos e desenhos de histórias que faziam todo sentido na minha cabeça. O meu mundo, a maneira com que eu interpretava os espaços a minha volta, as circunstâncias, tudo ganhava forma quando desenhava, sempre com um quê de imaginação fértil e otimismo. Foi a partir desse ponto que eu comecei a usar esse, até então, hobby, para fazer novos amigos. Quem quer que fosse meu “alvo”, bastava eu fazer algum rabisco de super-herói e dizer que era o dito cujo e pronto, já tinha um amigo novo para brincar. Nesse esquema formou-se um quarteto, uma amizade sincera que floresceu até o fim do ensino fundamental.

Eu desenho desde que me entendo por gente, mas isso não é importante, afinal, toda criança desenha, eu só não parei. O tempo passou, o jeito que eu segurava a caneta mudou. Dos bonecos de palito vieram as formas que eu jurava parecer corpos humanoides, e assim eu continuei me expressando. Criava novas histórias, cada vez mais detalhadas, elaboradas. No ensino médio eu havia pensado, por exemplo, numa pessoa doce que saiu da “Goma Mãe”, alcançou lugares de destaque na sociedade e que surtou com o assassinato súbito de uma rainha feita de almofadas. Sim, muito viajado. Voltando.

Desenhar passou de um passatempo desprezioso para um patamar de necessidade, era como respirar, quiçá mais importante que isso. Contudo, num primeiro momento eu não queria planejar espaços. Minha imaginação corria solta, perpassando por *design* de personagens, de objetos, de criaturas. Abusava das cores e sempre tinha uma nova inspiração.

“Mas no Brasil não há espaço para design gráfico. Artes visuais, plásticas? Morreria de fome”. Essas eram só algumas das palavras de “incentivo” que me davam antes mesmo de eu cogitar algum desses campos de graduação. “Trabalhe com algo que te traga estabilidade financeira, depois você pode sustentar seu hobby”. Eu só queria desenhar. Inerte por todo o ensino médio eu permaneci, tentava me imaginar em diversos tipos de profissão. Médico, advogado, administrador, quaisquer que fossem as opções, sem a arte, parecia muito mórbido e descolorido. Foi então, quando ainda indeciso sobre que graduação deveria fazer, que encontrei na Arquitetura e no Urbanismo espaço para minha arte.

Começou com as expectativas baixas, construía uma casa no *The Sims 4*, subia algumas paredes no *Minecraft*, setorizava um bairro no *Cities Skyline*. Aos poucos assistia a um programa ou outro de reforma no *Discovery Home and Health*, ou folheava uma Casa Claudia, um *Architectural Review*. Quando dei por mim, tornava a imaginar espaços utópicos e extraordinários para as minhas histórias. Quem sabe eu não conseguiria pensar num espaço menos fantástico e mais real? Minhas tardes se desenrolavam em páginas na internet que falavam das mais suntuosas casas de celebridades e dos mais conceituados designers de interiores. A criatividade dos outros alimentava a minha própria, mas eu estava ávido, queria mais. Eu acordava com *design*, dormia com arquitetura e sonhava com conceitos. Até hoje estamos nessa *Belle Époque* psicológica, aproveitando qualquer ideia por menor que seja, guardando num potinho, esperando o momento certo para aplicá-la.



Aqui é o lugar onde meu planejamento, meu rascunho, meu traço, podem se tornar algo real e concreto. Saber que posso trazer ao mundo material as minhas ideias mirabolantes me empolga tanto que quase valem os surtos com as matérias de exatas.

Em suma, eu poderia dizer que tenho altíssimas expectativas. Que almejaria ganhar o meu primeiro *Pritzker* em 2035 e o segundo de 2038, ter inúmeros monumentos, construções eternizadas, um mausoléu, um parque nacional. Mas acho que, no final das contas, eu quero ter uma vida bacana. O que importa é minha satisfação pessoal e profissional. Eu me sinto pertencido em cada aula de Composição Visual, de Introdução à Arquitetura e ao Urbanismo, então acredito genuinamente que é esse o meu caminho: planejar e projetar lugares agradáveis e admiráveis, onde as pessoas queiram estar. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”, disse Paulo Freire (2004). É por isso que sigo buscando, nos outros e em mim mesmo, o que farei, como farei, quem sou eu e como quero ser lembrado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MEMORIAL DE LEITURA: MINHA RELAÇÃO COM A SOLITUDE

Kamilly Hury Rêgo Soares

Whalien 52

No meio do vasto oceano
Uma baleia fala sozinha e suavemente
o fato de que, não
importa o quanto gritem,
não irão os alcançar.
Torna-os tão gravemente
solitários que eles,
silenciosamente, fecham
suas bocas (BTS, 2015)

Em uma de minhas memórias mais antigas, encontro-me sentada no chão do quarto dos meus pais brincando sozinha. Aventurava-me dentro de minha própria mente para os mais variados lugares, com diversos tipos de pessoas.

Quando se é uma criança, a curiosidade faz-se presente a cada passo que se dá, como uma sombra que nos acompanha a todo lugar minimamente iluminado. "O que é isso?"; "Para que serve?"; "Como funciona?"; entre vários outros tipos de questionamentos, não é à toa que a infância seja o momento de nossa existência em que mais aprendemos sobre o mundo, mais especificamente, a parte nele em que mais convivemos. No entanto, em algum momento, essa curiosidade para de ser constante e caímos em um buraco profundo chamado rotina.

Vejo-me neste *looping* de eventos. Levantar da cama, realizar atividades básicas para a sobrevivência, ir à escola, voltar para casa e ficar dentro do quarto pelo resto do dia, assim foi meu cotidiano até eu completar 16 anos. A partir deste marco, uma grande mudança



se deu no mundo e na minha vida: a pandemia da Covid-19 assolou grande parte do globo que, até o exato momento em que escrevo, ainda impacta negativamente a vida de várias pessoas ao redor do planeta terra. Do ponto de vista de uma jovem branca, classe média, cujas preocupações na vida são tirar notas boas e entrar numa faculdade, passar por um *lockdown* não foi problemático, afinal, o que nos restou foi a conformação, permitindo que pessoas de maior poder e influência encontrassem maneiras de contornar tais crises. O problema apenas começa quando se torna adulto e percebe que pouco sabe sobre a vida ou o que fazer com ela.

Tive poucos sonhos durante minha vida. Para quem não tem sonhos, torna-se difícil estabelecer metas, então, por consequência ficamos a mercê do que o universo oferece a ti, deixando-nos duas opções: aceitar o que é oferecido ou entrar em mais uma rotina, sendo essa que pode nos corroer por dentro, como o tempo corrói estruturas abandonadas. Numa sociedade em que “tempo é dinheiro”, ficar na inércia é o mesmo que morrer, afinal, se não contribuimos para a movimentação do dinheiro, nossa humanidade não é reconhecida, tornando-se um fantasma. Escolhi aceitar o que me foi oferecido, entretanto, não é uma opção confortável. Sair de um convívio de dois anos limitados a pessoas que fizeram parte de toda a sua vida para uma convivência com pessoas completamente estranhas ao seu íntimo é, no mínimo, aterrorizante. Penso que foi nesse momento em que passei a associar o novo ao medo. Inclusive, quando reflito sobre o sentido de leitura de mundo, penso sobre como a constância do meu dia a dia desenvolvia em mim o medo do novo.

O medo é um fator que faz parte de todo ser humano, porém este não é um determinante, desde que cada pessoa projete um olhar diferente em sua face e, por muitas vezes, o melhor a se fazer é enfrentá-lo. Dito isso, planejei todos os passos que percorreria no início do curso sendo acadêmica para, enfim, perceber que não havia monstros no meio da floresta, mas um belo jardim repleto de possibilidades.



Passei a maior parte de minha vida sendo minha própria companhia e sempre amei isso. Não era necessário criar uma pessoa para me adaptar ou ser incluída, era apenas eu mesma, com risadas altas, dancinhas esquisitas e longos monólogos reflexivos. Liberdade. Ao menos era assim até eu entrar na escola. Quando se convive em sociedade, faz-se necessário adaptar-se ao meio, a fim de manter relações de acordo com o que é exigido. É uma regra básica. Entretanto, algumas estruturas educacionais, em vez de guiar sujeitos em formação para descobrir maneiras diferentes de se expressar, por fim, reprimem o olhar crítico e criativo, transformando o jovem numa máquina de reprodução de ideias.

Como dito anteriormente, na infância a curiosidade sempre se faz presente e, portanto, o novo não é assustador e, sim, animador. A descoberta de um novo mundo, desbravando terrenos desconhecidos, tanto no âmbito social quanto geográfico. Uma aventura digna de ser adaptada para um filme, ao menos, era o que meu eu infantil pensava. De acordo com Freire (1989, p. 9) "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente", ou seja, a interpretação que cada indivíduo tem relacionado a algo é influenciada por cada um dos momentos vivenciados ao longo de sua trajetória. Tendo, por exemplo, a perspectiva do meu "eu" infantil, o ambiente estudantil era um lugar de aventura, aprendizado e socialização, enquanto, da perspectiva do meu "eu" adulto, é um ambiente de amadurecimento, de juntamento intelectual e de formação.

Durante minha infância, lembro-me de observar minha mãe projetando e idealizando a casa perfeita. Íamos em cada cômodo analisando a estrutura para, assim, planejarmos reformas que nunca saíram do papel. Passava horas ouvindo-a falar sobre suas ideias empolgadamente. Nesse contexto, desenvolvi a vontade de dar à ela o lar que tanto sonhava. Quando fiquei mais velha, decidi começar a pôr esse plano em prática, prestando vestibular para cursar



Arquitetura e Urbanismo, na esperança de ser capaz de, além de projetar casas bonitas, construir lares e manter meu conforto financeiro.

REFERÊNCIAS

BTS. Whalien 52. Seul: **BigHit Entertainment**: The Most Beautiful Moment in Life pt.2, 2015. CD. Faixa 4.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

POR QUE MUDAMOS?

Rudá Ataíde Siqueira Marques

Desde que me entendo por gente, o ato de desenhar sempre fez parte da minha vida. Um rascunho aqui, um esboço ali. Se tivesse uma folha de papel e um lápis, o tédio não prevalecia. Nunca me considerei necessariamente apto a desenhar, não tinha o “jeito” para coisa, e assim foi por boa parte da minha infância e juventude. Apenas quando conheci mais pessoas que compartilhavam do mesmo gosto pela arte como eu, além de habilidades que considerava superiores, percebi o que buscar para melhorar este até então hobby, o pontapé inicial para a minha evolução artística.

Com essa mudança de perspectiva, minha própria concepção ou mesmo minha própria visão de mundo a respeito da arte mudou, o que antes era apenas um passatempo para aquele jovem garoto, tornou-se um desafio, uma prova de que eu poderia ir além de um simples “rosto de *Dragon Ball*!”. Dessa forma, quanto mais habilidades aperfeiçoava, mais possibilidades havia nas formas que eu criava.

Para tanto, descobri uma nova forma de observar as formas ao meu redor, considerando linhas, traços, cores e iluminação.

Enfim, ao ingressar no ensino médio, uma nova dúvida se instaurou em minha rotina, “qual caminho profissional devo seguir?”. Como dito, a arte sempre fez parte fundamental da minha vida, então era lógico escolher um meio que a envolvesse. Artes visuais, então? Parecia o mais óbvio, entretanto faltava algo que me chamasse à atenção. Que tal *design*? Parecia uma boa opção. Assim sendo, deixei-a como “viável”. Também tinha a profissão de tatuador em minha mente desde o fundamental.

Realizando uma autoanálise e olhando mais fundo dentro de mim, percebi uma conexão muito forte com a arquitetura, através de games, a exemplo de *Minecraft*, que me permitiu construir vilas inteiras. Nos programas de televisão, as diferentes construções saltavam aos olhos pela criatividade e beleza, e quem dirá até em filmes, onde aquela singela casa de *Hobbit* parecia simplesmente reconfortante e fantástica, no ponto certo.

Acima de tudo, creio que sempre fui influenciado por minha própria família, que sempre tinha alguma coisinha para mexer na casa, uma mudança no planejamento da sala, uma divisória de cozinha acolá. Esses processos de mudança sempre estiveram presentes na minha criação. Foi onde “mudança” se tornou uma das palavras-mundo mais importantes em minha vida. Não se tratando apenas de mudanças estéticas em uma casa antiga, ou mesmo entre um estado e outro para estudar, mas a mudança interna que sempre fazemos, na criação de um novo “eu” através da experiência que temos, ou dos erros que cometemos, essenciais para um dia após o outro tornar-me uma pessoa melhor, e alguém do qual aquele jovem garoto desenhista possa ter orgulho um dia.



VIAGENS DA MINHA LEITURA DA 'PALAVRAMUNDO'

Ryan Gilbert Oliveira dos Santos Gomes

Quando vago pelas memórias que habitam minha mente, há um desencontro de informações sobre a minha primeira visão acerca da leitura de mundo. Não existe um momento certo da minha vivência que o entorno traga essa questão de forma instantânea, pois sempre estive em mudança comigo mesmo. Entretanto, percebo que uma lembrança específica da minha leitura coloca um início a esse momento. Retrocedendo alguns poucos anos, embarco em uma jornada chamada “viagem para casa dos avós”, essa que marcou não somente minhas memórias, mas também minha percepção de realidade.

A residência de meus avós localiza-se em uma área rural, mais precisamente de 30 a 40 minutos da pacata cidade onde cresci, Formosa do Rio Preto. Visitá-los era minha forma de garantir a dose de serotonina semanal. Comer o especial tempero da minha avó, cozinhado em fogão à lenha, construía um dos alicerces da minha felicidade. Acordar cedo, sentar na varanda e observar a natureza também era de indescritível vivência. Isso tudo era meu primeiro contato com a leitura: o gosto, a sensação, o ambiente, o contato, os sons.

Nessa exata viagem, com toda a família reunida, que não me recordo o motivo para tal, apenas queria me divertir com meus primos que também estavam ali. Mas um grave acontecimento comigo me marcou para todo sempre. Enquanto os adultos bebiam, eu e as outras crianças brincávamos sob pés de manga, onde havia um balanço. Ah! esse balanço... Todos queriam ser empurrados nele. Eu, claro, não ficaria de fora, sempre gostei de sentir a adrenalina correndo pelas veias. Até que o trágico fato se desenrolou: empurraram-me tão forte que a corda se arrebentou e eu caí batendo com as

costas no chão. Naquele momento, minha visão escureceu, a respiração falhou e gritos se propagaram ao meu redor juntamente com uma mistura de sentimentos que vazavam sobre meu corpo.

A dor, a angústia e o medo fizeram-me perceber o quão rápida a vida pode suceder. Com a mente de criança esse era meu fim. Tal episódio ajudou a colocar limites em minhas aventuras e fez triplicar a noção de sentidos que existiam sobre meu ser.

Com o passar dos anos, outras leituras fizeram-se presentes em minha vida. Leituras de dores, de sabores, de aprendizagens, mas também leituras de prazeres e novidades. Em uma dessas leituras de descobertas, escolhi o curso que hoje estudo, mesmo não sabendo, de fato, o que era a arquitetura e o urbanismo à época. Lembro-me que, quando viajava a Brasília, automaticamente, meus olhos se voltavam para prédios, casas e construção da cidade em si, apesar da ausência de conhecimento sobre a profissão. O colírio para meus olhos era ver cada detalhe, composição e estruturação da capital brasileira, projetada por Oscar Niemayer e Lúcio Costa, que hoje são referências e fonte de inspiração para mim. Mas minha visão ia além do que eu observava. Queria entender a funcionalidade, a estética e a ética das edificações. Como eram feitas? Quem as fazia? Para quem seriam? Dúvidas que habitavam minha mente e aguçavam minha curiosidade.

Ao passo que crescia, o sonho de tornar-me arquiteto aumentava de maneira que não conseguia imaginar outra profissão. Quando obtive o resultado do vestibular, a sensação e a realização de passar no curso que tanto desejei foi indescritível. Lágrimas escorriam pelo meu rosto como resposta a todo esforço que exerci. Segundo Krenak (2019), “para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração [...]”. Definitivamente, sonhar sempre foi e será a



minha nascente para realização, para a felicidade, para a prosperidade. Sonhar é a minha palavra-mundo, desde os sonhos noturnos até àqueles acordados.

Essas leituras de mundo ajudaram-me a desenvolver a minha capacidade de leitura crítica, pois vejo que a precedência desta forneceram a base para o entendimento daquelas. As vivências, os gostos, os sentimentos, os ambientes, os sonhos, todos eles moldaram a minha identidade, minha perspectiva de realidade e foram necessários para a construção de questionamentos. No ramo profissional que escolhi prosseguir, pretendo buscar a mudança necessária para um bom convívio entre as nações, povos e grupos, visto que a arquitetura e o urbanismo caminham lado a lado com o progresso e a mudança social. Ao passo que desbravamos mais leituras, aprendemos novas maneiras de enxergar nossa existência como seres transformadores. Assim, o sentir e o viver são partes essenciais desse processo formativo que nunca acaba.

REFERÊNCIAS

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.



8

*Ana Flávia Messias Dias
Caroline Souza Rodrigues
Fernanda Silva Ferreira
Maria Eduarda Marques Fernandes de Souza
Milena de Oliveira Ramos*

DESCOLONIZANDO SABERES ALIMENTARES:

**A IMPLEMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS
DO BEM VIVER NA SOCIEDADE**

INTRODUÇÃO

A colonialidade alimentar é um termo utilizado para tratarmos dos efeitos do sistema-mundo moderno/colonial em nossos hábitos alimentares. A colonização e urbanização do território prejudicou tanto a morada dos povos indígenas como também seus hábitos mais ancestrais, como a cultura do plantio e da caça, levando-os a procurarem lugares mais isolados para conviverem em comunidade.

Com o decorrer dos anos, a colonialidade alimentar se intensificou em nosso cotidiano. Somos bombardeados constantemente por propagandas de alimentos que mudam nossa cultura e nossos hábitos alimentares. Hoje é comum vermos a troca de um nutritivo prato de arroz com feijão no almoço por um hambúrguer com fritas, hábitos alimentares reproduzidos do Norte Global. Segundo Poulain (2004), houve um substitucionismo dos alimentos enraizados na cultura e na produção local por alimentos industriais e globais, resultado do processo de “imposição” do consumo pela indústria alimentar.

Mesmo sabendo que alguns dos hábitos antigos ainda são mantidos e apreciados em algumas culturas do país, é importante destacar que hoje em dia a maior parte dos alimentos consumidos em grandes capitais no Brasil não é natural. Com o intuito de problematizar esse cenário e pensar possibilidades de implementação do bem viver em nossos hábitos alimentares, daremos destaque aos saberes dos povos indígenas sobre a alimentação, considerando o importante papel da ancestralidade, da terra, dos rios e da comunidade.

Para além desta introdução, este ensaio possui mais três seções, que tem o objetivo de debater o modo como a colonização imposta aos nossos ancestrais impactou negativamente a nossa alimentação. Na segunda seção, abordamos formas de desconstruir esses saberes consumistas/capitalistas a partir da implementação do bem viver na nossa sociedade. Por fim, trazemos soluções a partir da implementação do bem viver no âmbito político, econômico e social, com as considerações finais.



2. O IMPACTO DA COLONIALIDADE NA ALIMENTAÇÃO

Em cada quadrante do planeta, a alimentação humana resultou historicamente na combinação de fatores ambientais e culturais. As condições do meio, especialmente o clima, o solo e a biodiversidade ofereceram o material básico potencialmente alimentício. Por sua vez, os padrões culturais, incluindo técnicas culinárias e valores simbólicos, forneceram ferramentas para moldar nossa alimentação. Além disso, sobre o universo da comida se desenvolveram critérios de práticas sociais, atribuindo-se maior ou menor prestígio a algumas comidas, prestígio esse estendido às pessoas que as comem. Em geral, na modernidade capitalista, a história do Brasil é contada a partir da chegada dos portugueses no sul do Estado da Bahia. No entanto, para entender a alimentação do Brasil atual, é preciso entender a lógica alimentar já perfeitamente estabelecida e praticada pelas populações indígenas naquele abril de 1500 e descrita sucintamente por Pero Vaz de Caminha.

Nessa perspectiva, no primeiro século de contato, a atitude diante do Brasil foi sobretudo de deslumbramento, talvez poucas vezes cristalizado em palavras como numa carta de 1560, em que o padre Ruy Pereira escrevia da Bahia a Portugal, que “se houvesse paraíso na Terra, eu diria agora que o havia no Brasil” (Aguiar, 1982). Assim, o primeiro século da alimentação no Brasil foi de incorporação pelos portugueses da biodiversidade do trópico sul-americano, tanto nas plantas de cultivo como no uso de recursos da flora e fauna silvestres. Com o tempo, as mãos portuguesas juntaram sua própria tradição culinária com aquela que aprendiam dos povos indígenas, e criaram com os recursos da terra produtos até então desconhecidos tanto em Portugal como no Brasil.



Nesse contexto, os povos indígenas tinham como base alimentar a mandioca, complementada com produtos da caça e da pesca (Aguiar, 1982). Assim, no primeiro século da alimentação no Brasil, foi incorporada pelos portugueses a biodiversidade do trópico sul-americano, tanto as plantas de cultivo como o uso de recursos da flora e fauna silvestres. Com o tempo, as mãos portuguesas juntaram sua própria tradição culinária com aquela que aprendiam dos indígenas, e criaram com os recursos da terra produtos até então desconhecidos tanto em Portugal como no Brasil. Surgiam o bolo da mandioca puba, o doce de caju e os cozidos de couve com peixe. Assim, também, ganhavam popularidade o pirão de farinha de mandioca, a marmelada de fruta de lobo e os cozidos de taioba. Ali estava o embrião de uma nova vertente culinária na história da humanidade, centrada na mandioca, mas com amplo complemento de outros produtos, de origem vegetal e animal.

No âmbito da alimentação, a presença africana se traduziu em novos produtos e novas técnicas culinárias. Com as pessoas africanas escravizadas, entram no país os inhames africanos, o quiabo (quingombó), o feijão-de-corda, o dendê, o (gu)andu, o maxixe etc.. O padrão culinário dos povos do Golfo da Guiné consistia num prato de inhame pilado depois de cozido, até formar uma massa de grana fina, chamada de fufu ou futu. Esse padrão culinário das civilizações do inhame foi aplicado aos produtos disponíveis no Brasil, gerando pratos como o caruru, o vatapá, o efó e a maniçoba.

Darcy Ribeiro (1995) observa que, na maior parte do país, a imigração europeia não foi numericamente suficiente para modificar o padrão cultural moldado em quase quatro séculos de formação nacional. Mas, em São Paulo, foi diferente: o número de imigrantes foi tão grande que desfigurou o padrão caboclo que havia evoluído, a partir do aldeamento dos jesuítas até o começo dos anos de 1800. Nessa perspectiva, no que se refere à alimentação, Leonardo Arroyo, a pedido de Luiz da Câmara Cascudo, descreve em 1962 um roteiro



gastronômico da cidade de São Paulo. Fala de pizza, vinho Cambriz, de frango assado, ao alho-e-óleo, sardela, pão toscano, polenta frita, linguiça calabresa, comidas árabes, espanholas, portuguesas etc. Um desavisado imaginaria tratar-se de alguma cidade no sul da Europa. Também menciona restaurantes e sua antinacionalidade: "É curioso como o que menos se come em São Paulo talvez sejam as especialidades brasileiras..." (Ribeiro, 1995).

3. IMPLEMENTAÇÃO DO BEM VIVER

Como sabemos, a nossa colonização se deu por exploração e dominação de povos e territórios, com a reprodução da cultura eurocêntrica (colonizadora), mudando toda cultura dos nossos ancestrais e deixando uma grande ruptura em nossa identidade cultural. A filosofia do *bem viver* supõe então uma profunda transformação na relação sociedade-natureza, pelas mesmas razões e no mesmo grau que exigem mudanças nas relações étnicas e culturais de poder. Ao abordarmos sobre definição, em termos ideológicos, "o conceito implica a reconstituição da identidade cultural de herança milenária, a recuperação de conhecimentos e saberes antigos; uma política de soberania e dignidade nacional; a abertura de novas formas de relação de vida (não individualista senão comunitária)"; a recuperação do direito de relação com a Mãe Terra e a substituição da acumulação ilimitada individual de capital pela recuperação integral do equilíbrio e a harmonia com a natureza (Mamani 2010, p.13).

Boaventura de Sousa Santos (2010), almejando uma mudança radical nos modos de conceber o conhecimento, propõe uma Ecologia dos Saberes, proposta que intenciona uma contemporaneidade de conhecimentos para valorização de saberes e distintas historicidades que simultaneamente desvelam mundos e diferentes possibilidades de ser. A ecologia dos saberes, por superar comportamentos



discriminatórios entre conhecimentos, é configurada pela “[...] pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p. 54). Orientação que aspira impulsionar o posicionamento político de povos e visões diferenciadas de mundo contrárias à globalização hegemônica, por ser pautada em saberes de bases plurais e de proposição a intervenção no real.

Para o indígena e ativista Ailton Krenak (2019), [...] a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania, o que é bem diferente da realidade dos povos indígenas, que não possuem esse direito a sua própria terra.

Na visão dos povos indígenas, “a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor” (Porantim, 2016). Segundo o Povo Guarani-Mbya, “nossos velhos e as nossas mulheres mais antigas sempre nos diziam que antes dos brancos chegarem, tínhamos o bem viver completo: tínhamos mata, rios, peixes, caça, frutas nativas. Isso para nós é o Nande Rekó, é o jeito de viver Guarani” (Porantim, 2016, p.3). Assim sendo, a terra está na base do bem viver, no entanto, nem todas as comunidades indígenas brasileiras podem usufruir do direito de viver em seus territórios tradicionais, ou seja, estão sem possibilidade de vivenciar a condição primordial do bem viver. Um aspecto que devemos levar em consideração é o fato de que aderindo a esse estilo de vida reduzimos o desperdício gerado pelo capitalismo exacerbado. Vemos, por diversas vezes, ao consumirmos alimentos processados, o uso desenfreado de embalagens nos produtos. O número de embalagens primárias, secundárias e até terciárias gera impacto na aceitação do consumidor ao produto, porém, por outro lado, causa



graves danos ao meio ambiente. Como solucionar então o problema das embalagens? Voltamos novamente a pensar no bem viver. O pontapé inicial está na conscientização da população a respeito do descarte adequado das embalagens, de maneira a reduzir o hábito de jogar esse tipo de lixo nas ruas e incentivar a reciclagem, preservando assim a nossa mãe-terra e evitando a morte de um milhão de espécies marinhas por ano.¹³

CONCLUSÕES

A colonização no Brasil instituiu novos hábitos alimentares. Houve mudanças não somente na forma como os alimentos são encontrados ao consumirmos, mas também no modo como comemos. A quantidade de vezes que nos alimentamos ao longo do dia, o consumo de alimentos mais naturais ou processados e a utilização de diferentes utensílios e recipientes para alimentação, enfim, essa variedade de costumes alimentares nos ajuda a entender como acontece a (de)colonização dos saberes alimentares.

Assim, dar mais importância a alimentos naturais do território em que habitamos, valorizar e conservar as técnicas, os saberes, os alimentos típicos e os fazeres dos povos originários é perceber e tentar mudar a nossa relação com os alimentos. Conscientes de que sofremos um processo histórico cultural influenciado pela desigualdade, cabe entender como é importante a valorização do resgate culinário ancestral. O conhecimento aprofundado da nossa cultura nos permite ter mais autonomia ao pensar a ancestralidade e usu-

13

Disponível em: Poluição por plásticos mata milhões de animais todos os anos. **Funverde**. Acesso em: 05 ago. 2022.



fruir da terra como a principal base para garantir a harmonia entre os povos e a natureza, vivendo em plenitude o bem viver.

Sem dúvida, o bem viver requer também uma mudança nas estruturas econômicas (macropolíticas) e o reconhecimento de que o desenvolvimento deve ser pensado para resguardar e potencializar a vida, dando o direito dos povos de obterem a soberania alimentar, direito este de distribuição e consumo de alimentos que garantem à alimentação de toda a população, respeitando suas próprias culturas. Desse modo, não cabem nele os projetos de exploração abusiva dos recursos naturais nem os que se baseiam na exploração do ser humano. O bem viver requer uma mudança política, para constituirmos uma sociedade fundamentada na justiça, na partilha e no respeito a todas as culturas e a todos os povos.

A importância do paradigma do *bem viver* não está na realização imediata de uma ruptura, mas na retomada de um horizonte – um futuro com justiça e igualdade. A luta indígena pelo *bem viver* faz parte de uma ampla aliança pela preservação da vida no planeta Terra. Para pensar em *bem viver*, é necessário beber da fonte ancestral, mas isso não significa fazer uma leitura utópica do passado, e sim pensá-lo como tempo que respalda a contínua produção do presente e do futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. **Mandioca**: pão do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ARROYO, L. Capítulo da mesa, em São Paulo. **Cascudo**. L. da C. Antologia da alimentação no Brasil. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 89-96.

CAMINHA, P. V. Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel. Pereira, P. R. **Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999. p. 31-59.



DANTAS, R.P. *et al.* Alimentação no Brasil colônia, uma aula-oficina: a interdisciplinaridade de conteúdos e possibilidades no ensino de história. **Encontro internacional de produção científica**. Universidade Estadual de Maringá, 2019.

POULAIN, J. P. **Sociologias da Alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SUESS, P. Elementos para a busca do bem viver (sumak kawsay) para todos e sempre, **Conselho indigenista missionário**, 2010. Disponível em: <https://cimi.org.br/2010/12/elementos-para-a-busca-do-bem-viver-sumak-kawsay-para-todos-e-sempre/>. Acesso em: 04 ago. 2022.

HUANACUNI, F. **Buen Vivir, Vivir Bien**: Filosofia, políticas, estratégias y experiencias regionales andinas. Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas. CAOI. Lima, Peru, 2010.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

A MAIS PURA ESSÊNCIA DO AMOR A PARTIR DAS PRÁTICAS ALIMENTARES

Ana Flávia Messias Dias

Já dizia Paulo Freire (1989) que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Antes mesmo de aprender a ler na escola, eu já realizava leituras de mundo. Eu gostava de observar as expressões no rosto das pessoas da minha família e dos meus amigos. Eu via como elas se comportavam diante de mim. Eu lia a forma como elas

expressavam seus sentimentos e emoções. Hoje consigo interpretar de forma mais clara algumas memórias da minha infância. A chegada dos finais de semana, por exemplo, era motivo de inquietação: a espera por ouvir as histórias de quando vovô era mais novo, de sentar em seu colo, receber um cheiro na cabeça, fazer planos para o dia seguinte, desde o nascer do sol ao nascer da lua.

O carinho e o aconchego eram tão grandes que eu me sentia livre para explorar lugares desconhecidos em busca de diversão porque eu sabia que ele estava ali me vigiando e protegendo. Eu tinha nas mãos o poder de escolha e sempre ouvia “é ela que escolhe, pode pedir o que você quiser”. Eu o abraçava em meio às gargalhadas por saber que ele sempre faria de tudo para me ver com aquele sorriso.

As diversas formas de amor que recebi durante minha infância refletem na forma como eu construí a minha visão de mundo. Sinto prazer em identificar e observar conexões em que se pode perceber o amor envolvido. Coisas simples, desde entregar uma pequena flor aos avós até ao cuidado que o Engenheiro de Alimentos tem ao entregar produtos saudáveis para as pessoas poderem confraternizar e dividir momentos ao redor da mesa.

Entendo que a refeição não serve apenas para nutrir nosso corpo, mas também para firmar laços. Na minha vida, é recorrente expressar o amor por uma pessoa cozinhando para ela. Como é bom chegar em casa, ser recebida com o brilho no olhar e ouvir “eu preparei a sua comida preferida”. Atitude como essa é uma forma de expressar o amor para quem a gente ama. “A verdadeira conexão entre cozinha e afeto está na memória. Uma forma, um modo de preparo, uma cor ou um aroma podem trazer lembranças fortes”, diz Roberta Sudbrack (2017). Por isso, é ainda melhor oferecermos os melhores produtos para que fique prazerosa a experiência de apreciar deliciosas comidas. Saber que, sem dúvida, está sendo entregue o melhor para a pessoa amada. Esse prazer é inegociável.



REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

CLAUDIA. Roberta Sudbrack, chef de cozinha, proprietária da lanchonete Da Roberta, no Rio. **Receitas por Flávia G. Pinho**, 2017. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/gastronomia/9-experts-em-comida-dizem-como-o-afeto-os-influencia-na-cozinha/amp/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OS CACOS DE VIDRO DA MINHA INFÂNCIA: RESSIGNIFICANDO A VIDA

Caroline Souza Rodrigues

A minha infância pode ser resumida em um enunciado que encontrei por acaso na internet que diz que “toda decisão é um caminho sem volta”. O mundo pode até dar voltas, mas nunca volta atrás para emendar erros” (DUARTE, 2019). Lembro-me perfeitamente da minha infância curta e dolorosa; aquela menina de apenas dez anos com a mente aberta e curiosa. Eu estava sempre interessada em conhecer o mundo ou como eu diria “o conto de fadas”, aquele mundo em que eu acreditava ser uma princesa feliz até conhecer o príncipe encantado.

Essa ilusão de querer encontrar uma pessoa amada semelhante ao príncipe encantado acabou me trazendo dor e sofrimento que se assemelham a verdadeiros cacos de vidro. A minha infância foi marcada por muitos momentos bons, mas houve também muitos momentos difíceis, momentos que não repetiria. Apesar de aprendermos com esses momentos dolorosos da infância, o meu desejo é de esquecê-los. Reconheço que é uma situação difícil, mas ainda sim tenho esse desejo.



Eu era muito decidida com as coisas que queria fazer. Mesmo que fosse ruim para mim, eu levava tudo a ferro e fogo. Isso aconteceu, por exemplo, com meu amor de conto de fadas, o amor que me virou de cabeça para baixo. Acreditei piamente naquele amor, como se fosse único e verdadeiro.

Lembro-me que esse romance durou aproximadamente dois anos. Eu não era mais conhecida como a Carol, a Carol querida pelos vizinhos e pelos parentes, mas como aquela criança que namorava um rapaz cuja conduta não era aprovada pela maioria das pessoas. Os meus pais nunca aceitaram aquela relação. A minha rebeldia só me fazia crer no amor do meu parceiro. O tempo foi passando e a relação intensificava.

Certo dia, eu estava na casa de uma amiga na beira da porta em pé conversando com esse meu “namorado” quando de repente senti a mão de minha mãe me segurando firme, tentando mais uma vez me impedir de seguir com a rotina que eu levava.

Nesta mesma noite, às 22h, ocorreram cenas que tento apagar da minha vida. Eu estava ali me desentendendo com minha mãe. Com lágrimas, hoje recordo que eu, estressada e cansada, comecei a canalizar minha insatisfação sobre as coisas. Já não havia mais perfumes e espelhos, tudo estava pelo chão. Diante daquela situação difícil peguei minhas roupas e tentei sair de casa. Mesmo com tantas decepções, minha mãe me impediu mais uma vez de atravessar a porta.

Até este momento, eu não conhecia realmente a leitura do mundo, porque ainda sonhava com contos de fadas. Na verdade o conto de fadas era minha leitura de mundo. Naquele dia, escutei um suspiro desesperador que falava repetitivamente a mesma frase. Me dizia que eu era a culpada por tudo isso que estava acontecendo e essa voz era a minha consciência. Lembro que saí correndo. Quando olhei minha mãe no quarto, ali estava ela com meu pai, com feições tristes, olhos caídos e lágrimas escorrendo sobre o rosto e os lábios. Ele dizia: minha filha, pra que isso? Foi nesse momento



que compreendi que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989). Foi aí que entendi que, através da realidade, vivida, temos base para qualquer construção de conhecimento.

Naquele momento, parada, olhando para o meu pai, comecei a me perguntar: e se fosse diferente? E se eu fosse o orgulho e não a dor de cabeça dos meus pais? Então, naquele momento, eu só queria uma chance para fazer tudo diferente, tudo que nunca havia feito, e comecei a imaginar meu pai e minha mãe felizes. Ali mesmo naquele quarto claro, olhei para meu pai e prometi que nunca mais seria a decepção da sua vida. Com o passar do tempo, tentando recuperar a infância perdida, lembro-me de ter vivenciado mais leituras de mundo com os cacos de vidro. Acionando a minha memória, recordo-me que, mesmo já tendo sentido tanta dor por um corte de vidro, poderia vivenciar momentos felizes e marcantes.

Esses momentos foram sentidos quando, por exemplo, me misturava com as crianças na rua e brincava com aqueles jogos próprios da infância (bandeirinha, pet, futebol...). Lembro-me, também, que tínhamos um vizinho chato, briguento, que furava nossas bolas. Lembro-me que cortei os pés algumas vezes com cacos de vidro jogados na rua por esse mesmo vizinho na tentativa de nos impedir de brincar.

Entretanto, hoje reconheço que essas dores foram importantes para a formação da minha pessoa. Com as dores sentidas, comecei a compreender o mundo e a me aproximar dos estudos. Certamente não vivo a minha vida em função dos meus pais. Naquele momento era importante entender que eu precisava da atenção deles e retribuir tudo que eles faziam por mim. Depois de passar por aquele momento conturbado, consegui compreender também que eu posso ter uma vida feliz e satisfatória, considerando os objetivos que eu construí para mim mesma.



No meu processo de transformação pessoal, o que mais havia era gente duvidando da minha capacidade. Hoje posso dizer que, através das dores sentidas na minha infância, sou capaz de muitas coisas. Hoje sou uma pessoa formada no curso técnico em Alimentos e bebidas. Dando continuidade aos estudos, atualmente sou aluna do curso de Engenharia de alimentos, que é um ramo da engenharia que engloba assuntos relacionados com a industrialização de alimentos, como desenvolvimento, fabricação, conservação, armazenamento, transporte e comercialização dos alimentos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

O VIVER SEM AUTOCOBRAÇA EXCESSIVA

Fernanda Silva Ferreira

Ao revisitar algumas memórias acerca da minha infância e adolescência, percebo cada vez mais que nunca fui uma pessoa que almejava algo realmente grandioso na vida. Nunca um desejo exuberante. Nunca um grande sonho. Nunca uma grande carreira ou algo que tirasse os meus pés do chão.

Sempre fui uma pessoa mais focada em viver momentos, vivendo um dia de cada vez de forma completamente tranquila, sem me prender excessivamente em pensamentos sobre meu futuro. Isso se reflete muito em minha atual situação, pois ainda não sei se encontrei ou não uma área de estudo e trabalho que desperte meu total interesse e que me faça querer viver disso.



Desde nova, sempre achei completamente irrelevante toda essa preocupação e necessidade de planejar nosso futuro. Esse foi provavelmente o meu primeiro pensamento crítico a respeito de como vivemos em sociedade e acabamos por nos pressionar com pensamentos de como viveremos em nosso futuro após a escola.

Após o término do ensino médio em 2016, a pressão familiar começou a surgir em volta da minha pessoa. Mesmo com apenas dezesseis anos, existe uma urgência no fato de um estudante que acabou de concluir o ensino médio estar em busca o mais rápido possível de um bom futuro, com uma carreira estável, uma formação, nunca se permitindo descansar ou esperar. Sempre há essa necessidade de continuar olhando para a frente apenas se sobrecarregando mentalmente e psicologicamente, pois acreditam que apenas dessa forma será bem-sucedido no futuro. Afinal, "hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização" (HAN, 2018).

Minha iniciação com cursos superiores foi conturbada. Primeiramente, morando sozinha em uma capital, sem nunca ter realmente parado para refletir sobre o que fazer, me encontrava perdida a respeito de tudo ali. Apesar de tudo, nunca me incomodei de verdade com o fato de ter que estudar. Sempre gostei de manter minha mente ativa, mesmo nos mais extensos momentos de ócio. Inicialmente, o primeiro curso que escolhi foi o Bacharelado em Farmácia. É um excelente curso e faz parte de uma área com a qual me identifico. Pensei seriamente em me formar no mesmo, mas, devido a problemas de saúde, fui forçada a trancar minha matrícula e voltar para o interior. O segundo que tentei foi o Bacharelado em Psicologia. Parecia ser inicialmente uma boa ideia, já que também gostava de pesquisar muito a respeito da mente humana, mesmo nunca tendo pensado em seguir carreira profissional em volta disso. Essa iniciativa durou apenas meio semestre. Sem dúvidas, foi a minha pior escolha. Depois de um ano parada, comecei a olhar e pensar a respeito de alguma área de Engenharia, e acabei por ingressar no



curso de Engenharia de Alimentos, depois de passar para o mesmo em uma faculdade que está numa cidade relativamente próxima à minha. Não priorizei exatamente o curso em si, porque, apesar de gostar da ideia, não ficar sem estudar e completamente longe de minha família foram fatores que pesaram muito nessa escolha.

O curso de Engenharia de Alimentos nunca foi realmente algo que eu pensei que chegaria a cursar algum dia. As lembranças da infância e da adolescência mais próximas e condizentes com o curso são as de quando eu assistia a minha mãe cozinhar e a ajudava sempre que possível. Lembro-me que, diversas vezes, eu me pegava perguntando a ela certas curiosidades: o porquê de o arroz ter pó; o porquê de a casca da banana escurecer; o porquê de o maracujá ficar murcho quando passava muito tempo na geladeira; o porquê de ter tanta coisa escrita na lata do Nescau, que eu costumava tomar com leite quando acordava; o porquê de o leite de caixa demorar mais tempo para estragar.

Como dito, apesar de nunca ter tido uma grande ambição para o futuro, sempre fui uma criança incrivelmente curiosa. Foi motivada por alguns desses questionamentos que ingressei na Engenharia de Alimentos. Relembrar de momentos da minha infância com a minha mãe na cozinha é realmente algo que me traz “gás” para constantemente me manter ativa na vida acadêmica.

Ainda que eu continue com alguns dos mesmos pensamentos de quando eu era mais jovem, como, por exemplo, não criar planos, não me forçar a fazer algo que eu não queira e que eu não tenha curiosidade, percebo que estou gostando e me adaptando bem ao curso. Às vezes me pego pensando em meu futuro como engenheira de alimentos. No entanto, ainda me mantenho vivendo o momento e tendo em mente que viver no mundo atual é cansativo. Permaneço acreditando que a pessoa só deve manter grandes esforços se for para algo com o qual ela realmente se identifique e goste de fazer.



O FLORESCIMENTO DA LEITURA: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Maria Eduarda Marques F. de Souza

Ao acionar minhas memórias, não me vejo almejando algo que não seja a leitura, mas não necessariamente eu sabia disto. Desde meu ingresso na escola, por volta dos quatro anos de idade, eu nunca tive afinidade com matemática e suas fórmulas. Sempre me apeguei a disciplinas de ciências humanas, como por exemplo português e história, que me prendiam a atenção. Mesmo sem saber ler, fingia por diversas vezes, ao abrir um livro, que sabia exatamente da história ali contida. Caso não houvesse gravuras, eu mesma fazia minha releitura da forma que minha imaginação mandava.

A mediação de leitura é entendida como o ato de ler para o outro. Não posso prosseguir esse texto, sem apresentar-lhes duas pessoas em especial, que foram importantes para despertar o meu gosto pelo ato de ler. Pessoas que não foram minhas professoras de sala de aula, mas que foram grandes mediadoras de leitura, a quem serei eternamente grata. Meu primeiro contato com a leitura ocorreu por volta dos dez anos de idade. Meus pais nunca tiveram condição de comprar livros na minha casa, por isso minha primeira relação com a leitura foi intermediada por Keite, minha prima por parte de mãe, que ganhava quatro exemplares de gibis da turma da Mônica Jovem por semana. Então, sempre que podia, eu me dirigia a casa dela, sentávamos na cama, rodeadas de gibis e líamos a tarde toda.

Com o passar dos anos, uma ponte foi sendo construída e assim como o gibi acabou se tornando 'coisa de criança', a necessidade por outro tipo de leitura foi nascendo. Passamos a ler revistas da Capricho, com posters da nossa *boyband* preferida. Lembro-me que estas eram mais difíceis de conseguir. Líamos embaixo da escada, pois, se a mãe dela descobrisse as fotos do *One Direction*,

estaríamos encrocadas. Durante esse período em que estava estudando o ensino fundamental, a escola foi ficando mais complicada. O tempo para visitar Keite foi diminuindo, e meu contato com a leitura também. Eu lia um ou outro livro em formato pdf, que minha prima conseguia baixar, mas ansiava por segurar um livro físico e sentir o cheiro das páginas. Uma sementinha já havia sido plantada, e a vontade de ler que foi sendo esquecida não foi apagada.

Aos quinze anos de idade, recordo-me que estava saindo para visitar uma amiga da minha mãe. Foi então que conheci Emyle. Ao conversarmos, ela me contou que amava ler. Fiquei fascinada por ouvi-la compartilhar suas leituras, as palavras difíceis que ela utilizava e os livros que possuía, e como eram tantos! Naquela noite nos despedimos, trocamos nossos telefones, e ela me prometeu emprestar alguns livros. A cada livro emprestado e 'devorado', ia crescendo novamente o desejo pela leitura. A cada instante que conversávamos sobre minhas impressões sobre os livros, fui percebendo que queria saber falar daquele jeito e expor minhas ideias criticamente. Como já dizia Paulo Freire, "Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade..." (FREIRE, 1989, p. 261). Com curiosidade, nascia então minha leitura de mundo.

Ao ingressar no ensino médio, pude perceber que possuía facilidade em ler os textos propostos, em resumir e apresentar debates sobre diferentes tipos de textos acadêmicos. Percebi então que florescia ali minha leitura crítica do mundo. Esse anseio precoce pela leitura me trouxe uma capacidade crítica baseada na indagação e me deu mais segurança ao tomar minhas decisões. Com a chegada da faculdade, eu já sabia o que esperar. Deparei-me com caminhos restritos, ou cursar Nutrição ou Engenharia. Confesso que nunca gostei da possibilidade de trabalho monótono. Conforme fui pesquisando, a Engenharia foi ganhando na hora de me decidir. A perspectiva de todo dia poder me deparar com situações diferentes,



na área em que eu futuramente trabalharia, me deixou animada. A expectativa de desconstruir o paradigma de que só homens podem ser engenheiros fez crescer meu anseio pela área.

Muitos jovens são facilmente influenciados por não possuírem o hábito da leitura. O desenvolvimento da leitura crítica é de grande importância para compreendermos melhor nossa existência e para sabermos, por exemplo, que as desigualdades sociais não são fenômenos naturais, mas são construídas culturalmente. A leitura forma então o caráter crítico do cidadão. Forma pessoas que não são somente reprodutores de conhecimento, mas que podem ir contra a ideologia dominante que as oprime.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. Cortez, São Paulo, 1989.

FLOR DE LARANJEIRA: O PERCURSO

Milena de Oliveira Ramos

A oportunidade de apresentar minha trajetória pessoal até a faculdade em um Memorial permitiu-me uma reflexão sobre todas as atividades realizadas no meu percurso formativo. Este trabalho busca identificar e refletir sobre algumas etapas da minha vida, como a formação em Técnico em Alimentos e Bebidas e o percurso até o tão sonhado futuro próximo, Bacharel em Engenharia de Alimentos. Sob esse viés, assinalo, na passagem da escrita, as situações que penso como mais significativas e relevantes.





A escolha da formação no curso de Engenharia de Alimentos está diretamente relacionada a minha história familiar. Em relação à minha origem, sou residente de Barreiras (BA). Também tive influência da cultura de uma cidade vizinha, Cristópolis (BA), onde meus avós maternos moram. Sempre estudei em instituições públicas. Ao longo de todo meu ensino fundamental, demonstrava curiosidades nas mais diferentes disciplinas e fazia diferentes perguntas para os professores. Costumava fazer perguntas sobre os alimentos como por exemplo: “Por que as maçãs escurecem após serem cortadas?” ou “A cerveja é feita de cominho em grãos?”. Devido ao fato de a internet da época não ser de fácil acesso para as pessoas, o diálogo era o canal que uma criança muito curiosa tinha para esclarecer dúvidas. Não era à toa que eu sempre ouvia da minha avó algumas expressões. Por exemplo: “minina, você tá apertando meu juízo com essa falação, parece que bebeu água de chucai”.

O desejo pela área nasceu ainda quando era criança. Não sabia qual formação iria seguir, mas sabia que seria relacionada aos Alimentos. Das múltiplas e deliciosas memórias da minha infância, uma me marcou de forma significativa. Eu e minha avó costumávamos nos encontrar embaixo de uma laranjeira cheia de andorinhas que faziam maior alvoroço, enquanto catávamos flores de laranjeira para prepararmos o chá da tarde.

Nesse contexto, eu denominava o chá como “o chá mata leão da vó”, na inocência e maturidade da idade. Não imaginava o quanto a flor da laranjeira pertencia a um incrível universo com seus flavonoides, antiespasmódicos, poderes calmantes e curativos.

As flores de laranjeira também me remetem a algo que gosto muito, que são textos poéticos. Dentre esses textos, destaco um que é onde me reencontro, onde está minha essência, a lírica romântica de Gonçalves Dias, Canção do Exílio, da qual extraio alguns trechos:

“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores

Esse poema com palavras tão simples, mas cheio de vivências e histórias, assim como um simples chá da flor de laranjeira carrega propriedades medicinais, me faz repensar minhas memórias da infância de uma forma mais reflexiva.

Todas essas experiências me habitam e influenciam o modo como leio o mundo. Minha leitura de mundo quase sempre é atravessada por questões relacionadas aos campos dos alimentos. Um quesito primordial para suprir as minhas dúvidas sobre o mundo dos alimentos foi o desenvolvimento da leitura. Não seria possível entender de forma resumida que as maçãs escureçam quando cortadas. Aprendi com os livros que, na verdade, quando expostas ao oxigênio, há inevitavelmente um escurecimento enzimático.

Nesse contexto, precisei desenvolver o hábito das minhas práticas leitoras para poder conhecer cada vez mais sobre os alimentos. As minhas leituras são diversas, povoadas por essas experiências. Com base em Paulo Freire, também penso na minha própria palavra mundo, em uma palavra que materializa e que encarna a realidade de tal forma que consigo revisitar a infância. Essa palavra é, por exemplo, “água de chucai”. Ademais, o engenheiro de alimentos precisa desenvolver diferentes práticas de leitura, não apenas acadêmicas, para ser cidadão/cidadã no mundo.



9

Lohrane Myres Magalhães de Souza

Maiana Deise dos Reis Matos

Ricardo Aires dos Santos

Tamires Dos Santos Costa

UMA DISCUSSÃO SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCS) COMO ELEMENTO CULTURAL E SEU PAPEL NA DECOLONIALIDADE GASTRONÔMICA

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99345.9

INTRODUÇÃO

Quando se fala em alimentação, é muito comum ouvir a expressão “somos tudo aquilo que comemos”. Mas, afinal, somos? Quando se faz uma reflexão mais aprofundada sobre o tema, podemos extrapolar as barreiras do significado que a frase geralmente transparece. O senso comum que associa esse pensamento aos aspectos nutricionais e até à saúde que os alimentos carregam não está equivocado, no entanto as práticas alimentares apresentam dimensões sociais e culturais.

Cada povo possui suas características e tradições. A alimentação é parte irrefutável do patrimônio cultural de um povo e se encontra em constante transformação e adaptação ao tempo e ao local onde se situa.

As Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCs) são frutos dessa contínua evolução alimentar e cultural. O termo é relativamente novo e foi criado em 2008 pelo biólogo e professor Valdely Ferreira Kinupp (Kinupp; Lorenzi, 2014). Elas podem ser frutas, flores, sementes e vegetais que são pouco conhecidos na alimentação do dia a dia, produzidos em pequenas quantidades e dificilmente encontradas em supermercados. A grande maioria cresce de forma espontânea em jardins, florestas e até terrenos baldios.

Segundo Kinupp e Lorenzi (2014), as PANCs serviram para o sustento da humanidade desde a idade da pedra, porém a maioria das pessoas não as reconhecem, resultando na falta de produção e comércio. Sem dúvida, as PANCs poderiam fazer parte do cardápio de consumo diário. No entanto, a falta de conhecimento das pessoas leva a caracterização dessas plantas como ervas daninhas, vistas como “mato” e/ou ignoradas (LIBERATO *et al.*, 2019).

Mesmo ainda sendo muito pouco conhecidas e cultivadas, principalmente por desinformação e preconceito culinário, esse grupo vegetal vem se popularizando nos últimos tempos e ganhando



espaço na grande mídia, tendo inclusive sido destaque em alguns *reality shows* culinários de renome.

Um dos pontos de discussão mais interessantes relacionados ao assunto é que grande parte desses alimentos já é utilizada na culinária local de alguns grupos de diversas regiões, desde muito antes da criação do termo PANC. Por que, então, algo que é fácil de cultivar, possui sabores e características nutricionais de altíssimo valor, além de ser endêmico da nossa cultura e do nosso país, nunca antes teve um destaque nacional? E como fica o cenário atual após essa recente “popularização”? Quando nos deparamos com um assunto tão complexo, é inevitável questionar os processos da globalização, a política em nível mundial, o poder de influência da mídia, as raízes colonialistas entranhadas no seio da nossa sociedade e o excesso de interesses capitalistas por trás da produção de alimentos.

Por estarmos sempre acostumados com os alimentos que nos são disponibilizados e enraizados em nossa cultura para o consumo, não valorizamos o que está ao nosso redor, na maioria das vezes por falta de conhecimento. Nosso objetivo com este trabalho ensaístico é desenvolver reflexões decoloniais sobre as PANCs, com base em pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório. Essa reflexão será pormenorizada na seção seguinte, onde abordaremos algumas relações entre decolonização de saberes e PANCs. Por fim, outra seção apresenta as considerações finais.

2. DESENVOLVIMENTO

Foi a partir das trocas e práticas alimentares em conjunto com a mistura de raças, culturas, gostos, cores e aromas, que surgiu a culinária diversificada que temos hoje em dia. Antes da chegada e colonização portuguesa no Brasil, nessas terras, já havia uma alimentação rica, nutritiva e ancestral, a alimentação indígena, como destaque para



o consumo de mandioca, inhame, milho, ervas e peixe. No entanto, a definição de alimentação muda de acordo com o conhecimento da população sobre alimentação saudável e seus benefícios.

São inegáveis as mudanças profundas nas práticas alimentares nas últimas décadas, no Norte e no Sul global, levando as pessoas, muitas vezes, ao retorno à vida natural. Assim, as PANCs assumem um papel fundamental neste retorno. Se antes serviam para o sustento do corpo humano, desde a idade da pedra, hoje parte das sociedades as ignoram, mas há um movimento crescente de recuperação da sua importância social e cultural.

Sem dúvida, o aumento do consumo das PANCs favorece a melhora das condições nutricionais, uma vez que possui características oxidantes, anti-inflamatórias e ações terapêuticas. Percebemos que a falta de informação sobre sua história e sua importância ancestral acarreta o não consumo dessas PANCs. A falta de conhecimento a seu respeito leva as pessoas a crerem, por exemplo, que algumas dessas plantas podem ser venenosas ou tóxicas.

Hoje em dia, muitas dessas teorias foram contestadas e cerca de 0,06% das pessoas consomem essas espécies de plantas comestíveis. O fato é que, das 400 mil espécies de plantas que existem no mundo, cerca de 300 mil são comestíveis. Desse total, consumimos apenas cerca de 200. O que mostra o desconhecimento acerca do seu consumo.

No Brasil, o primeiro compêndio sobre PANCs foi organizado entre os anos de 2002 e 2014, após estudo sistemático de Valdely Kinupp e Harri Lorenzi, especialistas em botânica, que catalogaram cerca de 351 espécies. Segundo os autores da obra *Plantas alimentícias não convencionais no Brasil – Guia de Identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*, as PANCs podem ser espécies nativas ou exóticas cultivadas ou espontâneas, podendo ainda ser adquiridas comercialmente ou a nível doméstico.



O consumo das PANCs traz uma reflexão da importância econômica, social e cultural das práticas alimentares atuais. Para nós, seu uso é um alerta para a necessidade urgente de políticas públicas para valorização de tais alimentos. As PANCs constituem uma pauta necessária para se debater quando tratamos da necessidade de uma alimentação saudável e acessível a toda população. Seu consumo possibilita uma alimentação saudável e sustentável.

As pessoas que se abrem para o movimento gastronômico das PANCs se permitem conhecer novas combinações de sabores, texturas e experiências. Afinal, esses alimentos também fazem parte da nossa cultura alimentar e seu consumo deve ser considerado como alternativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio que temos pela frente é promover a acessibilidade a esses alimentos. isto é, que eles possam ser encontrados ao menos em comércios locais de forma que não seja em restaurantes com pratos gourmetizados com valores inacessíveis para a maior parte da população. Em suma, a valorização das PANCs pode possibilitar a promoção de uma alimentação inclusiva mais saudável e saborosa.

Nesse sentido, nosso paladar se abre para novos hábitos alimentares, fugindo dos impérios da indústria e valorizando o que temos na nossa terra, a biodiversidade da fauna e flora do nosso Brasil. Dessa forma, faz-se necessária a adoção de medidas que incentivem o governo a pensar e planejar projetos para o bem-estar e saúde, respeitando a cultura local, valorizando o cultivo amigável, a agricultura familiar e os alimentos locais e sazonais, e propiciando equidade e comércio justo, com mínimo impacto ambiental.



REFERÊNCIAS

KNUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais** (PANC). São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LIBERATO, P. S. (*et al*). **Plantas Alimentícias não Convencionais e seus benefícios nutricionais**. v.2, n.2, p.102-111, 2019.

A BUSCA DO SABER: MEMÓRIAS

Tamires Dos Santos Costa

Sempre fui do tipo de pessoa que tem uma memória relativamente “fraca”. Esse é um dos motivos de muitas reclamações da minha mãe, já que na maioria das vezes esquecia as coisas que me mandava fazer. Por essa razão, falar sobre minhas experiências de leitura de mundo ou de leitura crítica fica bem complicado, já que não me lembro de muitos acontecimentos em minha vida, mas é claro que existem memórias que ficam marcadas, impossíveis de esquecer.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traída pela memória -, me é absolutamente significativo. Neste esforço a que me vou entregando, recrio e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 1981).

Quando escuto os fonemas que compõem a expressão *leitura de mundo*, a primeira palavra que vem à minha cabeça é MÃE. Assim como para a maioria das pessoas, mãe é quem nos prepara para o mundo e comigo não seria diferente. A figura presente que



me lembro da minha infância sempre foi minha mãe. Ela era do tipo que se esforçava para não deixar nada faltar para minha irmã e eu, e a educação era uma delas. Ela saía de manhã para trabalhar e voltava ao meio dia, às pressas, para preparar o nosso almoço e nos levar para a escola. E ainda conseguia encontrar tempo nessa rotina corrida para sentar comigo e ajudar a responder as tarefas de casa. Pode-se dizer que aprendi a ler com ela.

Da infância, tenho uma cena enraizada em minha cabeça. Eu tinha por volta dos oito aos 10 anos, não me lembro bem o que ocorreu, mas machuquei o dedão do pé na escola. Ela chegou para me buscar e me carregou no colo até em casa. Na época, para mim não foi nada demais, mas, quando me lembro hoje em dia, penso que se tiver 1/3 da sua determinação e cuidado serei um bom ser humano. Essa foi a nossa rotina de anos, sem falhar nenhum dia, até que eu tivesse idade suficiente para poder nos cuidar sem supervisão. Com isso a minha leitura de mundo acabou sendo amadurecida mais cedo, já que com pouca idade tinha muita responsabilidade.

Éramos sempre nós três, mesmo tendo uma família consideravelmente grande, tanto de parte de mãe como de pai, porém, por esse fato, fui criada muito presa dentro de casa. Visitas em horas que só tinha minha irmã e eu dentro de casa sempre foram proibidas, até mesmo para parentes. Mamãe é uma pessoa bem desconfiada. É por essa criação que hoje em dia eu agradeço muito por ser assim.

Além das obrigações familiares, fui em busca de novas formas de entretenimento e passatempo. Com isso, os livros acabaram entrando na minha vida e me transportando para novas realidades mágicas. Meu primeiro contato com leitura de livros paradidáticos - até então só lia livros escolares - veio de forma bem interessante. Eu estava com meus 16 a 17 anos assistindo a um filme com minha família que se chamava *Os instrumentos mortais: Cidades dos Ossos*. Fiquei fascinada com a história e como eram retratados os anjos e demônios. Fui atrás para saber um pouco mais sobre o



filme e descobri que esse filme foi baseado em um livro da autora Cassandra Clare. Pesquisando mais sobre a mesma, vi que o livro tinha uma sequência. Assim, comecei a embarcar nesse mundo de fantasia e não parei apenas nessa autora.

Mamãe sempre buscava nos garantir a educação que não esteve disponível para ela. Então, ela fazia nossa inscrição em todo curso que ficava sabendo. Inclusive o curso superior de engenharia que faço atualmente está aqui por intermédio dela, que foi comigo na *lan house*, já que não tínhamos acesso a um computador e à internet, para me ajudar a fazer a inscrição no processo seletivo. Com esse grande incentivo, deu-se início a minha vida acadêmica. Aos “trancos e barrancos”, venho me dedicando para alcançar o tão sonhado diploma e mostrar para minha mãe que os sacrifícios que ela teve que fazer para nos manter sempre na escola não foram em vão e darão muito orgulho a ela.

A CASA DA VÓ: REVENDO MINHA LEITURA DE MUNDO

Lohrane Myres Magalhães de Souza

Paulo Freire (2000) vê o ato de ler como uma forma de conhecer o mundo, afirmando que a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da língua escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Com isto, quer dizer que o apoio na realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento.

Nesse sentido, não poderia começar a leitura do meu mundo sem me remeter às brincadeiras da infância. Pular elástico era a que eu mais gostava, com aquela farra das meninas se juntando na porta da casa da minha vó. Me enchia de alegria e aumentava meu espírito de competitividade. Aquela brincadeira era mágica. As cantigas em



voz alta e os barulhos daquelas pequenas crianças quando erravam traziam emoção para a alma.

Fazíamos vários campeonatos em duplas. Quando chegava o final, estávamos exaustas de tanto pular. Nossa! Como aquele cansaço nos trazia satisfação... No final daquilo tudo, ficávamos alegres quando avistávamos a Dona Maria, "vó", saindo de uma porta branca de madeira, com seus bolinhos de chuva, de um cheiro maravilhoso e sabor inigualável. Somente ela poderia nos proporcionar aquele prazer. Ah... a saudade tem cheiro, tem cor, tem imagem e tem sabor...

Ainda lembro o quanto era bom estar na casa da vó. Ali era o lugar que poderia fazer tudo que vinha na cuca. Escalar os troncos do pé de manga para pegar aquela fruta apetitosa. Escalar a árvore deixava a fruta mais desejada. Ali mesmo sentava com o sal e descascava as mangas para comer. Nesse momento, também aproveitávamos a ocasião para contar para os primos o que tínhamos sonhando na noite anterior. Sonhos que nos faziam viajar pela pequena imaginação de crianças, querendo viver tudo aquilo. Que sensação!

Foi assim o meu primeiro contanto com as histórias, um embate com as brincadeiras, sabores e sonhos. Essas leituras me proporcionavam liberdade para corpo através das memórias, constituindo um elemento indispensável na construção da nossa identidade.

Ao falar da visão que tinha daquela velhinha, encho-me de alegria. Via seus esforços para ensinar como cuidar dos seus canteiros de frutas e verduras, aquele processo e todo o manejo, para vender na feira aos domingos. O modo como lavava e embalava me deixava com os olhos brilhando, com seu cuidado e o gesto tão pequeno e superficial que tinha com aqueles alimentos. Não tem como eu falar da minha memória de mundo sem resgatar a figura tão importante que foi a minha vó para minha formação de vida.

Revisitar as minhas memórias e leituras da infância, inevitavelmente, é resgatar as memórias que eu tenho com minha vó.



Essa mulher inspiradora, que me inspirava com vários gestos e atitudes. Essas lembranças tornaram-se presentes na vida da Lohrane “neta”, pois “cada presente resgata seu próprio passado e este movimento se projeta para um futuro”.

Por meio das experiências expressas, vejo que essas leituras traduzem o mundo da vida infantil, adolescente e da minha atual juventude. Hoje, a neta da vó Maria Moreira estuda Engenharia de Alimentos no IFBA, em Barreiras. Nesse curso, estou tendo a liberdade de colocar em prática tudo aquilo que foi aprendido com minha vó e aprimorar mais o seu conhecimento sobre os alimentos que chega na mesa do dia a dia das pessoas. Isso me permite conectar com o passado e imaginar o futuro.

Essas são as minhas significativas leituras de mundo, relacionadas às experiências na casa da minha vó, que me instruiu para chegar até esse processo de aprendizagem e de escolha de curso que faço hoje; para me tornar uma grande Engenheira de Alimentos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. Cortez, São Paulo, 1981.

MINHA INFINITA VIAGEM: LEITURA DE MUNDO A PARTIR DA LEITURA LITERÁRIA

Ricardo Aires dos Santos

É curioso, mas às vezes me pego divagando nas minhas memórias como quem passeia no parque numa manhã de domingo.



No vai e vem dos pensamentos, redescubro e me enxergo como nunca antes havia visto. Nessas viagens ao passado, acabo identificando experiências, histórias e momentos que hoje compõem o meu ser, afinal, como afirma Freire (1967, p. 43), “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo”.

Ainda me lembro com saudosismo e admiração da capacidade de minha avó materna que, mesmo sem ser alfabetizada e sem conhecer a grafia dos números, conseguia fazer de cabeça os cálculos de coisas do dia a dia com uma invejável precisão, sem falar nas inúmeras lendas e anedotas que guardava em sua memória e sempre as contava de forma idêntica. Fico feliz em saber que pelo menos sua predisposição à matemática habita em mim.

Guardo lembranças das diversas situações de leitura que tive e destaco aqui nesse memorial os meus primeiros contatos com a leitura do texto literário. Esses contatos iniciais com a literatura não vieram de nenhum livro, mas sim dos “causos” contados em volta de uma fogueira no quintal de uma casinha do interior. Só de lembrar posso sentir o cheirinho da fumaça que exalava no ar e o vento gelado dos meses de junho a agosto.

Consigo ouvir o estalar da lenha seca e o canto do caburé-de-orelha ou das coãs que, quase que infalivelmente, faziam surgir ali uma história de terror digna de um filme, repleta de suspense, regionalidade e misticismo, com suas botijas de ouro, assombrações e almas penadas que eram quase que celebridades locais, e um toque de “verdade” e atemporalidade, que só um velho matuto nordestino com um cigarro de palha entre os dedos poderia dar.

Geralmente, nas manhãs de sábado, saíamos de madrugada para caminhar algumas léguas até a casa de meus avós. Tudo pelo caminho me aguçava a curiosidade, como as corujinhas que faziam um som semelhante à frase “amanhã eu vou” ou as filas perfeitamente ordenadas de formigas cortadeiras à beira da estrada,



seguindo bravamente mata adentro. Arrisco-me a dizer que nasceu daí um instinto investigativo e desbravador que viria a ser reforçado durante toda a minha trajetória de vida.

Ainda muito novo, sempre fui incentivado por meus pais a estudar para ser “alguém na vida”. Desde os primeiros “LÊ-MÊ-NÊS” aprendidos no grupo escolar onde se iniciou minha alfabetização, sempre fui muito dedicado. No entanto, por algum motivo, não me afeiçoava às lições de literatura, fato que eu imaginava ser fruto do meu apreço maior pelas ciências exatas. Assim permaneci acreditando nisso por muito tempo, me dedicando sempre à leitura técnica de conteúdos.

Hoje, depois de muitos anos, vejo com mais clareza o real motivo das minhas escolhas. Descobri enraizado em meu mais profundo ser um senso crítico que jamais julguei existir. Descobri que nunca tive problemas com literatura, mas sim com o sistema ao qual fui submetido. A verdade é que nunca me enxerguei na literatura do estilo machadiano entre outros textos elitizados com os quais nunca tive identificação social, mas que sempre eram trabalhados dogmaticamente nas salas de aula.

Talvez essa história fosse contada de maneira diferente se naquele tempo eu soubesse da existência de Lima Barreto com seu realismo crítico nacional-popular. Esse autor é dotado de uma linguagem crua, de um estilo que valoriza muito mais a mensagem social por si própria que o senso estético do texto, como o próprio evidencia em uma carta redigida em 1921, como resposta a um artigo sobre sua obra, onde o autor Austregésilo de Athayde estabelece as diferenças entre a escrita de ambos. Lima Barreto (1993, p. 284) escreve:

Gostei que o senhor me separasse de Machado de Assis. Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado securo de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá; mas Machado, nunca!



Até em Turguênieff, em Tolstói, podiam ir buscar os meus modelos; mas em Machado, não!

Eu, assim como Lima Barreto, nunca me submeti aos padrões coletivos. Considerando o contexto da minha história de vida, me julgo uma pessoa de sorte. Sorte essa em não me ter deixado levar por moldes sociais idealizados por outras pessoas, em aprender a reconhecer a importância de ter opinião própria e de saber que não estou sendo apenas mais um passageiro nessa infinita viagem chamada vida, mas sim o construtor da estrada que me leva ao amanhã.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra: São Paulo: 1967.

COSTA, D. de M. S. **Lima Barreto por uma república das letras mais plural**, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/download/18115/1125614191>. Acesso em: 02 mai. 2022.

DO FAZ DE CONTA À REALIDADE

Maiana Deise dos Reis Matos

Em 1987, cheguei ao mundo na cidade de Barreiras, Bahia, mas sempre residi em outra cidade interior, onde posso dizer que tive uma infância maravilhosa. Meus avós foram minha base. Ali me educaram com toda a dedicação e saberes que contribuíram para o desenvolvimento do meu caráter e do respeito pelos outros.

Minha experiência com a escrita foi bem cedo. Aos quatro anos de idade já estava alfabetizada, conhecia todas as letras do alfabeto e escrevia meu nome completo. Mesmo meus avós sendo



analfabetos, sempre fizeram de tudo para que eu tivesse a oportunidade de aprender a ler e escrever.

Enfrentei muitos desafios para aprender e estudar. Precisei mudar de município e frequentar escolas que não tinham estrutura alguma. Numa única sala a professora se dividia em várias para ensinar todos da turma. Atravessei essa fase da infância de aprendizagem enfrentando a desigualdade social e falta de assistência, que talvez pudesse oferecer melhores condições de vida e estudo para mim e para todos.

Tempos depois pude compreender melhor meus questionamentos. Por que estudar, afinal? Por que aprender? Para que aprender? O texto de Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, me fez enxergar que, quando a gente é capaz de entender e se reconhecer nesse complexo mundo, a gente também é capaz de se reconhecer como parte deste todo.

Fazer a leitura da vida construída no meu cotidiano me fez seguir com meu sonho de entrar para a faculdade. Agora com o desafio maior de unir a responsabilidade de ser mãe com a de estudar e trabalhar, mantendo a mesma eficiência.

Tenho enfrentado velhos preconceitos, que estão associados à idade, à fragilidade de ser mulher e ao papel maternal, como se eu fosse apenas um grande útero, sendo empurrada pela sociedade a uma posição inferior. Hoje faço o ensino superior. Alcancei o meu sonho, contudo esse processo está apenas começando. Novos desafios e outros dilemas se juntaram aos já existentes. São esses obstáculos que terei que enfrentar para conseguir realizar meus objetivos.

Tenho presente em minhas memórias os momentos compartilhados aqui de risos, lágrimas, celebração, conquistas e sentimentos de pesar. Me sinto realizada pela mulher que me tornei. Chegar até aqui é uma realização carregada de significados e sentidos alcançados pela garra e força de ser mulher por cada superação e experiência de vida.



Parte **2**

**PRÁTICAS DISCURSIVAS
PARA O BEM VIVER:**

DECOLONIZANDO SABERES
NO ENSINO MÉDIO - UMA HOMENAGEM
À ESCRITORA CRISTIANE SOBRAL

10

Ana Angélica José Torres

Guilherme da Cruz Melo

Kaírla Neris Silva

Mariana Rocha de Araújo Silva

Thailanny Alves de Souza

Atauan Soares de Queiroz

Gerson do Carmo Argolo

PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO:

**UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS PRESENTES
NOS POEMAS *OPÇÃO* E *REVOLUÇÃO*,
DE CRISTIANE SOBRAL**

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX, cientistas e pensadores como Charles Darwin (1871) e Sigmund Freud (1900) buscavam definir a relação entre sexo e gênero a partir das ciências biológicas, afirmando que as diferenças sexuais influenciavam nos comportamentos humanos. Dessa forma, a denominação sexo representaria a anatomia e a fisiologia, enquanto gênero era caracterizado de acordo com as forças políticas, sociais e institucionais responsáveis por moldar feminilidades e masculinidades simplificadas.

Entretanto, essa ideia inicial sobre o sexo permitia a interpretação errônea de que as distinções entre homens e mulheres, tanto no domínio intelectual e comportamental como nas relações sociais, estariam intrinsecamente ligadas às diferenças sexuais presentes nos genes, no cérebro, na produção de hormônios, entre outros. Indo de encontro a esse pensamento, muitas estudiosas como Antoinette B. Blackwell (1875) e Elisa Gamble (1893) apontaram que proposições das ciências biológicas acerca dos corpos não devem ser vistas como fatos da natureza, pois as ciências, assim como qualquer estudo humano, são influenciadas por valores do seu tempo.

Desde a antiguidade, os papéis sociais foram definidos por valores patriarcais, que se tornaram hegemônicos e dominantes, no entanto esse processo se fortaleceu e consolidou na modernidade/colonialidade (Grosfoguel, 2016). O mito de Penélope e Ulisses foi reproduzido nos microuniversos, durante séculos, e nem mesmo a filosofia iluminista do século XVIII conseguiu romper essa hegemonia, manifestando-se apenas pela linguagem dos homens representantes da burguesia. O cientificismo e o evolucionismo do século XIX reafirmaram os estereótipos femininos de procriação, maternidade, fragilidade e submissão. Muitas mulheres foram internadas em manicômios, diagnosticadas com quadros de “degeneração moral”, inadaptabilidade e sexualidade acentuada, quando se colocavam contra as regulações patriarcais e cristãs.



No que se refere aos papéis sexuais, a segunda metade do século XX trouxe a popularização da pílula anticoncepcional e, posteriormente, os preservativos diversos, modificando conceitos e desencadeando diversas transformações na forma de ser e estar no mundo de mulheres e homens. Essa descoberta, juntamente com os movimentos de contracultura, inicia um movimento de maior emancipação feminina, inclusive no aspecto da sexualidade, colocando novos desafios para o homem contemporâneo.

Nesse contexto, o movimento feminista buscou ressignificar os conceitos de gênero e sexo, colocando em evidência as relações culturais e sociais a respeito do tema. Todavia, nessa época, dentro das críticas feitas na literatura feminista, era comum o entendimento da universalização da categoria “mulher”, que abrangia todas as mulheres, independentemente de sua etnia, raça, classe, corporalidade, religião, gênero, gerando a invisibilidade e o silenciamento, por exemplo, de escritoras negras, que expressavam em suas escritas as particularidades e demandas da mulher negra que não eram incluídas nas lutas do movimento (Davis, 2016). Assim, deu-se início ao feminismo identitário. Escritoras e ativistas como bell hooks¹⁴ (2013) e Angela Davis (2016) passaram a lutar contra a opressão e a imposição de modelos de gênero sobre as pessoas, considerando os marcadores sociais da diferença de raça, classe e sexualidade.

De maneira resumida, as identidades ou regulações normativas de gênero dizem respeito aos significados e traços que um indivíduo porta e que o classifica como feminino ou masculino (França, 2005). Além do mais, vale ressaltar que, seguindo os padrões de gênero, tem-se como exemplo o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer em seu livro *Metafísica do Amor*, que considerava a fidelidade algo inerente às mulheres, por isso sua infidelidade deveria

14

bell hooks assina seu nome com letras minúsculas para sugerir movimento e, também, para se distanciar da identidade que mais se apegava, que é Gloria Watkins (nome verdadeiro), criando um outro eu (HOOKS, 2013).



ser julgada dentro da sociedade de forma mais punível, já que seria uma prática escandalosa. Salienta-se que este pensamento não se apoia em morais de lealdade, já que homens poderiam praticar infidelidade porque isso estaria intrínseco a sua essência. Sendo assim, deixa claro que não há culpabilidade moral aos homens, mas sim apenas para as mulheres. Tal discurso continua a circular socialmente e a regular e oprimir corpos femininos.

Apesar das diversas mudanças sociais observadas nas últimas décadas, o conceito de gênero continua a ser um tema ainda em construção, tendo em vista o fato de que as relações sociais ainda são baseadas na lógica binária e hierarquizante. Considerando esse cenário, neste ensaio será apresentada uma análise literária e discursiva sobre os poemas da atriz, escritora, poeta, brasileira e negra Cristiane Sobral, que produz uma literatura de resistência e reexistência, cujo projeto estético contesta e denuncia as relações desiguais de gênero e de raça.

O livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral, lançado em 2010, expõe os desafios da realidade vivida pelo corpo feminino que busca resistir e enfrentar os papéis de gênero impostos por uma sociedade dominada por homens brancos, heterossexuais, cisgêneros e cristãos, dando ênfase às dificuldades que o corpo da mulher preta vem suportando ao longo desses períodos históricos e sociais de discriminação.

O presente ensaio tem como objetivo analisar os poemas *Opção* e *Revolução* da obra *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral, que retratam tanto a desigualdade de gênero quanto os papéis sociais impostos às mulheres, expressando em ambos os textos o empoderamento feminino. Para a elaboração deste trabalho foi utilizado uma metodologia qualitativa, de natureza analítico-interpretativa, apoiando-se no diálogo teórico com *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis (2016), *Gênero, sexualidade e educação*, de Guacira Lopes (1997), *Gênero, Corpo, Conhecimento*, de Susan Bordo (1987) e *Ensinando a Transgredir*, de bell hooks (2013).



O presente trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, será retratado o contexto histórico-cultural. Na segunda, realiza-se a análise dos textos. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

1. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Diferentemente de outros animais, os homens e as mulheres não nasceram naturalmente com papéis sociais predeterminantes sobre fazer ou ser uma coisa ou outra. Toda essa compreensão que organiza e regula o tempo e o espaço e que treina, ensina, molda, marca e impõe aos corpos dos sujeitos formas limitantes e simplificadas de feminino e masculino, é concebida socioculturalmente (Bordo, 1997).

Além das regulações de gênero, é preciso considerar também o recorte de classe e raça. Na obra *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis (2016) mostra aspectos fundamentais para a discussão de papéis de gênero em relação às mulheres negras. Ao trazer uma análise histórica, Davis (2016) discute sobre o papel das mulheres escravizadas em que todos os outros aspectos de sua existência eram ofuscados pelo trabalho compulsório e que, para seus escravagistas, possuíam uma relação extremamente conveniente diante do seu gênero: ao trabalho pesado, não se importava se eram mulheres, mas para a aplicação de castigo, além dos açoites e mutilações, eram estupradas e violentadas, maus tratos bárbaros que só eram aplicados devido a sua condição de mulher negra.

Dessa forma, as mulheres e os homens negros não se encaixavam em quaisquer papéis de gênero, como a mulher sendo o “sexo frágil” e o homem o “provedor da família”, já que ambos trabalhavam nos mesmos serviços que exigiam força física. Ademais, ainda de acordo com a autora, aos anos que precederam a Guerra Civil,



os EUA estabelecem um sistema fabril mais industrializado, trazendo ocupação para mulheres brancas que tentavam conseguir alguma remuneração. Com a industrialização, propagou-se ainda mais a ideologia de “feminilidade”, na qual as mulheres brancas eram reduzidas a “donas de casa” e “mães”, papéis sociais arbitrariamente marcados como inferiores. No entanto, esses termos contradiziam os papéis das mulheres negras perante a sociedade, uma vez que não eram tratadas como donas de casa.

É preciso deixar claro que as mulheres negras escravizadas resistiam e enfrentavam a escravidão de todas as formas possíveis. Uma delas era aprender a ler e a escrever para que fosse viável transmitir conhecimento aos demais, ação considerada de extrema rebeldia. Dessa forma, as mulheres negras desafiaram e negaram as teses e teorias racistas cujas proposições diziam que pessoas negras seriam biologicamente inferiores e com menos capacidade intelectual (Hill Collins, 2019).

2. EXPLORANDO OS SIGNOS POÉTICOS: METÁFORAS

Nesta seção, apresentamos a análise literária de cunho crítico e discursivo das poesias *Opção* e *Revolução*, de Cristiane Sobral, pondo em relevo o debate sobre gênero e raça a partir das construções metafóricas.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), as metáforas estão infiltradas em nossa linguagem e ação, revelando valores da cultura, especialmente das culturas hegemônicas; e podem ser classificadas em três tipos: (i) as metáforas estruturais, que ocorrem quando



compreendemos o aspecto de um conceito em termos de outro; (ii) as metáforas orientacionais, que tem a ver, principalmente, com a orientação espacial; e (iii) as metáforas ontológicas, as quais nos permitem compreender a experiência em termos de objetos e substâncias. Considerando o propósito deste trabalho, abordamos as construções metafóricas ontológicas acionadas por Sobral para tratar das questões de gênero e raça, sobretudo da experiência social das mulheres negras.

É perceptível, na composição de cada verso, o comprometimento da autora com a desconstrução de paradigmas normalizadores. Sobral questiona hierarquias sociais com metáforas rodeadas de lirismo. Além de denunciar, exalta mulheres reais, empoderadas e livres.

Opção

Creio nas mulheres que desafiam o medo
 Nas garotas decididas, vitoriosas escolhidas a dedo
 Creio no poder indiscutível do leite que escorre das mamas
 Gosto das meninas com laços de fita pelo jardim
 Do jeito especial de algumas moças fazendo pudim
 Gosto de quem é feminina e sabe escolher
 Toda moçoila devia saber fazer brigadeiro
 Garinas precisam relaxar com um gostoso banho de
 chuveiro
 Uma fêmea sabe que às vezes
 As coisas ficam difíceis e é preciso chorar
 Espero um dia poder ver as mulheres desfrutando o
 sábio poder
 Gatas espertas conhecendo um infinito horizonte
 Além do universo das calcinhas
 Creio nas senhoras que conhecem o poder do conhecimento
 Nas raparigas que se recusam a acordar cedo e desfrutam
 o momento
 Porque há um turbilhão de mistérios a descobrir debaixo
 dos lençóis
 Gosto das senhoritas com calças curtas e cheiro de jasmim
 Do seu jeito único de sorrir
 Titubear e finalmente dizer sim

Ah, gosto dos garfos, das facas, das colheres
E, sobretudo de montar uma mesa
Com todos os talheres.
(Sobral, 2011, p. 32)

No poema *Opção*, o eu lírico enaltece mulheres fortes, decididas, verdadeiras e, acima de tudo, autênticas. Pessoas raras “escolhidas a dedo” que rompem com as ideologias hegemônicas sobre o que ser mulher em uma sociedade patriarcal.

Analisando a primeira estrofe, em “Creio no poder indiscutível do leite que escorre das mamas”, o eu lírico evidencia o poder que uma mulher tem em gerar vida, alimentar, criar e educar. O poder do leite é uma metáfora ontológica para tratar do poder que a mulher tem, tanto no plano do potencial quando do realizado, de produzir novas vidas. Remete ainda à ancestralidade matricial, representada na maternidade e amamentação.

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico destaca o poder de escolha de ser quem quiser e fazer o que desejar, enfatizando o discurso de libertação. No verso “Gosto de quem é feminina e sabe escolher”, discorre sobre a liberdade de as mulheres optarem ser femininas ou não, parte essa que se conecta com a estrofe “Gatas espertas conhecendo um infinito horizonte/Além do universo das calcinhas” que traz metaforicamente a ideia de que todas têm o direito à apropriação de conhecimentos, vestimentas, hábitos e lazeres que comumente não são atribuídos a figura feminina. Não podemos esquecer que as circunstâncias das “escolhas” estão marcadas por questões sociais e raciais. Busca-se a mulher que está além da reprodução da norma, com horizontes mais ampliados.

A terceira estrofe, por sua vez, retrata um sentimento de empatia. Nos versos “Uma fêmea sabe que às vezes/As coisas ficam difíceis e é preciso chorar”, é possível analisar a ligação entre as situações onde a sociedade prega que quem demonstra seus sentimentos, principalmente o choro, é considerado fraco ou frágil, fato



associado principalmente ao sexo feminino, porém uma “fêmea” forte sabe que às vezes, chorar é inevitável pois a vida não é simplesmente um mar de rosas. A autora traz o banho e do choro como aspectos de uma renovação das energias femininas.

O quarto verso do poema possui uma declaração do eu lírico que concede toda credibilidade à liberdade, empoderamento e valorização aos valores femininos escolhidos por cada uma, conferindo assim a desmistificação de estereótipos culturalmente impostos. Utiliza-se a metáfora “Além do universo das calcinhas” para se referir sobre o desprendimento do universo feminino. Uma mulher que extrapola o aspecto da atração física e se encaminha para o campo político.

No verso “Creio nas senhoras que conhecem o poder do conhecimento”, Sobral faz referência ao poder do conhecimento não somente como uma dádiva, como também um meio de emancipação. Sobre essa questão, bell hooks (2013) afirma que “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. Com isso, nota-se que a autora fala sobre a passagem dos saberes de mulheres mais velhas para as mais jovens como uma forma contínua de libertação e resistência à sociedade machista e patriarcal.

É possível observar ao longo do poema que o eu lírico utiliza diversos substantivos para se referir às mulheres (garotas, meninas, moçoila, feminina, garinas, fêmea, gatas, senhoras, raparigas, senhoritas). Tal seleção lexical reafirma a pluralidade de identidades femininas. As mulheres podem se ver do jeito que elas querem e se sentem melhor. Uma abertura para o prazer da mulher, sem julgamentos.

É válido ressaltar também que, no trecho “Nas raparigas que se recusam a acordar cedo e desfrutam o momento, porque há um turbilhão de mistérios a descobrir debaixo dos lençóis”, o eu lírico faz referência ao fato de as mulheres sempre terem que acordar cedo



para cuidar dos afazeres domésticos, atividades que desde cedo são atribuídas a elas. Por outro lado, o verso seguinte retrata uma realidade pela qual muitas passam. Como consequência de um tabu envolvendo a sexualidade feminina, muitas mulheres não se sentem à vontade para explorar a si próprias, pois desde novas são ensinadas de forma errônea como uma moça deve se portar em relação a como sentam, se vestem e se olham, que não devem se tocar e se descobrir. Fato que é o contrário para os homens, em que a atividade sexual é incentivada precocemente.

Na última parte do poema, a autora exalta a feminilidade e a autonomia de escolher o que se deseja realizar e seguir, a graciosidade de ser única, de poder se dar a liberdade de ficar vulnerável e se sentir segura, a delicadeza individualmente bela e a felicidade de sentir orgulho da pessoa que se tornou.

Revolução
Greve no reino das bonecas
Abaixo a fidelidade!
Guerra à amamentação!
Desde criança os meninos brincam com seus carros
Dirigem tudo e a todos
Enquanto as bonecas nascem para enfeitar
Abaixo a futilidade!
As reuniões no clube das grávidas!
Das sogras e das professoras!
Bonecas exigem o direito aos orgasmos
E ao futebol!
Bonecas também adoram filmes e dinheiro
E quem é que cuida do mundo enquanto as bonecas se divertem?
E quem é que cuida dos filhos enquanto os rapazes se embriagam?
E quem é que aceita quando ambos pedem desculpa?
As bonecas estão realmente insatisfeitas,
Mas não cegas
Há alguma coisa errada desde o princípio...
Porque os homens são menininhos tão frágeis!
E quem é que faz promessas para parir somente homens?

E quem é que faz apostas pelo sexo mais forte?
E quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?
As bonecas agora reivindicam carrões
Querem passear com os garotinhos
As garotas e os rapazolas enfim buscam a paz
Finalmente saem juntos para aprender a brincar
E via a paz no reino!
(SOBRAL, 2011, p.52)

O poema *Revolução* retrata de forma irônica os papéis sociais naturalizados culturalmente para homens e mulheres. É visível que, desde as primeiras linhas, o eu lírico se posiciona demonstrando insatisfação pela posição passiva ocupada por mulheres, enquanto homens têm a liberdade de decidir todas as coisas ao seu redor.

A primeira estrofe resgata questões polêmicas e pertinentes como a fidelidade e a amamentação, que são sobrecargas morais sentenciadas apenas às mulheres, que são ensinadas desde criança a exercer papéis sociais secundários, figurantes da própria história, enquanto os homens são emancipados e estimulados desde novos a fazer o que desejarem.

É válido analisar que, a partir do primeiro verso (Greve no reino das bonecas), Sobral metaforiza a palavra “bonecas” e a vivência das mulheres. Assim como as bonecas, elas devem estar sempre belas e arrumadas, desempenhando papel ativo somente na esfera da vida doméstica. Em outra perspectiva, vê-se que a boneca é um brinquedo culturalmente associado a meninas, uma espécie de maternidade compulsória, quando se orienta crianças desde novas a serem “mães” de suas “filhinhas”. Nota-se que não há resistência em associar a figura feminina ao termo usado, mas sim a favor da liberdade de viverem como desejam e não como a sociedade patriarcal e machista impõe.

Em “Abaixo a fidelidade!”, verso que retrata a fidelidade, uma característica agregada culturalmente à figura feminina, Sobral propõe uma quebra desse estereótipo. A perspectiva da escritora problematiza o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer, que



argumenta que os homens são naturalmente propensos a um relacionamento polígamo por conseguirem procriar com quantas mulheres estiverem a sua disposição. Isso porque o amor deste declina a partir do momento que fica satisfeito, estando assim em uma constante procura por outras mulheres. A mulher por sua vez tem a necessidade de um amor monogâmico, visto que, mesmo com vários homens, esta pode engravidar somente de um e o seu amor pelo amado crescerá cada vez mais a partir do instante que ela fica satisfeita (casada e com filho). Dessa maneira, a fidelidade é considerada para o homem como desnecessária e para mulher, natural.

Na estrofe seguinte, o eu lírico busca cessar a ideia de futilidade relacionada aos afazeres femininos, inserindo alternativas e a vasta gama de papéis sociais que as mulheres podem desempenhar.

Nos versos “Bonecas exigem o direito aos orgasmos/E ao futebol!”, o eu lírico roga pelo mínimo de prazer e lazer. Também faz alusão à realidade de muitos relacionamentos heterossexuais, em que mulheres são “obrigadas” a atender aos desejos sexuais de seu parceiro e a adotarem uma conduta discreta em relação ao assunto. Por outro lado, os homens se satisfazem e findam com o ato sexual sem a mínima preocupação com prazer da parceira. Também o futebol, bem como o orgasmo, mais normalizado entre os homens.

A terceira estrofe está estruturada em questionamentos que o eu lírico faz acerca do papel social da mulher. Questionamento que levanta a discussão de como o papel da mulher é desempenhado de forma “árdua” e singular em uma sociedade que a responsabiliza por manter a ordem e receber as situações que a ela são impostas, sem argumentar sobre isso.

Fato esse que fica explícito em “E quem é que cuida dos filhos enquanto os rapazes se embriagam?”. Pressupõe-se, aqui, que mulheres não precisam ter a responsabilidade de cuidar dos filhos sozinhas, visto que a criança foi gerada por ambos, a figura masculina deve ter as mesmas obrigações, preocupações e cuidados que sua parceira,



mesmo que ainda existam resquícios culturais que favoreçam a conduta de imparcialidade perante a paternidade.

A quarta e quinta estrofes retratam a insatisfação sobre as questões que hoje carecem de atenção. Em “Há alguma coisa errada desde o princípio...”, Sobral demonstra que os problemas do passado refletem claramente no que acontece na sociedade atual. Na sexta e última estrofe, o eu lírico requisita igualdade de gênero. Adentrando diretamente na política feminista e reivindicando direitos equânimes e libertação dos padrões patriarcais que regulam o gênero, o eu lírico espera por uma divisão igualitária dos direitos e afazeres.

Em “As bonecas agora reivindicam carrões/Querem passear com os garotinhos”, o eu lírico demonstra o querer de mulheres empoderadas que sabem o próprio valor, perspectiva esta que não se enquadra aos padrões tradicionais, buscando a visibilidade igualitária para os mesmos sujeitos que compõem a sociedade. Há uma declaração explícita da autora de que homens que acompanham as mudanças “brincam em paz” com essa “nova mulher”.

Por fim, o poema apresenta uma transformação na organização estrutural da sociedade, no patriarcado, inserindo a mulher em campos anteriormente só ocupados por homens. Desmistificam-se, assim, os paradigmas sociais designados às mulheres, por meio de indagações críticas, mostrando a autenticidade e clareza do posicionamento da autora.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A partir do exposto, percebe-se que Cristiane Sobral procura desconstruir estigmas e preconceitos por meio de metáforas presentes em seus textos, problematizando e contestando as relações de gênero adotadas no passado que impactam diretamente nos pensamentos e ideais ainda presentes no contexto atual.



A luta em prol da desconstrução dos papéis socioculturalmente atribuídos à mulher é árdua e constante. A literatura é, sem dúvida, um campo fértil para a problematização dessa temática, possibilitando ao leitor, sobretudo à leitora, conhecimento, sensibilidade e senso crítico mediante as análises que revisitam as convenções patriarcais.

Por fim, as poesias *Opção* e *Revolução* desenvolvem-se de forma que o/a leitor/a repense e questione as relações e identidades de gênero e os papéis convencionais que são atribuídos às figuras femininas, tornando possíveis outras formas de viver a vida, baseadas no bem estar e no respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

- BORDO, S. R.. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempo, 1997.
- CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Estudos Feministas**, 2001.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Â. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HOOBS, B. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2002.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANA ANGÉLICA JOSÉ TORRES

Quem eu sou a mim não cabe mais
Já mudei tantas vezes que por vezes não sei mais
Sou definida pelo meu nome
Ana, prefixo de negação
Anactesia, analepsia
Ana, nascida em 24 de agosto
Virginiana, vênus em câncer
Pé no chão, coração ao vento
Campo tão intenso que nada pode escapar
Concebida de poeira estelar.
Descendente do Inverno, filha de tormenta
Surgida em plena lua crescente
Sinônimo de intensa
Regida pela constelação de Virgo, filha de Astreia
Abençoada por Athena.

GUILHERME DA CRUZ MELO

Meu nome é Guilherme, nasci no último dia do mais longo mês do Ano, agosto. Cabelos cacheados castanhos escuros e olhos da mesma cor, branco, muito branco, quase transparente, e um menino meio magrelo. Amo jogos, amo esportes, amo assistir séries, só não amo essas coisas mais que minha namorada. Sou um pouquinho procrastinador, sou sim... Mas muito esforçado. Dormir e comer são as minhas prioridades e, é claro, estudar também. Já aconteceram muitas coisas comigo, mas há coisas muito difíceis de esquecer, três cicatrizes no queixo, tá tudo bem, agora engolir um alfinete... Nisso me superei.



KAÍRLLA NERIS SILVA

Biologia, eu sou um organismo
Um fenômeno físico: magnetismo
Assim como um ímã possuo dois polos
Negativo e positivo
Repulsão e atração
Polo Negativo
Introvertido, inseguro
Indesejável, incapaz
Intolerável,
Incógnita
Polo Positivo
Protetor, proativo
Proeminente, produtivo
Prodígio,
Problemático
Eu sou suave como um líquido
Estou no meu auge, madura e prestes a cair
Assim como um ímã quando quebrado
Meus polos continuam os mesmos
Ainda que separados.

MARIANA ROCHA DE ARAÚJO SILVA

Escolheram uma roupa para mim, mas não foi a que eu usei.
A minha identidade a mim pertence. A sua narrativa distorcida não
contorce meu viver. Eu sou corpo, alma, mente e coração. Passível de
erros assim como você. Te digo, só visto a roupa que me pertence. Se
o lugar me cabe, permaneceréi. E para cada caixa que me colocarem,



transformarei em uma roda e seguirei meu caminho a procura de lugares que me caibam e de roupas que eu mesma escolher.

Sou uma sereia, buscando o mar que viverei. Quero compartilhar meus segredos em tuas águas e desaguar em seus braços. Sou tempestade inesperada em um país tropical. Mudo as cores do meu céu tão rapidamente quanto os minutos, que passam retirando nossas vidas a todo instante. Mas se viver é correr o risco de se afogar, de se molhar na chuva, então eu estou aqui cumprindo o meu papel.

O meu papel é aquele: amassado, um pouco desgastado. Entretanto, são nessas linhas que conto minha história, que deixo minha marca, minhas lágrimas. Ele descreve meus segredos, meus desejos. E não esquece de dizer o quanto ainda me aventurarei para cumprir tudo que anseio. Mesmo quando tudo passar, quando o papel molhar, eu sei que ainda existirei no coração de alguém que já me amou, porque nenhuma água conseguirá apagar a saudade de um grande amor.

THAILANNY ALVES DE SOUZA

Onde nasci
Cidade de saudade
600 quilômetros a leste daqui
Brincadeiras, muita ingenuidade
Nunca soube por que saí
Mudei para longe do abraço
Onde um dia fui feliz
Hoje me refaço
Carregando nas entrelinhas traços da minha raiz
Subsistindo no carrossel
O desnível é inevitável,



Sigo aprendendo como lápis em papel
Nada mais justo que ser mutável
Nesse momento da vida
O silêncio da alma que grita
Lembra da parte bem vivida
E só consegue fazer desta, a memória favorita
Logo se conforta, sentindo-se querida.



*Elys Rejane Ribeiro dos Santos
Jheniffer Nicololy de Araújo Costa
Milena Xavier dos Santos
Sara Beatriz da Silva Santos
Atauan Soares de Queiroz
Kátia Luzia Soares Oliveira*

**ENFRENTANDO
O RACISMO ESTRUTURAL:
LITERATURA COMO FORMA
DE RESISTÊNCIA**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar de todo o avanço conquistado ao longo dos anos por grupos minoritários, como a criação de leis e políticas públicas, o racismo ainda é um problema sociocultural bastante presente na realidade brasileira. As raízes racistas em nossa sociedade estão presentes em todas as esferas, afetando cada setor de relacionamento entre os indivíduos e gerando uma série de conflitos a serem solucionados.

O presente ensaio tem como objetivo analisar os poemas *Ainda?* e *Cuidado*, presentes no livro *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral (2016). A autora problematiza em sua obra a opressão social vivida pelas pessoas negras, a falsa percepção de uma liberdade que não foi totalmente alcançada (mesmo com as diversas lutas e abolição da escravatura), bem como apresenta maneiras de transpor os estereótipos pré-estabelecidos e impostos à população negra. Será discutida a luta de pessoas negras na sociedade através do enfrentamento ao racismo estrutural e o (auto)reconhecimento de características negras como uma forma de resistência, trazendo elementos existentes nas poesias em análise.

O racismo é uma realidade que está presente em todo o globo. Nacionalmente falando, o racismo aparece na história brasileira desde o momento em que o Brasil foi invadido pelos colonizadores e se configurou uma estrutura escravista e racista que oprimam livres e escravizados, brancos e negros (Grosfoguel, 2016).

Como que mesmo um país construído a partir do esforço de um povo negro, escravizado, um país cuja população descende de uma miscigenação pujante, apresenta casos de pessoas que acreditam na superioridade racial? É essa falsa crença que sustenta o racismo por séculos. Segundo Queiroz (2019, p. 30), "sempre é negado que o Brasil tem uma sociedade racista. Negam o racismo dizendo que vivemos

em um país de democracia racial” e “essa negação do racismo na sociedade brasileira só reafirma a existência do mesmo, pois ele se alimenta e se mantém da negação e invisibilidade do negro”.

É válido ressaltar que o caminho para resistir e desconstruir conceitos, perspectivas e padrões impostos pela sociedade aos povos subalternizados por décadas, veio por meio da decolonialidade. Dessa forma, o pensamento decolonial desmistifica a exclusão social, dando visibilidade a esses povos, em especial as pessoas negras, que foram oprimidas e subordinadas desde o princípio da colonização.

Mesmo após sua abolição legal em 1888, a permanência por mais de quatro séculos dessa estrutura escravista deixou marcas ainda presentes no país. Percebe-se isso analisando os altos índices de mortalidade, desemprego e desigualdade racial que afetam diretamente a população negra. De acordo com os dados do IBGE, no ano de 2019, 56% da população (formada por pretos e pardos) têm os piores índices de renda, moradia, escolaridade e serviços.

No ano de 2018, os dados mostraram que 68% das mulheres mortas eram negras. Além disso, o desemprego entre jovens de 18 a 24 anos aumentou durante a pandemia, marcando uma média de 27,1%, sendo a maioria mulheres negras e pardas. Esses dados constataam a importância e relevância do presente ensaio, a fim de discutir e analisar as lutas e formas de resistência de quem pertence a esse grupo minoritário, dos povos negros que vivenciam diariamente as situações apresentadas, além de conscientizar o/a leitor/a a respeito desse assunto, expondo, assim como Sobral, o grito de inconformidade de algumas pessoas em relação a essas circunstâncias.

A metodologia usada para a construção desse trabalho embasa-se em pesquisa bibliográfica, de cunho analítico e interpretativo, tendo como suporte as discussões de Kilomba (2008), Queiroz (2019), Gomes (2019), Silva (2019), Tusset (2019) e Ribeiro (2019). Através desses referenciais, serão feitas análises e considerações a



respeito das desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras, evidenciando as dificuldades, tal como, a discriminação e as ofensas sofridas por elas para serem incluídas socialmente, sem ter que abrir mão da sua própria identidade.

Mediante as análises feitas, serão levadas em consideração as necessidades de se discutir os preconceitos presentes em nossa sociedade para que, a partir disso, os indivíduos possam libertar suas mentes de pensamentos coloniais que, injustamente, ainda impõem padrões a serem seguidos.

O ensaio está estruturado em resumo, considerações iniciais e duas seções analíticas: *Cuidado*: uma discussão sobre cabelo e sua importância como forma de resistência; e *Ainda?*: uma reflexão acerca dos papéis sociais desempenhados por pessoas negras. Por fim, apresenta as considerações finais.

1. LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS

A resistência corresponde ao ato de resistir, de suportar as dificuldades e de se contrapor a um poder que está sendo imposto. Segundo a perspectiva de Bosi (1996), a resistência não está associada à estética, e sim com a ética, no entanto, entendemos que ética, estética e política podem se unir. O ato de resistir pode fazer parte das manifestações artísticas, possibilitando a chegada de narrativas e de poesias sobre resistência. Além disso, a literatura, como porta voz de resistência, tem por objetivo transparecer e denunciar os problemas vivenciados pelas pessoas em situação de desvantagem social, como a população negra.



Apesar de todas as ações coloniais construídas para impedir a inserção das pessoas negras no mundo da literatura, vários/as autores/as conseguiram publicar suas obras. Essa conquista é um ato de resistência, isso porque os/as escritores/as pertencentes a outros grupos sociais subalternizados (que são constituídos por negros, pobres, índios, mulheres e etc.) mostram sua realidade por intermédio de narrativas contra-hegemônicas.

Silva (2011) realiza uma discussão interessante de como a escritora Cristiane Sobral retrata na obra *Não vou mais lavar os pratos* as questões que afligem as pessoas negras, principalmente com relação ao estereótipo do padrão de beleza europeu imposto às mulheres negras, induzindo-as ao alisamento do cabelo para se encaixarem nesse padrão.

Silva enfatiza o anseio de Sobral em resgatar o cabelo como elemento identitário, já que, diante dos processos de globalização, com notório apagamento de culturas do Sul Global, muitas vezes, movidas pela ideologia do embranquecimento racial, pessoas negras buscam modificar o seu cabelo para se aproximar dos modelos culturais do Norte Global. A autora finaliza seu trabalho defendendo o cabelo como forma de resistência cultural e identitária, e afirmando a escritora como uma voz de liberdade dentro da literatura, para discutir as mais diversas dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras, especialmente as mulheres.

Em *Americanah*, Adichie (2013) debate temáticas como a cultura nigeriana e americana, o preconceito e as questões raciais, a perda e a reconstrução de uma identidade e, também, a transição capilar. Em determinado momento, Ifemelu, a personagem principal, decide até mesmo alisar o cabelo para conquistar uma vaga de emprego, pois acreditava que, para ter um perfil profissional, ela precisava se adequar ao modelo imposto pela sociedade. Porém, ela não se sentiu bem com seu novo estilo. Por vezes, mudou a forma do seu cabelo, tentando se reencontrar. Da mesma forma, diversas



mulheres passam por experiências parecidas e vivem aprisionadas ao ainda vigente padrão de beleza que supervaloriza mulheres brancas, com cabelo liso e olhos claros e de alta classe social.

Ademais, esse é um processo de múltiplas violências, pois os processos químicos em excesso, geralmente, tornam os cabelos fracos, quebradiços e desidratados. Nesse sentido, quando, na narrativa literária, a protagonista percebe que o seu cabelo está com esses aspectos, ela pede ajuda a uma amiga, que recomenda deixar o cabelo em paz. Após algumas tentativas frustradas de retomar sua identidade, Ifemelu começa então seu processo de transição capilar.

O processo de transição capilar é um momento difícil e doloroso, que gera diversas inseguranças e exige cuidados muito específicos. Isso porque a mulher precisa se aceitar e desconstruir todas as ideias impostas pela sociedade, principalmente as que afirmam que cabelo crespo é feio e deselegante. E também porque, justamente por já ter passado por processos químicos danosos, esses cabelos estão fracos.

Tusset (2019) discute a temática voltada para as interações entre os produtos estéticos para cabelos crespos e as mulheres negras. No passado, com a intensificação de ideias sobre padrões estéticos e estereótipos impostos pela sociedade, muitas mulheres negras costumavam alisar seus cabelos por meio da utilização de pentes que eram esquentados no fogão, no entanto, estas práticas eram usadas inicialmente pelos franceses por volta do ano de 1845. Com o decorrer do tempo, houve muitas evoluções nesta área, surgindo outros aparelhos que facilitavam o alisamento do cabelo de forma mais rápida e segura.

A dificuldade para encontrar produtos que são específicos para cabelos crespos, que ajudam a mantê-lo hidratado e bem cuidado, ainda é algo muito recorrente nos dias de hoje. Mesmo que nos últimos anos tenha ocorrido maior crescimento nos nichos industriais



para cabelos crespos, é muito difícil encontrá-los com preços acessíveis. É comum ir aos supermercados, ou até mesmo ir às próprias lojas de cosméticos, e encontrar com mais facilidade diversas opções de cremes indicados para cabelos lisos ou ondulados, diferentemente do que acontece com os produtos feitos para cabelos crespos.

A falta de acesso a esses tipos de produtos estéticos faz com que essas pessoas passem a procurar produtos fabricados para outros tipos de cabelos, ou ainda, realizem processos químicos, que oferecem danos aos fios e à saúde do couro cabeludo. Além da propagação de padrões de beleza através dos meios de comunicação, a falta de acessibilidade para esses grupos, em maior parte, gera problemas com a autoestima e autoaceitação, gerando, mesmo que inconscientemente, um complexo de inferioridade nas mulheres negras em relação às mulheres que se enquadram no atual padrão social.

Mas por que mulheres negras se interessam tanto por esses procedimentos que visam manter os fios alisados? Por que cabelo bonito é aquele com cremes para alisamento? Por que escovas progressivas ou chapinhas? Para se sentir aceita socialmente, a mulher, desde sempre, procura realizar tudo aquilo que agrada aos grupos hegemônicos, fazendo isso com a intenção de fugir de críticas, para não serem vítimas de falas racistas e preconceituosas, ou até mesmo para estar na moda. Ou seja, a maneira que essas mulheres encontraram de tentar passar despercebidas, ou mesmo de se encaixar, se sentir pertencentes a uma sociedade exclusiva, foi mudar seu modo de vida e determinadas características físicas para fugir de um padrão de inferioridade racial.

O Brasil tem como forte característica sociocultural o racismo estrutural. A colonialidade trouxe consigo patriarcado e racismo, com ressonâncias negativas em diferentes instituições sociais, como as escolas. Os estudos decoloniais, por sua vez, denunciam justamente que a escola, desde os anos iniciais de alfabetização, é um desses espaços onde epistemologias racistas são ensinadas, principalmente



por ser um ambiente onde diferentes segmentos da sociedade se encontram e convivem de forma sistemática.

Em *Pequeno Manual Antirracista*, Ribeiro (2019) relata como foi difícil a sua infância, quando suas singelas características, como a cor de pele e o tipo de cabelo passaram a ser ridiculamente considerados como um defeito. Isso nos permite visualizar o quão intrínseco esse processo de preconceito está em nossa sociedade; o quão nossas crianças estão expostas a pensamentos coloniais; e o quão inclinadas elas estão a reproduzir esses pensamentos e preconceitos.

A escola, que deveria ser um local de aprendizagem e inclusão, se torna um local de opressão e construção de seres preconceituosos, além de permitir que pessoas consideradas fora do padrão passem por processos de hostilização. A vivência com pessoas racistas e preconceituosas influencia crianças a serem iguais, a partir do momento em que as “piadas” e “brincadeiras” são consideradas como algo “normal” e sem “maldade”. Tudo isso leva as crianças a crerem que o racismo não passa de uma característica social e cultural sempre presente na sociedade, além de entenderem que não vale a pena lutar contra tal sistema de opressão. Sobre tal situação, Ribeiro (2019, p. 12) declara:

[...] No convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era “normal”. “Neginha do cabelo duro”, “neginha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente — o que quer dizer não branca — passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz a pesquisadora Joice Berth: “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la”.

Como elucidado no trecho acima, a maioria das mulheres negras, ainda crianças, não tem total discernimento da separação social que acontece devido às suas características, até o momento



em que sofrem abertamente todos os preconceitos ligados à sua cor de pele ou ao seu cabelo. Em contraponto, várias meninas convivem com amigos e familiares que costumam realizar comentários racistas ou preconceituosos sobre sua aparência ou sobre seu cabelo. Todas essas práticas normalizam o racismo.

Gomes (2019) analisa o poema *Cuidado*, expondo como tema principal os padrões de beleza impostos pela sociedade branca, ressaltando assim o sofrimento da pessoa negra para se enquadrar nesses padrões. Ele também traz a ênfase do cabelo como sendo uma parte característica dos povos afro-brasileiros, que sofrem constantes ataques e preconceitos. Além de comentar o poema, Gomes destaca que Cristiane Sobral conta que, de tanto tentar ser outra pessoa, acaba deixando de lado suas raízes e personalidade para entrar em determinados padrões, e encerra deixando explícito como a autora está empenhada em discutir esses temas que prejudicam inúmeras pessoas.

Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Kilomba (2008) trata a respeito de questões particulares que se referem ao racismo, sexualidade e situações que acontecem no cotidiano de mulheres negras, através de capítulos onde são narradas tais circunstâncias.

No capítulo 6, intitulado como “políticas do cabelo”, a autora trata de situações a respeito da temática em questão, fazendo um posicionamento essencial para as mulheres negras e trazendo nova definição para algo que se tornou uma característica de subalternidade. Tal característica gerou e gera, até hoje, constrangimentos e traumas, colocando-as fora do padrão de beleza imposto pela sociedade. Uma das suas entrevistadas neste capítulo foi Alicia (uma mulher afro-alemã de 33 anos), que relata diversos fatos que lhe aconteceram cotidianamente. Como exemplo, cita as perguntas desconfortáveis que algumas pessoas fazem: “Como ela lava o cabelo e se o penteia?”. Um pensamento que se revela extremamente estruturado na sociedade e que comumente associa a negritude com o que é desagradável.



Queiroz (2019) também ressalta que questões ligadas à aparência e à personalidade afetam diretamente a identidade de uma pessoa. Logo, tudo o que diminui a confiança de um indivíduo em si mesmo e aumenta a insegurança de alguém, cria ou expande dúvidas acerca da construção de sua identidade.

A identidade de uma pessoa é construída, sobretudo a partir das suas inter-relações sociais e do lugar que ocupa na sociedade. A partir das relações que um indivíduo possui com outros em seus locais de lazer e trabalho, ou até mesmo em casa, ele pode desenvolver diversas identidades, cada uma relacionada a um local de socialização. Uma mesma pessoa pode possuir uma personalidade introvertida em seu local de trabalho e ser extrovertida em família. Podemos relacionar isso ao pensamento que Stuart Hall (1992) apresenta em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*. Para Hall, a questão da identidade trata-se de uma celebração móvel, onde a mesma é formada e transformada principalmente pelos sistemas culturais que nos rodeiam, além de ser definida através de fatos históricos. Nesse sentido, o indivíduo assume identidades distintas em momentos distintos, habitando em cada um identidades contraditórias. Sendo assim, no mundo atual, as culturas em que nascemos são as principais fontes de identidade cultural.

Existem diversos fatores sociais que interferem na construção identitária, entre eles os padrões estéticos sociais, que afetam o modo como o indivíduo vê a si mesmo. Tais padrões conseguem fazer com que esse indivíduo odeie a identidade que possui, desejando assumir uma nova identidade que se adeque àquilo que a sociedade deseja.

As questões identitárias, marcadas pelos papéis sociais, somam-se às questões raciais e de identidade de gênero. É muito mais fácil uma mulher sofrer preconceito que um homem. Pobres são mais atacados que ricos. Pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ passam por situações que pessoas cisheterossexuais não precisam passar.



Existe um enorme abismo entre o tratamento social dado a brancos e pretos. A identidade construída por uma pessoa negra no Brasil sofre muito mais interferências que aquela construída por alguém branco.

Histórico e culturalmente falando, o Brasil possui uma estrutura baseada em modelos racistas, ou seja, a identidade negra de um brasileiro gira em torno de uma sociedade que impõe a todos que nela vivem a noção de uma inferioridade sociocultural lapidada a partir do conceito de superioridade étnico-cultural.

3. *CUIDADO*: UMA DISCUSSÃO SOBRE CABELO NEGRO E SUA IMPORTÂNCIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

O poema *Cuidado* aborda um elemento muito importante que é colocado como traço identitário e característica de resistência negra: o cabelo. Ele é utilizado como uma metonímia, que consiste em uma figura de linguagem onde substituímos uma palavra por outra, fora do seu contexto semântico normal. Vejamos o poema:

Cuidado
Eu vou falar do nosso cabelo
Eu vou falar de tudo o que fazem tentando sucesso
Eu vou falar porque isso acaba com a gente
Primeiro aparecem uns pentes frágeis
Impossíveis às nossas madeixas
Depois apontam para um padrão
Que nunca poderemos ter
Ficamos condenados à indiferença e à exclusão
De repente
Sonhamos com toalhas amarradas na cabeça oca
Num passe de mágica
Aceitamos o codinome pixaim e o sobrenome Bombril
Começamos a moldar o caráter

A amolecer diante das decisões
Infelizmente esquecemos que só podemos ser o que somos
Passamos a vida inteira tentando atingir uma clareza
Que nunca poderemos ter
Nem precisamos
A negritude é um quarto escuro
Com bicho-papão e mula sem-sem-cabeça
É um quarto mítico onde ninguém que entrar

Eu vou falar do que fazem com nosso cabelo
Eu vou falar de tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar, porque isso acaba com a gente
Primeiro dizem que todos somos iguais
Que somos todos filhos de Deus
Rapidamente é diagnosticada a paranoia
Começamos a achar
Que o problema está em nossa cabeça preta
Nunca no olhar do outro
Nunca no deboche do outro
Nunca no sorriso de lado
Algumas conseguem ir mais longe
Mas isso tem um preço
Precisamos ficar sozinhos
Precisamos ficar clarinhos
Precisamos usar apliques

Eu vou falar do que fazem com o nosso cabelo
Eu vou falar de tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar porque isso acaba com a gente
Deu branco!
Alguém me empresta uma identidade
Aprovada no teste de boa aparência?
(Sobral, 2016, pág. 66-67)

Em primeiro instante, a autora inicia o poema chamando a atenção do/a leitor/a sobre os desafios que as pessoas negras enfrentam para cuidar do cabelo, tendo como exemplo, a fabricação de pentes frágeis, que não atendem às necessidades do cabelo crespo ou cacheado, principalmente pelo fato de que são cabelos mais difíceis de serem desembaraçados, que vão exigir a produção de pentes



mais resistentes. Dessa forma, acaba passando uma ideia de que esse cabelo está fora do padrão estético imposto pela sociedade. Consequentemente, as fábricas e empresas acabam produzindo pentes mais acessíveis apenas para um grupo específico de pessoas.

Logo em seguida, o poema expõe palavras que são comumente usadas para se referir ao cabelo crespo, como “pixaim” e “bombril”. Essas palavras preconceituosas afetam pessoas negras e, principalmente, mulheres negras, gerando marcas psicológicas que permanecem por muito tempo. Frequentemente, por toda a vida. Nos próximos versos, o eu lírico declara que “começamos a moldar o caráter, a amolecer diante das decisões, infelizmente esquecemos que só podemos ser o que somos”. Isso nos traz a ideia de que, com o tempo, as pessoas vão considerando essas atitudes normais e as pessoas negras vão buscando se encaixar naquilo que a sociedade impõe. Além disso, completa: “passamos a vida inteira tentando atingir uma clareza que nunca poderemos ter, nem precisamos”. Sobral faz algumas analogias com relação à negritude, comparando-a com um quarto escuro, o bicho-papão e a mula-sem-cabeça, que são representações mitológicas que transmitem medo e que assustam, em algum momento da vida, a maioria das pessoas.

No trecho “Primeiro fala que somos todos iguais”, a autora discute sobre o fato das pessoas pregarem a idealização de que somos semelhantes, no entanto, sabemos que isso está muito distante da realidade. Pessoas negras constantemente sofrem ataques, críticas e agressões, como também recebem apelidos ofensivos que, em sua maioria, é em virtude do seu cabelo e da sua cor de pele. Estas práticas de discriminação fazem com que pessoas negras passem a procurar justificativas para esses atos, que muitas vezes se culpam, se sentindo insuficientes e desprezadas pelas demais pessoas.

A escritora em alguns momentos no poema traz um desabafo e um grito através do poema, que clama por liberdade e igualdade, mostrando como o modelo de beleza vigente na sociedade aflige as



mulheres negras: “Eu vou falar do que fazem com o nosso cabelo”, “Eu vou falar porque isso acaba com a gente”. Ao final, Cristiane Sobral dialoga de forma sarcástica, pois a mesma expõe uma comparação entre as identidades, na qual, para ser aceita pela sociedade, a mulher negra precisa dispor de uma boa aparência, e essa aparência está associada com padrões eurocêntricos.

Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Kilomba (2008) relata um discurso semelhante ao poema de Cristiane Sobral. De acordo com Kilomba, no período de escravidão, além da cor da pele, o cabelo tornou-se símbolo de subalternização. No entanto, o cabelo também se tornou símbolo de resistência e reexistência:

O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora (Kilomba, 2008, p. 127).

A autora mostra a importância do cabelo como forma de resistência, como consciência política que transmite “uma mensagem política de fortalecimento racial e protesto contra a opressão, moldando as posições de mulheres negras em relação à raça, gênero e beleza.” (Kilomba, 2008, p. 127). Dessa forma, o cabelo tornou-se um forte instrumento de resistência e luta, rompendo as barreiras do preconceito e promovendo visibilidade e respeito.



4. AINDA?: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS POR PESSOAS NEGRAS

No poema *Ainda?*, de Cristiane Sobral, foram empregadas comparações e analogias que remetem o/a leitor/a à reflexão da atual liberdade concedida às minorias, em específico ao povo preto e pobre.

Ainda?
Ainda **não** somos livres
Ainda **não** somos livres
Depois de tanto tempo
Mamãe é escrava da casa grande no bairro de luxo
Papai é escravo da cachaça do boteco da esquina
Meu irmão mais velho é motorista de bacana.
Ainda **não** somos livres
Ainda **não** somos livres!
Depois de tanto tempo...
Eu ganhei uma bolsa de estudos meio lei do ventre livre
A patroa da minha mãe é quem paga
Sempre li as entrelinhas de todos os livros que encontrei
Ainda somos escravos
Nunca fomos escravos
Muito menos imigrantes.
Ainda **não** somos livres
O capitão do mato espreita no carro preto com sirene
estridente.
Se começar a operação pente fino não escapo.
Ainda há um barco que transporta a negrada todos os
dias...
É um ônibus lotado cravejado de assaltos e balas perdidas.
Ainda **não** somos livres
Favela é senzala
Depois de tanto tempo.
(Sobral, 2016, p. 88)

No referido poema, a autora traz à tona uma discussão sobre o papel das pessoas negras na sociedade e as permanências decorrentes do processo de escravização acontecido no nosso país, bem como as consequências desse processo e a concepção da atual liberdade que esses povos detêm.

No verso “Mamãe é escrava da casa grande no bairro de luxo”, a autora explana sua concepção acerca da permanência do racismo na sociedade brasileira. Apesar de muitas pessoas defenderem o contrário, o racismo de fato nunca foi extinto da sociedade, nem mesmo foi abrandado, apenas maquiado. Muitas mulheres pretas, outrora amas de leite ou escravas de cozinha, tiveram seu papel reconduzido a outras áreas, embora sua situação de inferiorização social continue mantida.

Diversas mulheres convivem todos os dias com as marcas infligidas por uma sociedade racista e machista, sendo vistas como troféus e objetos destinados à reprodução. Está enraizada socialmente a percepção sobre o “papel da mulher na sociedade” que remete às tarefas domésticas e procriação. Quando uma mulher consegue adentrar o mercado de trabalho em áreas consideradas “para homens”, seus papéis são, quase sempre, inferiores aos masculinos, independente de sua qualificação ou devotamento.

Os versos como “Papai é escravo da cachaça do boteco da esquina”, “O capitão do mato espregueira no carro preto com sirene estridente”, “Se começar a operação pente fino não escapo” e “Favela é senzala” tratam da favelização e marginalização de pessoas pretas e pobres antes, durante e após o processo de formação de nossa sociedade atual. Quando, ainda durante o período imperial, foi declarada a abolição da escravatura, esses ex-escravizados, sem estudo ou qualificação alguma, sem condições nem mesmo para arcar com despesas de alimentação, não tinham como pagar por certas “regalias”, como por exemplo, moradia”.



Sem ter onde morar, o que vestir ou comer e sem perspectiva nenhuma de futuro, foram obrigados a viver de maneira precária. Além disso, esses trechos tratam sobre o atual descaso para com as pessoas negras, onde até mesmo o poder público está voltado para a parte da população que atende aos padrões impostos pela sociedade. O governo é para poucos e atende às necessidades de uma estreita parcela populacional. Até mesmo os responsáveis pela segurança do povo causam pânico naqueles que não se encaixam nos estereótipos de perfeição.

Queiroz (2019) afirma que questões que afetam a maneira como uma pessoa vê a si mesma, sua personalidade e aparência, estão diretamente ligadas à construção da identidade da mesma. Assim sendo, a identidade de um indivíduo é diretamente moldada pelo meio em que ela vive. Logo, uma vez que a sociedade em que vivemos se trata de uma sociedade construída tendo como base princípios e esforços racistas, todos que nela vivem acabam convivendo com um modelo que afirma a superioridade econômica, social, racial de uma maioria (que na verdade não constitui a maior parte da população) tida como padrão.

Ainda sobre as falas da autora, podemos associar o trecho “É o ônibus lotado cravejado de assaltos e balas perdidas” com a insegurança que algumas pessoas sentem ao sair de casa, pois não sabem se irão conseguir retornar com vida. O país passa por um “genocídio consentido”, aprovado por aqueles que estão em um patamar socioeconômico mais alto socialmente falando e que, ao invés de atender às demandas políticas e de representatividade dessas pessoas que estão sofrendo, se calam e fingem normalidade diante dos fatos e experiências.

Mesmo assim, há quem afirme em alto e bom som que o Brasil não é um país racista. Como um país construído a partir do esforço de um povo negro, escravizado; um país cuja população desce de uma miscigenação pujante e apresenta casos de pessoas



que acreditam na superioridade racial. Segundo Queiroz (2019), “sempre é negado que o Brasil tem uma sociedade racista. Negam o racismo dizendo que vivemos em um país de democracia racial”. Essa é a falsa crença que sustenta o racismo por séculos.

Mesmo após tantos anos de luta, resistência, ressignificação e esforços para que a sociedade se torne mais consciente e mais engajada, o racismo persiste fortemente. Ele está enraizado e naturalizado, ao ponto de as pessoas reproduzirem sem percebê-lo. Culturalmente, cria-se uma falsa percepção de liberdade para as pessoas, quando na verdade suas opções são reduzidas de forma drástica todos os dias, sendo conduzidas a tomarem decisões que, na maioria das vezes, não condizem com suas verdadeiras intenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todos os assuntos que foram discutidos, fica evidente a maneira extremamente racista com a qual a sociedade se estruturou. Fortes são as dificuldades que as mulheres negras enfrentam para se encaixar, muitas vezes tendo até mesmo que abrir mão de suas identidades, costumes e raízes, além de sofrer diversos desconfortos, ofensas e críticas diariamente. Com as análises, pesquisas e estudos feitos, percebemos a necessidade de se aprender e discutir essas atitudes preconceituosas, a fim de que cada indivíduo possa romper com o pensamento alienado e colonial relacionado a essas questões.

Pessoas negras e pobres, sobretudo mulheres, sofrem represálias todos os dias acerca de suas características, suas crenças, suas culturas e até mesmo com o modo como conseguem sobreviver aproveitando as escassas oportunidades que lhe são oferecidas. No entanto, há sempre resistência. As práticas de resistência



construídas por essa população são bastante diversificadas, sendo baseadas em lutas por mudanças mais estruturais na economia e em políticas públicas, bem como em lutas políticas e simbólicas, como a luta pela ressignificação do cabelo.

E assim, se veem travando uma batalha, reivindicando seus direitos na comunidade onde estão inseridas. Além do mais, as obras que foram mencionadas durante a discussão são importantes ferramentas nesse enfrentamento diário. Trata-se de um grito de indignação, através do qual se clama por liberdade, igualdade e respeito.

Apesar de todas as conquistas feitas até aqui, ainda há um caminho longo pela frente. Diversas discussões ainda serão travadas e há muito que construir, bem como desconstruir, a fim de que a sociedade como um todo possa avançar no processo de decolonização de seus costumes, práticas e pensamentos.

Nesse processo, a literatura produzida por mulheres negras é importante recurso nessa luta diária. Trata-se de um grito de indignação, através do qual se clama por liberdade, igualdade e respeito, expondo a realidade de muitas mulheres que, embora passem por vivências opressivas, resistem, sendo porta-vozes nesse processo de construção de uma sociedade mais equânime e justa.

REFERÊNCIAS

BATISTA, W. M. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **SciELO**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

ENTENDA o objetivo e a importância do Dia da Consciência Negra. 2022. **Oxfam**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

GOMES, B. B. **Resistência e valorização da identidade negra em poemas de Cristiane Sobral**. 2022. 34 f. TCC. Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.



GROSGUÉL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução de Fernanda Miguens. 2016, vol.31, n.1, p. 25-49.

HALL, S. **A identidade em questão**: a identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de J. Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

MACIEL, G. C. **Literatura como porta voz da resistência**: narrativa e poesia de Carolina de Jesus. Jan./2022. Disponível em: <https://sententia.com.br/gabrielacarneiomaciel/2022/narrativa-poesia-resistencia-carolina>. Acesso em: 16 ago. 2022.

QUEIROZ, R. C. de S. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Revistas Utfpr**. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9475>. Acesso em: 12 mai. 2022.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCCO, A. T. **As interações entre os produtos estéticos para cabelos crespos e as mulheres negras**, 2022. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt>. Acesso em: 13 mai. 2022.

SILVA, A. B. **A liberdade do crespo no livro 'Americanah', de Chimamanda Ngozi**. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/a-liberdade-do-crespo-no-livro-americanah-de-chimamanda-ngozi>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SILVA, A. S. Resenha: Não vou mais lavar os pratos. **Sismmac**. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt17.pdf>. Disponível em: <https://sismmac.org.br/noticias/10/alem-dos-muros-da-escola/8938/a-cada-23-minutos-morre%20um-jovem-negro-no-brasil>. Acesso em: 12 mai. 2022.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3.ed. Brasília: Editora Garcia, 2016.

VOGT, S; LOURENÇO, M. L. **A identidade social e o processo de identificação**. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/331>. Acesso em: 13 mai. 2022.

RECORDAÇÕES DE UMA INFÂNCIA FELIZ

Milena Xavier dos Santos

Sábado, 10 de setembro de 2022

Querido diário,

Nesta tarde de sábado, enquanto eu estava desempoeirando as prateleiras do meu quarto, fiquei refletindo sobre a minha vida e sobre como o tempo é apressado. Como um flash, passou em minha mente todos os momentos incríveis em que eu vivi na época de infância. Neste mesmo instante, veio sobre mim uma nostalgia, uma vontade de vivenciar tudo isso novamente. Sinto muitas saudades de momentos, lugares, pessoas, objetos e da criança que eu era.

Queria ter um botão ou um poder para voltar no tempo e, mais uma vez, brincar na quadra de areia da minha antiga escolinha, fazer aquela festança com meus primos na casa da minha avó, tomar banho de mangueira ou tocar a campainha e depois sair correndo como se estivesse no filme de velozes e furiosos. Não posso negar que eu era uma criança muito traquina e atentada, mas era a forma que eu encontrava para me divertir.

Lembro da época em que acordava cedo todos os sábados para assistir os desenhos da TV Globinho. Bob esponja, Icarly e Três espíãs demais eram os meus queridinhos. A simplicidade tomava conta, a minha maior expectativa era encontrar meus vizinhos para conversar na porta de casa ou então andar de bicicleta, brincar de bandeirinha ou de esconde-esconde. Não importava o que eu estivesse fazendo, mas se eu tivesse com pessoas agradáveis, eu estava satisfeita.

O tempo passou e eu cresci. Muitas coisas permaneceram enquanto outras se foram ou mudaram. Apesar disso, todas essas lembranças estão guardadas em minha memória e em meu coração.

A nítida lembrança do período em que eu e minha irmã mais velha entrávamos de férias e minha mãe fazia aquela pipoca com gostinho de manteiga para assistir filmes e novelas durante a tarde.

No quinto ano, todas as sextas-feiras a professora separava um momento de recreação e abria o baú de brinquedos para a turma se divertir. Aos 11 anos, me lembro que todos os dias, após a aula, eu esperava meu pai chegar do trabalho para almoçar e assistir “Se Liga Bocão”, transmitido na Record, e depois dormia o restante da tarde até a minha mãe chegar do trabalho, para irmos visitar meus avós.

Sempre é bom dar uma pausa para recordar os acontecimentos que marcaram a nossa vida. Algo que sinto muita falta é o parque de exposições, onde vários artistas se apresentavam e as pessoas ficavam ansiosas para se divertirem nos brinquedos, visitar as feiras e conhecer vários animais. A melhor parte de tudo isso para mim era assistir o rodeio e comer diversas comidas.

Analisando bem, as pessoas mudam ao passar dos anos e muitas vezes, ao olhar o passado, percebemos que não somos mais os mesmos. Não só a minha personalidade mudou, como também as preferências. A garotinha que gostava de brincar todas as noites na rua com os amigos, se tornou uma jovem com alma de velho, amando ficar em casa, sem algazarra e curtindo a sua própria companhia.

O meu desejo é que o tempo passe, mas que não seja acelerado demais. Pois se hoje eu sinto falta da minha infância, eu sei que daqui uns anos à frente, também sentirei saudades dessa fase em que eu estou vivendo agora. Não basta ter tudo o que você quer, se não te faz feliz ou realizado. Dessa forma, quero aproveitar o máximo e compartilhar a minha felicidade com as pessoas que fazem parte da minha vida. Esse é o segredo da vida: ser feliz independente de qualquer coisa.



DESABAFOS DE UMA ADOLESCENTE (BASTANTE) CONFUSA

Elys Rejane Ribeiro dos Santos

Gravando em 3, 2, 1. Vai. Episódio de hoje: Um pequeno desabafo.

Esses dias acordei pensando em um trecho muito específico de um livro que li uma vez. *“Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...”*. Essa é uma das falas mais famosas da Aelin em Trono de Vidro. Essa e, também, *“Você não se rende...”*. Esse provavelmente é um dos melhores livros que eu já tive o prazer de ler. Sabe aquele livro que você queria esquecer completamente, apenas para ter aquela sensação gostosa de ler novamente pela primeira vez? Eu gostaria de poder ler todos os livros de Trono de Vidro outra vez com exatamente a mesma sensação da primeira leitura.

Calma. Para. Respira. Eu acho que vocês já perceberam que tenho uma mania um pouco feia de me atropelar e começar a soltar um monte de pensamentos aleatórios e deixar todos à minha volta extremamente confusos. Tipo o que estou fazendo agora. Vou começar do início. Já comecei as coisas sem nem mesmo me apresentar. Falta de educação, a culpa é toda minha. Peço desculpas.

Meu nome é Elys Rejane. Isso mesmo, você leu certo. Elys. Rejane. Nada de Elis Regina, obrigada. Não, eu não tenho nada contra ela. Sim, eu detesto que escrevam meu nome errado. Não, ela não tem culpa das piadas que ouvi, mas se você tivesse passado sua vida toda ouvindo as mesmas coisas que eu sobre o próprio nome (ao ponto de chegar a odiá-lo), você também cortaria o mal pela raiz. Uma curiosidade: nem o corretor do Google reconhece meu nome.

Viu o que eu disse? Já comecei a soltar várias informações desnecessárias e já perdi o fio da meada. Lá vamos nós outra vez.



Here we go again (eu amo esse filme, Mamma Mia!). Como dito, meu nome é Elys Rejane e sou apenas uma garota comum de quase 18 anos, que leva uma vida perfeitamente comum em uma cidade simples como a maioria aqui do Brasil. Não tenho muitos hobbies, minha personalidade se resume a ler. Acho que ser leitora é minha maior e única qualidade. Eu amo ler, sou completamente apaixonada pela leitura. Eu também gosto de cantar, dançar, escrever, comer, dormir, ouvir músicas e assistir, mas nada se compara ao meu amor pelos livros.

Não sei ao certo quando isso começou, mas um dia simplesmente me dei conta que não saberia mais existir sem material adequado de leitura. Eu leio de tudo, menos terror (eu sou um pouquinho medrosa, diga-se de passagem) e autoajuda (é vergonhoso admitir mas tenho um preconceito muito grande com esse tipo de livro). É isso. Essas são as duas coisas que me definem: ler e falar. São as duas coisas que mais amo fazer. Vou tentar falar mais um pouquinho sobre mim sem tentar viajar na maionese.

Eu não sei se já falei isso antes, mas moro com meus pais, minhas duas irmãs mais novas e minha cachorrinha, Vicky. Estudo no IFBA, faço Edificações, e minha vida se resume a isso: escola e casa. Não gosto muito de socializar, mesmo sendo uma abelhinha pé-de-rua. Vou explicar melhor. Amo com todo meu ser sair com amigos, passar tempo com as pessoas que gosto e caminhar na companhia de pessoas queridas. Amo datas comemorativas. Meu dia preferido no ano é meu aniversário, meu mês preferido é o do meu aniversário, minha estação preferida é a primavera e minhas frutas preferidas são acerola, laranja e banana.

Ultimamente eu ando me sentindo meio sufocada. Faço 18 anos daqui exatamente 2 dias e já tem uma pressão enorme sobre minhas escolhas de vida. Parece loucura. Nem sei o que quero para o meu futuro ainda. Bom, na verdade eu sei, só não sei quais decisões tomar para chegar exatamente onde quero. Eu quero fazer algo significativo. Quero ajudar. Acredito muito que todos nós temos vidas e histórias emocionantes e que merecem ser ouvidas e compartilhadas.



É isso que quero fazer. Quero que as pessoas se sintam ouvidas, quero que contem suas histórias e confiem em mim para levá-las ao maior número de pessoas possível, quero ajudar a maior quantidade de pessoas que puder, quero fazer a diferença na vida de algumas pessoas, quero que se sintam vistas, amadas e cuidadas. Eu quero mudar o mundo. Mais que isso, eu quero conhecer o mundo.

Ainda não sei como vou fazer para colocar em prática essa necessidade de ajudar as pessoas, mas vou trabalhar duro para conseguir alcançar meus objetivos e, um dia, conseguir mudar para melhor a vida de algumas pessoas, mesmo que poucas. Todos os momentos eu tento lembrar que um sorriso e uma gentileza já mudam o dia de uma pessoa que leva uma vida triste e que, mais importante ainda, eu preciso estar bem para cuidar do próximo. Algumas pessoas me dizem que minha postura otimista e irritante. Eu não ligo. A vida já é tão difícil, tão complicada. Se eu der luz sempre às partes ruins, quem vai iluminar as partes boas?

Voltando ao presente e plantando os pés no chão, acho que a decisão mais urgente que tenho que tomar é: quais meus planos para o próximo ano e qual faculdade fazer. Preciso descobrir o que vou fazer da minha vida depois que acabar esse ano, que já é meu último no ensino médio. Esse foi mais um episódio do blog. Eu precisava desabafar. Obrigada por me escutarem. Beijinhos.

DANÇANDO A VIDA COMO ELA É (E 5, 6, 7, 8...)

Jheniffer Nicolý de Araújo Costa

Viver é como dançar um espetáculo diferente a cada dia. Uma hora temos um roteiro, uma música, um corpo de baile, um tema, um ritmo, uma modalidade... E quando menos se espera, isso



muda completamente. À medida que vamos vivendo, adquirimos vários repertórios e a única diferença entre a vida e a dança, é que não temos ensaios exaustivos para fazer cada momento ser perfeito e isso torna a vida ainda mais única.

Minha vida é basicamente um espetáculo diferente a cada dia. Uma hora eu sou uma estagiária de um escritório de engenharia, outra hora sou professora de lições bíblicas para crianças; em outro momento, aluna de um Instituto Federal. Já fui aspirante a nadadora profissional, hoje dorameira e fã de carteirinha de séries de seres sobrenaturais.

Em certos momentos, a música que toca ao meu redor, exala alegria, paz, amor.... Porém, como nem sempre recebemos flores ao final de uma apresentação, às vezes é um som triste, estressante, de ansiedade e saudades. Esses sem dúvidas, não são meus sentimentos favoritos.

Quando se trata das modalidades que me fazem feliz e me deixam muito contente, entra com toda certeza comer o que eu gosto, poder dormir mais 5 minutos, passar tempo com as pessoas que eu amo, achar dinheiro no bolso e definitivamente evitar coisas que me estressam (Poucas vezes esse último acontece).

E quanto às dúvidas? O que faremos nas aulas? Qual será o tema do festival? Qual cor de figurino a gente escolhe? Qual Sapatilha é mais confortável.... Outros questionamentos bem semelhantes a esses são: qual profissão escolher? Prefiro doce ou salgado? Gosto mais de frio ou calor? Fazer agora ou deixar para depois? A resposta para todos esses questionamentos é: Depende. Depende de como esteja meu humor no dia, de quem está comigo, de quanto de recursos financeiros eu tenho e de outros inúmeros fatores.

Um personagem que eu amo interpretar é aquele que é gentil e leal com as pessoas, o que eu considero minhas maiores virtudes. Na verdade, tem outro que se parece muito comigo: aquele



que é impaciente e explosivo. Trata-se dos meus maiores defeitos. Outro também seria aquele, cujos figurinos são das cores roxo, azul ou preto.... Talvez sejam minhas cores favoritas. Ou então viajar para vários países em busca de novas experiências.... Talvez seja um dos meus maiores desejos.

Não vamos falar da dieta e educação alimentar de um dançarino, porque nisso eu não dou exemplo. Amo comidas gordurosas, guloseimas, besteiras e que tal um Strogonoff de camarão acompanhado de uma Coca-Cola bem geladinha? Deu até fome...

Acho que já falei demais sobre minha pessoa. Mas ainda preciso falar um pouco mais, se não meu roteiro não vai estar completo. Antes a minha equipe era minha mãe, meu pai e meu irmão. Mas como eu já disse, o corpo de baile pode mudar quando menos se espera. Hoje, somos eu, minha mãe e meu irmão, porque Painho decidiu seguir carreira solo. Não sei você, mas uma das coisas que me faz arrepender em alguns momentos da vida é não ter dito o que deveria, na hora que precisava.

Para finalizar, por mais que minha vida já seja uma constante dança, uma coisa que eu faria toda semana, todo dia, toda hora... seria Dançar. Não dá para imaginar a vida sem ela, por isso que é melhor dançar a vida como ela é. Além disso, viver dançando durante o curto tempo que temos para viver.

PEQUENA HISTÓRIA DE UMA MAROMBEIRA FELIZ

Sara Beatriz da Silva Santos

Pensei muito no que falar. Aparentemente falar sobre si pode parecer uma tarefa fácil, mas acredite em mim, não é. Não quer dizer



que eu não me conheça, mas percebi que eu não sou muito boa com as palavras e acabo colocando a culpa na falta de autoconhecimento. Mas chega de enrolação, deixa eu me apresentar para você.

Eu me chamo Sara Beatriz, Sara significa “Princesa” e Beatriz, “a que traz felicidade”. Eu tenho que concordar com o significado do meu nome, realmente sou essa pessoa que emana felicidade! Mas não se engane, muitas das vezes a minha tristeza está escondida por trás de um lindo sorriso, porém nem todos sabem quando diferenciar o meu sorriso, somente os mais próximos. Beleza, Beleza. Talvez eu tenha exagerado um pouco, não sou uma pessoa triste quanto pareceu, sou muito dramática isso sim.

Ultimamente eu estou me reencontrando, achando a minha verdadeira essência. Me esqueço do mundo e de basicamente todos os meus problemas quando estou na academia. Eu sou a rata de academia, como meus amigos costumam me chamar. Nunca imaginei que fazer musculação me faria tão bem e que um dia se tornaria um *hobbie* para mim. Pensar que eu poderia passar a vida toda malhando, não me cansa, me anima e me dá um gás.

Comecei quando tinha 13 anos, bem nova, mas entrei por motivos de saúde, era muita falta de ar e tinha dias que eu não conseguia dormir à noite. De lá para cá, parei e voltei diversas vezes, sofria com as críticas que me eram feitas por não conseguir desenvolver praticamente nada. Mal sabiam eles, que hoje, em 2022, com 7 meses focada, eu teria uma incrível evolução. Eu me orgulho muito de mim, por nunca ter desistido e hoje sou a rata de academia, passo mais de horas malhando, e isso não sou eu quem digo, mas sim meus amigos.

Outro ponto bem marcante em mim, é a minha personalidade, sou muito extrovertida e também amo comer, comer muito mesmo, a depender do que for, posso dá prejuízo. Dormir, também é meu ponto forte! E sinceramente, amo assistir doramas. Sim! Sou dorameira de carteirinha. Outro detalhe é que eu amo estar na presença de meus amigos, isso me deixa muito feliz, tanto que eu quase



não paro a bunda quieta em casa nos finais de semana, pois adoro fazer um rolêzinho com meus amigos.

Que engraçado, eu já estava me esquecendo de falar das pessoas mais importantes da minha vida, meu pai e minha mãe, eles dois sempre foram a minha base, minha mãe principalmente, devido ao fato de que somos mais íntimas, falamos de um tudo uma com a outra. Calma aí, não quis dizer que eu não tenha um bom relacionamento com meu pai, porque eu tenho, graças a Deus, ele só não é tão aberto e tão tagarela para conversar como minha mãe, principalmente quando o assunto é alguém que eu esteja gostando, ele corre e fingi demência. Ele tem muito ciúmes de mim, só não assume. Mas eu os amo, sou grata a Deus pela vida deles e por ser filha dos dois.

Agora falar de uma pessoa que é a razão do meu viver, me emociona. Ele me idealizou e me desejou mesmo quando meus pais nem sonhavam em se conhecer. Ele cuida de mim e está comigo em todos os momentos de minha vida. Se um dia eu senti que o mundo inteiro se esqueceu de mim, Ele se lembrou de mim, segurou minha mão e me reergueu. Quando eu estava no meu quarto, derramando lágrimas e mais lágrimas, Ele estava ao meu lado para enxugá-las e falar ao meu ouvido que tudo iria ficar bem. E ficou. Talvez você já o conheça, ao menos é o que eu espero, mas se não conhece, deixa eu te apresentar. O nome dele é Jesus.

Eu sou cristã desde pequena, como costumamos falar, sou Adventista de berço. Sim, nasci na igreja, e sou membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tenho muito amor e apreço por nossas doutrinas e princípios. Se me perguntarem o que mais gosto de fazer na igreja, pode ter certeza que a primeira coisa que eu falaria, seria cantar, eu amo cantar, dizem por aí, que canto bem, mas creio que tenho muito a melhorar, porém, sempre tento dar o meu melhor quando o assunto é louvar o nome de Deus. Confesso que descobri esse “dom” recentemente e tento aperfeiçoá-lo aos poucos. Hoje participo do ministério Shemá. Resumindo, é um grupo



de música, composto por 10 integrantes e eu sou contralto, a voz grave do lado feminino.

Olha, quando estou em alguma roda de conversa e tocam nesse assunto, posso dizer que já passei poucas e boas viu! Gostei de um rapaz uns 2 anos atrás, me envolvi muito emocionalmente, principalmente por ser muito intensa com o que sinto. E algo ruim me aconteceu, pulei no raso e me machuquei. Confesso que me deixou feridas e traumas. Não vem ao caso contar detalhes porque a história é longa, outro dia relato especificamente sobre isso. Na época, eu não queria aceitar o não de Deus, quanto ao fato de não nos relacionarmos, mas hoje, eu entendo. Nossos valores, princípios, ideias e doutrinas, divergiam em todos os sentidos, de fato não era para ser!

Estou feliz por ter escrito, foi uma mini terapia, expressar por meio das palavras o que tem dentro de mim. Se bem que nos meus piores dias, eu costumo fazer isso, lançar todas as minhas mágoas e tristezas ao papel. Vou findando por aqui, admito que tinha muito mais coisa para falar, mas creio que me perderia nas palavras, já é tarde!

12

*Clara Lacerda Chaves
Eduarda Calado da Silva
Pedro Alano Vieira da Silva Portela
Marcos Henrique da Silva*

REPRESENTAÇÕES DAS PESSOAS NEGRAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO:

**REFLEXÕES SOBRE OS POEMAS *VISÃO*
E ESCURIDÃO DA VITÓRIA,
DE CRISTIANE SOBRAL**

INTRODUÇÃO

A escritora brasileira Cristiane Sobral utiliza da escrita de poemas para relatar, analisar, criticar e questionar suas vivências e experiências como mulher negra na sociedade brasileira. Como ressalta Antonio Candido (2000), a literatura, como uma exteriorização escrita que vai além da função de apenas comunicar alguma coisa e abarca também a sensibilidade e a complexidade humana, permite inúmeras maneiras de ser representada. Dentre elas, a produção de poemas, de substancial relevância para a formação de leitores/as com uma visão crítica e reflexiva acerca da realidade que os/as cerca. Nesse sentido, destaca-se a coletânea de poemas intitulada *Não Vou Mais Lavar os Pratos*, de Cristiane Sobral. Trata-se de sua primeira obra, lançada em 2010, que aborda, entre outros temas, a questão da representatividade e diversidade do/a negro/a, ou a ausência destas, no mundo contemporâneo.

A verdade é que a população negra foi alvo de apagamento e embranquecimento durante longo período, construindo assim uma estrutura invisível a qual sempre destaca a superioridade branca enquanto dizima e oculta a história e a cultura afrodescendente. Inúmeras teses racistas ao longo da história surgiram como forma de justificar essa suposta inferioridade de povos não-brancos. Dentre elas, pode-se destacar as teorias racistas que apregoam a soberania ou a inferioridade de raças (tomadas hierarquicamente), usadas principalmente para justificar a determinação de indivíduos claros, fortes e inteligentes como modelos ideais e supremos para comporem a sociedade (Santiago, 2016).

Alinhado com esse contexto, temos também o darwinismo social¹⁵, corrente sociológica do século XX, que difundiu de forma expressiva a relação de dominação racial, qualificando os povos

15 Embora o Darwinismo social da eugenia tenha se difundido e se tornado uma pseudociência no século XX, é preciso lembrar que sua operacionalização ideológica já havia chegado ao Brasil desde 1532, respaldando o processo de apagamento cultural realizado pelos portugueses advindos do período das grandes navegações.



como civilizados detentores de cultura (europeus) e os selvagens aculturados (não europeus, principalmente africanos). Portanto, sendo esse segundo grupo sem capacidade cognitiva de produzir símbolos culturais, os europeus podem impor a sua forma de vida aos mesmos, “salvando-os”, tal momento ficou entendido como “fardo do homem branco” (Kipling, 1899).

Já em 1988, no período do pós-abolição¹⁶ o país possuía uma elite intelectual interessada em uma concepção de uma identidade nacional para o mesmo, mas ao deparar-se com uma população formada também de negros e miscigenados procura por métodos que assegurem o branqueamento da população (Munanga, 1999). Então, se inspiram nessa teoria, promovendo extermínios e medidas que evitem essa miscigenação.

Tais métodos não se mostram eficazes, dessa maneira, passam a ser utilizados meios psicológicos e emblemáticos visando a implantação do ideal branco no inconsciente da nação (Schwarcz, 1993). Com isso, surge o problema da ausência de representatividade e formação de estereótipos em todos os contextos do corpo social. Deste modo, enfraquecem as raízes afros e dificultam a identificação, mobilização e coletividade de negras e negros para se libertarem dessas amarras opressoras e estereotipadas que os confinam a posições subjulgadas e inferiores na comunidade.

Sob essa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é analisar o discurso de representatividade, valorização e diversidade, bem como, as causas e os impactos que a ausência destes operam nas pessoas negras, em dois poemas contidos na obra *Não Vou Mais Lavar os Pratos: Visão e Escuridão da Vitória*. Nestes textos, a autora traz

16 Corresponde ao período da história do Brasil que se passa sucessivamente à abolição da escravidão em 1888 como resultado das campanhas de resistência negra e de campanhas abolicionistas. É um momento marcado por diversas modificações no sistema econômico e social que vigorava na época e também de dificuldades e lutas da população negra pelo acesso aos direitos básicos, à dignidade e à inclusão na sociedade brasileira.



a contextualização histórica desse processo de embranquecimento e apagamento da história afro, o desenvolvimento de sua percepção a respeito disso, que então desencadeia sua revolta e indignação, e ao fim, a instigação em enfrentar o problema e trazer a devida valorização da comunidade negra.

Tendo como base pensadores, escritores e artistas que abordam as mesmas ou semelhantes problemáticas às ressaltadas por Cristiane Sobral, o presente trabalho será dividido em dois momentos. Primeiramente, a análise crítica da obra *Visão*. Depois, a análise crítica da obra *Escuridão da vitória*.

1. AS PROBLEMÁTICAS DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA

Quando se analisa a presença negra nas mais diversas posições da sociedade brasileira e das suas representações na mídia, há geralmente dois caminhos: a inexistência de representação ou a representação estereotipada. Frequentemente é negada a essa população participação ativa em áreas consideradas “superiores”, como pode ser visto com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2019, o índice de pessoas pardas ou pretas ocupando cargos gerenciais foi de 29,9% apenas. Paralelamente, segundo o Portal do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), somente 27,8% dos eleitos nas eleições de 2018 eram pretos ou pardos.

Destarte, assim como demonstrado pelos dados, os negros são forçados a estas parcas representações e às imagens que não lhe representam. Kilomba (2008), em seu livro intitulado *Memórias da Plantação*, ao analisar os escritos de Fanon (1967), descreve a construção do sujeito negro na ficção como uma fantasia do imaginário branco, e que estas os trazem como sujeitos que eles não são. Em suas palavras:



“Eu não posso ir ao cinema”, escreve Fanon, “Eu espero por mim” (1967, p.140). Ele espera pela/o negra/o selvagem, pela/o negra/o bárbaro/a, por serviçais negros/os, por negras prostitutas, putas e cortesãs, por negras/os criminosas/os, assassinas/os e traficantes. Ele espera por aquilo que ele não é. (Kilomba, 2008, p. 38)

Dessa forma, tais representações apresentam um risco para a sociedade, por limitarem os afrodescentes à perigosa história única descrita por Chimamanda (2014). Uma vez que essa é a única história contada sobre eles, as outras facetas de suas histórias e de suas vidas como seres humanos únicos com habilidades, qualidades e defeitos diferentes são esquecidos e ignorados para serem substituídos por visões unicamente do ponto de vista branco. Esses que não são capazes de lhes representar de forma fidedigna, pois não conhecem sua realidade e também estão presos à limitação dos estereótipos criados por eles mesmos.

Hall (2003, p. 21) defende este aspecto ao esclarecer que a representação é sempre feita a partir do ponto de *enunciação*, assim o enunciador falará sempre a partir da sua experiência pessoal e do contexto em que vive, sendo assim, “quem fala e o sujeito de quem se fala nunca são idênticos, nunca estão exatamente no mesmo lugar.”

Dando continuidade ao seu pensamento, no capítulo Cura e Transformação, Grada traz o relato de *Alicia*, que se descreve surpresa ao ser cumprimentada na rua por outra pessoa negra que não conhecia. Ao relatar essa experiência, ela chama atenção para a influência exercida pelos brancos nas relações entre eles, que agora tentam se unir para tentar reverter essas consequências. Mas, ainda é um processo complicado, pois estes não estão acostumados a terem outros similares como referência para se inspirar e apoiar, tudo causado por séculos e séculos de racismo estrutural.

Elias (1994), nos seus estudos sociológicos na cidade de Winston Parva, ao analisar como os *estabelecidos* mantinham sua



relação de poder de opressão sobre os *outsiders*, o grupo social estigmatizado reafirma a importância da formação de vínculo entre os/as afrodescendentes ao identificar que a coesão e a união do primeiro grupo era o que permitia manter sua posição de “superioridade” e a inferiorização do segundo grupo. Enquanto que o grupo dos *outsiders* não apresenta esta coesão e não possui uma ligação entre si, diferentemente dos *estabelecidos*, torna-se evidente então que a constituição de associações negras é uma forma importante de reforçar a construção da identidade do/a negro/a desvinculada daquilo que é imposto pelos brancos. Conforme Reis (2009, p. 4),

Os outsiders que não se conhecem, não se encontram, não se fortalecem e não se identificam são constantemente excluídos. As iniciativas de formação de grupos é um sinal de unidade entre os menos favorecidos (como os negros e as negras do Brasil), dando-lhe forças para unir os traços da solidariedade e assim fortalecer a construção de identidade de um grupo. Isto, ajuda os pares a resolver/amenizar os seus problemas e a se unir em busca de ideais comuns.

Para além da formação de grupos, no seu romance *Ponciá Vicêncio*, Evaristo (2003) retrata a importância de os indivíduos negros/as disporem também de uma referência para se espelharem. Essa discussão é construída com o personagem Luandi, irmão da protagonista que também dá nome ao livro. Na história, que se passa no período de pós-abolição da escravatura, Luandi sai da fazenda em que vivia e se muda para a cidade em busca de sua irmã e de melhores condições de vida do que aquelas vividas na fazenda em que cresceu. Ao chegar lá, conhece um policial negro chamado Soldado Nestor que desperta sua admiração.

Conhecer o Soldado Nestor muda a visão de mundo de Luandi e lhe dá sonhos e esperanças de um dia ser alguém com uma posição superior também, pois se Soldado Nestor, de pele negra assim como a dele, havia conseguido, ele havia de conseguir também.



Dessa forma, é notório que a representatividade exerce grande influência sobre as pessoas negras, pois permite que estas construam pontos de identificação e lhes demonstra que elas podem ocupar todos os espaços que quiserem, ainda que a cultura racista tenha lhes ensinado que espaços de destaque e poder não lhes pertencem. Hall (2003, p. 34) reforça essa necessidade ao discutir como a cinematografia negra influencia no processo de construção identitária:

Temos vindo a teorizar a identidade como constituída, não a partir de fora mas a partir de dentro da representação; daí o cinema, não como um espelho de segunda ordem que ergue para refletir o que já existe, mas como aquela forma de representação que é capaz de nos constituir como novos tipos de sujeitos e, dessa forma, permitir-nos descobrir lugares a partir dos quais podemos falar.

Em adição ao cinema, a literatura também é um importante meio para fortalecer a representação negra brasileira. Como demonstrado por Gouvêa (2005), Castilho (2004) e Farias (2018), a representatividade do/a negro/a na literatura brasileira primeiramente era inexistente e após a abolição da escravatura passou lentamente a aparecer, porém de forma inferiorizada e estereotipada que apenas reforçava os ideais racistas. Lentamente se dá o crescimento de uma representação menos preconceituosa, porém, mesmo com a crescente aparição de personagens afro, esses estão presentes como *tema*, mas ainda há pouca presença *autoral* dessa população na literatura (Duarte, 2014).

A presença autoral negra é fundamental para a desconstrução dos estereótipos literários, como destacam Silva e Soares (2019, p. 4):

“Outrossim, há uma grande importância de nós, negros(as), autodefinirmo-nos. Os(as) escritore(as) negro(as) possuem também um papel político na luta antirracista, pois atuam na intenção de reconstruir uma representação do(a) negro(a) que condiz com a realidade.”



Ademais, a corrente de pensamento decolonial, utilizada e desenvolvida por movimentos latino-americanos, reforça a necessidade de libertar e desvincular a produção cultural e epistêmica da racionalidade eurocêntrica. Para Quijano (1998), pioneiro na formulação desse conceito, o primeiro passo é reconhecer os padrões eurocêntricos de dominância que estão intrínsecos em todas as relações e produtos sociais presentes na sociedade, e então problematizar e questionar esses padrões para proporcionar meios políticos às populações marginalizadas de se integrarem ao conjunto social de forma igualitária.

Dessa maneira, não só é importante a presença de pessoas autoras negras como Evaristo e Sobral, como também é de suma importância a leitura, a problematização, a discussão e a reflexão dos temas abordados por estas em suas obras. Afinal, é a partir destas que se obtém a representação fidedigna dos indivíduos negros e de seu cotidiano que trazem problemáticas que precisam ser pensadas e desconstruídas, como a própria questão da representação negra que Cristiane Sobral aborda nos poemas que serão analisados a seguir.

2. O MUNDO NA LITERATURA: IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

A análise do poema é parte fundamental de sua interpretação. Visando à compreensão mais próxima possível da realidade, analisamos a estrutura do poema *Escuridão da vitória*, a mensagem passada na obra, e os meios que a autora utiliza para que o/a leitor/a compreenda seu ponto de vista.

Escuridão da vitória

Cobertor em madrugada fria
Um manto de escuridão em todo o meu corpo
Deixando pra trás



As tentações enganosas do embranquecimento
Vou descansar no colo da mãe África
Entrar na escuridão cheia de paz
Nunca mais verei a luz da maldade
Nunca mais verei a claridade que ofusca os meus olhos
Por favor, entendam o meu escurecimento
Abandonei a convicta e confortável clareza das coisas
A escuridão brilhará com a certeza da vitória.

O poema aborda em seus versos a constante batalha das pessoas negras ao resistir para que sua pele não seja apagada. A tentativa de embranquecimento faz com que a luta pela cor se torne parte do nosso cotidiano na contemporaneidade. O cansaço desse embate faz com que a pessoa deseje descansar ao colo daqueles que entendem essa dor e podem acolhê-lo de maneira afetiva. Um dos desejos da comunidade preta é que as demais pessoas compreendam que não há nenhuma necessidade de “clarear” nada, pois nada faz com que seu tom de pele as torne inferiores.

Inicialmente, a primeira estrofe traz à tona o estado de melancolia e amargura da autora. Isso se deve à falta de sintonização consigo mesma. Devido à cor de sua pele, é notável a falta de uma relação desenvolvida com sua auto identificação como, por exemplo, ao se olhar no espelho e não se achar parecida com alguém em papéis importantes. Vale ressaltar a crítica à tentativa de a sociedade tentar atenuar as características afro-brasileiras, através de meios midiáticos de longo alcance, instigando a perpetuação cultural de padrões eurocêtricos, as “tentações enganosas do embranquecimento” de beleza, costumes e consumo.

Adiante, o verso inicial da segunda estrofe traz a relação de pertencimento da pessoa negra como um processo gradual de entendimento de suas origens. Muitas vezes, há uma busca para se descobrir quem é, afim de afirmar e reafirmar suas origens e raízes (Ramos, 2017). Ciente de como o ser negro em sociedade pode ser difícil, mas que para dias melhores, esse entendimento é necessá-



rio. Ao se autoidentificar, a autora faz uma reorganização histórica e descobre a verdadeira história do seu povo da sua origem, por isso a palavra re-existência, pois, além de resistir, ela deve se ressignificar.

Somente a resistência contra todas as imposições não será suficiente. É necessário que a autora se identifique como pessoa pertencente à cultura e aos seus símbolos. Sobral continua a estrofe com um jogo de palavras que destaca os sentidos das mesmas e como se relacionam aos tom e às cores, trazendo uma abordagem diferente do seu modo de utilização comum, empregando os termos de forma a engrandecer a noção do negro e das sentenças que se associam a ele.

Ao finalizar o poema, a autora faz uma declaração e pede que os/as leitores/as entendam sua decisão. Ela mostra seu amadurecimento e valorização de sua própria cultura, declarando que agora irá valorizar o seu "escurecimento"; termo que tem ligação direta com a valorização de sua cor. Agora ela irá se desfazer de tudo aquilo que um dia a aprisionou. Desse modo, a "escuridão (negritude) brilhará novamente".

A seguir, analisamos o poema *Visão*. Buscando compreender a mensagem presente na produção da maneira mais assertiva possível, analisamos versos, estrutura e metáforas presentes no texto.

Visão

Tempestade cerebral na minha massa cinzenta
A hora escura
A coisa preta
O dia de negro
Deu branco!
Com tanta futilidade e senso estético europeu
Com tantas teorias arianas
Fiquei entediada
Cega em meio à claridade
De repente tive um escurecimento:
Tá faltando preto na televisão
Na Presidência

A photograph of a single yellow flower with five petals, growing from a crack in reddish-brown soil. The flower is in full bloom, and its stem is dark green with several leaves. The background is a soft, out-of-focus orange and yellow gradient.

Na cabeça mestiça que sonha em ser branca
Do brasileiro
Tá faltando preto na televisão
Na verdade do país
Preto amarelo marrom colorido
Neste país tão lindo e poderoso
Cheio de beleza preta
De felicidade guerreira
De sabedoria negra
Escureceu?

É indiscutível que a falta de representatividade da comunidade negra ocorre até os dias de hoje. Neste poema, a autora traz o momento em que percebe a falta dessa representatividade, pois não há pretos nos lugares importantes e até mesmo nos lugares mais comuns. A autora não compreende como tal fator é capaz de se configurar em um país que majoritariamente é composto por negros, deste modo, ela incita nos versos o questionamento do porquê isso ocorre.

Ao iniciar o poema, a autora faz o uso de uma metáfora, que possivelmente tem ligação com o fato de todos os dias as pessoas pretas sofrerem com o preconceito racial. Similar ao poema, quando levamos em consideração a representação do negro, é visto que nas televisões tudo que nos é apresentado é sobre brancos e branquitude.

Como dito na música “Ando Negro” (Abbot, 2021), “Eu ando negro, falo negro, corro negro, peido negro/Cuspo negro, ando, a-a-ando, ando, ando negro/Eu transo negro, visto negro, cê sabe que eu sou negro/ Mano, eu vou morrer negro, sou negro, ne-negro, negro”, a palavra “negro” é associada com atividades que no dia a dia não dizemos desta maneira, assim como quando a autora trata no poema. Utilizam-se termos que se referem às pessoas negras, para mencionar que aquilo está sendo realizado por um negro.

Na estrofe seguinte, ela chama a atenção para como todos os aspectos sobre a cultura negra e seus símbolos são cegados pelas características europeias durante milênios. Logo a desconstrução

cultural é a forma mais eficaz de apagar verdadeiramente os traços de um povo. Analogamente à literatura, o processo de catequização das pessoas indígenas e a demonização de simbologias como Exu mantiveram as origens não eurocêtricas engavetadas durante séculos. O esfaqueamento de suas ideologias e a suas verdades fez com que as gerações presentes tivessem que lutar incansavelmente por uma chance de acesso às suas origens. Ainda nessa estrofe, a autora traz o verso “cega em meio a claridade”, demonstrando como os interesses e ideais majoritariamente brancos podem afetar os sentidos (sentimentos) pretos.

Na terceira estrofe há um trocadilho com escurecimento e embranquecimento, pois a sociedade é induzida a pensar que o branco sempre tem ligação com conhecimento e entendimento sobre a vida, enquanto o preto é visto como o contrário. Logo, pode-se fazer uma alusão com a crescente onda dos filtros do aplicativo Instagram que embranquecem as pessoas negras (deixam acinzentada) e a falta de bases para mulheres de pele escura. O que as obriga a fazer uso de tons mais claros, que removem uma de suas características mais marcantes que é o tom de pele. Fenty, é um exemplo de marca inclusiva, tendo a cantora negra Rihanna como idealizadora, e seu principal objetivo era trazer inclusão às mulheres que já sofreram com esses empecilhos.

Para concluir o poema, a autora traz novamente a sensação de que algo “estalou” em sua mente. Como se ela percebesse depois de muito tempo uma situação específica do que aquilo realmente se tratava. Seus questionamentos nessa estrofe são de extrema importância, pois demonstra a incoerência de um país de maioria negra ao não retratar em suas mídias o seu verdadeiro povo, ou ao menos aquilo que se tornou, uma grande miscigenação. Sendo a representação um ato tão importante, sobretudo no que diz respeito à população negra, ainda majoritariamente fora de espaços de poder (Davis, 2016), como em um país, com tamanha diversidade, cabem apenas alguns nestas mesmas posições?



CONCLUSÕES

Em suma, o presente ensaio demonstrou a relevância do debate sobre a representação negra no decorrer da história. Os estigmas da sociedade atual são sequelas resultantes das tentativas de dizimar a cultura negra presente no mundo. Tais acometimentos tinham como base ideologias nefastas como o Darwinismo social e o arianismo, que utilizavam de métodos de segregação e hostilização da pessoa negra. Cristiane Sobral, em suas obras, busca dignificar a cultura afrodescendente, resgatando as raízes de seu povo. Ademais, a autora também estimula discussões pertinentes acerca das razões pelas quais a comunidade preta é comumente excluída.

A partir das análises dos poemas *Escuridão da Vitória* e *Visão*, foi possível perceber a importância de discussões como empoderamento preto e o porquê da existência de tamanha falta de representatividade e segregação, mesmo em um país tão miscigenado quanto o Brasil. A partir dessas discussões, entendemos a importância e a necessidade de um trabalho coletivo de valorização da cultura e da identidade negra. Não há outro meio de concretizar tal ponto além da criação e do incentivo à políticas públicas que promovam a isonomia racial, como cotas e processos seletivos exclusivos para negros/as, em todos os âmbitos da sociedade brasileira. Dessa forma, a escuridão brilhará, como clama Sobral em seus versos, e a comunidade negra será representada da forma como lhe é devida.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 10 mai. 2022.



ARAÚJO, A. L.; LISBOA, A. P.; SOUZA, T. de. Líderes negros são menos de 30% nas empresas brasileiras, diz pesquisa. 2020. **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2020/11/4892021-lideres-negros-sao-menos-de-30--nas-empresas-brasileirasdiz-pesquisa.html>. Acesso em: 13 mai. 2022.

CRUZ, J. T.; MARTINS, P. **Colorismo e embranquecimento na rede**: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana, 2017. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539565197_arquivo_artigocolorismo.pdf. Acesso em: 12 mai. 2022.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo : Boitempo, 2016.

DUARTE, E. A. **Faces do Negro na Literatura Brasileira**. 2014. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1676-eduardo-de-assis-duarte-faces-do-negro-na-literatura-brasileira>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FARIAS, J. O. A representação do negro na literatura infantil brasileira. **Revista Periferia**: Educação, Cultura e Comunicação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jun. 2018, p. 17-32.

HALL, S. **Identidade Cultural e Diáspora**. 2003. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>. Acesso em: 13 jun. 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

KIPLING, R. O Fardo do Homem Branco (The White Man's Burden: the united states and the philippine islands. **McClure'S Magazine**, Nova Iorque, v. 12, fev. 1899.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina (Análisis)**: descentralización : entre lo global y lo local. Ecuador Debate, Quito, v. 44, ago. 1998, p. 227-238

RAMOS, L. **Na minha pele**. São Paulo: Objetiva, 2017.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: 1993.

SILVA, M. J. S; SOARES, R. E. **Representatividade negra em literaturas infanto-juvenis**: experiências de contação de histórias em bibliotecas comunitárias das periferias do recife. 2019. Disponível em: https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562890282_ARQUIVO_0680e0659100cafc1b41981fb4266e6b.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Editora Thesaurus, 2010.

QUEM SOU EU?

Eduarda Calado da Silva

Nasci há dezoito anos,
Mas ainda não encontrei a resposta para a tal pergunta.
Quem sou eu?
Sou eu a garotinha banguela que sorria de lábios cerrados
com vergonha da sua janela?
Sou eu a garotinha que sonhava em ter uma irmã,
Para logo em seguida querer devolvê-la?
Sou eu a bailarina, a espia secreta,
A super heroína ou a mocinha de novela?
Sou eu a guerreira destemida que enfrenta o inimigo
Ou a donzela em perigo?
Sou eu a criança que sonhava em ser adulta
Ou a jovem que quer voltar a ser criança?
Sou eu a jovem que tem pavor a filmes de terror
Ou a que ama um livro de suspense?
Sou eu a jovem que sonha em viajar o mundo
Ou a que não quer ir para longe dos pais?
Sou eu a jovem de exatas que ama matemática
Ou a que odeia fração e esquece a tabuada?
Sou eu de verdade

Ou uma mentira bem contada,
Bem planejada, bem disfarçada,
Uma personagem bem interpretada?
São tantas de mim que já não sei.
Já não sei quem sou, quem fui, quem serei.
Só sei que sou.
Que sou Eduarda, a garota que não sabe quem é.

VERDADES NADA ABSOLUTAS

Clara Lacerda Chaves

Querido/a leitor/a,

Hoje escrevo este fragmento de mim como testemunha de minha existência e participação na elaboração do ensaio sobre a poesia de Cristiane Sobral. Este belo desafio que me foi proposto rendeu mais esforços, tempo e recursos do que o esperado no início do projeto, mas aqui atesto com grande satisfação o encerramento desse ciclo. Eu sou Clara e, assim como o ensaio produzido, minha mente é majoritariamente composta de questionamentos, discussões e problemáticas sobre os mais variados temas.

No entanto, não há nada que não seja guardado novamente em sua devida caixa mental quando se está apreciando um dos prazeres da vida, aquele que nós sempre recorremos em busca de conforto, seja ele um beijo, uma voz, uma comida, um lugar. Os meus são filmes. Sempre os mesmos dois, assistidos tantas e tantas vezes que agora as falas já são automáticas e se eu fosse diretora de alguma adaptação me clonaria 50 vezes para que tudo saísse perfeito. Mas se já sou tão “adulta”, por que estou em busca de conforto em coisas assim?



Conscientemente, aproveito os últimos momentos da minha juventude perto dos meus pais. Percebo ao longo dos anos que talvez aqui já não me encaixo mais, mas seria cruel dizer que percebi isso em casa. Meus anseios já não são do tamanho de casa ou do tamanho que ela pode me proporcionar, eles são maiores. E acho que ir atrás deles não me mostra nem a sombra do caminho de volta. Já não é possível dizer com certeza quem sou hoje, mas sei que sou melhor, sei que ainda serei melhor e que não me faltam anos para praticar o melhor em mim. Também não posso dizer que não tenho medo do melhor não chegar, assim como tenho medo do amor ir embora, como tenho medo das sensações de angústia que pintam uma noite de incertezas. Mas como é possível saber que o melhor virá e ao mesmo tempo ter medo dele não vir? São perguntas inevitáveis e verdades nada absolutas.

NATURAL DA TERRA DO VELHO CHICO

Marcos Henrique Silva

Sou eu Baiano, natural de Xique-Xique
Terra com tantos requintes, nascido e criado às margens do
velho Chico,
Tenho tantas lembranças dos meus amigos, quanta Saudade
do campinho de terra.
Sou eu, que aos 10 anos adotei Barreiras como minha
segunda casa,
Cidade que me acolheu de uma forma tão amada.
Tenho boas lembranças da minha escola, dos meus amigos
correndo e jogando bola,
Quanta saudades da minha infância,
não me canso dessas lembranças.

Como tudo se passou tão rápido, queria retornar ao passado,
e reviver isso tudo que me deixou marcado.
Lembro da minha chegada ao IFBA, que foi tão sonhada,
De início fiquei deslumbrado, algo que no final do primeiro
ano acabou me deixando atrapalhado,
Durante o segundo ano, diante de tantos obstáculos, conti-
nuei sonhando e avançando.
Neste último ano que está se passando,
me deixando cada vez mais próximo do sonho,
Trazendo a verdadeira definição,
De técnico, presente nos meus sonhos.

UMA PEQUENA PARTE DA MINHA LONGA ESTRADA CHAMADA "VIDA"

Pedro Alano Vieira da Silva Portela

Meu nome é Pedro Alano Vieira da Silva Portela, nasci no dia 27 de maio do ano de 2004, atualmente contando com 18 anos de vida, anos que já vivi e nos quais presenciei muitas coisas. Apesar de não ser uma quantidade significativa de tempo comparado a quando eu estiver com 80, hoje significa toda a minha vida. Meu nascimento ocorreu na cidade de Ibotirama, no oeste da Bahia, onde morei por cerca de dois anos. Minha infância foi marcada por algumas mudanças, pois, ao sair da minha cidade natal, me mudei para Barreiras, no mesmo estado, e algum tempo depois, fui morar em Cristópolis, onde passei o final da minha infância e o início da minha adolescência. Foi ali que estabeleci minhas raízes, constituí amigos e encontrei um lugar para chamar de lar.

Sou muito próximo de toda a minha família. Ela é minha base e minha estrutura de vida. Sempre que desmorono, eles me erguem



de volta e me ajudam a escolher o caminho que devo seguir. Nossa família conta com meu pai, Sérgio, minha mãe, Helida, meu irmão mais novo, Felipe, e minha irmã mais velha, Erika, que teve meu sobrinho, Théo, e se casou recentemente trazendo mais um integrante para família, meu cunhado Matheus. Meus amigos também foram e ainda são uma parte muito importante da minha vida, apesar de que pessoas vêm e vão, sempre há aqueles que mantemos, apesar de quaisquer circunstâncias. Eu sou muito próximo de todas as pessoas importantes para mim e tento sempre mantê-las comigo.

A parte acadêmica da minha vida sempre foi muito boa. Eu tirava boas notas, sobretudo nas áreas exatas, as quais eu sempre tive facilidade. Participei de provas de astronomia e principalmente matemática durante todo meu ensino fundamental e continuo o fazendo agora no médio, além de ter menções honrosas por minhas altas pontuações em suas realizações. Atualmente, participo da Liga Astronômica do Oeste Baiano, LAOBA, grupo de astronomia do IFBA, instituto no qual estou me formando como técnico em edificações.

O futuro ainda é algo que me assusta, todas as incertezas que ele traz e essa imensidão de escolhas e caminhos faz com que eu duvide de muitas coisas, porém as conquistas que me esperam serão fruto de todo o meu trabalho e acredito que os dias a seguir serão muito bons. Vai ser ótimo poder crescer e seguir meu próprio caminho construído por mérito que foi exclusivamente meu. Eu já vivi muitas coisas e ainda tenho muitas mais pela frente.

13

*Maria Karoline R. da Rocha
Luan Henrique da S. do Rego
Maria Beatriz Brentano Nascimento
Maria Luiza C. V. Wanderley*

BLACK POWER:

RESISTÊNCIA DOS POVOS PRETO
REPRESENTADOS NA OBRA
NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS,
DE CRISTIANE SOBRAL

1. INTRODUÇÃO

Não é possível datar o início do processo de genocídio étnico cultural do povo preto (Nascimento, 2016), entretanto é de gnose que um dos seus marcos no Brasil é caracterizado pelo processo de escravização realizada pelos invasores portugueses do século XV (Bastide, 1973). Logo, os mesmos começaram não apenas a matar o povo escravizado, mas a demonizar os produtos simbólicos de sua cultura, como cabelo, roupa, língua, religião e ornamentos, a fim de enfraquecer pela desqualificação todo traço comumente encontrado na comunidade preta.

À proporção que o movimento abolicionista crescia, foram catalogadas mais de 30 revoltas até 1835 somente na Bahia, além de movimentos como Balaiada e Revolta de Manoel Congo (Bastide, 1973). Desse modo, o país encaminhou-se para uma nova roupagem de marginalização dos escravizados: a implementação descuidada da Lei Áurea, criada em 1888 pela Princesa Isabel (Nascimento, 2016). A mesma consolidou o fim da escravização no Brasil e colocou nas ruas milhares de pessoas que passaram anos de suas vidas servindo os ancestrais da mesma Coroa que prometeu a cidadania plena e entregou o desamparo, ou seja, na história brasileira só existem dois tipos de pessoas “as com passado escravocrata e outra com passado escravizado” (Nego Max, 2020).

Ademais, a discussão sobre a simbologia ética-cultural faz-se necessária no contexto brasileiro de maior população negra fora da África e a segunda maior do planeta (Freyre, 1969). Tal temática toma forma pela catalogação e análise por meio de pesquisas bibliográficas de cunho exploratório, visando analisar os motivos estruturais e suas ramificações, que levam a dados tão alarmantes sobre intolerância racial no país.



Em consonância aos fatores apresentados anteriormente, o presente ensaio irá analisar e debater o processo de enquadramento de indivíduos destoantes do padrão branco hegemônico, através da indústria midiática que discrimina, manipula e distorce as características físico-culturais da população negra, principalmente ao que refere-se ao cabelo *Black Power* para além de um estilo.

Assim sendo, é necessário trazer o holofote para a análise dos poemas *Novidade na Cabeça* e *Algodão Black Power*, do livro citado anteriormente *Não vou mais lavar os pratos*, da poeta Cristiane Sobral, visto sua forte carga histórica, pessoal e cultural na autoidentificação de pessoas pretas;

Diante disso, o trabalho organiza-se em tópicos. São eles: Resumo; Introdução; Contextualização sobre o cabelo *Black Power* como símbolo de resistência do povo preto; Referencial teórico ou marco referencial, como designação dos fundamentos basilares para discussão do tema; Análise parcial das poesias, onde encontram-se o desenvolvimento e análise das poesias *Novidade na Cabeça* e *Algodão Black Power*.

2. CABELO COM SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

No Brasil, como o analisado pela escritora Nádia Santos (2015), existe uma série de manifestações a respeito das pessoas negras. Logo, mesmo após a abolição da escravatura, ainda se encontra muita opressão e invisibilidade a respeito da comunidade afrodescendente (Santos, 2015). Dessa maneira, esse preconceito torna-se latente no momento em que homens e mulheres decidem aceitar suas características predominantemente presentes em pessoas pretas, em especial, o cabelo crespo. Essa gama de atributos



físicos é símbolo de empoderamento e resistência, que, na maioria das vezes, atrai olhares e críticas negativas.

Contudo, até para aqueles que decidem aceitar suas características ancestrais, o cabelo torna-se uma fonte de insatisfação, principalmente ao tratar-se de mulheres negras, pois, envolvidas em padrões estéticos impostos pela sociedade, encontram-se destoantes do considerado “belo” (Freitas, 2018). Dentre os modelos atribuídos, é possível citar a pressão da indústria de beleza que constantemente propaga o alisamento dos fios como forma de adequação ao “ideal”. Por conseguinte, para a comunidade negra, a tentativa de desnaturação dos fios pode representar a fuga da aceitação do corpo, em buscas de características físicas que se assemelham ao referencial branco de beleza.

Diante da pressão midiática e estímulo à não aceitação dos traços comuns da maior parte da população preta, cabe entender que o cabelo constrói de forma positiva um olhar em relação aos traços comumente atribuídos a pessoas pretas, sobretudo os fios, que vão em direção contrária da massiva discriminação disseminada por correntes racistas. Como reflexo desse poder atrelado ao que para muitos é apenas um cabelo, ocorre a interferência no reconhecimento de uma identidade positiva do sujeito, por isso, trata-se de um ato de esclarecimento apropriar-se com orgulho de uma leitura do penteado transformado em manifesto.

Por conseguinte, tal afirmação racial perpassa o início da ciência social em sua forma mais genuína, chamando-a de “costela da sociologia então hegemônica” (Peirano, p. 219) e atravessa as teorias como a da “fricção interétnica” e a ambivalência das questões que debatem negritude como motivação para pensar a sociedade tanto pela sua importância ao estudar aspectos culturais, ideológicos, linguísticos e territorial, como também pelo forte incômodo que os negros traziam, e trazem, principalmente para a população branca que abafava o processo de genocídio étnico (Bastide, 1973).



Sendo a utilização dos símbolos culturais como resistência, a partir do momento em que o cabelo expressou uma intervenção política que poderia desafiar o sistema hegemônico da beleza, a pauta tornou-se um dos pontos centrais da discussão da identidade negra no Brasil no início do século XX. O fenótipo tem forte influência na forma que os mesmos estão situados na pirâmide social, principalmente atrelados à cor da pele e textura dos cabelos, o que indica pertencimento à raça negra, tornando-se fator determinante para discriminação. Assim sendo, para Gomes (2004, p. 138):

A dupla “cabelo e cor da pele” não tem sido pensada, no decorrer da história e na cultura, somente pelos salões étnicos e pela comunidade negra contemporânea. Na escravidão o tipo de cabelo e a tonalidade da pele serviam de critérios de classificação do escravo e da escrava no interior do sistema escravista, ajudando a definir sua distribuição nos trabalhos do eito, nos afazeres domésticos no interior da casa-grande e nas atividades de ganho. Assim, na relação senhor-escravo esses dois elementos passaram a ser usados como principais definidores de um padrão estético em relação aos negros.

Logo, a partir de uma perspectiva discursiva e de uma prática efetiva na vida social, a importância do cabelo crespo é vista por Gomes como um conjunto de marcas diacríticas voltadas para a construção positiva da identidade negra.

Concomitantemente ao pensamento de Gomes (2004), Santos (2000) busca expor a construção positiva do imaginário negro em contraste com as formas imagéticas representadas negativamente que privilegiam apenas a beleza branca ocidental. A imagem do cabelo natural é promovida em oposição ao cabelo liso, e em consonância com a nova mentalidade de “existência”. Nessa linha de raciocínio, é possível observar o cabelo crespo tornar-se tendência em território nacional, levando em consideração a influência de artistas estadunidenses que refletem em uma grande debate ligada à



importância da representatividade e também discussões relacionadas ao modo em que o corpo negro sempre omitiu suas particularidades ao tentar encaixar-se aos padrões que lhes eram determinados.

Outrossim, para o movimento negro brasileiro, associar o cabelo natural à militância política é uma forma de redefinir o corpo, desconstruindo e descolonizando o imaginário negativo ancorado na memória do cabelo crespo. A escolha pelo uso de cabelos naturais nesse contexto também está relacionada à cultura negra. O movimento que tomou forma no Brasil e ganhou força significativa conquistou adeptos e avançou no uso da estética como componente identitário. Assim, Pereira (2007, p. 235) ressalta:

Entendo por movimento negro o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de táticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais, nesse sentido, que existiram movimentos negros no Brasil desde que os primeiros seres humanos escravizados na África chegaram à costa brasileira.

Sob essa perspectiva, faz-se necessário o auxílio, conscientização e incentivo para que, cada vez mais, mais pessoas de pele preta possam demonstrar representatividade no que diz respeito a sua cor, além de outras características que viabilizem o reconhecimento dos afrodescendentes. Tratar o cabelo crespo como fator de identidade política exige maior compreensão dos fatores materiais, pois se a expressão “cabelo fala” for verdadeira, ela conta de sua origem e traz uma performance.

Dessa forma, enfrentar a ordem da estética e o sistema dominado por pessoas brancas ao longo dos anos é uma espécie de comportamento político, e desse fenômeno emerge o conceito de identidade.



3. CABELO E IDENTIDADE

É de gnose que, para um entendimento mais próximo da realidade não vivenciada pela parte branca da população, faz-se necessário atentar-se às falas, denúncias e apelos daqueles que diariamente estão expostos ao racismo enraizado na sociedade. Com isso, é possível identificar que o corpo negro, representado pelo cabelo nas poesias da poeta negra, Cristiane Sobral, pode ser entendida em termos de políticas que sugerem hierarquia.

Algodão *Black Power*:

Algodão, algodão
Algodão, algodão
Será que o meu cabelo é bom?
Ou será que o meu cabelo é ruim?
Será que o meu cabelo é bom?
Ou será que o meu cabelo é ruim?
Quero viver em paz com o meu cabelo
Eu tenho muito zelo
Com meu cabelo
Creme e shampoo, condicionador
Creme e shampoo, amenizador
Meu cabelo ao vento
Meu cabelo em movimento
Algodão, algodão
Algodão, algodão
Qual será o preconceito?
Porque você quer me ver
Sempre do seu jeito
De entender, de saber
Meu cabelo ao vento
Meu cabelo em movimento
Algodão, algodão
Algodão, algodão

A princípio, a primeira estrofe do poema escancara os dois extremos entre bom e ruim tão comum para a filosofia dualista ocidental e racista. Um dos mais marcantes pontos históricos da segregação



é o Darwinismo Social, uma filosofia eugenista surgida na Europa que justificava agressões através da determinação de uma linha basal universal e alcançável apenas pelos europeus (Blanc, 1994).

Decerto, essa filosofia hegemônica, resume-se a duas proposições: o cabelo bom pertence ao branco, o oposto será descartado. Assim, o mesmo está no domínio da diferenciação no sentido de que a atribuição de valor determina a aceitação social de algumas pessoas em detrimento de outras. Entendido como metonímia do corpo, o cabelo pode estabelecer o rebaixamento da existência em todos os casos: físico, intelectual, social. Não há dúvidas sobre o motivo alavancador da pergunta presente repetidamente no poema: “Será que o meu cabelo é bom? Ou será que o meu cabelo é ruim?”

Ao entender essa realidade e buscar aceitação, toma-se a decisão imediata de mudar o cabelo. É inegável a preferência por adjetivos que valorizem traços negros: o formato e a textura do cabelo são agradáveis aos olhos da autora, comparando-o ao algodão e indo de encontro a frases perpetuadas no cotidiano como “nega do cabelo duro” (Hemp, 1997). Sugerindo sinestesticamente o revezamento entre visão e tato, “algodão” é um termo que representa uma característica comum de quem tem cabelos cacheados e crespos. Isso acontece quando as raízes dos fios ficam soltas e causam uma aparência mais alta no topo da cabeça e movimentos ao “vento”

Na poesia, após se questionar sobre a aparência de seu cabelo, o eu lírico diz: “Quero viver em paz com meu cabelo” (Sobral, 2016), impondo um fim a uma batalha ao qual não escolheu travar contra o seu próprio cabelo, e entendendo a paz como representação de uma liberdade que as pessoas negras tanto prezam: um direito historicamente negado.

A busca pela paz com texturas, armações e emaranhados sai da poesia de Cristiane e encontra-se nos anos 60, onde o corte de cabelo intitulado “*Black Power*” tornou-se símbolo dos Pantera Negra, de modo que personas como Angela Davis adotaram o estilo como



principal referência das suas lutas por direitos de existir plenamente, sem precisar abdicar de suas marcas identitárias em prol da mídia eurocêntrica e racista que chamava seu cabelo de feio, sujo e ruim.

Destarte, essa onda de empoderamento fixou-se no Brasil em meados do século XX e hodiernamente a binaridade de cabelo bom ou ruim é respondida também pelo letrista brasileiro Leandro de Oliveira (Emicida) em *Milionário do sonho*.

Tendo cabelo tão bom, cheio de cacho, movimento, armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto, sim! Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim? Qual foi o otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? Ruim pra quê? Ruim pra quem? Infeliz do povo que não sabe de onde vem. Pequeno é o povo que não se ama (Emicida, 2014).

Portanto, o questionamento trazido pela autora em *Algodão Black Power* carrega toda uma carga histórica de segregação, des-caso, medo e eurocentração dos padrões de beleza, refletidos diretamente na autoidentificação do povo preto, que diariamente busca, com a apropriação de símbolos culturais, achar a autoestima que lhes foi roubada, conforme o rapper brasileiro Diogo Moncorvo (Baco Exu do Blues) relata em sua música "Autoestima": "Sempre tive o mesmo rosto/ A moda que mudou de gosto/ E agora querem que eu entenda/ Seu afeto repentino?/ Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim/ Que roubaram de mim, de nós".

Algodão Black Power ecoa o processo de recuperação emocional daqueles que possuem este símbolo político. Torna-se cada vez mais sensível e intrigante como, via de regra, os europeus e a maioria do globo possui contato com essa forma de pensar quase umbilical de racismo. Tem a resposta quase certa para a pergunta feita por Cristiane Sobral: "O seu cabelo é ruim". Afinal, como o filósofo italiano Antonio Gramsci discorre, torna-se mais fácil dominar um povo se ocorre a desqualificação daqueles que não entram nos padrões hegemônicos da elite. Desse modo, colocando-os na



posição de detentores das características “ruins”, retira-se a capacidade de construir e conviver em uma sociedade.

A autora mostra a todos que leem o poema como o corpo é o meio que você se manifesta neste mundo. Por meio dele, encontra-se a paz em suas infinitas formas de curvaturas, ondulações, texturas e bondades. É coexistir pacificamente com suas verdades, ideais que inegavelmente não devem estimular a abdicação da saúde física e mental do povo preto, recuperando, pela apropriação de sua história, a autoestima que lhes foi roubada.

A seguir, analisamos o segundo poema escolhido, *Novidade na cabeça*. O mesmo segue a linha proposta recorrente nos poemas de Cristiane Sobral, ou seja, a forma como mulheres tratam seus cabelos:

Novidade na Cabeça:

Novas opções estéticas
Novas opções estáticas
Novas opções herméticas
Novas opções irônicas
Novas opções biônicas
Novas opções atléticas, coloridas,
crespas, lisas, cacheadas, encantadas
Cheias de vida
Novas opções estéticas
Para refazer as cabeças.

Durante a leitura do poema, é possível identificar na primeira e segunda estrofes a presença de aspectos significativos a respeito das pessoas afrodescendentes, propondo uma nova visão relacionada à estética e contrapondo, assim, aspectos ligados ao padrão levantado pela sociedade. Ademais, a autora utiliza uma gama de palavras (estéticas/estáticas/herméticas; irônicas/biônicas/atléticas) e da frase “Novas opções estéticas para refazer a cabeça” na terceira estrofe, as quais, juntas, demonstram capacidade de criação e inovação, não só do visual, como também da mudança de pensamentos.



Tendo em vista o campo semântico da poesia, faz-se necessário entender como e porque Cristiane Sobral traz a mulher negra como ponto central do poema *Novidade na Cabeça*. É possível identificar a raiz racista do feminismo e como o mesmo traz a discussão sobre relações de gênero, que mostra papéis pré-definidos tradicionalmente, seguindo tal linha desde os primórdios até os dias de hoje. Portanto, é impossível desvencilhar o racismo como parte de movimentos políticos como o feminismo, sendo fator determinante para entender a hierarquia dos sexos e a posição de subclasse ao tratar-se de mulheres negras. Entretanto, novas correntes feministas, como o Feminismo Interseccional, trazem à tona o que a própria autora escancara como novidade na cabeça, ou seja, uma nova roupagem mediante a hierarquia que lhes foi imposta. Toma espaço e apropria-se das suas pautas para iniciar o debate com a devida carga social.

Desse modo, uma das pautas levantadas por Cristiane Sobral é o cabelo como símbolo cultural e político das mulheres pretas. Afinal, as mulheres negras sempre tiveram que esconder a verdadeira natureza de seus cabelos para serem socialmente aceitáveis, às vezes cobrindo-os com lenços e às vezes usando dispositivos e produtos para alisá-los. Tendo que se desvencilhar das noções tradicionais que o definiam econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e sem outra visão positiva de si mesmo, foram forçadas a usar a branquitude como modelo de identidade, utilizando uma estratégia de ascensão social pela estruturação, liderando e retirando, assim, o encanto, trazido na poesia através da segunda estrofe, linha quatro.

Tais opções estéticas “irônicas”, propostas na segunda estrofe, linha dois, colocam em cheque o preço ao qual as mulheres negras estão dispostas a pagar em prol da “beleza”. Os instrumentos e produtos usados para alisar ou “domar” os cabelos cacheados costumam causar lesões no couro cabeludo e podem deixar uma marca profunda na vida da mulher negra. O alisamento muda seu corpo, sua natureza e sua origem. No entanto, a maioria das mulheres faz



isso para ser socialmente aceitável e ter o direito de frequentar os mesmos espaços que as mulheres brancas.

Em suma, a poesia *Novidade na cabeça* vem como modelo de resistência e representatividade, uma vez que aceitar o cabelo crespo traz “novas opções estéticas”, impulsionando outras mulheres a se aceitarem. Como foi possível identificar no ano de 2020 e 2021, onde uma onda, impulsionado pela rede de *stream* Tik Tok (G1, 2021), ajudou milhares de meninas a aceitarem seus cabelos cheios de textura, cachos e curvaturas e iniciarem a transição capilar, com a certeza de que seriam apoiadas, além de serem ensinadas a como cuidar de seus cabelos da forma correta.

O poema por si só apresenta uma carga emocional que faz o/a leitor/a ser capaz de identificar realmente a nova identidade dos cabelos e garotas “cheias de vida”, ou seja, a vida das raízes africanas, refazendo a cabeça das mulheres afrodescendentes e dos indivíduos ainda preconceituosos.

Conclui-se, assim, a partir das análises, que os dois poemas podem representar uma linha de evolução da própria poeta, onde, no primeiro, a mesma se questiona sobre a presença de um cabelo “bom ou ruim” e escancara a ânsia de viver em paz com o próprio cabelo. Tal paz foi encontrada no segundo poema com a aceitação e esclarecimento de toda a carga histórica cultural presente em cada um de seus cachos, os mesmos que agora só refletem a vida.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é possível entender a trajetória que pessoas pretas percorreram ao longo dos séculos, assim como as batalhas que são travadas, ainda no contexto atual, referente a questões que vão de autoestima até discriminação. Por ser recente, a abolição



da escravidão no Brasil deixou sequelas ainda vividas por pessoas negras, uma delas é voltada ao setor de beleza e cosméticos.

Cristiane Sobral, como mulher preta e inserida nesta pauta, retrata bem o racismo enraizado, já que pessoas com características destoantes do padrão, para essa indústria, não precisavam de cosméticos, o que levou muitas mulheres, principalmente, a esconderem seus cachos, atrás de químicas e procedimentos de alisamento. Aos poucos, esse padrão foi se desfazendo, pois essa pequena demanda, não conseguia atender a todo o público. Logo, essas empresas se viram obrigadas a atingir esse público, gerando assim uma inclusão, retratada atualmente como uma das mais importantes para a resistência preta, tornando-se um símbolo de luta (power), sendo de suma importância para o reconhecimento do cabelo como parte de identidade das mulheres pretas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. **Esse cabelo**: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

ARAUJO, D.; FIGUEIREDO, A. **Fios que tecem a história**: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5027>. Acesso em: 11 mai. 2022.

BASTIDE, R. **Estudos Afro-brasileiros**. Perspectiva: São Paulo, 1973.

FREYRE, G. **Brasileiro**: sua cor? São Paulo: Folha de São Paulo, 1979.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PESTANA, C, V. A. **A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral**: luta, valorização e empoderamento. Juiz de Fora, MG: 2017.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3.ed. Brasília: Editora Garcia, 2016.

FRAGMENTADO NÃO É PARTIDO

Maria Luiza Valença

Toda hora é obra
Mas a minha não foi prima
Não procurei nada
Me encontrei em tudo
E hoje vivo perdida.
Nascida no berço da arte
Me criei golpista
Assaltava todas as ideias, era só jogar a isca
Pouco me preocupava em o que é ser artista
Só queria criar raízes inteiramente minhas.
Gostava de amarelo
Rimava com o martelo
Ou era marmelo?
Até hoje travo uma briga com o latim
Permaneço assim, falando essa língua de cachorro.
Sonhei com um sofá estampado
Acordei me sentindo igual o tatu desolado
Cavei um buraco que me levou pro outro lado
Não do mundo, mas de mim
E assim, sigo deixando o lado esquerdo só para a
passagem dos querubins.
Sendo fragmentada de fins
Ainda não aprendi a coexistir
Mas quero permanecer assim
Por que no dia que eu descobrir
Estarei pronta pra partir
Prefiro morrer ao ver cada pedaço difundir.

DE TANTO PROCURAR, EU ACHEI

Maria Karoline da Rocha

Eu era um sonho
Me tornei realidade
Eu era solitária
E me vi com liberdade
Eu transbordo
Eu derramo
Eu acordo
Eu te amo
Eu me encontro
Eu me perco
Eu sou conto
Eu mereço
O corpo já não é meu
A vida já não me pertence
O amor desapareceu
A solidão me convence
Eu sozinha
Eu contigo
Eu não amo
Eu castigo

MEU MUNDO

Luan Henrique do Rêgo

Tudo é confuso
Em um mundo de barulho
Eu não escuto





Estou no escuro
Sem muita escolha
Criado nesse padrão
Seja lá pelo que for
Me sinto numa prisão
Sempre ao sonhar
A angústia vem a pairar
O medo impede a coragem
Estragando a paisagem
Na esperança de voar
Tentei me libertar
Sem medo de machucar
Sem medo de chorar
Ainda estou sufocado
Como numa caixa de papelão
Tentando aos poucos abrir espaço
Para fugir da dor e solidão

ASSIM COMO A MARÉ

Maria Beatriz Brentano Nascimento

Completamente instável, insegura
Muitas vezes calma e pura
Sentimento sempre acima da razão
Não é e nunca foi fácil, controlar emoção
Nunca muito centrada na escola
Hiperativismo regia sua paranoia
Sua frustração descontava na bola
Ou na dança, que lhe deixava como uma joia
Vermelho e preto vestem meu corpo
Flamengo veste meu coração

Raça, amor e paixão
Ó, eu te amo meu Mengão
Presa em um mundo perdido
Longe de ser encontrado
Perto de ser colapsado
Onde nem o amor é solução
Viciada em escapatórias
Mas nunca em resolver
Vivendo a vida sem limites
Até porque ela foi feita pra viver
Um doce eu queria
Chocolate é uma terapia
Assim como a ambrosia
Que minha vó fazia
Mar, como eu amo te amar
Com sua imensidão azul
Me faz lembrar
A insignificância de errar
Posso ter um futuro incerto
Mas de uma coisa eu tenho razão
Assim como a maré muda
Tempos melhores virão.

14

*Kamilla Araújo Hermenegildo
Atauan Soares de Queiroz*

LITERATURA E DECOLONIALIDADE:

**METÁFORAS DE REEXISTÊNCIA
NA POÉTICA DE CRISTIANE SOBRAL**

INTRODUÇÃO

O trabalho¹⁷, de natureza ensaística, apresenta análise de representações discursivas sobre o corpo e a identidade da mulher negra na obra *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral (2016). O objetivo do trabalho é analisar discursos de resistência e reexistência construídos na referida obra, colocando em relevo as construções metafóricas, sobretudo as metáforas ontológicas.

Na análise das metáforas, focalizamos as representações discursivas em torno do corpo e da identidade da mulher negra, sem perder de vista os demais marcadores sociais da diferença que constituem a agência interseccional, a saber: classe, etnia, corporalidade, territorialidade, geração. Por meio das análises e explicações críticas, busca-se refletir sobre a desconstrução de discursos hegemônicos eurocêntricos que são perpetuados pelo sistema-mundo moderno/colonial, e sobre a construção de discursos contra-hegemônicos que apontam caminhos para o bem viver (Huanacuni, 2010). Experiências e saberes de corpos subalternizados podem possibilitar a compreensão de outras formas de relação social, o que nos aproxima das práticas e políticas do bem viver, que problematizam os padrões sociais impostos pela sociedade moderna/colonial, patriarcal, racista e capitalista.

Desde a expansão marítima europeia, países do Sul Global seguiram as trilhas históricas impostas por países do Norte Global, afastando-se das práticas e dos saberes de povos originários e africanos e dos saberes construídos por mulheres. Historicamente, as populações colonizadas foram condenadas à zona do não ser e afastadas dos direitos humanos básicos (Kilomba, 2019; Fanon, 1952).

17

Este trabalho é resultado de pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo Instituto Federal da Bahia (PIBIC EM/IFBA), em conformidade com o Edital nº 02/2022, de 09 de março de 2022, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal da Bahia (PRPGI/IFBA).



É possível observar isso, também, nos modos como os conhecimentos são produzidos e compartilhados socioculturalmente.

Nesse sentido, a colonização europeia nos países do Sul Global não apenas difundiu crenças, valores, costumes, práticas e discursos modernos/coloniais, mas apagou sistematicamente conhecimentos e saberes de grupos subalternizados, dominou povos e territórios, exterminou milhares de corpos e centenas de línguas indígenas e as diversas formas de ciência elaboradas pelos povos originários (Grosfoguel, 2016).

Partindo desses pressupostos, o trabalho problematiza a colonialidade do saber, resgatando e reconhecendo saberes marginalizados com vistas ao enfrentamento da injustiça cognitiva. Colocamos em evidência, também, a colonialidade de gênero (Lugones, 2014). Para fundamentar teoricamente o estudo, estabelecemos diálogos teóricos sobretudo com mulheres que abordam as relações sociais de gênero em uma perspectiva crítica e política (Ribeiro, 2019; Hooks, 2018; Lugones, 2014; Kilomba, 2008).

Em termos de estrutura composicional, além desta introdução, o ensaio apresenta duas seções. A primeira traz uma contextualização teórica e conceitual acerca do pensamento decolonial. A segunda, por sua vez, apresenta análises discursivo-literárias das poesias de Cristiane Sobral, dando ênfase às metáforas ontológicas. Por fim, arrolam-se as conclusões do estudo.

RACISMO E SEXISMO EPISTÊMICOS

Grande parte dos conhecimentos produzidos pelos países do Sul Global é atravessada pela colonialidade. Isso se deve à perpetuação do sistema político e econômico capitalista moderno-colonial. Durante muito, acreditou-se que os conhecimentos produzidos fora do



domínio europeu eram imorais, obscuros e irracionais (Césaire, 2020). Essas convicções ainda existem e são compartilhadas culturalmente, contribuindo para a perpetuação e disseminação das diversas formas de violência, desde a intolerância religiosa até o sexismo e o racismo.

Um dos objetivos da colonização europeia nos países periféricos foi a propagação do cristianismo como forma de religião oficial. Considerado como norma para os povos colonizados, essa inculcação discursiva e ideológica apagou os conhecimentos e as tradições religiosas que aqui já existiam, as línguas nativas e as diversas formas de ciência elaboradas pelos povos originários. Krenak (2020) afirma que, com a chegada dos “colonos” na América, além da dominação de territórios e da devastação cultural, a violência simbólica se deu de várias formas, começando pelo ato de realizar a troca dos nomes das pessoas. Além disso, no campo econômico, junto com a expansão colonial-capitalista, os povos colonizadores produziram o racismo associado a estruturas sociais patriarcais (Santos, 2017).

Historicamente, os povos colonizados foram vistos como categoria inexistente para a garantia dos direitos humanos básicos. Como afirma Kilomba (2008), isso ocorria porque pessoas negras e indígenas eram colocadas na zona do “não ser”. O racismo, então, passa a se materializar nas práticas sociais de diferentes formas. Como efeito da colonialidade, do capitalismo e do racismo, a branquitude passou a ser considerada, arbitrariamente, um privilégio social. O racismo e o sexismo se reproduziram, também, no modo como elaboramos conhecimento.

O racismo e o sexismo epistêmicos constituem a base do conhecimento nas universidades ocidentalizadas. Isso faz com que os trabalhos de pessoas subalternizadas (mulheres, mulheres negras, indígenas, LGBTQIAPN+) tenham pouca visibilidade ou reconhecimento social. Segundo Kilomba (2008), as formas de conhecimento consideradas “válidas” ainda são aquelas de autoria de sujeitos brancos/as.



Fatores como estes justificam o fato de mulheres negras em suas obras priorizarem o relato das opressões raciais que vivenciam (Kilomba, 2008). No entanto, “onde há opressão, há resistência” (Kilomba, 2008, p. 69). A literatura como tecnologia de gênero (Lauretis, 1987) pode servir para reproduzir ordenamentos sociais, mas também para fraturá-los. O dispositivo amoroso (Zanello, 2018), com seu conjunto de práticas patriarcais e coloniais, também pode ser fissurado. As escritoras negras resistem e reexistem, enunciando dores, mas também lutas, vivências, sonhos, prazeres, planos e projetos. A decolonização feminista, como afirma Hooks (2018), pode contribuir para a desconstrução do sexismo e do racismo epistêmico e estrutural.

METÁFORAS DE REEXISTÊNCIA

Segundo Lakoff e Johnson (2003), as expressões metafóricas fundamentam as atividades cotidianas das pessoas, e variam de acordo com a cultura de cada povo. As opressões e resistências simbólicas também acontecem por meio de metáforas.

Para os autores, existem três tipos de metáfora. A *metáfora estrutural* está relacionada diretamente à atividade cognitiva e à lógica. Ocorre quando compreendemos o aspecto de um conceito em termos de outro. A *metáfora orientacional* relaciona espaço físico e comportamento humano, predominando oposições espaciais. Sentimentos como alegria e tristeza são tratados como sentidos opostos. A *metáfora ontológica* relaciona experiências com objetos físicos, transformando ideias abstratas em algo concreto. Ocorre, portanto, a personificação de objetos físicos com adjetivos humanos.

O poema *Não vou mais lavar os pratos*, por exemplo, é permeado por diferentes metáforas ontológicas:

Não vou mais lavar os pratos

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito
Comecei a ler

(Sobral, p.18)

No poema, os pratos são metáforas para demonstrar a resistência por parte das mulheres. No primeiro verso ocorre uma recusa da realização das atividades domésticas impostas pelo sistema patriarcal e reproduzidas por muitas mulheres. É importante destacar que, no sistema capitalista, as atividades do cuidado culturalmente ficam destinadas às mulheres. Além disso, grande parte das mulheres pretas brasileiras atua em profissões de natureza doméstica. No entanto, no poema, o eu lírico feminino se recusa a ser reduzido à condição de objeto.

Os versos “Não vou mais lavar os pratos” e “sinto muito, comecei a ler” mostram que a leitura abre portas para a contestação das narrativas opressoras e sexistas. A leitura é, assim, o caminho para a conscientização crítica e política da mulher (Freire, 1981).

Em *Materna idade*, observamos mais metáforas:

Materna idade

A biologia manda parir
A metaplasia diz que não vai ser fácil
A psicologia dá tempo ao tempo
Cá estou
Uma multidão de flancos
Alguns cabelos brancos no meio das pernas
Na fila de espera de mais um dia fértil
Ainda sou filha do medo

(SOBRAL, p.37)

O poema *Materna Idade* apresenta o predomínio da metáfora ontológica. Desenha-se uma crítica do eu lírico sobre as imposições sociais, de natureza patriarcal, sobre o corpo da mulher, sobretudo em relação à maternidade. O discurso sexista predominante na sociedade patriarcal veicula a ideia de que mulheres são responsáveis pelas atividades do cuidado e pela maternidade, o dispositivo amoroso (Zanello, 2018). O poema, por sua vez, problematiza a ideia de que a maternidade é sinônimo de procriação (lógica biologizante), resignificando-a. Nesse sentido, a maternidade deve ser fruto do desejo da própria mulher.

Os versos "*Na fila de espera de mais um dia fértil*" e "*Ainda sou filha do medo*" colocam em evidência, metaforicamente, o constante receio de uma gravidez indesejada. O receio de engravidar e o racismo assombram o corpo das mulheres negras.

No verso "*A consulta é semana que vem*", a consulta que seria com a/o ginecologista, agora corresponde à consulta com a consciência: "*Resolvi marcar com a minha consciência*". Portanto, o eu lírico decidiu considerar aquilo que vale realmente a pena para ela, aquilo em que ela acredita, não o que a sociedade determina para a mulher, fraturando o dispositivo amoroso (Zanello, 2018).

O poema manifesta uma proposta de mudança de ideias sobre as mulheres, reservando a elas também o local de protagonismo social. A decisão de "procriar" ou não passa a ser única e exclusivamente da mulher. O eu lírico feminino declara que será "mãe" das próprias ideias, indiciando um processo de desenvolvimento da agência social e política.

Refletindo ainda sobre a maternidade, por meio da ênfase ao universo da infância, o eu lírico problematiza em *Revolução* a utilização de brinquedos como tecnologia de gênero:

Revolução

Greve no reino das bonecas
Abaixo a fidelidade!



Guerra à amamentação!
Desde criança os meninos brincam com seus carros
Dirigem tudo e a todos
Enquanto as bonecas nascem para enfeitar

(Sobral, p. 59)

O poema *Revolução* traz a crítica sobre papéis sociais das mulheres e mostra como desconstruir visões sexistas. Em nossa cultura, a boneca é símbolo da infância feminina, mas é, também, uma tecnologia de gênero (Lauretis, 1987) que ensina como uma garota deve se portar, pensar e ser. No entanto, o eu lírico declara a insurgência: Greve! As bonecas também podem ter seus desejos e sonhos. Bonecas não precisam reproduzir o discurso patriarcal que rege o sistema-mundo moderno/colonial.

Em “Guerra à amamentação!”, o eu lírico retoma a crítica à maternidade, considerada culturalmente como indispensável para o tornar-se mulher. O discurso patriarcal, por meio do dispositivo amoroso (Zanello, 2018), conforma as identidades das mulheres e determina que elas precisam ter experiência no campo materno para serem felizes. Mas isso é apenas discurso e convenção. Além da greve, é preciso semear a “guerra à amamentação”, se ela for compulsória e não surgir de uma decisão da mulher.

Dando ênfase à saúde mental das mulheres, afetadas sobremaneira pelo dispositivo amoroso, o eu lírico desmascara a dor no poema *Flor*:

Flor

Tenho uma cicatriz incandescente de dor
Mas é só por dentro
Por fora desenhei uma flor.

(Sobral, p. 71)

O poema apresenta predomínio da metáfora ontológica, por meio da materialização da flor, para transparecer o belo e as aparências.



As mágoas e consternações que marcam as experiências da mulher ficam como cicatrizes, indelévels. Esse discurso rompe com a ideia de que mulher tem que ser forte e guerreira, por dentro e por fora. As dores também precisam de atenção.

Em *Pixaim Elétrico*, o eu lírico revela o desenvolvimento da agência crítica e política, por meio de um traço étnico-racial muito importante para povos africanos e afro-brasileiros: o cabelo.

Pixaim Elétrico

Naquele dia
Meu pixaim elétrico gritava alto
Provocava sem alisar ninguém
Meu cabelo estava cheio de si

(Sobral, p. 92)

No poema, uma espécie de ode ao cabelo, predomina a metáfora ontológica. O termo coloquial “pixaim”, no Brasil, remete ao cabelo crespo ou afrodescendente, muitas vezes, utilizado com sentido pejorativo. No entanto, o eu lírico ressignifica seu uso, invertendo a semântica. O cabelo é realmente pixaim, mas um pixaim “elétrico”, que grita alto, “cheio se si”, e que não quer impor nada a ninguém (sem alisar ninguém).

Questionando as imposições socioculturais sobre o cabelo da mulher negra, o poema *Escova Progressiva* traz uma veemente contestação:

Escova progressiva?

Se a raiz é agressiva
Escova progressiva
Se a raiz é agressiva
Escova progressiva
Ai!
Eu tenho medo do formol!
Eu tenho medo do formol!
Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha

Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha
Abaixo, abaixo, abaixo!

(SOBRAL, p. 105)

No poema, “escova progressiva” remete à ideia da reprodução de um padrão ideal de beleza. “Raiz agressiva”, por sua vez, remete à raiz do cabelo crespo, que não aceita ser domesticado, não quer reproduzir padrão algum e não aceita produtos químicos tóxicos.

O “formol”, citado na poesia, é uma substância química, comumente utilizada nos produtos para o alisamento dos cabelos. Conforme Kilomba (2018), o alisamento é uma forma de reproduzir um traço da branquitude, a materialização da ideologia do embranquecimento racial. O eu lírico se rebela contra o formol e repele o alisamento, como se estivesse em um protesto, segurando um cartaz e mostrando seu agenciamento político: Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha/Abaixo, abaixo, abaixo!

Em *Mar Negro*, Sobral retoma a metáfora ontológica em torno do tema do empoderamento social, dando ênfase novamente à importância do cabelo como traço da negritude:

Mar Negro

Não estava sol
Preferi as nuvens negras
Trazendo
Trazendo ondas
Ondas
Ondas crespas arrebetando a dinastia do sol na tarde
Cinzenta

(SOBRAL, p. 101)

O verso “Arrebetando a dinastia do sol na tarde” constitui o clímax da poesia. Faz referência a uma ruptura ou modificação de construções impostas por uma construção social prevalente. A desconstrução do discurso racista acontece, conforme Ribeiro (2019),



pela valorização do cabelo natural. Suas características contribuem para a criação de uma nova consciência e para a desconstrução de crenças cristalizadas e estereotipadas.

CONCLUSÕES

Por meio de sua poética, na obra *Não vou mais lavar os pratos*, autora Cristiane Sobral (2016) desconstrói padrões impostos pela sociedade capitalista, colonial, racista e patriarcal, em prol do reconhecimento e da liberdade de expressão das mulheres latino-americanas e negras, para que sejam identificadas como protagonistas da (própria) história.

Com base nas análises linguístico-discursivas dos textos poéticos, conclui-se que as metáforas ontológicas mobilizadas pela escritora revelam possibilidades de desconstrução dos discursos e das relações modernas/coloniais, a partir da resignificação crítica e política do corpo e da identidade da mulher negra, do cabelo, da maternidade e das atividades do cuidado.

REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

DE LAURETIS, T. **Technologies of gender**: Essays on Theory, Film, and Fiction, 1987.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUANACUNI, F. **Buen vivir, Vivir bien**: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas (CAOI), 2010.



KILOMBA, G. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

LAKOFF, G.; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. London. The University of Chicago press, 2003.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, 2014.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. Editora: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, J. (*et al*). **Decolonizar**: a prática e o sexo 1.ed. Porto Alegre: CirKula, 2019.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3.ed. Brasília, DF: Editora Garcia, 2016.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba, PR: Appris, 2018.

AUTOBIOGRAFIA

Kamilla Araújo Hermenegildo

Sou Kamilla Araújo Hermenegildo. Em 2006, nasci na cidade de Itabuna (BA). Mudei-me para a cidade de Barreiras em 2014, onde tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis que me possibilitaram conhecer ainda mais sobre outras experiências e outros mundos.

Sou enxadrista desde os 6 anos de idade. A arte do xadrez é fascinante. Isso porque este esporte se entrelaça com as ciências humanas, já que estas ciências se utilizam da compreensão de movimentos e estratégias para compreender as relações sociais. Eu aprendi com o xadrez que se arriscar é fundamental dentro do jogo. Assim é na vida. Precisamos sair da zona de conforto para conquistar grandes realizações.

A astronomia, pela qual eu constantemente me apaixono, mostra o quão pequenos somos em comparação à vastidão da existência do universo. Cada estrela no céu representa uma oportunidade e um sonho a ser conquistado. E assim como os astrônomos, devemos olhar curiosamente para reconhecer essas estrelas em nossa jornada da vida. Devemos, portanto, estar dispostos a apreciar cada singularidade das experiências vividas.

Durante a infância e a adolescência, tive a oportunidade de explorar diversas áreas, desde ciências até a música. O meu fascínio pela história e literatura me fez descobrir diferentes perspectivas de mundos e, principalmente, discursos que são pouco visibilizados pela sociedade.

E foi assim que começou meu processo de descolonização. A partir da escuta e leitura dos discursos dos meus antepassados, pude reestruturar os meus saberes. A leitura decolonial me trouxe uma nova perspectiva de vida, para a qual jovens da minha idade muitas vezes não são incentivados.

O universo me deu a oportunidade de viver uma vida, e a leitura dos discursos das experiências de vida das pessoas me deu a oportunidade de enxergar as diversas versões do mundo a partir das lentes delas.



15

*Marcos Felipe Matias
Mayane Kelly Souza Nunes
Mirely Oliveira dos Santos
Paloma Nascimento de Jesus*

VOZES DE RESISTÊNCIA:

UMA ANÁLISE DOS POEMAS
KAFKANEANDO, NÓ NA GARGANTA
E ESCURECIMENTO NECESSÁRIO,
DE CRISTIANE SOBRAL

INTRODUÇÃO

O preconceito racial é tema de inúmeros debates no tocante às relações sociais racializadas. Racismo, como é popularmente conhecido, é um problema sociocultural, que se manifesta por meio de práticas, discursos, atitudes, comportamentos e ideias, frequentes nas diferentes sociedades, seja dentro do próprio país, ou de povos para povos. O Brasil, por sua vez, foi o maior país escravista do hemisfério Ocidental (Gomes, 2019) e o último a extinguir o tráfico negreiro e o sistema escravista por meio da Lei Áurea, em 1888.

Teoricamente, pensava-se que a partir deste momento não existiria mais escravidão, entretanto, não houve políticas de apoio aos povos negros, e nenhuma garantia mínima de sobrevivência sem a influência dos senhores que os escravizaram. Conseqüentemente, para garantir a própria sobrevivência, viam-se obrigados a suportarem mais um longo processo de exclusão social, oriundo do preconceito e da violência.

O genocídio, o sequestro, a escravização e a desumanização dos africanos, dos povos indígenas e seus descendentes nascidos aqui, ocupam boa parte da história do país (Grosfoguel, 2016). São fatos que deixaram conseqüências profundas tanto na forma coletiva de pensar, quanto nas condições materiais de seus descendentes.

Assim como todos os povos da América, o povo brasileiro apresenta grande diversidade cultural, em decorrência também da miscigenação, todavia, trata-se de uma nação com uma história construída com base na violência e na violação de direitos. Historicamente, é sabido que muitos desses descendentes são frutos do abuso de poder exercido pelos escravistas.

Baseando-se nos pensamentos, fatos históricos e antropológicos, que são de suma importância para compreensão das vivências sociais, o presente ensaio visa por meio das pesquisas bibliográficas



de cunho exploratório e análise de poesias, trazer uma reflexão sobre as práticas sociais impregnadas de preconceito e discriminação racial. Manifestações e ataques contra à população negra tornam inúmeras pessoas vítimas, em razão da ignorância de se não aceitar o fato de que existem diversas culturas, raças e etnias nas sociedades.

No Brasil, mais da metade da população é constituída de pessoas negras, cerca de 54%, segundo dados do último censo de 2016 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). No entanto, o que motiva, na maioria das vezes, pessoas negras a ocuparem as margens sociais ou postos de trabalho com baixa remuneração? O ensaio busca refletir sobre esses questionamentos. Além desta introdução, está estruturado em duas seções, compostas por referencial teórico e análise das poesias. Por fim, apresentam-se as conclusões.

RACISMO ESTRUTURAL: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

A prática preconceituosa de racismo tem sido mantida ao longo dos anos, mesmo com uma série de debates e pensamentos sobre o referido assunto. *Escurecimento necessário*, poema que relata como a influencia da branquitude está impregnada na sociedade contemporânea, caracteriza um ponto de vista sobre a sociedade preconceituosa. Cristiane Sobral contradiz essa ideia expressando que todos são iguais, “*é tudo farinha do mesmo saco*”.

De acordo com Ribeiro (2019, p. 108), em *Pequeno manual antirracista*, “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre.” A falta de informações, o preconceito enraizado e o fortalecimento de estigmas racistas, são alguns dos temas que estão diretamente ligados aos casos de discriminação e injúrias raciais.



O mesmo poema descreve como atos de racismo praticados por pessoas brancas são violentos, tornando-se indispensável se responsabilizar por seus comportamentos provocadores de desigualdades, no que diz respeito à população negra (Ribeiro, 2019). Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente e que produz desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los.

Kafkaneando, por sua vez, é uma poema que descreve metaforicamente como muitas pessoas veem a população negra e pobre. Sobral diz que, “como qualquer inseto, não temos teto, vamos kafkaneando, procurando abrigo, em qualquer beco”.

Apesar da situação precária em que populações negras e pobres vivem em relação a lazer e moradia, as pessoas não ficam satisfeitas com o cenário em que eles se encontram, logo, começam a desconfiar de seus atos, punindo-os severamente por qualquer atitude suspeita. Como diz Sobral, “*nem estamos à altura dos insetos! Estes são privilegiados, não poderão ser assassinados, pela polícia genocida, exterminadora de negros e pobres, com perfil suspeito*”. A caracterização da marginalidade sempre associada a pessoas negras e pobres provoca padronização, imposição e inferiorização.

Segundo Júlio José Chiavenato (1999, p. 50), na obra *O Negro no Brasil: da senzala à abolição*, a supremacia branca é imposta na sociedade desde a antiguidade em diversas formas de expressões. Mas, por qual motivo manter longe ou deixar à margem esses povos que, no poema de Sobral, são referenciados como insetos? As privações sofridas por esses povos ao longo do tempo influenciaram no declínio e na dificuldade de ascensão social dos mesmos enquanto cidadãos, com direitos e deveres iguais perante a legislação brasileira.



METAMORFOSES PARA O ENFRENTAMENTO AO RACISMO: UMA ANÁLISE

A autora Cristiane Sobral é carioca de Coqueiros, zona oeste do Rio de Janeiro e mora em Brasília desde 1990. Ela defende que a literatura pode trazer uma contribuição para o desenvolvimento de narrativas contra-hegemônicas e para a construção e reconstrução da identidade negra. Neste trabalho, serão analisados os poemas *Kafkaneando*, *Nó na garganta* e *escurecimento Necessário*, presentes na obra *Não vou mais lavar os pratos*. No poema *Kafkaneando*, Sobral descreve a forma como as pessoas pretas são vistas socialmente, dando ênfase ao modo como são tratadas.

Kafkaneando
irmãos
nossa metamorfose é diária insetos que somos
restos sociais
exército de reserva da humanidade
As armas usam apurada técnica para realizar a limpeza
étnica nossas vidas ceifadas diariamente
não resistem ao inseticida bélico do capitalismo a desu-
manizar nossas trajetórias
como qualquer inseto não temos teto
vamos kafkaneando procurando
abrigo em qualquer beco
mas atenção à minha psicose
não sobreviveremos à metamorfose nem estamos à
altura dos insetos! estes são privilegiados
não poderão ser assassinados pela polícia genocida
exterminadora de negros e pobres com perfil suspeito
Kafkaneando
talvez fosse melhor ser um inseto
não temer pela vida do neto ainda não nascido
impossível existência
nesse sistema cruel
fique por aí anjinho no céu

escondido nas nuvens...
inútil ambição! não vale a pena
metamorfosear-se em humano por aqui viver em vão
sem qualquer plano de salvação.

Na primeira estrofe, a palavra metamorfose representa o modo como as pessoas negras são notadas na sociedade, em constante transformação. No poema, evolução se refere a evoluir da posição de humano para ser completamente um inseto. Essa metáfora faz referência ao livro *A metamorfose*, de Franz Kafka, que trata metaforicamente de processos de desumanização.

Na segunda estrofe, Sobral diz que “nossas vidas ceifadas diariamente não resistem ao inseticida bélico do capitalismo”. Pode-se afirmar que as consequências da escravidão são estendidas drasticamente até os dias atuais, mas acentuadas pelo sistema econômico. De acordo com dados do IBGE de 2014, 76% da população brasileira é pobre e majoritariamente negra, são os que mais morrem por possuírem uma condição de vulnerabilidade socioeconômica elevada.

A terceira estrofe, descreve a questão de que os insetos não possuem condições favoráveis de moradia como nos versos “vamos kafkaneando, procurando abrigo, em qualquer beco”. Muitas pessoas negras e pobres moram em ambientes periféricos, marcados por desigualdades sociais.

Na quarta estrofe, Sobral continua discutindo que os negros não são capazes de se transformar em humanos, porém, dessa vez, ela relata que não será possível se transmutar nem em insetos, como nos versos “não sobreviveremos à metamorfose, nem estamos à altura dos insetos!”. A autora se refere que a vida do inseto seria melhor pois eles não estão sujeitos a serem assassinados pela polícia por ter perfil suspeito.

Na quinta estrofe, é perceptível que as pessoas negras vivem com esse medo de não voltarem para casa no dia seguinte, pois a violência física contra eles aparece a todo instante por motivos



insignificantes. É por isso que Sobral descreve na estrofe que a vida do inseto seria provavelmente mais vantajosa, uma vez que eles não teriam que viver com medo.

A sexta estrofe traz um discurso religioso. Em vez de as pessoas negras terem filhos, seria mais benéfico que eles ficassem no céu, para não precisar viver o racismo aqui na Terra. Por fim, na sétima e última estrofe, Sobral afirma que a ambição é uma perda de tempo para negros, pois, apesar de se transformarem em humanos, não será possível viver como eles. Os versos “por aqui viver em vão/sem qualquer plano de salvação” estariam concluindo o poema e enfatizando que, se não existir um plano de salvação para se manter vivo, não sobreviverá às mazelas sociais provocadas pelo racismo.

No poema *Nó na garganta*, Sobral enfatiza o modo como as pessoas querem mudar fisicamente a população negra, tentando transformá-los em “normais”; a partir de um “embranquecimento racial”, porém, qualquer forma de desrespeito com intuito de exclusão de um grupo racial é repugnante. A autora retrata no poema a imposição da supremacia branca como fortalecimento do embranquecimento na sociedade, que é composta, em sua maioria, por pessoas negras.

Nó na garganta
Você me queria com outro cabelo
Eu sei
Vi nos seus olhos racistas
Enquanto tentava disfarçar com pistas Brancas
Você me queria com um eurocêntrico modelo
Eu sei
Enquanto tentava culpar o tempo
O trampo
Enquanto acenava com uma ridícula e
encardida pomba da paz
A gente só pode ser o que a gente é
Mas você quase me leva a perder a fé
Na humanidade.



Nos dois primeiros versos “Você me queria com outro cabelo/ Eu sei”; mostra-se que, como os brancos não podem transformar pessoas negras em espelhos de si, o único jeito é deixá-las o mais parecido possível, iniciando essa transformação com o alisamento dos cabelos crespos.

Nos versos oito e nove “Enquanto tentava culpar o tempo/O trampo”, as palavras “tempo” e “trampo” remetem ao preconceito relacionado à escravização do negro, apesar do longo tempo desde a abolição da escravidão, os negros nunca deixaram de estar sujeitos aos “tramos”, ou seja, viver em ambientes precários com pequenos empregos e baixa remuneração.

O décimo verso “Enquanto acenava com uma ridícula e encardida pomba da paz”, metaforicamente, denuncia que pessoas brancas anunciam diariamente a paz, entretanto, diante dessa paz está escondido racismo estrutura, por isso a pomba branca estaria “encardida”.

Os últimos versos “Mas você quase me leva a perder a fé/Na humanidade” remetem à perda de esperança das pessoas negras em relação às brancas, uma vez que, mesmo cheias de “boas intenções”, expressam o racismo de modo evidente, com o estereótipo de perfeição em torno de fenótipos brancos. Em outros termos, a pele negra, as marcas da escravidão, são rupturas que atravessam o perfeito padrão.

O pequeno poema “Escurecimento necessário” relata sobre racismo reverso, no qual é usado para descrever atos de discriminação e preconceito perpetrados por minorias raciais contra indivíduos pertencentes à maioria racial ou grupos étnicos historicamente dominantes.



Escurecimento necessário

Inveja branca?
vê se te
manca é tudo
farinha do
mesmo saco
racista.

O primeiro verso "*Inveja branca?*" retrata as inúmeras falas de pessoas brancas, que se atribuem os centros das discussões, entretanto, ao longo do poema, a autora enfatiza que os indivíduos são farinha do mesmo saco, referindo-se à raça humana. Apesar disso, essa não é a realidade em que se encontra, existe a minoria racial, composta pela população negra.

Esses poemas de Sobral remetem muito a um pensamento moderno descolonial, ou seja, à construção de um caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

Portanto, Cristiane Sobral, como mulher e escritora negra, destaca cada vez mais em seus poemas a forma como o racismo está presente na sociedade, e enfatiza o quão frustrante é ser desvalorizado por ser fisicamente diferente dos demais. Como prática de resistência, convoca a todos/as a enfrentarem o preconceito racial, para que exista, de fato, inclusão e justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das poesias, Cristiane Sobral mostra o quanto historicamente o povo negro sofreu com o racismo, e nos ensina como desenvolver práticas de resistência cotidianamente. São também os/as ativistas dos movimentos negros, desde os tempos de



servidão até os dias atuais, que possibilitam essas análises dos comportamentos sociais acerca das diferenças existentes nas sociedades, pois certamente as visões de quem faz parte do grupo atingido são diferentes das de quem os atinge.

As análises literárias críticas são de suma importância não só para o âmbito acadêmico como também para a sociedade civil como um todo. Portanto, é válido ressaltar que são estudos como estes, carregados de muita representatividade para o povo negro, que nos possibilitam pensar uma sociedade mais humanizada e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. São Paulo: Letramento, 2018.

AVILA, M. Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos?. **Politize!**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CHIAVENATO, J. **O Negro no Brasil**: da senzala à abolição. Rio de Janeiro: Moderna, 1999.

FANON, F. **Pele negra e máscara branca**. São Paulo: Ubu 1952.

GROSFUGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo século XVI.

Revista Sociedade e Estado. Tradução de Fernanda Miguens. 2016, vol. 31, n.1, pp. 25-49.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdade racial no Brasil**. São Paulo. Graal. 1979.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Kurt Wolff Verlag, Leipzig, 1915.

MARINGONI, G. História: O destino dos negros após a Abolição. Ipea, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

MARIA, Ú. **Império do Brasil**. San Luiz, 1859.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3.ed. Brasília: Editora Garcia, 2016.

QUEM SOU EU?

Marcos Felipe Matias dos Santos

Sou fruto do calor de dois corpos, que por uma noite se perderam. Nasci perdido, solto e apegado. Brincava por terra arada enquanto sentia os pingos de chuva caírem em meu rosto. Minhas bisavós me criaram como um xodó, mas me ensinando muito do que aprenderam. Ganhavam, aí, proporções maiores as possibilidades dos caminhos na minha vida. E foi preciso muita mudança até decidir seguir essa direção.

Filho de pai ausente, eu mesmo já fui ao mercado, e voltei, o melhor, com o cigarro que há muito tempo ele deveria ter comprado. Um eu fumei, confesso! E enquanto no primeiro trago matava minha curiosidade pelo motivo de tanta demora, talvez ele tenha ficado fumando no caminho.

Pisciano com ascendente em touro, meu perfil no Twitter dizia há poucos dias que só a minha opinião importava. Realmente era, estando certo ou errado, nem a pau eu dava o braço a torcer. A distância da minha mãe acordava em mim inseguranças e anseios. Como pode, menino já formado, ter medo de dormir sozinho?

O tempo foi passando, algumas coisas não mudaram e provavelmente também não mudarão. O medo de sapo, nojo de barata e a agonia de rã, me mostram o quanto ainda estou vivo.

Já ouvi de tudo um pouco e descobri que as músicas mais melódicas são aquelas que ouvi quando criança. As músicas do Divino Espírito Santo, o Samba de Reis, e algumas que meu avô compôs e cantava sempre à tarde... era ali onde eu sentia sentimento. Passava horas tentando aprender a tocar violão ou pandeiro. Nunca aprendi, ao contrário dos versos de repente que eu já havia decorado.



Virei fruto de algumas poesias que li, algumas músicas que escutei, alguns corpos que abracei e me aqueci. Virei menino de horário, fui cenário e fui cena, de poeta a cantor me chamaram, e eu não era nada disso, eu era o fruto, daquele amor que não deu certo. Estava maduro, prestes a cair, mas eu era diferente, eu era amargo, não dava pra descer na garganta. O vento balançou e eu caí. E então, quando renasci, novamente cresci e flori, não existia mais amargura no pensamento.

Conheci muita coisa em tão pouco tempo e, sem sombra de dúvidas, se não fosse por elas, não teria tal reconhecimento. Me tornei refém de alguns segredos e estou lutando pra me tornar de outros. Só que agora é tudo tão lindo que quero compartilhar cada instante e momento. Agora vivo fascinado em saber sobre plantas, animais e mutação. O arco-íris agora, além de bonito, virou sinônimo de representação.

Foi difícil controlar minha calma quando desfrutei pela primeira vez a sensação de infinito. Renascer dentro de mim me fez saber que havia então me encontrado. O melhor da desconstrução foi poder superar meu medo e conseguir nadar no mesmo rio que havia me afogado. Entendi que, dentro de cada ser, existe uma nascente que corre, cresce, sacia e afoga.

ESSA SOU EU

Mayane Kelly Souza Nunes

Olá, me chamo Mayane Kelly.
Às vezes sou mais Kelly do que Mayane.
A Mayane todo mundo conhece
Seus sonhos, suas conquistas e suas decepções;
Cheia de amigos, possui muitas opções;





Me identifico com a Kelly;
Tem seus momentos infantis, mas é muito madura;
Não quer que te conheçam de verdade;
Usa sempre uma armadura;
Chora por medo de decepcionar quem ama;
Tenta se manter organizada sempre com um cronograma;
Não gosta de socializar;
Prefere um boa noite em casa com um livro em mãos;
Idealizando sonhos a realizar;
Fui uma criança sapeca;
Já me meti em muita encrenca;
Já brinquei desde carrinho até boneca;
Sou cristã desde pequena;
Com isso não me arrependo;
Nunca saí da casa do meu Deus;
Ele sempre esteve comigo;
Com ele, meus medos e inseguranças iam se rompendo.
Sou quem sou,
Creio que a Mayane de 11 anos se orgulharia de mim;
Sou próxima da minha família,
E possuo amigos incríveis,
Essa sou eu;
Mayane Kelly.

RETICÊNCIAS

Mirely Oliveira dos Santos

Quem sou eu?
Minha bio do insta diz que sou reticências
E isso faz um baita sentido
A todo tempo estamos nos moldando

Nós somos o que fazemos?

Falar sobre nós mesmos é sempre tão difícil...

Quando pequena, eu queria fazer *ballet*

Com movimentos angelicais, eu descobri a minha paz

Fui crescendo e minhas articulações continuavam moldáveis

Nesse tempo, foi me apresentado o que eu não podia fazer

Basicamente, não podia viver com leveza nas pontas dos pés

E esse foi um dos motivos de não gostar de ser criança

Crianças, apesar de serem mais moles, eram tratadas com maior rigidez

E aí eu cresci, mudei de dança favorita, agora eu podia mexer o quadril, mas meu corpo estava duro, eu tentava me mexer, mas sempre era consumida por algo mais importante, agora que posso dançar, também tenho que sobreviver.

FALAR SOBRE A VIDA É SEMPRE TÃO DIFÍCIL...

Palloma Nascimento de Jesus

Escrever sobre mim sempre foi muito complicado!

Por quê?

Sou muitas coisas, aí ficaria exagerado.

Muito conhecida por Paloma, essa sou eu.

Poderia dizer que tenho 38 anos, mas, por enquanto, 19 a vida me concedeu.

Gosto de doce, assim como de salgado.

Amo também os romances

Acredito que eu tenha nascido no século errado.

Apesar de tudo, se me perguntar: qual o seu maior arrependimento?

Diria que muitos, mas lembrar que namorei aos 14 anos
ainda é um tormento.
Tenho cachinhos no cabelo, mas não se engane,
eles não são dourados!
Diria que são um negro bem acentuado.
Poderia passar horas me descrevendo
O que seria deveras interessante, tenho muitos talentos.
Sou apaixonada pela vida
A meta maior é vivê-la.
Apesar de muitas decepções,
Aguardo ansiosa por tudo que ela me anseia.
Assim, termino minha autodescrição!
Ficou curioso/a?
Sinto muito, talvez um dia me conheça então.
Ou talvez não, tenho muitas facetas!
Ficaria difícil descobrir quais são!

16

*Arthur Fernandes Eggea Souza
Bruna Borja de Oliveira Santos
Kamila de Souza Anjos
Lavínia Beatriz Trindade Arruda*

MULHERES E RECONHECIMENTO SOCIAL:

**UMA ANÁLISE DOS POEMAS *OPÇÃO* E *FÉ*
RACIOCINADA, DE CRISTIANE SOBRAL**

APRESENTAÇÃO

O presente ensaio traz uma análise e discussão dos poemas *Opção* e *Fé Raciocinada* presentes na obra *Não vou mais lavar os pratos*, da autora Cristiane Sobral (2010). Esses poemas abordam as problemáticas e discussões de resistência, autocuidado, sexismo, a condição da mulher negra perante a sociedade e as dificuldades encontradas no processo de reconhecimento da mesma. A autora Cristiane Sobral faz de suas poesias um ato de libertação e valorização para as mulheres, em especial mulheres negras.

Relatando suas vivências de forma esperançosa, alerta para que as leitoras não aceitem situações rotineiras de opressão e exploração que são impostas para a validação do feminino como algo naturalizado. É o caso dos poemas escolhidos para análise, que tratam dos desafios do “ser mulher” numa sociedade que busca ordinariamente a imposição de diversas ideias e ordens que a mulher deve seguir, demonstrando o poder de controle que o sexismo tenta exercer sobre ela.

O ensaio foi dividido em duas seções, quais sejam: o embasamento teórico acerca dos temas discutidos, contendo de forma mais detalhada os assuntos abordados pelos poemas escolhidos, além de trazer citações e obras de outros autores sobre o tema. A segunda seção traz as análises parciais dos poemas *Opção* e *Fé Racionada*, contendo uma análise literária sobre a estrutura e as referências, alusões e mensagens que a autora traz em cada poema.

Para o embasamento deste ensaio, foram feitas pesquisas sobre os assuntos levantados ao longo do texto e sobre artistas que tratam dessas questões. Tecemos críticas e ensinamentos sobre os aspectos sociais e suas estruturas, relações de poder, bem como o apontamento de reflexões para resolver os conflitos citados.



1. SEXISMO E RACISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE FUNÇÕES E PAPÉIS SOCIAIS DA MULHER

Sabe-se que o sexismo está intrinsecamente presente em todas as estruturas sociais. Por mais árdua que seja a luta das mulheres para não serem subjugadas perante figuras masculinas, ainda são muitas as dificuldades encontradas no seu processo de (auto)reconhecimento. Um dos principais problemas enfrentados pelas mulheres é a estigmatização do comportamento feminino, o “sexo frágil”, expressão utilizada para mencionar as mulheres como um todo. Trata-se de uma figura de linguagem que espelha o pensamento da sociedade. Qualquer demonstração de fraqueza é vista como “coisa de mulher”.

Esse movimento prejudica toda a sociedade, pois segrega sentimentos característicos da natureza humana. Atrair sentimentos universalmente considerados ruins a um grupo específico tem como objetivo inferiorizar esse grupo, para que outro, que teoricamente não apresenta essas características, seja exaltado. Considerar a fraqueza como uma característica exclusivamente feminina prejudica a humanidade como um todo, pois força ambos os sexos a reprimir sentimentos naturais. Os homens reprimem para que não sejam comparados ao “sexo inferior” e para que sua masculinidade não seja “posta à prova” e as mulheres reprimem numa tentativa de não serem subjugadas.

As estruturas de poder que marcam a desigualdade de gênero geram privações, subalternização e impedem o alcance do bem-viver (Locatei; Wenczenovicz, 2021). O sexismo gera adoecimento social, pois faz com que os seres humanos reneguem sua própria natureza. Marina Castañeda (2006), autora do livro *O machismo invisível*, problematiza o modo como ainda na contemporaneidade os sujeitos tendem a buscar justificativas cabíveis para comportamentos misóginos.



Desde a antiguidade, foi se construindo a aversão ao feminino. Os homens sempre construíram seus “templos sagrados”, que não podiam ser penetrados pelas mulheres, seja a filosofia, na Grécia antiga, ou o futebol, na modernidade. São lugares exclusivamente masculinos e que, quando as mulheres os penetram, eles se sentem violados. Toda a sociedade, homens e mulheres, têm seus valores pautados na valorização do masculino, ou seja, todos são ensinados a amar/valorizar homens e práticas masculinas. Essa supervalorização do masculino é exposta pela autora bell hooks em suas obras.

Nossa vida cotidiana era repleta de dramas patriarcais - o uso de coerção, punição violenta e assédio verbal para manter a dominação masculina. Ainda pequenas, compreendemos que nosso pai era mais importante que nossa mãe porque era homem. Esse conhecimento era reforçado pela realidade de que qualquer decisão tomada por nossa mãe podia ser revertida pela autoridade do nosso pai (hooks, 1994).

Seguindo o pensamento freudiano, a misoginia seria a reação a um desejo inconsciente castrado pelo super ego. Inconscientemente existe o desejo pelo masculino, mas a moral não permite a saciedade desse desejo. O indivíduo, então, como forma de alívio, desconta sua frustração no objeto que não permite que ele seja plenamente feliz: as mulheres. Surge então o sentimento extremo de repulsa, desprezo e ódio contra as mulheres. Sobre essa questão, Vinícius Costa (2020) declara:

E é nesse cenário ocidental que o feminino busca alcançar o seu espaço social negado historicamente como um espaço de possibilidade de afeição por parte do masculino. O feminino busca que o reconhecimento masculino, e da sociedade patriarcal, seja não só do seu corpo como objeto de desejo sexual. Mas que, para além desse desejo dominante, platonicamente, o homem deseje mulheres. Deseje por perto. Deseje na roda de conversas, deseje no futebol. Deseje nos assuntos de economia e política. Não por que a mulher dependa dessa validação



para ocupar estes espaços, inclusive porque os últimos cem anos demonstram que, pelo contrário, não precisam. Mas por saberem que essa mudança cultural de percepção auxiliará na libertação do feminino desta e das próximas gerações.

Percebe-se, então, que o sexismo é uma construção social que foi fortalecida durante séculos, e que as mulheres buscam a valorização do feminino. Apesar da resistência feminina ter gerado enormes avanços sociais, modificar-se uma cultura é um desafio constante, tendo em vista que é um problema estrutural, intrínseco na sociedade que perpassa várias gerações. Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocuparem com o que os meninos pensam. Mas, não fazemos o contrário (Chimamanda Ngozi, 2015).

O desafio da sociedade é a extinção dos preconceitos de gênero, para que ocorra o reconhecimento da figura feminina. O sexismo e sua desconstrução dependem muito mais do coletivo do que se possa pressupor (Castañeda, 2006). Inegavelmente, bem como o sexismo, as estruturas sociais apresentam características de teor racista nos mais diversos aspectos da sociedade, utilizando-se da discriminação de raças em detrimento de outras, demonstrando o favorecimento aos indivíduos brancos com relação aos negros e indígenas, que são desfavorecidos. Isso é notável nas leis, nas normas práticas, na cultura, na arte, na política e em diversos outros âmbitos da escala social.

Por mais que a lei garanta a igualdade entre os povos, a real situação no presente momento é outra. O racismo continua a modelar os acontecimentos da sociedade até os dias atuais. Tal fato se aplica até no espectro de representantes políticos, como é notável o desnível entre a parcela de brancos e negros ocupando os espaços como congressistas. Isso pode reduzir o avanço de novas leis de combate à discriminação racial e políticas públicas. O sociólogo Gilberto Freyre é um grande crítico do pensamento de inferiorização aos negros. Sendo extremamente contrário ao segregacionismo,



buscava combater o pensamento colonialista da sociedade brasileira, que apresenta em seu núcleo desde sua fundação bases discriminatórias contra os povos afrodescendentes.

Fazendo uma análise da situação do racismo no Brasil, a autora Djamila Ribeiro (2010) se mostra como uma grande voz na batalha contra o racismo e no estudo de como as estruturas e fundamentações sociais são afetadas por isso. A autora cita as situações de alienação que são pregadas com relação a situação dos negros e diversas minorias, e aponta fatos como a ideia propagada de que os negros agiam com passividade, mostrando que o pensamento propagado estruturalmente trata a escravidão como se fosse algo que aconteceu sem resistência dos povos.

A autora é severamente crítica com relação aos pensamentos e atitudes de teor racista da sociedade, sobretudo com relação às mulheres negras, que foram ainda mais afetadas. Além disso, ela teoriza sobre as causas e consequências do racismo estrutural no Brasil, buscando trazer a população branca para uma reflexão do que ocorre ao seu entorno com relação à estrutura citada anteriormente e a violência que passa despercebida com esse ato. A autora afirma:

Perceber-se é algo transformador. É o que permite situar nossos privilégios e nossas responsabilidades diante de injustiças contra grupos sociais vulneráveis. Pessoas brancas, por exemplo, devem questionar por que em um restaurante, muitas vezes, as únicas pessoas negras presentes estão servindo mesas, ou se já foram consideradas suspeitas pela polícia por causa de sua cor. Trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal (Ribeiro, 2019, p. 17-18).

De fato, uma mudança significativa nas relações de poder em uma sociedade somente pode acontecer no momento em que os indivíduos realizarem o julgamento da posição em que se encontram em determinada escala social e, por consequência, avaliarem métodos para criar um maior equilíbrio entre cada pessoa dentro do sistema capitalista, no entanto, tal pensamento ainda não é facilmente



alcançado nas sociedades atuais. Portanto, a busca pela equiparação entre diferentes povos, gêneros e raças ainda se mostra distante.

2. *OPÇÃO*: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS IDENTIDADES INTERSECCIONAIS DAS MULHERES

No poema “*Opção*”, de Cristiane Sobral, foram empregadas formas de exaltação às mulheres, demonstrando uma crença na forma que cada uma vê o mundo.

Opção

Creio nas mulheres que desafiam o medo
 Nas garotas decididas
 Vitoriosas escolhidas a dedo
Creio no poder indiscutível do leite que escorre das mamas
 Gosto das meninas com laço de fita pelo jardim
 Do jeito especial de algumas moças fazendo pudim
 Gosto de quem é feminina e sabe escolher
 Toda moçoila devia saber fazer brigadeiro
Garinas precisam relaxar com um gostoso banho de chuveiro
 Uma fêmea sabe que às vezes
 As coisas ficam difíceis e é preciso chorar
Espero um dia poder ver as mulheres desfrutando o sábio poder
 Gatas espertas conhecendo um infinito horizonte
 Além do universo das calcinhas
Creio nas senhoras que conhecem o poder do conhecimento
 Nas raparigas que se recusam a acordar cedo e desfruem o momento
 Porque há mistérios a descobrir debaixo dos lençóis
 Gosto das senhoritas com calças curtas e cheiro de jasmim
 Do seu jeito único de sorrir
 Titubear e finalmente dizer sim
Ah, gosto dos garfos, das facas e das colheres
 E, sobretudo, de montar uma mesa
 Com todos os talheres.

O título *Opção* faz referência às opções que cada mulher escolhe viver, desde sua forma de se vestir, pensar e até montar uma mesa com todos os talheres. Sobral demonstra sua admiração sobre as formas como cada uma optou em ver o mundo. O poema conta com 6 (seis) estrofes, trazendo repetições em alguns versos e mudando apenas seu substantivo, como podemos observar nas estrofes 1 (um), 2 (dois), 5 (cinco) e 6 (seis), com as repetições: “creio nas mulheres/senhoras” e “gosto de meninas/senhoritas”, trazendo rima e harmonia para a estética do poema.

Nesse poema, a autora demonstra sua admiração pelas mulheres e acredita naquelas que são corajosas, que não têm medo de encarar sua realidade e o futuro, pois crê em algo que ultrapassa todos os limites da força da mulher. Em segundo momento, o eu lírico busca citar certas especificidades pelas quais mais possui apreço na mulher, conforme seguinte verso: “gosto de meninas com laços de fitas pelo jardim, do jeito especial de algumas moças fazendo pudim”, demonstrando diversidade e revelando a ideia de que cada mulher possui um jeito de ser e agir único, embora que, independente disso, garante que gosta de todas.

O eu lírico ressalta a importância da mulher independente, bem como a exploração de novos horizontes. Enfatiza a necessidade de buscar novos lugares e fugir das imagens sexistas e hipócritas criadas pela sociedade, idealizando que as mulheres não teriam sequer o direito de serem livres e terem como sua única ocupação e preocupação os afazeres domésticos.

O trecho “Porque há mistérios a descobrir debaixo dos lençóis” traz à tona o tabu que tem acerca dos prazeres da mulher. Por volta do século XIX, mulheres que tinham conhecimento sobre seus prazeres e que questionavam seus papéis na sociedade patriarcal eram consideradas histéricas, sendo internadas em hospitais ou sanatórios para tratamentos, que consistiam em massagens vaginais para “aliviar os sintomas da enfermidade” ou, nos tempos antigos, serem até mesmo queimadas em fogueiras acusadas de bruxaria.



Com o passar dos anos, fez-se mais presente a desmistificação sobre o organismo feminino, o que ocasionou que as mulheres se descobrissem, não só em relação ao prazer, mas também sobre seus direitos, podendo assim desfrutarem de sua força e poder.

Por conseguinte, ela descreve particularidades que lhe causam interesse nas mulheres: “calças curtas e cheiro de jasmim, o jeito único de sorrir...” Evidentemente, a exaltação de Sobral não é à toa, ela enxerga as belezas individuais em cada mulher, sempre procurando algo que desperte interesse a ponto de descrever isso em forma de poesias.

Em primeiro plano, o eu lírico faz uma exaltação à mulher, enfatizando sua crença no poder que a mulher tem, principalmente aquelas que não têm medo de desafios, que estão preparadas para tudo e decididas sobre o que realmente querem e merecem. No verso “Creio no poder indiscutível do leite que escorre das mamas”, ele ressalta que o ato do leite escorrendo das mamas é algo essencialmente único da mulher, fazendo com que haja uma força maior e uma união através da maternidade que liga cada uma delas.

Do mesmo modo, é ressaltada a admiração, gostos e individualidade de cada mulher. Laços de fitas, formas de fazer um pudim e saber, são formas que despertam interesse no eu lírico, fazendo com que até mesmo os pequenos gestos e detalhes causem admiração. Não obstante, traz uma reflexão mais voltada para o lado emocional da mulher, reafirmando que elas precisam relaxar com um gostoso banho de chuveiro e que, às vezes, as coisas ficam difíceis e é preciso chorar. Isso é citado porque, mesmo a mulher, na maioria das vezes, demonstrando ser alguém forte, corajosa, batalhadora e incansável, ela não vai ser essa fortaleza o tempo todo. Então, momentos para chorar às vezes é preciso e alivia a alma.

Em seguida, traz uma visão mais crítica no poema. Ver mulheres cada dia mais subindo na vida, tendo visibilidade e independência para explorar novos horizontes e conhecer novas pessoas e locais, é um sonho para muitos. Caso isso acontecesse,



seria mais fácil fazer com que muitas saíssem da zona de conforto que é imposta pela sociedade. Ainda, realiza uma associação com as questões de descoberta e conhecimento de novos momentos que podem ser considerados simples para muitos, mas que, para alguns, não seja algo comum pelo fato de não terem tido oportunidade de aproveitar aquilo, como no trecho “Nas raparigas que se recusam a acordar cedo e desfrutam o momento.”

Finalmente, é possível perceber a forma como o eu lírico descreve adjetivos que lhe causam interesse nas mulheres. É evidente que a exaltação dela não é à toa. Ela vê belezas individuais em cada mulher, sempre procurando algo que a desperte interesse a ponto de descrever isso em forma de poesia.

3. *FÉ RACIOCINADA*: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ESPERANÇA VIVENCIADA PELAS MULHERES

No poema *Fé Racionada*, foram empregadas formas de exaltação e admiração às mulheres, expondo as diversas situações vividas por elas e a força necessária para enfrentar tais desafios.

Fé racionada

Há de haver esperança
Mulheres em todas as partes do mundo
Esperando nove meses
Velando o sono de seus infantes
Há de haver esperança
Mulheres enfrentando a insônia pelo descaso dos amados
Revendendo as suas escolhas
Abandonando qualquer tipo de culpa
Há de haver esperança
Mulheres confiantes na fila de espera



Do emprego, do salário, da vaga na quitinete improvisada
Há oportunidades para moças do baixo clero com filhos
Há de haver esperança
Mulheres escolhem o melhor
Incentivam a vasectomia, denunciam a violência
Gozam na verdade vida, nem fácil, nem fútil
Há de haver esperança
Uma mulher sempre espera pronta para agir
Dorme vigiante na certeza de um amanhã
Multiplica o leite dos peitos na boca dos que têm fome
Há de haver esperança
As mulheres têm fé e não adormecem os sonhos
Amam pela paz, praticam a caridade por profissão
Há de haver esperança
Há de haver salvação.

A fé pode ser definida como um sentimento de total crença em algo ou alguém ou a força que nasce com a própria alma, certeza instintiva da existência de um Deus. A mesma de forma raciocinada permanece em constante contato com a razão, fazendo relação com a esperança da mulher em ter um mundo melhor, e refletindo sobre suas crenças para tentar achar soluções e resolver tais problemas.

O poema traz em sua estrutura 7 (sete) estrofes, com 25 (vinte e cinco) versos ao todo, apresentando de maneira enfática a repetição do verso “Há de haver esperança” e da palavra “mulheres”.

No poema, o eu lírico traz uma reflexão acerca da esperança da mulher em superar algumas dificuldades encontradas, citando as preocupações das mães para com seus filhos. O eu lírico cita a insônia das mães, causada pelas várias desgastantes horas de dedicação à prole, porém busca incentivar as mulheres a manterem a esperança. A privação do sono não é a única crítica da autora. Cita-se também a busca pelo emprego, a luta para a continuidade de sua vida e seus cuidados maternos.

Ela reflete, também, sobre as escolhas positivas das mulheres, a batalha contra a violência, o incentivo aos métodos anticoncepcionais

que não sejam apenas impostos para mulheres, bem como a busca por uma vida tranquila e mediana, sem apertos nem folgas em excesso. Do mesmo modo, ela incentiva as mulheres a se manterem com fé, amor e sua prática natural de solidariedade.

O eu lírico inicia o poema com uma alusão à maternidade, asseverando uma básica recapitulação sobre o processo de gestação de uma mãe e seus cuidados com os filhos. Atualmente, é muito comum no Brasil e no mundo encontrarmos mães solo, que vivem na luta diária para cuidarem de seus filhos. Muitas mulheres, logo após terem seus bebês, acabam sofrendo diversos tipos de dificuldades, como o abandono por parte do marido/parceiro e o divórcio que, na maioria das vezes, acontece por escolha do mesmo, reforçando ainda mais a cultura sexista no Brasil quando falamos de maternidade.

Por conseguinte, o eu lírico faz uma crítica à situação da mulher no relacionamento, quando ela é tratada com descaso, uma situação que causa distúrbios. Tal exposto reflete situações corriqueiras na sociedade atual: mulheres sofrem com relacionamentos abusivos, por dependência emocional, ou até mesmo mães que sofrem com o abandono parental mesmo nos relacionamentos. Além disso, a estrofe traz reflexão sobre o arrependimento, estimulando a mulher a se livrar do sentimento de culpa quando toma suas decisões.

Nos versos “Mulheres confiantes na fila de espera” e “Do emprego, do salário, da vaga na quitinete improvisada”, é feita uma crítica em relação à dificuldade da mulher/mãe em conseguir um emprego, um salário ou até mesmo um lugar para morar, que na maioria das vezes para um homem é muito mais prático. Segundo Marina Castañeda Gutman:

Uma outra vertente ainda não explicitada, é referente o quão a mulher recebe imposições até mesmo com questões ligadas a profissão, há uma divisão de profissões que devem ser seguidas por homens e uma outra gama, por mulheres. Não somente isso, os altos postos também são assim vistos, cargos de chefia e liderado dentro



das cooperativas são limitados aos homens, mesmo havendo uma possível diminuição do quadro, ainda existe (Castañeda, 2006, p. 33).

Além de todas as dificuldades citadas, outro grande desafio é a pressão que a sociedade coloca sobre a mulher em relação aos cuidados com os filhos e até mesmo sobre a ausência paterna. Muitos desconsideram a luta e as dificuldades que a mulher enfrenta, que vão além de cuidar, colocar comida no prato e comprar roupas, mas de dar afeto, educação, carinho e atenção.

No verso “Há oportunidades para moças do baixo clero com filhos”, a autora faz uso da expressão “baixo-clero”, uma metáfora que remete aos parlamentares que possuem expressões quase nulas no cenário político, não possuindo influência em processos sociais e políticos, e remetendo à ideia de que a mulher em situação de pobreza é excluída das oportunidades oferecidas pela sociedade. Muitas das vezes, elas se desdobram para conciliar trabalho, educação, cuidados com as crianças até a fase adulta, responsabilidades financeiras e outros aspectos de sua vida social, o que muitas vezes afeta sua saúde mental. O verso também transmite que o fato de ter filhos agrava a situação de vulnerabilidade das mulheres no mercado de trabalho.

Em seguida, o eu lírico remete a escolhas que as mulheres podem tomar em benefício delas mesmas, como por exemplo no trecho: “Incentivam a vasectomia”. Trata-se de um procedimento de anticoncepção masculino. Muitas vezes, o casal pode optar por esse procedimento porque não quer ter filhos, com intuito de preservar a saúde da mulher, evitando uso de anticoncepcionais que são, em sua maioria, danosos ao organismo feminino. Ainda no mesmo verso, podemos associar o trecho “denunciam a violência” como qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher.



Estimativas globais publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida, o que representa cerca de 736 milhões, um número que permaneceu praticamente inalterado na última década.

Grande parte dessas violências vão ser cometidas no âmbito privado. Onde deveria existir uma relação de afeto e respeito, na verdade, existe um terror psicológico e físico para as mulheres, que são obrigadas a passar por esse tipo de situação principalmente por parte de seus maridos ou companheiros, simplesmente pelo fato de ser mulher.

Os versos “Uma mulher sempre espera pronta para agir/Dorme vigilante na certeza de um amanhã” trazem uma reflexão sobre a forma de organização da mulher, sempre tendo que estar a postos para enfrentar qualquer adversidade que surja pela frente, enquanto busca manter a proteção de seus filhos. Os versos reforçam a ideia da força que as mulheres precisam ter para enfrentar os desafios da maternidade.

O poema finaliza enaltecendo a perseverança da mulher e a busca por demonstrar o altruísmo feminino, quando é dito que amam pela paz e fazem da caridade sua profissão. Os últimos versos “Há de haver esperança/Há de haver salvação” reforçam a ideia principal do poema, a ideia de “salvação”, de uma sociedade que ainda subjugava as mulheres e a esperança de que o modelo social atual sofra alterações, criando-se, assim, uma sociedade com ideais pautados na equidade e buscando o fim do sexismo e tabus de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio analisou os poemas de Cristiane Sobral, contidos na obra *Não vou mais lavar os pratos*. Sua literatura aborda,



principalmente, a realidade das mulheres e pessoas afro-brasileiras. Em um de seus poemas, ela apresenta a exaltação pelas mulheres e, no outro, uma crença na forma como cada uma vê o mundo, expondo as diversas situações vividas por elas, bem como a força necessária para enfrentar tais desafios.

Na maioria dos casos, o combate às diferentes violências começa dentro de casa. Devido a isso, é tão importante o reconhecimento de violências que são tão naturalizadas e perpassam os outros caminhos pelos quais a mulher está trilhando durante sua vida. O acesso a informação é fundamental nesse quesito, uma vez que é uma ferramenta fundamental para o enfrentamento de qualquer tipo de violência, principalmente porque nem todas essas agressões apresentadas são visualizadas como tais. Para além de reconhecer a violência, é necessário que a mulher saiba como enfrentá-la e a quais órgãos ou movimento social recorrer no caso de sofrê-las.

Tomando como base as pesquisas realizadas para a construção desse ensaio, podemos concluir que as mulheres, principalmente as mulheres negras, apresentam uma demanda diferente dentro da sociedade. Por tal motivo, faz-se necessário um feminismo voltado para suas questões específicas e necessidades.

Esse trabalho priorizou sensibilizar as pessoas sobre as discriminações que a mulher continuamente sofre ao longo dos anos, tentando expandir um pouco o conhecimento sobre suas causas, trajetórias e lutas em prol de uma sociedade melhor, em que todas as pessoas possam viver com respeito, dignidade e maior humanização. Os poemas de Cristiane Sobral simbolizam a permanência na luta por um país mais igualitário, com pessoas negras sendo tratadas com dignidade e respeito.



REFERÊNCIAS

BARAN, J. Racismo estrutural: um enfrentamento necessário. **Ministério Público Santa Catarina**, 2021. Disponível em: <https://mpsc.mp.br/noticias/artigo-racismo-estrutural-um-enfrentamento-necessario>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. 296. Ed. Jandaíra, 2019.

COSTA, V. Filolítica 4: o Amor na História ocidental. **Um resgate de Platão**. 2020. Disponível em: <https://www.winnycosta.org/post/filol%C3%ADtica-4-o-amor-na-hist%C3%B3ria-ocidental-um-resgate-de-plat%C3%A3o>. Acesso em: 17 ago. 2022.

NGOZI, C. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, C. Não vou mais lavar os pratos: Um breve ensaio sobre a insubordinação na Literatura Negra. **Revista Crioula** n. 18, 2º semestre/2016. Acesso em: 21 jul. 2022

SILVA, E. B. Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. **Biblioteca Digital CLAM**, 2010. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=887. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. 3.ed. Brasília: Editora Garcia, 2016.

VIEIRA, C. Mulheres negras, opressões, feminismo negro e entretenimento. **VI seminário cetros**, 2018.

UM POUCO SOBRE MIM

Bruna Borja de Oliveira Santos

Irei contar aqui um pouco sobre quem sou. Meu nome é Bruna, tenho 20 anos fisicamente, mas mentalmente ainda estou nos meus 15, porque ainda não caiu a ficha que tenho duas décadas de

anos. Tenho 1,70 de altura, nasci no DF e morei no Goiás por um bom tempo da minha vida, porém, há cerca de 8 anos vim morar na Bahia com minha mãe e meu irmão.

Minha infância não foi algo muito fácil. Até meus 11 anos de idade, confesso que passei por muitos perrengues que de forma boa ou ruim tiveram influência em quem sou hoje. Vivi com meu pai até meus 11 anos e metade das lembranças que tenho dele não são boas. Já minha mãe é tudo que tenho. Tudo que sou e que faço é pensando nela, minha inspiração diária e meu espelho para lutar cada mais. Uma coisa que me remete a ela é o sorriso. Eu amo o sorriso dela porque me transmite uma alegria imensa e que, para mim, é um dos mais lindos que existe. E tem meu irmão. Ele tem 12 anos e é meu protegido, brigo quase o dia todo com ele, mas, se alguém fizer o mesmo, eu viro uma onça.

Muitas coisas me deixam feliz hoje em dia. Meu lado otimista sempre me ajudou nessa parte, talvez tenha me prejudicado um pouco, mas nada demais. Gosto de conhecer pessoas e ver o que elas têm de bom a oferecer. Uma coisa que me cativa nelas é o respeito e a simplicidade. Se chegam me abraçando então... já tem metade de minha admiração. Gosto de ler romances, ação e suspense, embora eu não leia muito porque acabo caindo no sono toda vez que estou na terceira página. Amo desenhos animados, séries e filmes, principalmente quando envolve algo que gosto como, por exemplo, algo relacionado à imóveis, engenharia ou arquitetura. Amo cachorros. Apesar de já ter tido vários animais, gosto da companhia dos doguinhos e me sinto bem perto deles.

Sobre viagens, se alguém falar três vezes a palavra viajar e bater palmas, certeza que eu apareço na hora, por mais que atualmente eu não viaje tanto. Eu amo conhecer novos lugares e novas pessoas daqueles lugares. Gosto de admirar a paisagem da janela do ônibus ou do carro enquanto todos estão dormindo. Isso é uma das coisas mais simples que me faz sentir viva. Tenho vontade de



conhecer praias pelo Brasil, cachoeiras, ilhas, cafés, e como uma boa taurina não poderia deixar restaurantes de fora. Sobre países, tenho vontade de ir à Suécia e Paris, *"Je connais mes limites, c'est pourquoi je vais au-delà."*

Palavras que para mim representam o futuro são esperança, fé, felicidade e paz. Espero que daqui a alguns anos eu esteja em um lugar melhor e que o mundo também seja um lugar melhor. Espero que minha eu do futuro esteja em um bom lugar agora, fazendo tudo que sempre sonhou em fazer, aproveitando ao máximo bons lugares com pessoas boas, que transborde felicidade por onde for e nunca perca sua essência. Tenho certeza de que ela vai olhar para trás e sentir muito orgulho de quem sou hoje e quem fui um dia.

O ALVOROÇO QUE SOU

Kamila de Souza Anjos

Antes de escrever essa autobiografia, pensei em falar sobre o que sou, cheia de vazios. Mas, percebi que os meus vazios não me completam por inteiro. Também sou risada à toa no final da aula com os colegas. Sou cantora em encontros de família. Sou discursos de gratidão pela vida de quem amo. Sou festa em dias que tudo parece ir por ladeira abaixo. Sou piada em momentos sérios. Sou choro de felicidade por ver meus sobrinhos fazendo alguma coisa pela primeira vez. Sou tudo, cheia, não só de vazios.

Sou uma jovem velha de 19 anos e em questão de idade sou jovem, mas, meus olhos já viram tanto quanto uma idosa. Falando em olhos, os meus já choraram tantas mágoas e dores que o meu ser de 10 anos atrás não acreditaria. Ela era sonhadora, pensava que poderia ser tudo, ou nada, desde que ela quisesse isso. Seu dia favorito era o sábado, onde podia ficar assistindo desenhos a manhã toda



com seu irmão mais velho. Irmãos. Tenho dois. Uma mulher que é a mais velha e o irmão do meio que sempre foi sua figura paterna e de maior responsabilidade, já que seu pai a abandonou quando ela tinha 5 anos, e sua mãe trabalhava o tempo todo para ela e os irmãos viverem de forma digna.

Voltando ao meu eu de agora. Ela é bem orgulhosa, por ter passado por tudo e estar às vezes bem firme. Bom, às vezes tão firme como um prego na areia. Estou há 19 anos sendo leonina. Mudo de cor preferida periodicamente. Gosto de músicas que falem sobre a minha realidade ou sobre coisas que acredito. Amo ler Colleen Hoover, Beth O'Leary, Isabela Feitas, Nicholas Sparks e vários outros clichês românticos, embora eu passe a maior parte do tempo assistindo tik tok. Nunca fui muito fã de animais, mas hoje sou mãe de pet, de um gato para ser mais exata. Agora eu entendo o porquê de a maioria dos humanos não gostarem de gatos. Eles não precisam da gente. Eles são autossuficientes, não ficam implorando por nossa atenção e cuidados, são na deles. E é exatamente isso que eu mais gosto neles e tento aprender com eles.

Como eu disse, a minha eu do passado era muito sonhadora. Lá no fundo a minha eu de agora também, mas, conforme vamos crescendo, vai sobrando pouco espaço para sonhos e esperança. Não que eu tenha perdido toda a magia de ser criança, afinal, tenho só 19 anos, mas, os ansiolíticos e antidepressivos não me deixam sonhar tão alto quanto uma criança de 9 anos. Enquanto a minha eu do futuro, futuro esse tão incerto como o meu hoje era ontem, desejo que ela seja rica, rica de momentos que aqueçam a alma, de companhias que a façam desejar viver mais dias e que um dia o vazio saia dela por completo, que ela seja apenas alegria, felicidade e gratidão.



FORÇA MENINA

Lavínia Arruda

Força menina, você cresceu!
Ah, mas como eu quis crescer
Como desejei a vida adulta
O engraçado é que todo mundo falava: "Aproveita agora, que
você vai sentir saudade"
Hoje eu sou a pessoa que está do outro lado da frase.
Sempre tive pressa de viver
Até conhecer Billy Joel e ele me dar um tapinha na cara "Vá
com calma, criança louca,
você é muito ambiciosa para uma jovem!"
Agora eu sei que Vienna espera por mim.
Sempre tive um certo fascínio pelo tempo.
Falo que sou uma jovem com alma velha (coisa que o misti-
cismo me fez acreditar, e se tenho uma coisa que tenho é fé,
ceticismo não combina comigo)
Nunca tive o dom da escrita, mas sempre amei conversar, eu
sou uma matraquinha
Mais que falar, eu amo ouvir
Ouvir uma música, ouvir a natureza, ouvir gente entusias-
mada falando do que gosta
Ouvir é edificante!
Falando em ouvir, talvez devesse ter ouvido mais os conse-
lhos dados a mim no passado
Mas a criança se acha tão dona do mundo!
Hoje eu sei a importância de se admitir ignorância
Aprendi com Sócrates: só sei que nada sei!
Enfim, não sei, só sei que sou assim!
Assim, com esse meu jeito, único!
(ou talvez igual a muitos, quem sabe?)
Eu particularmente não sei, sei muito pouco da vida
Mas quero viver, amo viver!



ARTHUR FERNANDES EGGEA SOUZA

Sou Arthur Fernandes Eggea Souza, nascido em 10 de dezembro de 2003, na cidade de Barreiras, na Bahia. Cidade esta pela qual possuo pouquíssimo apreço, diga-se de passagem. Antes de tudo, há uma impossibilidade praticamente natural que eu manifeste reais pensamentos e pretensões a qualquer pessoa que conheço.

Tenho uma boa relação com os pais, porém, quando era mais jovem e, por consequência, mais imaturo, passava por brigas constantes, pelos motivos mais ridículos que alguém poderia imaginar, geralmente sendo eu o causador da discussão.

Cresci em uma família de religião que não se pode definir com exatidão, por assim dizer. Ora frequentavam as igrejas espíritas, ora católicas ou outras religiões. Eu nunca quis participar de nenhuma. No entanto, acabei me identificando com a Igreja Ortodoxa, que se destaca muito dentre as outras na minha opinião.

Desde jovem sempre fui fã de lutas. Comecei pelo taekwondo, porém o judô, luta tradicionalmente japonesa, acabou atraindo minha atenção e eu comecei a me afeiçoar por essa bela arte que mistura filosofia e luta.

Quando era mais novo, sempre ouvia o sertanejo e o forró tocando pela cidade, no entanto, nunca havia encontrado um tipo de música que me agradasse. Quando ouvi pela primeira vez a banda Capital Inicial, me voltei para o *rock and roll* tradicional, porém, tudo mudou quando tive o primeiro contato com a banda Black Sabbath e sua música *Paranoid*. Entrei de cabeça no mundo do metal e me identifico com ele até hoje, mas tive um contato especial com o Punk, principalmente Ramones e Sex Pistols. Em especial com o vocalista Joey Ramone, pelo qual tenho grande admiração.



Comecei a me interessar por literatura muito novo. Quando criança, eu já tinha um pequeno apanhado, que poderia ser até chamado de pequena coleção de livros, que havia lido. No entanto, no início da minha adolescência, passei a ler muito mais. Antes me interessava por livros de curiosidades, gostava muito de aprender sobre arqueologia e biologia. Até Certa idade meus gostos foram se moldando. Aproximadamente aos 14 ou 15 anos, passei a ler livros de fantasia, gênero que uma vez ou outra me encontro lendo para me divertir. No entanto, comecei a me interessar por diversos gêneros, principalmente mitologia e história. Há alguns poucos anos, comecei a ler livros de drama até chegar no gênero horror, onde entrei em contato com o autor H.P. Lovecraft, que se tornou um dos meus autores favoritos por conta dos seus contos incríveis e horripilantes, bem como sua triste história. Ainda hoje, busco manter o hábito de ler, porém, focando no horror, livros históricos menos conhecidos, dramas (principalmente de máfia) e fantasia.

Enfim, não disponho de grande capacidade criativa, ainda mais ao falar de minha própria vida. Possuo severos arrependimentos e não cabe expô-los aqui. Encerro, aqui, meu relato de experiências e preferências ao longo da vida.



Parte

3

**PRÁTICAS DISCURSIVAS
PARA O BEM VIVER:**

A RESISTÊNCIA DOS POVOS
ORIGINÁRIOS

17

Kátia Luzia Soares Oliveira

PANDEMIA E PRÁTICAS DISCURSIVAS PARA O BEM VIVER:

**POSSIBILIDADES PARA
ADIAR O FIM DO MUNDO**

O texto que ora se apresenta é parte da comunicação desenvolvida em 2022 na Aula Inaugural dos Cursos Superiores e Subsequentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *campus* Barreiras, quando fui convidada a refletir sobre a temática “Pandemia, guerra, sustentabilidade, política: como adiar o fim do mundo?”.

Naquela ocasião, iniciei minha fala expressando a gratidão por poder participar de uma mesa com uma temática tão pertinente. No mesmo sentido, agora, enquanto escrevo esse ensaio, novamente ressalto o quanto sou grata por estar aqui, por estar viva podendo refletir sobre esse momento tão dramático e ao mesmo tempo tão extraordinário, quando há mais de dois anos a pandemia do Coronavírus se abateu sobre o mundo. Tenho que reconhecer então que a reflexão que compartilho remete às dificuldades e limitações daquele momento em que, no isolamento social, fomos forçados a encarar nossos medos, nossa vulnerabilidade e o doloroso luto coletivo de milhares de mortes evitáveis.

A respeito desse dramático momento, em seu texto *O amanhã não está à venda*, o escritor e ativista indígena Ailton Krenak (2020a, p. 91) ressalta: “Tomara que não voltemos a normalidade, pois, se voltamos é porque não valeu a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”. Contudo, temos a sensação de que, de certa forma, e em muitos aspectos estamos voltando à normalidade. Por isso, a proposição daquela mesa, e agora desse ensaio (e de forma geral deste livro), ganha uma dimensão tão significativa, isto é, lembrar o que não podemos esquecer.

Nessa perspectiva, em primeiro lugar, não podemos esquecer que a possibilidade de estarmos aqui e agora é um privilégio. E por termos consciência política desse fato é que optamos por lembrar de fazer desse nosso escrito antes de tudo um ato de resistência e um tributo à humanidade ou às humanidades que não sobreviveram. A essas milhares de humanidades que se foram o nosso



reconhecimento e respeito. Em segundo lugar, a proposição desse dossiê nos convida a não esquecermos. “A lembrar para não esquecer”, como comumente tem evocado estudiosos/as que se dedicam a temas sensíveis da história contemporânea, tais como o holocausto e o período da ditadura militar (Frederick; Duarte, 2016). Não deixar essas memórias para trás, converge com um devir político, social e histórico de reparação e superação das lógicas de existência e de poder que operam e legitimam um modelo de sociedade no qual se encara com naturalidade a falácia de que “alguns vão morrer”, conforme pontuou Ailton Krenak (2020a, p. 85).

Por isso precisamos escutar mais um alerta que vem da sabedoria ancestral para resistir e existir, na voz de Krenak, a saber: “não podemos pagar o preço que estamos pagando e seguir insistindo nos erros” (2020a, p. 86-87).

Assim, a nós que sobrevivemos, que estamos vivos, resistindo e reexistindo, esse é um momento em que, mais do que nunca, somos convocados/as e desafiados/as a elaborarmos outras formas de “ser” e estar neste mundo de maneira crítica e consciente. Neste sentido, os povos indígenas, suas histórias e perspectivas, seus modos de ser, têm muito a nos ensinar e a contribuir com a imaginação e construção do futuro pós-Covid-19.

Trata-se de povos com outros saberes e outros processos de conhecimento para além da epistemologia ocidental. Epistemologias que incidem nas possibilidades de experienciar outras e diferentes humanidades, pautadas na celebração da vida em sinergia pulsante com a Natureza, e na manutenção dos vínculos profundos com sua memória ancestral. Povos que por mais de seis séculos resistem à necropolítica deliberadamente lhes dirigida. Resistiram e resistem com criatividade, imaginação, poesia e ancestralidade. Povos que ainda são capazes “de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (Krenak, 2020b, p. 26), de deitar na terra, de abraçar as montanhas e esperar que lhes contem segredos.



As histórias contadas pelo Ocidente e os modelos de mundo e existência forjados em suas estruturas, operadas por um modelo humano pretensamente universal, são limitadas e impõem limites as experiências e à existência (Pereira, 2021). Já as histórias e existências que os povos indígenas contam e vivenciam, estão repletas de danças, cantos, vida e fruição. Na perspectiva de Ailton Krenak são esses saberes, pensamentos e mundividências que podem adiar o fim do mundo.

Como já sinalizamos, um desses “fim do mundo” nos foi apregoado em 31 de dezembro de 2019. A pandemia do Covid-19 trouxe a experiência “do céu caindo sobre nossas cabeças”¹⁸ e a esse respeito, além da importância da rede de saberes outros, uma outra possibilidade a que Ailton Krenak faz menção como uma ideia para se adiar o fim do mundo é “sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (Krenak, 2020b, p. 27). Ademais, o intelectual indígena também nos fornece vislumbres para a “suspensão do céu”, “suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir” (Krenak, 2020b, p. 16).

Acreditamos que uma dessas histórias é sobre como cada um de nós viveu a experiência do confinamento. Esses relatos importam muito e também não podem ser esquecidos! No texto *O amanhã não está à venda*, Ailton Krenak conta sobre seu isolamento, que nos inspira a também narrar as histórias dessa nossa experiência. Em suas próprias palavras:

Parei de andar mundo afora, cancelei compromissos. Estou com minha família na aldeia Krenak, no médio rio Doce. Há quase um mês, nossa reserva indígena está isolada. Quem estava ausente regressou, e sabemos

18

A expressão faz referência ao livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, do renomado cacique yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert.

bem qual é o risco de receber pessoas de fora. Sabemos o perigo de ter contato com pessoas assintomáticas. Estamos todos aqui e até agora não tivemos nenhuma ocorrência. A verdade é que vivemos encurralados e refugiados em nosso próprio território há muito tempo, numa reserva de 4 mil hectares – que deveria ser muito maior se a justiça fosse feita –, e esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes. Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento, numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, plantei uma árvore (Krenak, 2020a, p. 77-78).

Bom, fui uma dessas pessoas que ficaram fechadas num apartamento por meses, quase anos, e é curioso que nessa experiência comecei a sentir falta de um quintal. O que dizia para mim mesma era: “quando tudo isso passar quero ter a oportunidade de morar numa casa com quintal, com plantas”. Ansiava poder pisar na terra. Acho que era uma ancestralidade que falava ao meu coração agora que tudo tinha parado. Era essa saudade da conexão com a terra, a que Ailton Krenak fala.

Então, alguns meses depois curti a postagem de uma vizinha em que apresentava sua garagem que havia se transformado em um “ambiente de floresta”, cheio de samambaias e outras plantas. Ela então me respondeu dizendo que faria uma muda para mim. Passaram-se mais alguns meses e com toda precaução lá fui eu pegar minha muda de samambaia.

Gostei daquele contato com a planta. Como é bom sentar ali entre as plantas. Essa é uma vocação que sufocamos, uma vez que “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza” (Krenak, 2020b, p. 16-17). Em outros termos, a humanidade foi “sendo deslocada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra” (Krenak, 2020b, p. 21).



Depois de algum tempo, decidi transformar minha pequena varanda de apartamento também num pequeno ambiente de floresta e lá fui eu em busca de novas mudas e fiquei assombrada com o preço das plantas. Aqui não é uma crítica às pessoas que lutam cotidianamente por sua dignidade e sobrevivência e para isso vendem mudas de plantas. Mas, ampliando a reflexão para grandes empresas de venda de plantas e seus apetrechos, podemos ver como o capitalismo, o sistema-mundo vai tecendo suas malhas de dominação nos mais diferentes nichos. O sistema-mundo preconiza que tudo é mercadoria e assim deve ser vendido e comercializado.

Contei dessa surpresa à minha vizinha e acabou que ela me deu mais duas mudas. Depois, eu também lhe dei um presente, algo que tinha e quis compartilhar em gratidão ao seu gesto. Essa experiência de troca remete às vivências e valores indígenas que, sobretudo naquele contexto pandêmico, ganharam maior relevância. Sobre isso, passaram a ter maior significado atender a convocação de Gersem Baniwa a respeito de que,

Em um momento tão difícil para os povos originários, que estão fortemente afetados pela grave pandemia, é hora de lutarmos contra o egoísmo e elaborarmos novas práticas de solidariedade, de empatia, de convivência, de compaixão, de palavra amiga, de sentimentos e atitudes ausentes ou desconhecidos por esses maus des governantes (2020, p. 28).

Sem nos darmos conta do que fazíamos, estávamos atendendo à convocação de Gersem Baniwa e assim adiando o fim do mundo ou ainda, enquanto caíamos com um mundo que desabava, inventamos “paraquedas coloridos” (Krenak, 2020b).

Essa troca com a vizinha remete, então, a práticas de Bem Viver. Como nos explica Mario Rodríguez Ibáñez (2015, p. 92), “o ‘bem viver’, mais que um conceito, é uma experiência, é um debate polissêmico, com muitas interpretações, com muitas tendências”. Ao ressaltar a dimensão da experiência, Ibáñez (2015, p. 93) nos ajuda a entender



que “O ‘viver bem’ ou ‘bem viver’ não é um futuro, não é uma noção utópica”, mas, como enfatiza, algo que “já acontece nas relações entre as pessoas, nas relações que construímos e no jeito que habitamos ou reabitamos a cidade”. Nesse sentido, essa história que contei na Aula Inaugural dos Cursos Superiores e Subsequentes do IFBA, e que aqui recupero, revela a experiência cotidiana de ativarmos o Bem Viver, isto é, ativarmos as relações de reciprocidade, de recuperarmos sentidos outros para as relações sociais e econômicas, agregando valores que estão no cerne dos saberes e histórias indígenas.

Ainda seguindo a discussão de Mario Rodríguez Ibáñez (2015, p. 94),

Não é possível falar em “bem viver” sem o relacional como lugar central. É impossível falar de coisas como bem viver como sendo o “bem viver” dela ou o “bem viver” dele. Não existe bem viver individual. Só é possível falar em estruturas relacionais. E isso muda completamente a construção da noção do sujeito, a construção da relação entre o individual e o coletivo como dicotomia. Não é possível falar de “bem viver” sem a estrutura relacional, com a possibilidade que a vida regenere os ciclos vitais para todos e todas. Todos e todas não são só humanos.

A fala de Mario Rodríguez Ibáñez coloca no cerne do debate uma questão fundamental do “bem viver”, qual seja, a dimensão relacional. Ela nos provoca, assim a pensarmos o Bem Viver como possibilidade de “imaginarmos outros mundos possíveis”, como Alberto Acosta nos convida a pensar, mundos em que todas as vidas importem, em que os recursos materiais que dão suporte a esse existir belo sejam compartilhados por todos e todas.

Nosso compromisso ético e político com a vida dos povos indígenas nos induz a radicalizar essa valorização da dimensão relacional, afirmando, com base em Sônia Guajajara, que, “não há como querer a boa vida coletiva, uma vida digna e plena para todos sem olhar de frente para os povos indígenas, que todos os dias lutam



para não morrer no Brasil". Nesse sentido, os textos que seguem na terceira parte desta obra são fruto das problematizações feitas em sala de aula com turmas de segundo ano do Ensino Médio na disciplina de História. Seguindo o fluxo de indicações programáticas do Projeto Pedagógico dos Cursos, as discussões se deram articuladas a conteúdos canônicos; a alternativa foi trazer uma abordagem que desse conta de problematizar os discursos sobre os povos indígenas e suas atuações nos primeiros contatos.

Para tanto, realizou-se inicialmente uma leitura crítica das fontes de pesquisa selecionadas, examinando suas premissas, conceitos-chave e contribuições para a compreensão da problemática estudada. Numa segunda fase, foi realizado um Fórum de Discussão num Ambiente Virtual de Aprendizagem para aprofundamento da compreensão de como esses conceitos operam nos discursos atuais a respeito dos povos indígenas. As respostas individuais de toda a turma à questão proposta foram posteriormente agrupadas, considerando o encadeamento argumentativo. Assim diferentes grupos passaram a construir textos colaborativos problematizando ideias equivocadas que ainda são atribuídas aos povos indígenas. Acreditamos que esse é um passo importante na construção de um imaginário que se componha de representações positivas sobre os povos indígenas, respeitando as especificidades territoriais, espirituais, culturais que a beleza dos diferentes "existir indígena" comportam.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2016.

BANWA, G. De Gersem Baniwa para as pessoas que sonham um outro Brasil. //: KARIRI, R. COSTA, S. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13S, 2020.



BARROS, J.; GUTTERRES, A.; SILVA, E. B. (Orgs.). **Caderno de debates 6:** Territórios de Utopia: resistências aos impactos dos projetos de desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro: Realização FASE, Apoio Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

FREDERICK, M. Terezinha; DUARTE, S. Aprender para lembrar e não esquecer: memórias sobre a ditadura civil militar no Brasil e seus reflexos em Cascavel PR. **Cadernos PDE**, Secretaria de Educação do Estado do Paraná, v. 1, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1968].

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

PEREIRA, N. M. Professoras de História aprendendo com Ailton Krenak. **Jornal da Universidade** (UFRGS), 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/jornal/professoras-de-historia-aprendendo-com-ailton-krenak/?fbclid=IwAR3cj0fi00wyxPD08IDQjjkxVBMaXoLeFpJT_03jzlandHQuspcm_Co3cuk. Acesso em: 20 jun. 2021.

WALSH, C (Ed.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

18

*Anna Luyze de Melo Oliveira
Emanuela de Matos Rodrigues
Evilly Bezerra dos Santos
Giovanna Santos Rocha
Isabelle Cristyne Ramos Novaes
Kátia Luzia Soares Oliveira
Tatielly Pereira de Araújo*

NOVAS PERSPECTIVAS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO HISTÓRICA INDÍGENA NA FASE INICIAL DA “CONQUISTA” DOS ASTECAS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Seguindo uma perspectiva da história tradicional, muitas vezes etnocêntrica e colonialista, somos privados de conhecer mais a fundo sobre a história de povos que foram invisibilizados e/ou subjugados. É o caso de inúmeros povos indígenas que habitavam milenarmente o território posteriormente denominado de América. Aqui nos ocupamos brevemente dos astecas.

Os astecas foram povos que viveram e se desenvolveram onde hoje é localizado o Vale do Novo México por volta do século XII, apresentando culturas, costumes e organizações políticas de imensa importância e poder. Contudo, nos anos de estudo escolar, pouco nos debruçamos sobre esses povos, de forma que temos um maior conhecimento sobre povos europeus. A invisibilidade da história dos povos pré-colombianos, ou melhor história dos povos originários americanos, está ligada à ideia de superioridade da cultura europeia. Essa ideia de que existia uma história superior e melhor que as demais fez com que muitas civilizações fossem esquecidas em decorrência do que foi pressuposto por aqueles que se denominavam superiores.

De acordo com Ailton Krenak, “a ideia de que brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” (Krenak, 2020b, p. 11). A razão universal do ocidente se colocou como detentora de toda forma de saber e civilização e legitimou em seus discursos e políticas a sua dominação sobre as outras partes do globo. Essa ideia fundamentou por muito tempo, e por vez ainda fundamenta, a história ensinada nos bancos escolares.

Na contramão dessa perspectiva, acreditamos que abrir espaço no conhecimento histórico escolar para o estudo desses povos é essencial, pois assim conhecemos não só a história do



nosso continente, do nosso passado, mas também conhecemos outras formas de agir e pensar características dos povos indígenas, esses que são os guardiões primeiros da nossa ancestralidade e da nossa cultura. Também é importante se quisermos contribuir para a melhor compreensão e tratamento das questões de direitos desses povos na atualidade.

Muitos estudiosos da Colonização espanhola se perguntaram como um número diminuto de espanhóis conseguiram conquistar impérios militarizados, grandiosos e com milhões de súditos. As respostas mais comuns e que ainda figuram fortemente no saber histórico escolar remetem à superioridade bélica e mesmo cultural dos espanhóis. Dessa forma, ainda ouvimos nas discussões em sala de aula sobre os processos de colonização, relacionamos inconscientemente com o fato de que, se houve esse acontecimento, é porque os colonizadores eram poderosos e desenvolvidos, enquanto os colonizados foram ingênuos e passivos, pouco conhecedores da arte de guerra, não possuíam habilidades para se defender.

Nesse texto, que é uma espécie de reflexão, nos propomos a revisitar esse questionamento, focando especificamente no "Império" Asteca (ou Mexica). Usaremos como referencial teórico o que o autor Tzvetan Todorov discute em seu livro *A Conquista da América: a questão do outro, sobre "As razões da Conquista"*. O objetivo é ressaltar, a partir de suas elaborações que, diferente do que muitos tendem a pensar, essa "conquista" não foi instantânea, mas, sim, parte de um processo complexo, no qual o entendimento mais imediato por parte dos espanhóis das questões políticas diplomáticas e simbólicas daquelas sociedades teve papel preponderante, dando-lhes vantagens na "Conquista do Outro".

Para além disso, é importante destacar o que a historiografia mais recente tem argumentado sobre as razões da conquista, que pode ser explicada por um conjunto de fatores conjunturais, não somente aqueles que envolvem a capacidade de compressão



dos espanhóis dos signos das sociedades andinas e mesoamericanas, mas as alianças e inimizades entre os diversos grupos étnicos e sociais que compunham esses territórios, que foram amplamente manipuladas pelos conquistadores, bem como os fatores demográficos. O historiador Eduardo Natalino dos Santos argumenta que a queda demográfica é uma chave para entendermos o domínio espanhol (Santos, 2023). Conforme pontua,

os estudos de história indígena têm mostrado claramente que as derrotas dos mexicas, dos incas e dos quichés e cakchiqueles foram processos muito mais multifacetados e complexos em seus desdobramentos e continuidades do que costumamos ver nas obras de síntese e nos manuais de história baseados nas linhas historiográficas hegemônicas até os anos 1990 (Santos, 2023, p. 39).

Explicar a vitória espanhola de uma perspectiva menos simplista pode abrir espaço também para se visibilizar uma memória de lutas e resistências dos povos indígenas americanos no processo inicial de colonização espanhola. Acreditamos que essa memória de força e resistência possa contribuir para a construção de uma empatia histórica com desdobramentos positivos na visão que ainda se tem sobre os povos originários das Américas e suas histórias pós-contato, em que se destaca uma narrativa na qual se sobressaem o “apagamento” das contradições, lutas e confrontos históricos com “os conquistadores”, negando-lhes o protagonismo e o agenciamento histórico.

2. QUEM ERAM OS ASTECAS OU MEXICAS E ALGUNS FATORES DA FASE INICIAL DA “CONQUISTA”

Dominando um grande território do Vale do México, o “Império Asteca” se desenvolveu por volta do século XII, apresentando culturas, costumes e políticas de imensa importância e poder, possuindo grandes exércitos, sistema de escrita (sendo a escrita asteca proto-escrita pictográfica e ideográfica expandida por rebús fonéticos). Também são conhecidos pelas engenhosas arquitetura e engenharia, além de riquezas e conhecimentos até então não conhecidos por povos europeus, como o sistema de distribuição de água, que causou admiração aos espanhóis e a construção de uma cidade em cima de um lago, como as chinampas (jardins flutuantes). Trata-se de um sofisticado e poderoso império com milhões de súditos. E é aí que entra o questionamento que norteia esse trabalho: Como poucos europeus conseguiram conquistar o Império Asteca, mesmo estando em menor número e em território desconhecido?

O livro *A Conquista da América: a questão do outro* nos revela alguns dos fatores que explicam como essa civilização foi invadida e posteriormente colonizada. Primeiramente, por meio da leitura da obra de Tzvetan Todorov, Capítulo II, intitulado “Conquistar”, vemos que a conquista não foi um processo rápido e fácil, pois foram dois anos de guerras intensas, nas quais vários fatores tiveram influência decisiva para a vitória dos espanhóis. Entre esses, destaca-se a captura do soberano asteca, Montezuma. Essa apreensão causou uma reação do povo asteca, resultando inicialmente no aniquilamento da metade do exército espanhol e evidenciando que houve resistência e luta na defesa da sua civilização.

Sobre a prisão de Montezuma, Todorov ressalta, com base em crônicas do período, que o soberano asteca se absteve de se opor



àqueles que deixavam seus súditos em perigo, sendo tomado por um silêncio e uma aparente apatia. Esse comportamento de Montezuma é normalmente ressaltado em livros didáticos que abordam o assunto, passando a ideia muitas vezes que esse não agiu conforme o esperado para um imperador da Civilização Asteca. Outras vezes seu comportamento ambíguo é associado a um ato de covardia, de vulnerabilidade ou mesmo de submissão imediata ao poder dos europeus. Mas ao adentrarmos mais na perspectiva de Todorov, descobrimos que sua reação tem uma explicação: é fruto do espanto do novo que colocou a falta de perspectiva para um povo, sobretudo um soberano, que agia e julgava o que era correto a partir de uma perspectiva cíclica, referenciada em acontecimentos já realizados no passado.

Ao analisar o comportamento de Montezuma, a partir da perspectiva de tradição interpretativa dos astecas, Todorov abre um espaço para a empatia na compreensão desse acontecimento. A empatia é um elemento imprescindível do conhecimento histórico, pois é impossível compreender uma determinada cultura sem que haja um desprendimento dos próprios preconceitos e vieses em um esforço para nos aproximarmos dos “outros”, tentando apreender os seus sentimentos e pensamentos e enxergando o mundo sobre a sua ótica. Sendo assim, a empatia histórica pode nos auxiliar numa compreensão mais profunda e rica a respeito das relações histórico-sociais, com povos e realidades que em muitos momentos e situações parecem distantes e estrangeiros.

Como bem explica Peter Lee, no conhecimento histórico o desafio de se colocar no lugar do outro “não constitui um tipo especial de processo mental, não é de todo um processo, não pressupõe uma faculdade especial do tipo que às vezes se refere quando alguns indivíduos parecem particularmente sensíveis aos sentimentos dos outros no contato cara a cara” (2003, p. 20). Ao contrário, trata-se de acessar perspectivas de mundo e saberes próprios aos distintos povos. Assim, a empatia histórica “pode ser melhor entendida como uma realização de algo que acontece quando sabemos o que



o agente histórico pensou, quais os seus objetivos, como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isso com o que aqueles agentes fizeram” (LEE, 2003, p. 20).

Esse é o direcionamento dado por Todorov, isto é, a busca por compreender as ações do imperador Montezuma, bem como as medidas que os povos mexicas tomaram na fase inicial dos primeiros contatos com os espanhóis, dentro das suas estruturas simbólicas, culturais e interpretativas. O conhecimento dessas concepções de como pensam e que valores associam ao seu agir e sentir – numa abordagem de respeito e empatia – é fundamental para tensionar o preconceito e a discriminação que se manifestaram e ainda se manifestam em diferentes análises a respeito da agência histórica indígena em seus contatos com não indígenas.

Assim, Todorov mostra em suas interessantes argumentações, que Montezuma era regido por aquilo que seus signos lhe indicava previamente. A sua interpretação dos acontecimentos era baseada no que os deuses diziam profeticamente. Mas toda aquela situação era algo muito novo para o Imperador, que recorrendo à tradição interpretativa de seu povo não conseguia enxergar um cenário semelhante. É tanto que ele se desespera por tais respostas e não as encontra, pois os espanhóis são tão diferentes e estranhos a qualquer alteridade a que estavam acostumados que parece então que “os deuses silenciaram-se”.

Por esse motivo ele se manteve calado por muito tempo, e também evitava receber qualquer tipo de informação sobre o que estava acontecendo. Ao contrário de Cortéz que estava sempre buscando obter respostas sobre tal comportamento, a fim de entender como deveria prosseguir. Ou seja, ao contrário do que muitos tendem a pensar, Montezuma não agiu de forma incorreta ou tardia, ele apenas buscava respostas em suas bases culturais.

Diante de algo jamais visto, ele necessitava de algum meio para obter respostas, no entanto quanto mais tempo ele gastava



procurando uma explicação, Cortéz avançava. Sem referências seguras sobre a chegada de povos diferentes (espanhóis), Montezuma recebe os espanhóis abrindo espaço para sua captura, seguida de morte. A ação de Montezuma não explica a conquista que se segue, visto que, como ressaltamos inicialmente, houve uma reação do povo asteca que resultou logo no início no aniquilamento da metade do exército espanhol, mas fortaleceu a caminhada espanhola em busca do domínio, uma vez que permitiu ao líder espanhol, Hernán Cortés, conhecer as questões políticas, diplomáticas e simbólicas dos astecas. Conhecimento que foi decisivo para o desfecho que se deu sobre o qual seguimos analisando.

Como também já salientamos, foram dois anos até a tomada do poder e, ao iniciar esse processo, os espanhóis já sabiam de conflitos internos que os astecas já enfrentavam. Cortés aproveitou-se muito bem dessas divisões e tensões internas do Império Asteca, para fazer alianças com alguns desses povos de forma a fortalecer o exército espanhol, com o intuito de conquistar o império. Quanto a isso, consideremos que os astecas formavam um "Império" estratificado com grande desigualdade social e conflitos internos. Por conta da grande variedade de povos que formavam o império, muitos estavam subjugados aos astecas: vários povos já eram fruto de uma conquista anterior (os próprios astecas foram os colonizadores em algum momento, mas agora ocupavam o topo da pirâmide de poder) e eram obrigados a pagar pesados impostos aos astecas.

Por esse motivo, somos levados a pensar, conforme Todorov, que tais povos talvez não tenham se revoltado contra os espanhóis, pois eles já sofriam as consequências de serem colonizados. Ou seja, os diferentes povos indígenas que residiam naquele território e que eram oprimidos e explorados pelo Império Asteca não ficaram tão impressionados com as intenções colonizadoras dos espanhóis e não se revoltaram prontamente contra o comportamento dos recém-chegados, mas com eles fizeram alianças, sob a falsa promessa que lhes fizera Cortéz de libertá-los de um governo "tirânico".



Outro fator que merece ser observado para uma possível aceleração da conquista espanhola foi a forma como Cortez aproveitou-se das questões simbólicas. Com a chegada dos espanhóis no território Asteca, houve uma série de questionamentos e estranhamentos que durante um certo tempo impediram uma reação por parte das demais lideranças indígenas, que devido às suas crenças e o contato com o diferente, acreditavam que os europeus eram deuses. Segundo Todorov (1999, p. 44), “Não conseguindo inseri-los na categoria dos totonacas – portadores de uma alteridade quase nada radical –, os astecas renunciavam, diante dos espanhóis, a seu sistema de alteridades humanas, e são levados a recorrer ao único outro dispositivo acessível: o intercâmbio com os deuses”.

Como Todorov argumenta, há evidências de que Cortéz tirou proveito dessa situação fortalecendo sua imagem e mesmo explorando os receios das lideranças indígenas em relação à possibilidade de que fosse um deus poderoso e vingativo. Vale lembrar que até a chegada dos europeus, não havia pólvora e cavalos naquelas regiões. Cortéz também tirou vantagens do medo que a pólvora (geralmente sem efeito por estar quase sempre molhada nos primeiros combates) e os cavalos despertaram. Esses animais assustaram não apenas por serem desconhecidos e velozes, mas porque estrategicamente Cortéz levava os/as indígenas a pensarem que eram bichos perigosos e imortais.

Por fim, houve as mortes por contaminação de doenças trazidas do continente europeu, como a varíola, que acabou por levar a óbito milhões de pessoas, dentre elas soldados que resistiam aos avanços espanhóis.

Ademais, contrariando as perspectivas já esboçadas e mais recorrentes sobre a História da América, sobretudo em relação a conquista da América, segundo as quais o Império Asteca teria sido conquistado em 1521 pelos espanhóis, o historiador/antropólogo mexicano Federico Navarrete Linares defende que, “na realidade,



os conquistadores foram Malinche, a jovem escrava tradutora de Hernán Cortés, e os exércitos de Tlaxcala, e diversos outros povos indígenas que apoiaram, guiaram e deram a vitória aos espanhóis". Ao ampliar estas novas visões sobre a Conquista, Linares descortina uma interpretação bastante distinta deste episódio e de suas consequências, dando centralidade a agência e protagonismo dos diversos grupos indígenas e suas pluralidades de existência e formas de lidar com os "invasores" (Navarrete Linares, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se conclui é que nenhum processo histórico é tão simples quanto parece, e que não podemos nos ater a apenas a uma versão dos fatos, ou a variações de uma única história, pois, como nos alertou a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, estas seriam limitadas e marcadas por estereótipos.

A preocupação com uma leitura dos acontecimentos em torno da conquista, que contemple as concepções e historicidades dos próprios indígenas, abre espaço significativo e necessário para que outras histórias, questionamentos, bases epistemológicas e repertórios de análises sobre os povos indígenas aflorem e enriqueçam a história ensinada nas escolas. Como Ngozi Adichie ressalta, diferentes versões da história importam porque "Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida" (Adichie, 2019, p. 63). A visão de que os indígenas foram facilmente dominados e não enfrentaram os seus inimigos é uma versão limitada e perigosa. Eles resistiram e continuam resistindo até hoje, e compreender esse passado é apreender a nossa própria história do tempo presente.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LEE, P. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão das pessoas do passado ('We're making cars, and they just had to walk': understanding people in the past). In: BARCA, I. **Educação Histórica e Museus**. Centro de investigação em educação; Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2003.

NAVARRETE LINARES, F. **Hacia otra historia de América**: nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas. México: Universidad Nacional Autónoma de México (Instituto de Investigaciones Históricas), 2015.

SANTOS, E. N. História dos vencidos, história da mestiçagem e história indígena. In: ACRUCHE, H. F.; SILVA, B. **As américas em perspectiva**: das conquistas às independências. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/ClioEdel, 2023.

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

19

*Artur Montalvão Oliveira
Felipe Gabriel Oliveira Rocha
Hércules Sebastião Rodrigues de Souza
Jamille Macedo Oliveira Santos
Kátia Luzia Soares Oliveira
Matheus Santos França
Miguel Qaddish de Oliveira Trindade
Stephani Serqueira da Cruz*

REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS:

**DO "BOM SELVAGEM" AO "MAU SELVAGEM"
E SUAS IMPLICAÇÕES**

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tzvetan Todorov (1982), um importante pensador búlgaro-francês, abordou a descoberta da América em sua obra *A conquista da América: a questão do outro*. Nesse livro, Todorov explora os “encontros” iniciais entre europeus e povos indígenas das Américas e analisa as implicações culturais, éticas e filosóficas desses “encontros”. Essa discussão nos interessa pois somos herdeiros da chegada dos portugueses ao Brasil há mais de 500 anos e seu “encontro” com um grupo de indígenas tupinambás em Porto Seguro. A partir desse contato inaugural e dos demais, com distintos e diversos outros povos indígenas, que milenarmente ocupavam esse território, inaugurou-se uma interação que foi marcada por uma mistura complexa de sentimentos e formas de relação multifacetadas e contraditórias, como admiração e desprezo, encantamento e repulsa, refletindo os preconceitos e as visões do mundo ocidental da época.

Os conceitos do “bom selvagem” e do “mau selvagem” surgiram justamente nesses primeiros contatos e refletem as diferentes atitudes e sentimentos experimentados pelos europeus em relação aos povos indígenas. Essas noções que foram mobilizadas no passado, permanecem no imaginário brasileiro como formas de idealizar, categorizar e cristalizar as representações sobre os povos indígenas. Elas persistem em certos discursos, muitas vezes influenciando políticas e decisões governamentais. Alguns setores ainda tendem a romantizar os indígenas como se fossem seres intocados pelo avanço da tecnologia, ignorando suas realidades complexas e os problemas historicamente enfrentados desde aquele primeiro “encontro”, como a perda de terras, a violência do etnocídio e a falta de reconhecimento dos seus direitos. Daí a importância de problematizarmos essa visão dualista que por mais de cinco séculos perpetua estereótipos e desigualdades. Nesse sentido, o texto que ora se apresenta tem por objetivo descrever esses conceitos e contrapor-se a eles, argumentando em favor da necessidade ainda no



presente de maior e melhor conhecimento sobre os povos indígenas. Reconhecer a permanência desses preconceitos e estereótipos ao longo do tempo nos permite desafiar essas narrativas e trabalhar para construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

2. OS CONCEITOS DE “BOM SELVAGEM” E “MAU SELVAGEM” E COMO ELES AINDA IMPACTAM NA VISÃO QUE MUITOS BRASILEIROS TÊM SOBRE OS POVOS INDÍGENAS

A conquista das Américas foi um processo marcado pelo “encontro” de diferentes culturas e civilizações. Mais do que uma “descoberta” ou um “encontro”, foi um período caracterizado por choques culturais e conflitos em âmbitos políticos e sociais entre europeus e indígenas, que apresentaram comportamentos muito diferentes em razão do desconhecimento mútuo. Adentrando na história sobre esse episódio, podemos perceber que os europeus desenvolveram um misto de admiração e desprezo pelos povos indígenas.

Conforme o antropólogo Mércio Pereira Gomes, essa perspectiva de encantamento e repulsa está relacionada a duas ideologias antagônicas elaboradas para enxergar o outro, a figura do “bom selvagem” e do “mau selvagem”. Trata-se de duas idealizações ou categorias que foram se constituindo historicamente através das representações e discursos criados pelos colonizadores europeus e das relações que estes teceram com os diversos grupos indígenas.

No contexto da colonização das Américas, através da imagem do “mau selvagem”, enxergavam-se os povos indígenas como bárbaros, violentos, selvagens, seres da floresta, próximos às aberrações.



Trata-se de um conceito associado ao filósofo Thomas Hobbes, que defendia que o homem fora da civilização seria um ser corrompido pela maldade e pela barbárie. Vale lembrar que, de modo geral, sob uma visão etnocêntrica e colonialista, os/as indígenas foram vistos/as como “sem cultura” e “sem civilização”. Partindo de um olhar que desconhecia e negava as diferenças e diversidades indígenas, estes foram tomados por preguiçosos/as, sem religião, sem moral ou leis, enfim, discriminados por ostentarem uma cultura diferente.

Assim, a visão do “mau selvagem” desumaniza e inferioriza os povos indígenas, retratando-os como ameaças à civilização e à ordem estabelecida. O arquétipo de “mau selvagem” foi usado para justificar a conquista, a exploração, a escravização e a opressão dos povos indígenas, ao considerá-los como obstáculos ao progresso e à cristianização, justificando assim a colonização e a imposição de seu domínio sobre as terras e recursos naturais.

Essas imagens se inserem no contexto das “Guerras Justas”, sendo estas a necessidade de construir inimigos da cristandade para poder escravizá-los, pois atendiam à necessidade de dispor de um grupo a ser qualificado como inimigo irreconciliável, para justificar as Guerras Justas contra eles decretadas e sua escravização.

O historiador Friedrich Câmara Siering, ao analisar a conquista e dominação dos sertões da América portuguesa, cita como exemplo, “a obra de Pero Magalhães Gândavo que, no seu livro *Tratado da Terra do Brasil*, demonizou os marcadores étnicos dos grupos Aimoré usando quatro características: linguagem, habitação, guerra e antropofagia”.

Gândavo assim explica esses itens: linguagem – “ninguém os entende” –, habitação – “nem têm casa nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais” –, guerra – “não tem rosto direto a ninguém, senão a traição fazem a sua” – e antropofagia – é um complemento da sua dieta alimentar “[estes] índios não vivem senão pela frecha, seus mantimentos he caça, bichos e carne

humana." Diante de um quadro tão devastador e bárbaro, o autor preocupava-se com os destinos da área dos sertões compreendida entre a Capitania de Ilhéus e a do Espírito Santo (SIERING, 2008, p. 27-28).

Nesses termos, muitas imagens e representações foram construídas que opunham as categorias de índios aliados – “bom selvagem” – e os grupos inimigos – “mau selvagem”.

O conceito do “bom selvagem” foi promovido por alguns escritores e filósofos europeus, como Jean-Jacques Rousseau, que defendia um estado pré-social, no qual os seres humanos viviam em harmonia com a natureza e eram inerentemente bons, puros, inocentes, livres e igualitários em seu estado natural. Enquanto a sociedade seria responsável por suscitar os valores que causariam as desigualdades e os conflitos. Observa-se que essa visão não se furta aos estereótipos e preconceitos presentes no olhar do “mau selvagem”. Nestas imagens, contudo, os povos indígenas são tomados por elementos aparentemente “positivos”.

Assim, temos uma concepção que descreve os povos indígenas como seres puros, inocentes e em harmonia com a natureza. Na verdade, uma visão romantizada em que se sobressai uma valorização da simplicidade e de suposta “autenticidade” dos povos indígenas que são retratados como não corrompidos pelos vícios da civilização ocidental, supostamente vivendo em uma sociedade igualitária e sem conflitos. O que também acaba por desumanizá-los, pois são vistos como coletivos que não detém os elementos que caracterizam as humanidades, tais como os conflitos e as contradições.

É importante problematizar essa visão dualista do “bom selvagem” e do “mal selvagem”, porque ela perpetua estereótipos e desigualdades. Ao romantizar ou demonizar os povos indígenas, reduzindo-os a categorias simplistas, perdura uma visão distorcida que ignora a diversidade cultural e a complexidade das sociedades indígenas.



Para o antropólogo François Laplantine, em ambos os casos, o outro “não é considerado para si mesmo. Mal se olha para ele. Olha-se a si mesmo nele” (Laplantine, 2003, p. 36). Negando sua humanidade, ele é visto apenas como objeto de exploração. No mesmo sentido, Tzvetan Todorov (1982) aponta que essas representações têm como base comum a falta de conhecimento sobre os diversos povos indígenas e a recusa em admitir seus direitos específicos.

Quanto a isso, como pontua José Ribamar Bessa Freire,

constatamos que muito pouco foi feito para conhecermos a história indígena. A produção de conhecimento nesta área não condiz com a importância do tema. (...) o resultado disso é a deformação na imagem do índio na escola, nos jornais, na televisão, enfim, na sociedade brasileira (2021, p. 2).

Em sintonia com José Ribamar, acreditamos que nossa discussão ganha relevância como estudo e divulgação de trabalhos que contribuam para desconstruir essa visão estereotipada e deformada sobre os distintos povos indígenas. Acreditamos que é importante discutir essas ideias equivocadas, pois, como ainda nos provoca Freire, “sem um conhecimento correto sobre a história indígena, sobre o que aconteceu na relação com os índios, não poderemos explicar o Brasil contemporâneo” (Freire, 2016, p. 2).

Assim como nos primeiros contatos, há mais de 500 anos, o desconhecimento a respeito dos distintos povos indígenas repercute em nossos dias, influenciando o discurso político e as relações de poder. Isto é, tais ideias continuam enraizadas no imaginário popular e se manifestam nos inúmeros casos de violência contra indígenas e nas disputas por seus territórios. Nessas situações são performados discursos que disseminam o desprezo e a repulsa aos costumes, culturas e valores éticos dos diferentes povos indígenas, o que pode incorrer na caracterização destes como “maus selvagens” e avessos ao progresso.



Portanto, é de suma importância problematizar a permanência dessa visão dualista que acaba afetando o direito à existência digna, respeitosa e autônoma dos diferentes povos indígenas. É de máxima urgência o rompimento com esses conceitos e a superação dessas contradições. Trata-se de um passo importante na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconheça os povos indígenas e a complexidade de suas visões de mundo.

Assim, mais que problematizar esses conceitos, nos interessa contribuir juntamente com a luta dos povos indígenas que sonham, como escreve Gersem Baniwa,

um Brasil que compreenda e respeite sermos povos indígenas, coletividades descendentes dos povos originários do continente americano, que nos distinguimos no conjunto da sociedade e entre nós com identidades e organizações próprias, cosmovisões e epistemologias específicas e especial relação com os territórios que habitamos e a natureza a que pertencemos (2020, p.35).

Por isso, é imprescindível que tais conceitos sejam problematizados para promover o conhecimento histórico dos povos indígenas para além de simplificações desatualizadas, mas reconhecendo suas complexidades e suas lutas. Uma compreensão que restitua, no presente, o direito à existência digna, respeitosa e autônoma dos diferentes povos indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve descrição apresentada sobre os conceitos “bom selvagem” e “mau selvagem” nos permite argumentar o quanto é importante a constante problematização dessa visão idealizada dos povos indígenas, porque ela é simplista e perpetua estereótipos. A visão do “bom selvagem” desumaniza os indígenas, colocando-os



em um pedestal irreal e ignorando as questões reais que enfrentam. Por outro lado, a imagem do “mau selvagem” os desumaniza, justificando ações violentas e políticas de exploração e extermínio.

Por fim, são idealizações que reportam à falta de conhecimento real e isento de deformação com relação aos povos indígenas brasileiros. Trata-se de noções simplistas e reducionistas que resultam da indisposição histórica para conhecer e aceitar as especificidades e ricas diferenças culturais e sociais dos povos indígenas brasileiros. Como sinaliza o antropólogo Mércio Pereira Gomes (2013, p. 35), é justamente esse conhecimento das histórias e culturas indígenas que nos capacitará à “lutar por uma visão respeitosa, amorosa e solidária” para com os povos indígenas. Essa é uma luta de todos nós, indígenas e não indígenas, “para a transformação do Brasil numa nação digna e aberta aos seus primeiros filhos” (Gomes, 2013, p. 35).

REFERÊNCIAS

BANIWA, G. De Gersem Baniwa para as pessoas que sonham um outro Brasil. *In*: KARIRI, R. COSTA, S. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13S, 2020.

FREIRE, J. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Repecult: Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**. Rio de Janeiro. 2016, v. 1, n. 1, p. 1-2. 2016.

GOMES, M. P. Bom selvagem, mau selvagem. *In*: Dossiê Nação Indígena. Organização Rodrigo Elias. **Revista da Biblioteca Nacional de História**, ano 8, nº 91, abr, 2013, p. 33-35.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SIERING, F. C. **Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos maracás (1650-1701)**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

TODOROV, T. **A Conquista da América: a questão do outro**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

20

Andrey Mário Reis dos Santos Oliveira

Anne Heloísa de Souza Reis

Heliel Fonseca Mariani

Jamille Macedo Oliveira Santos

Júlia Santos Coité

Kátia Luzia Soares Oliveira

Kethely Thaylane Souza Tavares

Lívia Faeli Rodrigues dos Santos

Lucas Gabriel Alcântara Silva

HISTORICIZANDO ESTEREÓTIPOS DOS CONCEITOS “BOM SELVAGEM” E “MAU SELVAGEM”, EQUIVOCADAMENTE ATRIBUÍDOS AOS POVOS INDÍGENAS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão sobre as expressões “Bom selvagem” e “Mau selvagem”, atribuídas aos povos indígenas, ainda é um tema de profunda relevância. Essas ideias que representam visões que oscilam entre admiração e encantamento, desprezo e repulsa tem suas raízes nos primeiros encontros entre europeus colonizadores e os povos nativos das terras recém “descobertas” e permearam a história dos povos indígenas, persistindo até os dias atuais. Neste contexto, este estudo tem por objetivo explorar e analisar a evolução dessas representações ao longo do tempo, a partir dos apontamentos de Tzvetan Todorov (1999), destacando como elas desempenharam um papel crucial na legitimação da colonização, na justificação da dominação e exploração dos povos indígenas e na perpetuação de preconceitos e estereótipos que ainda afetam a sociedade brasileira contemporânea. Além disso, com base em Gersem Baniwa (2020) e José Ribamar Bessa Freire (2016), será discutida a importância de problematizar essas visões distorcidas e buscar uma compreensão mais justa e abrangente da rica diversidade cultural dos povos indígenas, respeitando suas múltiplas perspectivas e valorizando sua autonomia cultural.

2. A VISÃO DEFASADA DO “BOM E MAU SELVAGEM” DISSEMINADA POR COLOMBO

Os conceitos de “Bom selvagem” e “Mau selvagem” refletem as complexas atitudes culturais dos colonizadores europeus em relação aos povos indígenas durante a colonização das Américas, conforme analisado por Tzvetan Todorov (1999) em sua obra *A Conquista da América: a questão do outro*. Nesse sentido, para a discussão que propomos neste trabalho, é indispensável citar o contexto dos



primeiros “encontros” entre os portugueses e os grupos tupinambás na costa de Porto Seguro, no Brasil. Ao se depararem com o grupo de indígenas, os portugueses experimentaram uma série de sentimentos ambíguos. Por um lado, sentiram admiração e encantamento diante do desconhecido. Por outro lado, experimentaram desprezo e repulsa ao se depararem com diferenças culturais, tradições e costumes que contrastavam com a sua própria visão de mundo.

Como explica Tzvetan Todorov, dessa relação com a forma como os povos indígenas foram representados na literatura e na cultura ocidental, ou seja, a partir da visão de mundo, crenças e preconceitos enraizados na mentalidade europeia da época, surgiu a noção de “um índio bom” (admiração) ou “um índio mau” (repulsa).

Nessa perspectiva, o índio bom é aquele que se submete à colonização, se torna civilizado e adota os valores ocidentais. Ele é retratado como submisso e inferior aos colonizadores. Por outro lado, o índio mau é aquele que resiste à colonização, mantém sua cultura e modo de vida, e é visto como selvagem, violento e inimigo dos colonizadores. Essa dicotomia simplista e estereotipada serviu então como uma estratégia de legitimação da colonização, pois justifica a dominação e exploração dos povos indígenas.

Neste cenário, o conceito de “Mau selvagem” representava uma visão oposta, retratando os povos indígenas como bárbaros violentos e incivilizados, justificando, assim, a subjugação e a violência contra eles. Essa representação foi convenientemente usada pelos colonizadores para legitimar a exploração e o genocídio dos povos indígenas, considerando-os uma ameaça à civilização europeia. Nesse contexto histórico, a disputa de terras e atitudes agressivas contra povos nativos eram comuns durante o processo de conquista.

Tais concepções podem ser relacionadas a ideias estipuladas por filósofos como Jean-Jacques Rousseau que defende a tese de que o ser humano era puro e inocente em seu estado natural, sendo a sociedade responsável por incutir nele valores e hábitos que



o conduziram ao conflito e desigualdades sociais; e Thomas Hobbes para quem o homem, já nascendo mau, não sabe viver em sociedade e por isso necessita de um estado autoritário, que lhe dite as regras e normas de convivência e que, qualquer povo fora desse escopo, é considerado em um estado inferior ou primitivo tanto de um ponto de vista social quanto ético e moral.

Esse debate esteve presente no campo filosófico, jurídico e teológico em relação ao estatuto social dos povos ameríndios, tendo como seus expoentes o frei dominicano Bartolomé de Las Casas, o filósofo Juan Ginés de Sepúlveda e o teólogo Francisco de Vitória. “Os três espanhóis, com diferentes pontos de vistas sobre os nativos americanos, foram os principais homens a lançarem luzes sobre como os espanhóis deveriam proceder com o povo nativo da América” (Edson, 2010, p. 36).

Las Casas esteve mais próximo à visão de “bom selvagem”, apesar de ser conhecido como um incansável apologista da liberdade dos nativos – o frei dominicano refutou os pressupostos do conquistador Sepúlveda, que argumentou a partir de uma imagem de “mau selvagem”, e ampliou o pensamento de Vitória, argumentando em favor da humanidade indígena e defendendo o seu direito natural e civil à liberdade –, não seria um “legítimo” defensor dos povos indígenas, pois as razões que o impulsionava não estariam ligadas a uma defesa engajada e experiencial que privilegiasse a autonomia desses povos (Santos, 2021).

Os demais pensadores e missionários vão se colocar em defesa dos “índios”. Inspirados nas ideias do frei dominicano e partindo do arquétipo de “bom selvagem”, também não apregoavam sua autonomia. Las Casas, “apesar de amá-los, não os conhece, no grande debate que trava com Sepúlveda, (...) a única diferença entre ambos é que enquanto o último defende a tutela indígena pelos colonizadores, Las Casas acredita que esta deva ficar a cargo da Coroa espanhola” (Larocca; Fernandes, 2013, p. 126).



Na análise de Todorov, uma série de argumentos ligados a essas concepções filosóficas foram identificadas em cartas de Cristóvão Colombo, enviadas para o rei Fernando e a rainha Isabella, responsáveis pelo financiamento de suas viagens pela América no período das Grandes Navegações, em que descreve o novo mundo e seus nativos.

A partir de suas percepções e concepções, é notório o choque cultural provocado, sendo a sua visão uma das mais conflitantes estranhezas da história da humanidade. Em seus diários de 1492, Colombo caracteriza os indígenas como selvagens, dividindo-os entre "maus" e "bons", e partindo de uma visão carregada de preconceitos, lendas e uma forma rudimentar de ver o então diferente e Novo Mundo.

Destacamos aqui a percepção de um episódio. Baseando-se no estranho encontro, relatos apontam que, inicialmente, houve trocas de presentes, encaradas pelos indígenas como um ato comum, o mesmo feito e replicado milhares de vezes dentro de sua comunidade. Já em relação aos europeus, o ato de presentear tinha um valor atrelado também ao item, e não ao feito, o que foi reverberante e decisivo na primeira visão em relação ao povo de primeiro contato, sendo que um item no entender europeu que possui baixo valor poderia ser trocado por uma riqueza maior, na percepção atribuída pelos conquistadores.

Essa distinção é vista no seguinte trecho, "Alguns tinham pedaços de ouro no nariz, que de bom grado trocavam por [coisas] (...) que valem tão pouco que não valem nada" (Colombo, "Diário", 22.11.1492), o que fez Colombo atribuir características de bondade, de um povo tão generoso ao ponto de serem ingênuos, ou "bons selvagens". Mas a visão não se limitou a tal conceito, e se estendeu à concepção de "mau" como é visível em parte da carta "Instruções a Mosen Pedro Margarite" (Margarite, 9.4.1494), "Pois, contra os índios, um cão equivale a dez homens". Por isso, Colombo deixa tranquilamente parte de seus homens em Hispaniola. No final da primeira viagem,



ao voltar e se deparar com a morte de seus intendentos, conclui que os “índios” esperavam apenas um momento favorável para mostrar sua verdadeira feição, de covardes e maus.

A propósito desse episódio, podemos perceber como trata-se de categorizações que “dependem do ponto de vista de cada um, são qualidades que correspondem a extremos e não a características estáveis” (Todorov, 1999, p. 22).

A realidade dos povos indígenas era muito mais complexa do que essas categorias simplistas sugerem; os povos indígenas das Américas tinham suas próprias organizações sociais, crenças e sistemas de governo, variando amplamente entre si e entre os europeus em termos de estrutura e cultura. Contudo, Todorov explica que Colombo adotava uma postura observadora e catalogadora, mas nunca compreensiva e aberta aos diferentes sistemas de interpretações e concepções de mundo que os povos indígenas tinham. Assim, essas idealizações resultam de uma perspectiva etnocêntrica e da indisposição por parte dos “conquistadores” em enxergarem as riquezas culturais e históricas daqueles povos.

3. UMA TRISTE E DANOSA PERMANÊNCIA HISTÓRICA

Ao longo do tempo, esses conceitos foram utilizados reiteradamente se constituindo em uma permanência histórica e influenciando as representações e visões sobre os povos indígenas até os dias atuais.

No passado, o uso desses conceitos serviu como justificativa para a violência colonial e os inúmeros conflitos que resultaram em assassinatos, genocídios e escravização dos povos indígenas.



No presente, essa postura em relação aos povos indígenas, inaugurada por Colombo, pode ser vista, por exemplo, em narrativas recentes criadas como discursos em favor do Marco Temporal.

Esse Projeto de Lei que tem sido amplamente debatido no Brasil, neste ano de 2023, argumenta que os povos indígenas só têm direito às terras que estavam sob sua posse física no momento da promulgação da Constituição em 1988. Entretanto, a mesma Constituição reconhece os direitos dos povos indígenas sobre suas terras tradicionais e determina que essas terras devem ser demarcadas e protegidas pelo governo. Trata-se, portanto, de mais uma guerra, uma necropolítica empreendida contra os povos indígenas e seu direitos ancestrais.

A tese do Marco temporal, além de ser inconstitucional em diversos termos, por violar os direitos garantidos na Constituição, despreza totalmente as concepções e relações indígenas com a terra e o território. Segundo Kaká Werá Jecupé, ativista e escritor indígena "somos parte da terra e ela é parte de nós". Em seu livro, *A terra dos mil povos: História indígena do Brasil contada por um índio*, desponta a potente e mobilizadora percepção de que os seres humanos estão entrelaçados com a terra e outros organismos vivos, embora o capitalismo nos tenha afastado dessa (inter)relação.

A maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. (...) Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido por meio do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largar as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento, entraremos no ciclo da unicidade, e a terra sem males se manifestará no reino humano (Jecupé, 2020, p. 64).

Portanto, nas concepções indígenas, a terra não é mercadoria como na sociedade capitalista e assim não pode ter comercializada



e usurpada. No cenário atual, em que ruralistas e o agronegócio travam uma nova guerra contra os direitos indígenas, não tem sido poucas as vezes que as categorias “Bom selvagem” e “Mau selvagem” aparecem de forma implícita ou mesmo explícita na mídia de massa e mesmo em discursos de autoridades e representantes do legislativo, que inescrupulosamente mobilizam ideias preconceituosas e estereótipos enraizados.

A mobilização desses sentimentos e categorizações perpetua uma visão distorcida e novamente justificam um tratamento injusto em relação aos povos originários, ameaçando suas existências. Sendo assim, a problematização dessas visões é de extrema importância, pois permite questionar as narrativas dominantes e avançar para uma compreensão mais abrangente da complexidade e diversidade das culturas indígenas. Essa é uma necessidade urgente e significa um chamamento para conhecermos nossa história, a história do Brasil, sob uma perspectiva mais justa e incluyente. Como sinaliza José Ribamar,

Se nós não tivermos um conhecimento correto sobre a história indígena, sobre o que aconteceu na relação com os índios, não poderemos explicar o Brasil contemporâneo. As sociedades indígenas constituem um indicador extremamente sensível da natureza da sociedade que com elas interage. A sociedade brasileira se desnuda e se revela no relacionamento com os povos indígenas. É aí que o Brasil mostra a sua cara. Nesse sentido, tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos (Ribamar, 2016, p.1-2).

Portanto, o Brasil do presente só pode ser explicado e interpretado a partir da compressão do passado, de sua trajetória histórica em relação à forma como os povos indígenas foram vistos e tratados, primeiro pelo coroa portuguesa e depois pelo estado nacional, só então teremos um entendimento de nossa própria face enquanto

sociedade, e caminharemos para a superação das velhas lógicas de dominação e violação dos direitos dos povos que compõem o nosso país, respeitando suas múltiplas perspectivas e valorizando sua autonomia cultural que está diretamente ligada aos seus direitos políticos e territoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar que é necessário descategorizar a perpetuação de uma visão distorcida sobre os povos originários, questionando as narrativas dominantes em torno dos conceitos “Bom selvagem” e “Mau selvagem”. Esse é um passo fundamental para avançar na compreensão mais justa e abrangente da complexidade e diversidade das culturas indígenas. Somente por meio dessa compreensão, isenta de informações equivocadas, é que se poderá promover uma visão mais realista dos povos indígenas enquanto sujeitos históricos.

Estamos em sintonia com a defesa de Gersem Baniwa (2020, p. 25), segundo à qual “devemos acreditar que, em sã consciência, nenhuma pessoa de bem pode concordar e se sentir feliz com a construção de um Brasil à custa de um cemitério gigantesco com cinco milhões de vidas humanas exterminadas em cinco séculos”. A nossa perspectiva é a de que essa problematização contribua para essa sã consciência, a fim de que mais e mais brasileiros construam uma nação aberta e respeitosa aos povos originários.

REFERÊNCIAS

BANIWA, G. De Gersem Baniwa para as pessoas que sonham um outro Brasil. *In*: KARIRI, R. COSTA, S. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13S, 2020.

EDSON, P. **Catolicismo indígena**: Como as traduções feitas por José de Anchieta para o tupi moldaram o cristianismo do Brasil Colônia. Jundiaí: Paco Editorial: 2010.

FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Repecult: Revista de Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 3-23, 2016. Disponível em http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/Cinco_ideias_equivocadas_sobre_indios_palestraCENESCH.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

LAROCCA, A.; FERNANDES, P. H. Diálogo com Todorov e Restall. Resenha. *In*: **Epígrafe**, São Paulo, Edição Zero, p. 120-136, 2013. SANTOS, J. M. O. **Entre aldeamentos, mocambos e engenhos: etnogêneses e reconfigurações sociais indígenas no Recôncavo da Bahia (1580-1640)**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

TODOROV, T. **A Conquista da América**: a questão do outro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOBRE OS/AS ORGANIZADORES/AS

Atauan Soares de Queiroz

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Licenciado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagens e Educação (GELINE/IFBA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGCHS/UFOB).

E-mail: atauan@ifba.edu.br

Delânia Santos Azevedo

Professora, arquiteta e urbanista brasileira. Mãe de duas garotas e pesquisadora na área de urbanismo aplicado aos territórios negros baianos. Nasceu em Salvador – Bahia, onde se graduou e atuou como projetista em escritórios de arquitetura até a finalização do mestrado, quando então passou a se dedicar à docência no IFBA, Campus Barreiras. Nesta cidade ministra aulas no Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, e desenvolve projetos de pesquisa e extensão investigando a relação dos territórios negros, as cidades e as políticas urbanas.

E-mail: delania.azevedo@ifba.edu.br

Gerson do Carmo Argolo

Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, e professor assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: diversidade cultural, formação e valorização docente, identidade, representações sociais e cultura. Atuou como coordenador do curso de História do PARFOR, em Cristópolis.

E-mail: gersonargolo@ifba.edu.br

Kátia Luzia Soares Oliveira

Mulher, cisgênero, social e politicamente negra, de cor parda. Mãe solo e atípica da linda, potente e muito amada Ana Beatriz Soares Fraga, adolescente com albinismo e baixa visão. Doutora em História pela Universidade de Brasília. Mestre, Especialista e Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.

E-mail: kataluziasoares@ifba.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

ações afirmativas 51, 53, 69
adolescência 56, 83, 84, 116, 130, 154, 156, 242, 273, 310
afrodescendente 35, 36, 39, 41, 226, 237, 246, 269
agricultura familiar 166
alimentos 115, 142, 146, 147, 148, 154, 156, 160, 161, 163,
164, 166, 170, 171
Américas 14, 324, 333, 334, 341, 345
análise literária 180, 182, 290
ancestralidade 45, 55, 142, 147, 184, 238, 314, 316, 323
arquitetura 11, 40, 41, 56, 57, 61, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77,
78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 96, 99, 102, 116, 119,
127, 131, 137, 139, 140, 305, 325, 350
arquitetura e urbanismo 40, 41, 67, 69, 70, 80, 88, 116
assédio 67, 76, 77, 103, 292
astecas 321, 322, 326, 328, 329

B

Bauhaus 78
bem viver 9, 10, 11, 14, 15, 30, 33, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149,
176, 262, 311, 312, 317, 318, 319
Bicicletas 125
biodiversidade 143, 144, 166
bom selvagem 14, 332, 333, 334, 336, 338, 340, 343

C

cabelo crespo 200, 206, 207, 246, 248, 249, 255, 256, 269, 270
capitalismo 23, 25, 26, 32, 44, 53, 98, 100, 146, 264, 278,
279, 282, 317, 346
carinho 95, 96, 108, 116, 150, 301
cidade carrocêntrica 126

colonialidade 10, 11, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 39, 44, 53,
72, 76, 80, 81, 97, 102, 121, 123, 142, 143, 178,
201, 263, 264, 283

colonialidade alimentar 142

colonialidade do poder 24, 102, 121, 123

colonialidade do saber 11, 24, 25, 26, 27, 80, 81, 97, 263

colonialidade do ser 24, 26

colonialismo 23, 24, 32, 271

colonização 14, 24, 46, 47, 49, 142, 145, 147, 164, 197, 263, 264,
323, 324, 334, 335, 341, 342

compromisso social 9, 93

comunidade negra 228, 235, 237, 247, 248

comunidades de terreiro 54

conforto 63, 106, 108, 127, 136, 240, 272, 298

conscientização 28, 51, 80, 147, 249, 266

construção das cidades 11, 55, 97, 99, 100, 102, 103

criatividade 56, 85, 131, 137, 314

criminalização 49

cultos afro-brasileiros 48

cultura afro-brasileira 49, 52

cursos técnicos 12, 13, 109

D

decolonialidade 11, 12, 22, 26, 44, 45, 162, 197, 261, 283

decolonialidade gastronômica 11, 162

decolonização de saberes 9, 31, 164

desconstrução 11, 51, 74, 76, 80, 183, 190, 231, 235, 262, 265,
270, 271, 285, 293

desenhos 41, 85, 87, 130, 215, 305, 306

desigualdade de gênero 180, 291

desigualdades 9, 27, 67, 82, 98, 99, 104, 159, 198, 277,
279, 333, 336, 343

desigualdades sociais 9, 159, 279, 343

desumanização 275, 279

discriminação 31, 35, 53, 68, 82, 180, 198, 207, 247, 248, 255,
276, 281, 293, 327

discriminação racial 31, 35, 68, 276, 293

diversidade 25, 26, 27, 29, 30, 45, 51, 68, 69, 70, 71, 226, 227,
236, 275, 296, 336, 341, 347, 348, 350

diversidade cultural 275, 336, 341, 350

documentários 55

E

Ecologia dos Saberes 145

educação artística 130

Educação básica 14

Educação Decolonial 30

embranquecimento 199, 226, 228, 233, 236, 238, 270, 280

empatia 110, 184, 317, 324, 326, 327

empoderamento 180, 185, 190, 237, 247, 252, 256, 270

epistemologias hegemônicas 25, 27

equidade 67, 166, 302

escrita 13, 30, 77, 93, 156, 159, 169, 173, 174, 198, 226, 308, 325

espacialidade 37, 38, 42

Espaço Urbano 42

estereótipos 14, 67, 68, 109, 178, 185, 196, 200, 211, 227, 229, 231,
330, 333, 334, 336, 338, 340, 341, 347

estética 81, 139, 198, 249, 253, 296

estudos decoloniais 9, 201

Estudos Feministas 31, 32, 104, 190, 272

eurocentrismo 24, 100

exclusão 27, 78, 81, 101, 102, 197, 205, 275, 280

exploração 23, 24, 67, 145, 148, 290, 296, 335, 337, 339, 341, 342

F

família 56, 84, 89, 95, 101, 111, 114, 118, 137, 138, 149, 156, 168, 181,
204, 242, 243, 286, 306, 309, 315

Feminismo 104, 254

G

gênero 9, 10, 12, 24, 27, 29, 31, 67, 68, 72, 75, 77, 80, 81, 82, 96,
99, 100, 102, 103, 104, 177, 178, 179, 180, 181, 182,
183, 189, 190, 204, 208, 254, 263, 265, 267, 268,
291, 293, 301, 302, 310

globalização 24, 25, 146, 164, 199

H

hábitos alimentares 142, 147, 166

I

identidade 29, 32, 38, 39, 41, 50, 51, 72, 109, 140, 145, 170, 179,
192, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 211, 213, 214,
227, 230, 231, 232, 237, 238, 247, 248, 249, 250,
254, 255, 256, 262, 271, 278, 350

identidade negra 39, 205, 213, 237, 238, 248, 278

imaginação 32, 61, 130, 131, 157, 170, 314

imigração 144

inclusão 69, 202, 227, 236, 256, 282

indígenas 14, 30, 41, 50, 80, 142, 143, 144, 146, 236, 263, 264,
275, 293, 314, 315, 317, 318, 319, 322, 323, 324,
327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336,
337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345,
346, 347, 348, 349

indústria automobilística 121, 122

infância 55, 56, 57, 58, 61, 83, 86, 88, 89, 92, 95, 96, 105, 108,
109, 111, 127, 130, 133, 135, 136, 150, 151, 153, 154,
156, 160, 161, 167, 168, 169, 170, 174, 175, 202, 215,
216, 241, 242, 267, 268, 273, 305

interseccionalidade 27, 29

intolerância religiosa 54, 264

invisibilidade 67, 81, 179, 197, 246, 322

J

justiça social 50, 81, 103, 282

L

leitura crítica 11, 83, 93, 112, 140, 158, 159, 167, 319

leitura de mundo 56, 64, 83, 86, 88, 90, 92, 95, 109, 110, 111, 112,
119, 134, 138, 149, 152, 158, 161, 167, 168, 169, 171

liberdade 31, 53, 56, 59, 109, 119, 123, 170, 171, 174, 184, 185, 186,
187, 190, 196, 199, 207, 209, 210, 212, 213, 214,
251, 258, 271, 343

literatura 12, 172, 173, 179, 180, 190, 195, 198, 199, 213, 226, 231,
232, 236, 238, 265, 273, 278, 302, 310, 342

M

machismo 70, 79, 82, 291

mau selvagem 14, 332, 333, 334, 335, 336, 338, 339, 340, 343

mercado de trabalho 62, 67, 77, 99, 100, 210, 301

metáforas 12, 177, 182, 183, 189, 234, 261, 262, 263, 265, 266, 271

migração 123, 124

mobilidade 99, 103, 121, 122, 123, 126, 127

moda 87, 128, 129, 201, 252

movimento negro 249

movimentos sociais 29, 35, 51, 53

mulheres 23, 27, 30, 35, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77,
78, 80, 81, 88, 89, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104,
146, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187,
188, 189, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 207,
208, 210, 212, 213, 214, 236, 246, 247, 253, 254,
255, 256, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 271,
290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299,
300, 301, 302, 303, 304

mulher negra 11, 66, 68, 71, 72, 104, 179, 181, 208, 214, 226, 254,
256, 262, 269, 271, 290

N

Norte Global 24, 53, 142, 199, 262

nostalgia 55, 215

P

PANCS 11, 162

Pandemia 14, 312, 313

papéis sociais 76, 103, 178, 180, 181, 182, 187, 188, 198,
204, 209, 268, 291

planejamento urbano 102, 127

plantas alimentícias não convencionais 162

poder público 36, 49, 69, 211

poemas 12, 177, 180, 196, 213, 225, 226, 227, 232, 237, 246, 253,
255, 256, 274, 278, 282, 289, 290, 302, 303

políticas públicas 36, 44, 51, 54, 80, 166, 196, 213, 237, 293

povos indígenas 14, 80, 142, 143, 144, 146, 275, 314, 315, 318,
319, 322, 323, 324, 328, 330, 332, 333, 334,
335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343,
345, 346, 347, 348

povos originários 10, 14, 23, 41, 147, 262, 263, 264, 311, 317, 322,
324, 338, 347, 348

práticas alimentares 149, 163, 164, 165, 166

Práticas discursivas 9, 10, 33, 176, 311

preconceito 51, 53, 163, 199, 202, 204, 208, 218, 235, 246, 250,
275, 276, 281, 282, 327

protagonismo 49, 80, 267, 324, 330

Q

questões de gênero 10, 96, 99, 183

R

raça 10, 23, 24, 27, 67, 76, 81, 96, 100, 104, 179, 180, 181, 182, 183,
190, 208, 248, 282

racismo 9, 12, 25, 26, 27, 28, 31, 44, 51, 53, 54, 70, 72, 195,
196, 197, 201, 202, 203, 208, 210, 212, 213, 214,
229, 238, 249, 250, 252, 254, 256, 264, 265,
267, 272, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 283,
291, 293, 294, 304

racismo estrutural 12, 44, 53, 195, 196, 201, 213, 229, 283, 294

reexistência 12, 13, 14, 45, 180, 208, 261, 262, 265

relações de gênero 12, 77, 100, 177, 189, 254

relações de poder 10, 25, 26, 29, 39, 75, 76, 98, 123, 290, 294, 337

relações sociais 27, 29, 37, 38, 60, 101, 178, 180, 204,
263, 272, 275, 318

representatividade 11, 66, 68, 70, 71, 72, 78, 99, 211, 226, 227,
228, 231, 232, 235, 237, 249, 255, 283

resistência 10, 11, 12, 14, 25, 30, 39, 43, 44, 45, 47, 68, 70, 79,
80, 103, 180, 185, 187, 195, 196, 197, 198, 199, 205,
208, 212, 214, 227, 234, 244, 246, 247, 248, 255,
256, 262, 265, 266, 274, 282, 290, 293, 294, 311,
313, 324, 325, 339

S

sexismo 9, 26, 27, 28, 31, 54, 72, 76, 77, 82, 214, 263, 264, 265, 283, 290, 291, 293, 302

sistema capitalista 98, 121, 122, 266, 294

soberania alimentar 148

Sul global 10, 165

sustentabilidade 54, 313

T

terreiros 11, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

territórios negros 36, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 52, 350

tradição popular 81

transporte público 121, 122, 124, 125, 126, 127

transporte rodoviário 121, 126

U

urbanização 44, 45, 49, 50, 102, 121, 122, 142

V

violência 72, 101, 121, 264, 275, 279, 294, 299, 301, 302, 303, 333, 337, 342, 345

violência colonial 345

visibilidade 51, 68, 72, 80, 103, 189, 197, 208, 264, 297

www.pimentacultural.com



Práticas discursivas para o bem viver

DECOLONIZANDO
SABERES